



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Maria Elisa Luiz da Silveira

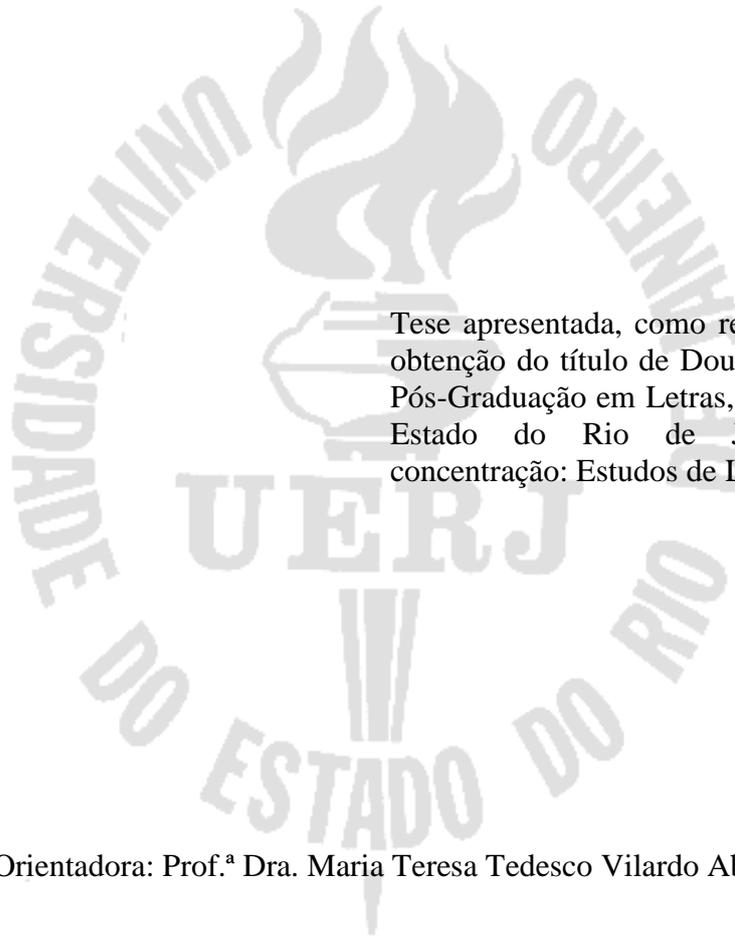
**“Boa leitura!”: análise do gênero editorial em periódicos científicos
e de seus recursos de interpessoalidade**

Rio de Janeiro

2021

Maria Elisa Luiz da Silveira

**“Boa leitura!”: análise do gênero editorial em periódicos científicos
e de seus recursos de interpessoalidade**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Tedesco Vilar do Abreu

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S587 Silveira, Maria Elisa Luiz da.
“Boa leitura!”: análise do gênero editorial em periódicos científicos e de seus recursos de interpessoalidade / Maria Elisa Luiz da Silveira. – 2021. 250 f.: il.

Orientadora: Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso - Teses. 2. Língua portuguesa - Gênero – Teses. 3. Editoriais – Teses. 4. Periódicos acadêmicos – Teses. I. Abreu, Maria Teresa Tedesco Vilaro, 1963-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria Elisa Luiz da Silveira

**“Boa leitura!”: análise do gênero editorial em periódicos científicos
e de seus recursos de interpessoalidade**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 13 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Jaime Larry Benchimol
Fundação Oswaldo Cruz

Prof. Dr. Rosivaldo Gomes
Universidade Federal do Amapá

Prof.^a Dra. Denise Salim Santos
Instituto de Letras - UERJ

Prof.^a Dra. Magda Bahia Schlee de Brito Fernandes
Instituto de Letras - UERJ

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Ao DNA que me trouxe até aqui:

Marcus Henrique da Silveira

e

Maria Amelia Luiz da Silveira, *in memoriam*.

Meus exemplos de generosidade e de coragem.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a todos os editores que, com sua seriedade e leveza, me inspiraram a olhar para os editoriais. Ainda mais diante deste cenário de pandemia, em que se deu grande parte do meu doutorado, agradeço a todas as pessoas que contribuem para o desenvolvimento da ciência a partir do diálogo, da construção e da manutenção de uma comunidade científica, do debate produtivo de ideias e da defesa de valores fundamentais à vida neste planeta.

À minha professora orientadora Maria Teresa Tedesco, que acolheu o meu interesse de pesquisa e que me instigou e me apoiou o tempo todo para que eu chegasse até aqui. A força e a confiança uma na outra foram fundamentais para que eu conseguisse concluir esta etapa. À Banca de Qualificação, composta pelas professoras Denise Salim e Magda Schlee, que fizeram perguntas para o amadurecimento da pesquisa, pelas sugestões de leitura e por integrarem também a Banca Examinadora. Aos professores Jaime Benchimol e Rosivaldo Gomes, que muito generosamente aceitaram o convite para avaliar meu trabalho, assim como aos professores Adna de Almeida Lopes e Alexandre Amaral Ribeiro, membros suplentes. É um privilégio e uma alegria contar com todos nesta Banca. Aos meus professores do Doutorado em Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de quem eu tive a honra de ser aluna: Alexandre Amaral Ribeiro, José Carlos de Azeredo e Maria Teresa Tedesco. Agradeço também aos professores e professoras que deixaram em mim marcas significativas na graduação e no mestrado, na Universidade Federal do Rio de Janeiro: Maria Emília Barcellos da Silva (*in memoriam*) e Luiz Paulo da Moita Lopes, meus orientadores. Quer seja na minha formação acadêmica, quer seja no meu exercício profissional, sou uma pessoa em formação nas instituições públicas.

A todos os colegas do Fórum de Editores da Fiocruz, às equipes editoriais das revistas, em especial a da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde (Reciis), membros atuais e anteriores, pelo tanto que me ensinam diariamente: Igor Sacramento, Kizi Mendonça de Araújo, Frederico Azevedo, Léa Camila de Souza Ferreira, Roberto Abib, Rodrigo Murtinho, Rosany Bochner e Christovam Barcellos.

A todos que perguntaram carinhosamente pela minha tese. Ao Satoru, pelo incentivo para que eu lutasse pelas minhas conquistas e pelo amor dedicado à minha família. Aos amigos com quem convivi tão pouco neste doutorado, acrescido de distanciamento social pela

pandemia, e a todos que trouxeram suporte emocional. Às amigas que acompanharam de perto esta minha caminhada, ainda mais na reta final, Mônica e Maria. À minha família, que foi compreensiva com as inúmeras e constantes ausências. Ao Flávio, que me mostrou diversas formas de amor e começou um jardim em casa. Ao meu pai Marcus, meu maior incentivador neste doutorado. À Yvonne, por ter me acolhido e ter sido fundamental neste longo ano com final feliz. Ao meu irmão João, e à Priscilla, pelos laços fraternos fortalecidos. Aos meus sobrinhos Júlio, Laura e Laís, pelas brincadeiras e risadas. E, acima de tudo,

“Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio dos luceros que cuando los abro
Perfecto distingo lo negro del blanco
Y en el alto cielo su fondo estrellado
Y en las multitudes el hombre que yo amo

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el oído que en todo su ancho
Cada noche y días
Grillos y canarios, martillos, turbinas
Ladridos, chubascos
Y la voz tan tierna de mi bien amado

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el sonido y el abecedario
Con el las palabras que pienso y declaro
Madre, amigo, hermano y luz alumbrando
La ruta del alma del que estoy amando

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la marcha de mis pies cansados
Con ellos anduve ciudades y charcos
Playas y desiertos, montañas y llanos
Y la casa tuya, tu calle y tu patio

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio el corazón que agita su marco
Cuando miro el fruto del cerebro humano
Cuando miro el bueno tan lejos del malo
Cuando miro el fondo de tus ojos claros

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto
Y el canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos que es mi propio canto

Gracias a la vida”

Todo conhecimento é autoconhecimento.

Boaventura Sousa Santos

RESUMO

SILVEIRA, Maria Elisa Luiz da. “*Boa leitura!*”: análise do gênero editorial em periódicos científicos e de seus recursos de interpessoalidade. 2021. 250 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Esta pesquisa tem por objetivo descrever o gênero editorial em periódico científico quanto a seus constituintes de tema, composição e estilo, a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin. Para isso, insere-se o editorial num sistema de gêneros na esfera científica e observam-se semelhanças e diferenças em relação aos editoriais na esfera jornalística, na qual esses textos têm sido mais investigados no âmbito dos estudos linguísticos. A fundamentação teórica está ancorada na Teoria Social do Discurso, na Linguística Textual, na Análise de Gêneros, apoiada por elementos da Comunicação Científica e da Linguística Sistêmico-Funcional. Trata-se de uma pesquisa de natureza interpretativista, com análise quali-quantitativa. O *corpus* é constituído de 89 exemplares coletados de três periódicos da Fundação Oswaldo Cruz: *Cadernos de Saúde Pública, História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde* (Reciis), em períodos cronológicos distintos que cobrem de 1985 a 2019. Os editoriais em periódico científico integram uma família de gêneros, ora se aproximando, ora se distanciando dos editoriais de jornais, revistas de informação e revista temática. Os textos do *corpus* são publicados numa seção de abertura do periódico científico, autodesignada “editorial” ou “carta do editor”. Como tendência geral, apresentam neutralidade gráfica. Os temas mais comuns são o periodismo científico e questões relativas às áreas das revistas: saúde coletiva, história das ciências e da saúde, comunicação e informação em saúde. Os propósitos comunicativos mais frequentes são expressar uma opinião, comentar o funcionamento da revista, apresentar textos publicados na edição, informar sobre evento científico da comunidade. Os traços mais distintivos dos editoriais de periódico científico em relação aos da esfera jornalística são a assinatura e o posicionamento explícito do autor no texto, com uso de primeira pessoa, entre outros recursos dos sistemas interpessoais de negociação e avaliatividade. Por meio dos editoriais, o editor constrói uma comunidade científica e dialoga com ela. Os recursos interpessoais da linguagem estabelecem relações de solidariedade e, por meio deles, atitudes são negociadas quanto aos temas tratados nos editoriais. Sendo o gênero uma entidade dinâmica, os editoriais de periódico científico também estão sujeitos às mudanças na dinâmica comunicacional da ciência e aos mecanismos de sua avaliação. Construção composicional e conteúdo temático são os aspectos em que as mudanças são mais perceptíveis.

Palavras-chave: Gêneros. Editorial. Periódico científico. Sistemas semânticos interpessoais.

ABSTRACT

SILVEIRA, Maria Elisa Luiz da. *“Enjoy your reading!”*: analysis of the editorial genre in scientific journals and its interpersonal resources. 2021. 250 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

This research aims to describe editorials in scientific journals as a genre. These texts will be analysed as to its constituents of theme, composition and style, according to the studies of Bakhtin’s Circle. For that purpose, this kind of editorial is inserted into a system of genres in the scientific sphere of human action; similarities and differences with journalistic editorials (which are more commonly dealt with in linguistic studies) are, then, taken into account. The theoretical foundation is supported by Social Discourse Theory, Textual Linguistics and Genre Analysis; it is also reinforced by elements of Scholarly Communication and Systemic Functional Linguistics. This is an interpretive research, with quali-quantitative analysis. The corpus consists of 89 texts collected from three journals of the Oswaldo Cruz Foundation: *Cadernos de Saúde Pública*; *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*; *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde (Reciis)*. These texts were obtained from different chronological periods covering 1985 to 2019. Editorials in scientific journals are part of a family of genres that sometimes are closer and sometimes are farther from editorials in newspapers, information magazines and thematic magazines. Texts in the corpus are published in an opening section of the aforementioned scientific journals, that can be called “editorial” or “editor’s note”. As a general trend, they present graphic neutrality. The most common themes are scholarly communication and matters related to the areas of these journals: public health, history of science and health, communication and health information. The most frequent communicative purposes are to express an opinion, to comment on the journal’s operation, to present texts published in that issue, and to inform of a scientific event in the community. The most distinctive features of scientific journal editorials in comparison with those in the journalistic sphere are the author’s signature and explicit positioning in the text, using the first person, among other resources of the interpersonal systems of negotiation and appraisal. Through editorials, the editor builds a scientific community and dialogues with it. The interpersonal resources of language establish relationships of solidarity, through which attitudes are negotiated regarding the themes addressed in the editorials. Genre is a dynamic entity and, therefore, scientific journal editorials are also subject to changes in the communicational dynamics of science and to reformulations in evaluation mechanisms. Compositional construction and thematic content are the aspects in which changes are most noticeable.

Keywords: Genre. Editorial. Scientific journals. Interpersonal semantic systems.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Concepção tridimensional do discurso	21
Quadro 1 -	Movimentos retóricos em gêneros introdutórios	32
Quadro 2 -	Metafunções e sistemas semântico-discursivos	37
Figura 2 -	Visão geral do sistema de avaliatividade	39
Figura 3 -	Sistema de negociação e possibilidades de recursos linguísticos	47
Quadro 3 -	Correspondência entre autores citados sobre editoriais e <i>corpus</i> de investigação	51
Quadro 4 -	Propósitos comunicativos e tipos de editoriais em ordem de frequência, em Sabaj e González (2013)	68
Quadro 5 -	Número selecionado de editoriais por revista ao longo dos períodos delimitados	92
Gráfico 1 -	Distribuição de exemplares por revista	92
Gráfico 2 -	Distribuição de exemplares por década	93
Quadro 6 -	Código de identificação do <i>corpus</i> e seus dados básicos	93
Quadro 7 -	Coleta de dados: categorias relacionadas à composição, ao tema e ao estilo	98
Quadro 8 -	Detalhamento das microcategorias de construção composicional	102
Quadro 9 -	Detalhamento das microcategorias de conteúdo temático	110
Quadro 10 -	Detalhamento das microcategorias de estilo	113
Tabela 1 -	Exemplo de coleta de dados em planilha do Excel	116
Figura 4 -	O gênero editorial no sistema de gêneros da esfera científica	120
Gráfico 3 -	Autodenominação dos exemplares do <i>corpus</i>	123
Gráfico 4 -	Editoriais com título específico no <i>corpus</i>	125
Gráfico 5 -	Editoriais sem título específico por periódico	125
Gráfico 6 -	Média de palavras por editorial no <i>corpus</i>	128
Gráfico 7 -	Subseções em cada revista	144
Gráfico 8 -	Uso de citação direta com distribuição por revista no <i>corpus</i>	146
Gráfico 9 -	Uso de citações diretas em cada periódico	147
Gráfico 10 -	Uso de saudação ao leitor	148
Gráfico 11 -	Local da saudação em cada revista	149
Gráfico 12 -	Saudação: distribuição por revista	149

Gráfico 13 - Saudação e propósito comunicativo	150
Gráfico 14 - Número de autores por editorial	159
Gráfico 15 - Número de autores por editorial em cada revista	159
Gráfico 16 - Relação do editorial com a edição específica	162
Gráfico 17 - Linearidade temática no <i>corpus</i> e por revista	162
Gráfico 18 - Grandes áreas temáticas	164
Gráfico 19 - Propósito comunicativo	168
Gráfico 20 - Uso de 1ª pessoa	190
Gráfico 21 - Uso de 1ª pessoa em cada revista	191
Gráfico 22 - Direcionamento ao leitor	193
Gráfico 23 - Direcionamento ao leitor em cada revista	194
Quadro 11 - Características dos editoriais constatadas no <i>corpus</i>	212
Gráfico 24 - Propósito comunicativo por periódico	214
Gráfico 25 - Propósitos comunicativos em CSP	215
Gráfico 26 - Propósitos comunicativos em HCSM	216
Gráfico 27 - Propósitos comunicativos na Reciiis	217
Gráfico 28 - Categorias de negociação por revista	219
Quadro 12 - Generalizações a respeito de editoriais em suportes diversos, na esfera jornalística e na esfera científica	221

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A CONCEPÇÃO SOCIOLÓGICA DA LINGUAGEM COMO NORTEADORA DOS ESTUDOS DE GÊNERO	18
1.1 Do Círculo de Bakhtin ao Modelo Tridimensional do Discurso	18
1.2 A pluralidade dos estudos de gênero: um olhar para a descrição do gênero editorial	24
1.3 O aspecto interpessoal da linguagem: uma contribuição para a descrição do estilo	34
2 EDITORIAIS: CARACTERIZAÇÃO GERAL	49
2.1 Os editoriais nos estudos sobre linguagem e os estudos sobre editoriais: breve distinção	49
2.2 A origem do editorial e do periódico científico	53
2.3 Os editoriais nas esferas jornalística e científica: principais elementos caracterizadores	60
3 METODOLOGIA E <i>CORPUS</i> DE ESTUDO	87
3.1 O <i>corpus</i> de análise	87
3.2 Categorias de análise	97
4 ANÁLISE DO GÊNERO EDITORIAL EM PERIÓDICO CIENTÍFICO	119
4.1 O editorial no sistema de gêneros na esfera científica e suas macrocategorias de composição, tema e estilo	119
4.1.1 <u>Análise da construção composicional</u>	122
4.1.2 <u>Análise do conteúdo temático</u>	160
4.1.3 <u>Análise do estilo</u>	189
4.2 Tendências nos editoriais do <i>corpus</i> e comparação com editoriais na esfera jornalística	211
CONSIDERAÇÕES FINAIS	224
REFERÊNCIAS	229
APÊNDICE A – Lista dos editoriais do <i>corpus</i>	240

INTRODUÇÃO

Esta investigação é movida pelo interesse em entender o gênero editorial em um ambiente específico: o científico – como o editorial de periódico científico é, ou tende a ser, de que trata, o que faz, para quem o faz, por que o faz e como o faz. A proposta é estabelecer de que forma o editorial se relaciona com um fazer humano, que é a ciência; como seu autor, o editor, posiciona-se no texto diante da comunidade científica, levando em conta que o ser humano se coloca nos seus atos, mostra o seu envolvimento ao fazer ciência, afastando-se da ideia comum de que a atividade científica exige distanciamento e impessoalidade.

Desde o início da minha carreira profissional e das pesquisas de mestrado, tenho interesse em textos que circulam no meio científico, que se caracterizam pelo alto grau de planejamento e formalidade, como dicionários, teses e artigos acadêmicos, por exemplo. Como profissional de letras, tive a oportunidade de lidar com eles, em funções diversas, por exemplo, como lexicógrafa, revisora, editora executiva, coordenadora editorial. Assim, acabei dirigindo meu olhar como pesquisadora para os gêneros mais presentes no meu cotidiano: dicionários e periódicos científicos. Tanto no *corpus* de estudo do mestrado quanto no do doutorado escolhi gêneros produzidos por figuras investidas de autoridade por um grupo social: o dicionarista e o editor científico.¹

No trabalho com textos de periódicos científicos, os editoriais, que, em geral, abrem cada número da revista, despertaram minha atenção. Deparei-me com editoriais que comentavam os textos publicados em determinado número do periódico, com outros que tratavam de fatos políticos da atualidade, que discutiam a produção científica brasileira, que se relacionavam com os leitores de maneira bastante próxima, que comentavam mudanças na equipe, que resenhavam eventos científicos da área. Isso instigou a reflexão sobre que assuntos são recorrentes em um editorial de revista científica e qual é o seu objetivo: obrigatoriamente apresentar os textos publicados nela? De que forma esse texto de abertura de uma publicação se relaciona com os outros daquele número e com os fatos que acontecem fora da publicação? Ele é geralmente assinado? Por quem? É escrito em primeira pessoa ou

¹ Na minha dissertação de mestrado – *A (re)construção da identidade social de gênero no texto lexicográfico* – investigo como as identidades de gênero feminino e masculino são reconstruídas em verbetes de dicionário (SILVEIRA, 2002). À época, integrei o grupo de lexicógrafos do Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. A partir de 2010, interessei-me pelo universo da editoria científica, do qual comecei a me aproximar a partir de 2011 e, em 2017, ingressei, como tecnologista em saúde pública, na função de editora executiva de um periódico científico do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), onde trabalho.

essa forma de posicionamento seria uma exceção? Pode incluir imagens? Pode conter referências? Apresenta subseções ou entretítulos? Ele sempre existe nas revistas? É sempre chamado de editorial, ou pode apresentar outros rótulos? Nasce junto com a própria revista científica? Qual a sua origem? Tem passado por mudanças ao longo do tempo? Está em extinção? Enfim, o que se pode saber de como um editorial é ou tende a ser?

No levantamento preliminar do *corpus* para elaboração desta tese, percebi (i) a não obrigatoriedade do editorial nos periódicos científicos, o que indica que a sua existência já é uma escolha do editor; (ii) a diversidade dos nomes dos textos que abrem a publicação científica – em algumas, “editorial”, em outras, “carta do editor” ou “carta ao leitor”, o que pode sugerir que há diferença entre eles; (iii) a possibilidade de esse texto ser escrito pelo editor da publicação, pelo editor convidado para um número específico, ou ainda por outros autores; (iv) diferenças na forma de se relacionar com o leitor, de modo mais ou menos explicitamente dialógico.

Sendo assim, propus-me a examinar o editorial em periódico científico a fim de encontrar algumas respostas para essa curiosidade, ainda mais ao constatar que o editorial em revista científica é uma das variedades de texto do domínio discursivo científico que tem recebido menos atenção do que outros textos dessa esfera da atividade humana. Em geral, quando se fala em discurso científico, é mais comum se pensar em teses e dissertações; quando se menciona a revista científica, é comum lembrar-se de seu carro-chefe: os artigos científicos.

No que tange aos editoriais, os editoriais de/em revista científica também recebem menos atenção do que outros tipos de editoriais, como os publicados em jornais, revistas jornalísticas e revistas temáticas. Na verdade, a publicação de editorial em revista científica parece cada vez menos frequente no âmbito científico e/ou cada vez mais permeável aos parâmetros atuais da produção e da comunicação da ciência, conforme pretendo sinalizar.

Há trabalhos acadêmicos que selecionaram como *corpus* de análise os editoriais em jornais e revistas, em geral, pensados como textos opinativos, muitas vezes sem autoria explícita, que defendem a posição de um grupo editorial. Na maior parte dos casos, o editorial (seja de jornal, revista jornalística ou temática) é o *corpus* em que se estuda um recurso linguístico (por exemplo, estratégias argumentativas em CAMPOS, 2008; marcas de autoria em CHAGAS, 2010 e AQUINO, 2013; operadores argumentativos em RIBEIRO, 2013; avaliatividade em IKEDA, 2010 e BALOCCO, 2010), ou no qual se observa determinado tema (por exemplo, concepções de educação, em RODRIGUES, 2018; personagens políticos e instituições em MONT’ALVERNE, 2017).

No âmbito da comunicação científica, os editoriais, por vezes, têm sido usados para contar a própria evolução de uma publicação científica (CARVALHO; COELI; TRAVASSOS, 2015; STIGGER; FRAGA; MOLINA NETO, 2014), de um campo científico (DIAS; MONTICELLI; NAZÁRIO, 1998), de uma instituição. Eles são fontes ricas de documentação e reflexão sobre o tema de interesse da pesquisa. Raramente o editorial do periódico científico é o próprio objeto de estudo, como no trabalho de Omar Sabaj e Cristian González (2013) sobre propósitos comunicativos de editoriais.²

Nesta tese, o interesse é o exame específico do editorial em periódicos científicos, produzido pela figura de autoridade dessa publicação, o editor. Creio que a análise linguística desse gênero poderá revelar aspectos interessantes de como os seres humanos se relacionam com o mundo por meio da linguagem e de uma esfera da atividade humana que é a ciência. Entender um gênero, conforme ressalta Maria Helena Vieira (2009, p. 32): “é entender também a relação entre língua, cultura e sociedade.”

Sendo assim, a **pergunta de pesquisa** que direciona esta investigação é *quais são as características do gênero editorial em periódico científico, do ponto de vista do seu conteúdo temático, construção composicional e estilo?* Essa pergunta se desdobra em objetivos gerais e específicos apresentados a seguir.

O **objetivo geral** desta tese é:

- descrever o gênero editorial em revista científica quanto a seus constituintes de tema, composição e estilo, conforme a perspectiva bakhtiniana.

Ao descrever esse gênero, observo suas características constituintes, seus traços predominantes, suas tendências e seu funcionamento. Alicerçar o estudo nesses três elementos (tema, composição e estilo), conforme alertam Beth Brait e Maria Helena Cruz Pistori (2012), não significa perder de vista o aspecto dialógico dos enunciados e a inserção do gênero editorial numa tradição genérica (i. e., de gênero). Trata-se de uma forma de estruturar a pesquisa, criar sistematicidade na análise e, a partir desse ponto de partida, vincular o objeto de estudo a outros níveis de abstração e a outros teóricos.

No que tange a tema, tratado aqui como assunto, o que se pode observar sobre os editoriais? Eles fazem referência mais estritamente aos artigos publicados naquela edição ou tratam de assuntos mais amplos da linha editorial da revista e de interesse da comunidade científica? Ou será que tratam ainda de temas da atualidade em geral, de interesse coletivo –

² Na primeira vez em que um autor ou autora é mencionado(a) no corpo do texto desta tese, optei por indicar o seu prenome como forma de evidenciar a participação tanto de mulheres quanto de homens na produção científica.

por exemplo, questões econômicas, políticas e sociais ligadas ou não à ocorrência de fatos próximos à data de publicação da revista? O que pode ser tema de um editorial? A análise do conteúdo temático e da construção composicional pode ser relacionada ao propósito comunicativo do texto.

No que se refere à construção composicional, o que se pode dizer dos modos de organização dos editoriais? Tais textos são identificados nas publicações com o nome de “editorial”, ou de “apresentação”, ou ainda de “carta do editor”, por exemplo? Além disso, apresentam título específico? Apresentam subseções, tais como entretítulos, notas, referências? Fazem uso de imagens ou de cores em sua composição? São assinados? Por quem e de que maneira seu autor é identificado? Há uma saudação inicial ou despedida ao leitor?

Na questão do estilo, que marcas de subjetividade e de interação são perceptíveis no texto? O autor se posiciona explicitamente por meio do uso da 1ª pessoa do discurso (singular ou plural), ou há exclusividade da 3ª pessoa do discurso? A atitude do produtor do texto em relação ao enunciado é percebida por meio de que recursos linguísticos? O autor se dirige explicitamente ao leitor? De que forma? Com pronomes de tratamento, expressões de afetividade, vocativos? Para analisar esses aspectos de estilo, recorro à semântica discursiva na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) como ferramenta de análise, no intuito de evidenciar a função interpessoal na linguagem, “a presença subjetiva de escritores/falantes em textos ao adotar posições sobre o material que apresentam e sobre com quem se comunicam” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 1; tradução nossa).³

Assim, são **objetivos específicos** desta pesquisa:

- descrever o gênero editorial num sistema de gêneros na esfera científica;
- observar semelhanças e diferenças dos editoriais em periódico científico em relação a editoriais na esfera jornalística;
- identificar os propósitos comunicativos dos editoriais no *corpus* analisado;
- identificar recursos semânticos interpessoais de avaliatividade e de negociação empregados nesses editoriais;
- correlacionar esses recursos ao gênero editorial em periódico científico.

Trata-se de uma pesquisa de natureza interpretativista, de base qualitativa, com apoio de análise quantitativa; sendo assim, é guiada não por confirmar ou refutar hipóteses, mas por perguntas que levam a examinar como são ou tendem a ser os periódicos científicos quanto a

³ Citações diretas de obras em língua estrangeira foram traduzidas por mim e estão indicadas ao longo da tese.

certas características. Por meio da análise dessas características dos editoriais em periódicos científicos, pretendo observar uma tendência do que é comum nesse gênero.

A fundamentação teórica desta tese concentra-se nos capítulos 1 e 2. No capítulo 1, apresento a concepção de linguagem de perspectiva sociológica que embasa o estudo, relacionando-a aos estudos de gênero e aos sistemas semânticos interpessoais de avaliatividade e de negociação. Tendo como norte essa concepção de linguagem, apresento uma abordagem de estudos de gênero que parte do Círculo de Bakhtin. A essa perspectiva bakhtiniana, são acrescentados modelos e conceitos teóricos de outros estudiosos, em especial, o da Teoria Social do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001). A Linguística Textual (MARCUSCHI, 2008), a Análise de Gêneros (MEURER, 2005; BEZERRA, 2017) – em especial a abordagem sociorretórica (BAZERMAN, 2011, 2015; MILLER, 2015), a Análise Crítica de Gêneros (MOTTA-ROTH, 2008; BHATIA, 2012) e a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004; MARTIN; ROSE, 2007) são áreas que contribuem para o estudo.

Cabe esclarecer que a Linguística Sistêmico-Funcional contribui para esta tese como uma ferramenta de análise para o nível do estilo. Os sistemas de avaliatividade e de negociação, tal qual são apresentados por James Martin e David Rose (2007) – por estarem influenciados pelos conceitos bakhtinianos de heteroglossia e dialogia – são úteis para evidenciar os recursos linguísticos pelos quais atitudes, julgamentos, apreciações, relações de afeto e alinhamentos são construídos ao longo do texto do editorial de periódico científico. O embasamento sistêmico-funcional se coloca a serviço do objetivo maior de descrever o gênero editorial, para o qual são fundamentais os aportes teóricos da Teoria Social do Discurso, da Linguística Textual, da Análise de Gêneros e da Comunicação Científica.

No capítulo 2, pauto-me pelos trabalhos já realizados sobre editoriais, tanto na esfera jornalística quanto na científica, com o intuito de levantar as características atribuídas, prescritas e/ou encontradas no gênero editorial. As categorias que sistematizo a partir desses trabalhos evidenciam quais elementos constituintes do gênero permitem evidenciar as características do gênero editorial. São aspectos examinados: esfera da atividade humana, suporte, nomeação e relevância atribuída ao gênero pela comunidade, localização no suporte, frequência de publicação, natureza/estrutura, propósito comunicativo/objetivo, autoria, assinatura, ponto de vista, público-alvo, tema, estilo da linguagem e aspectos gráficos.

As reflexões e as constatações a partir desses dois capítulos de fundamentação teórica ampliam a compreensão sobre gêneros de uma forma geral e, de forma específica, sobre os editoriais. Além disso, eles subsidiam a escolha das macrocategorias que situam o editorial no

sistema de gêneros na esfera científica, a partir da sua observação nas dimensões de prática social, discursiva e de texto, incluindo tema, composição e estilo e as microcategorias pelas quais é possível descrever as características do gênero.

No capítulo 3, caracterizo o *corpus* selecionado para a pesquisa e indico as categorias para análise, conforme a fundamentação teórica apresentada. Como gêneros são produtos culturais, situados sócio-historicamente, a seleção do *corpus* levou em conta períodos cronológicos distintos, décadas de 1980, 1990, anos 2000 e 2010, de modo a perceber tendências nos editoriais nesses períodos e possíveis mudanças ao longo do tempo. Com o mesmo espírito, o recorte considerou periódicos de áreas do conhecimento diferentes, conforme categorização utilizada pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes) – ciências da saúde, ciências humanas e ciências sociais. Assim, integram o *corpus* editoriais de três periódicos da Fundação Oswaldo Cruz: *Cadernos de Saúde Pública; História, Ciências, Saúde – Manguinhos; Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde* (Reciis).

No capítulo 4, a partir das macro e microcategorias, apresento uma análise qualiquantitativa dos 89 exemplares coletados, a fim de traçar o perfil do gênero editorial quanto ao tema, à composição e ao estilo. Examino sua inserção num sistema de gêneros na esfera científica e observo suas semelhanças e diferenças relativamente a editoriais na esfera jornalística. Ao fim da análise de dados, sistematizo as características encontradas no *corpus* e a comparação com os editoriais em suportes diversos, na esfera jornalística.

1 A CONCEPÇÃO SOCIOLÓGICA DA LINGUAGEM COMO NORTEADORA DOS ESTUDOS DE GÊNERO

Neste capítulo, apresento de que modo o estudo pretendido do gênero editorial se insere nos estudos de gênero, a partir de uma concepção sociológica da linguagem, originada no círculo de Bakhtin. Para isso, apresento essa concepção da linguagem, seu desdobramento na teoria social do discurso, de que modo gênero é entendido neste estudo e conceitos de estudos de gênero que iluminarão o olhar para o gênero editorial em suas dimensões de prática social, discursiva e de texto. Também apresento uma contribuição da linguística sistêmico-funcional, a análise interpessoal da linguagem, para analisar o gênero no nível do estilo.

1.1 Do Círculo de Bakhtin ao Modelo Tridimensional do Discurso

Este estudo se filia a uma concepção sociológica da linguagem tal qual discutida pelo que se convencionou chamar de círculo de Bakhtin,⁴ com o qual os pesquisadores brasileiros tiveram contato a partir do final da década de 1970. Desse contato surgiu uma série de desdobramentos bastante profícuos nos estudos descritivos da linguagem e no ensino de línguas, em especial, nos estudos de gênero no Brasil, o que é bastante relevante para esta tese.

A construção dos conceitos sobre linguagem do Círculo de Bakhtin é dinâmica tanto na sua concepção, pois as obras foram escritas entre as décadas de 1920 e 1970, com

⁴ Cabe ressaltar que optamos aqui por atribuir essa concepção de linguagem ao círculo de Bakhtin (e não à pessoa de Mikhail Bakhtin), pois, conforme os estudos de que se tem conhecimento hoje, as concepções sobre linguagem desse grupo de pensadores russos da virada do século XIX para o XX estão publicadas sob a autoria de Valentin Volochinov (1895-1936), Mikhail Bakhtin (1895-1975) e Pavel Medvedev (1892-1938). Segundo Brait e Pistori (2012), as obras em que esses pensadores mais explicitam a concepção de gênero são *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, *Estética da criação verbal* e *Problemas da poética de Dostoiévski*. A primeira delas, *Marxismo e filosofia da linguagem*, foi publicado em 1929, originalmente com autoria de Bakhtin. Esse livro recebeu uma tradução para o português em 1979 a partir de uma edição francesa que contou com prefácio de Roman Jakobson e apresentação de Marina Yaguello. Quarenta anos depois, em 2019, os lusófonos passaram a contar também com uma nova tradução a partir do russo. Já *Estética da criação verbal* é uma coletânea publicada postumamente, com autoria atribuída a Volochinov, na qual há um alentado adendo “Os gêneros do discurso”. As edições de *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN, 1999) e *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2003) foram especialmente úteis para a pesquisa desenvolvida aqui.

reedições e reformulações, quanto na sua recepção, considerando a descoberta de novos textos, novas traduções para língua portuguesa tendo como ponto de partida edições russas, além das francesas e inglesas, e os novos diálogos com teóricos contemporâneos ao Círculo e aos interlocutores atuais.

Segundo destacam Marina Yaguello (1999, p. 13) e Sheila Grillo (2014, p. 133), o pensamento do Círculo de Bakhtin reverbera praticamente em todos os domínios das ciências humanas: na filosofia da linguagem, na história e na antropologia, entre outros.

Com certeza, a influência ultrapassa (e muito), conforme sinalizam Brait e Pistori (2012), o âmbito dos estudos literários, como muitas vezes o título das obras em russo ou o destaque dado por Bakhtin ao gênero romance⁵ podem levar um leitor desatento a crer. As ideias do Círculo de Bakhtin alcançam os estudos da linguagem de uma maneira ampla, quer seja na filologia, na crítica literária, na estilística, na semiologia moderna ou no que depois se convencionou chamar de sociolinguística e de pragmática.

No âmbito dos estudos da linguagem, conforme Brait (2014a) ressalta, nenhum estudioso do Círculo de Bakhtin propôs formalmente uma teoria e/ou análise do discurso, no entanto eles inspiraram o nascimento de uma teoria/análise dialógica do discurso.

Os conceitos centrais dessa concepção sociológica da linguagem, apresentada pelos estudiosos do Círculo (autores de *Marxismo e filosofia da linguagem* e *Estética da criação verbal*) e amplamente comentada pelos autores empregados nesta tese, tais como Norman Fairclough (2001), Brait (2014a, 2014b), Désirée Motta-Roth (2008), Luiz Antônio Marcuschi (2008), Martin e White (2005), Orlando Vian Jr. (2010) e Maria Teresa Tedesco (2013) são

- a) a indissociabilidade entre linguagem e sociedade: “a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (YAGUELLO, 1997, p. 14)
- b) a interação verbal como princípio constitutivo da linguagem: toda palavra parte de alguém e é dirigida a alguém.

Esses dois pontos acentuam a natureza contextual do uso da linguagem. Assim estudar o funcionamento da linguagem em situações reais de comunicação (ou talvez, melhor dizendo, o modo como as pessoas interagem pela linguagem) tem se revelado uma atividade profícua a partir das concepções bakhtinianas de gênero e dialogismo.

⁵ Conforme Irene Machado (2014), Bakhtin acabou por se dedicar ao estudo do romance, a expressão maior, no âmbito literário, da cultura letrada de sua época, até por ser uma prosa literária que amalgamava diversas outras realizações linguísticas nas falas de seus personagens, unindo tradições orais e escritas.

O item (a) anterior leva à questão dos gêneros e das diversas formas de abordagem no que passou a se chamar Análise Crítica do Discurso, com seu modelo tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 2001), e na Análise Crítica de Gêneros (MOTTA-ROTH, 2008), que serão exploradas nas próximas seções.

Uma das definições de gênero encontrada nos textos de Bakhtin/Volochinov, ponto de partida para diversas linhas de estudos que se inspiram no Círculo, é a que se encontra ao fim da seguinte citação:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis de enunciados*, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262; grifos originais).

O item (b) estabelecido anteriormente evidencia a posição do Círculo bakhtiniano, de que a comunicação é dialógica em sua essência, no sentido de que sempre pressupõe alguém, outro, com quem interagimos. O diálogo é a forma clássica de comunicação.

Na análise das interações verbais, conforme a concepção bakhtiniana, os gêneros se dividem em primários e secundários. Os gêneros primários se relacionam às interações verbais espontâneas, da vida cotidiana, como as conversas, por exemplo. Os gêneros secundários são modalidades de comunicação mais elaboradas, principalmente associadas à escrita, com mais possibilidade de planejamento e mais inserção em práticas letradas (SOBRAL, 2012), como é o caso do editorial aqui analisado. Segundo destaca Marcuschi (2011, p. 10), os gêneros surgem “num veio histórico, cultural e interativo dentro de instituições e atividades preexistentes.” Assim ocorre também com os editoriais nos periódicos científicos, conforme veremos.

Além disso, a natureza dialógica da linguagem influencia abordagens oriundas da LSF, como a da linguagem da avaliação (MARTIN; WHITE, 2005; MARTIN, ROSE, 2007), que se relaciona com o sistema semântico interpessoal da linguagem. De acordo com Vian Jr. (2010, p. 26), é “a partir da relação dialógica entre os usuários da linguagem que se podem compreender os mecanismos de avaliação utilizados em textos”. Por meio desses recursos linguísticos avaliativos, relações de poder e solidariedade são construídas discursivamente.

Bakhtin, conforme ensina Marcuschi (2008, p. 152), representa uma espécie de bom senso teórico em relação à concepção de linguagem, visto ser um pensador que “fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica”. O fato de ele conceber como estudar a linguagem com categorias amplas permite que seja aproximado a diversos teóricos de forma bastante proveitosa.

Uma dessas aproximações é o **modelo tridimensional do discurso** proposto por Fairclough (2001), no qual se tenta unir a análise do discurso orientada linguisticamente ao pensamento social e político. É central para Fairclough a concepção do filósofo Michel Foucault de que “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social”, que, por sua vez, moldam o próprio discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). O discurso constrói identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. Sendo assim, para Fairclough, o evento discursivo, isto é, a situação de uso da linguagem, apresenta três dimensões: texto, prática discursiva e prática social, como é representado na Figura 1.⁶

Figura 1 - Concepção tridimensional do discurso



Fonte: FAIRCLOUGH, 2001, p. 101.

A dimensão do texto diz respeito à materialidade linguística do discurso. Consoante Fairclough (2001), fazer uma análise de discurso linguisticamente orientada significa incluir o material linguístico como objeto de análise. Com tal objetivo, a Teoria Social do Discurso

⁶ Este modelo é reelaborado pelo próprio Fairclough em obras posteriores, cada vez mais enfatizando a análise do discurso conectada ao social. O autor propõe reconfigurações para o modelo – com estruturação bidimensional –, por exemplo, em *Analysing discourse: textual analysis for social research* (New York: Routledge, 2003) e em *Language and Globalization* (London: Routledge, 2006). Para os objetivos desta tese, mantive a estrutura do modelo tridimensional conforme *Discourse and Social Change* (Cambridge: Polity Press, 1992), publicado em português, em 2001.

recorre, com frequência, à gramática funcional de Michael Halliday. Outros aportes da Linguística Sistêmico-Funcional para análise textual são empregados nesta tese.

A dimensão da prática discursiva engloba a produção, a distribuição e o consumo do texto. Por serem processos sociais, segundo essa perspectiva teórica, “exigem referência aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99). Por isso, conceitos da Comunicação Científica e da Análise de Gêneros são incorporados na fundamentação teórica desta tese, visto que iluminam as condições de produção, de distribuição e de consumo dos editoriais. Os textos são produzidos e consumidos de formas particulares em contextos sociais específicos.

Na análise do discurso como prática social, que leva em consideração a organização institucional do discurso, a Teoria Social do Discurso faz uso dos conceitos de ideologia e de hegemonia, seguindo os trabalhos de Louis Althusser e Antonio Gramsci, respectivamente.

Interessa aqui especificamente o conceito de hegemonia em Fairclough (2001), que remete a Gramsci: um modo de dominação nos âmbitos políticos, econômicos, culturais e ideológicos de uma sociedade. A hegemonia representa poder, ainda que passível de desestabilização, sobre um grupo social; ela é, assim, um equilíbrio instável.

Sendo assim, nas palavras de Fairclough (2001, p. 100),

esse modelo é uma tentativa de reunir três dimensões analíticas, cada uma das quais é indispensável na análise de discurso: a tradição de análise textual/linguística detalhada na Linguística, a tradição macrosociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais e a tradição interpretativa ou microsociológica de considerar a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados.

Essas três dimensões do discurso propostas por Fairclough dialogam com os constituintes nomeados por Bakhtin para a caracterização de um gênero. Texto e prática discursiva relacionam-se, mais especificamente, a estilo e a construção composicional. A prática social influencia o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. Logo, nesta tese, observo a estrutura textual, o tipo/propósito comunicativo dos editoriais e, também, se e como os discursos hegemônicos sobre a produção, a comunicação e a avaliação da ciência, por exemplo, de bases indexadoras e agências de fomento, influenciam as decisões dos editores de periódicos científicos quanto a um gênero produzido e circulante nesse meio: o editorial.

Na terminologia da Teoria Social do Discurso, falamos em contexto de produção, consumo e circulação. Pelo olhar da gramática sistêmico-funcional, a designação é contexto de cultura e de situação. O que as duas abordagens têm em comum é a forte inter-relação entre o ato comunicativo e a inserção cultural desse ato.

De acordo com Cristiane Fuzer e Sara Cabral (2014), o contexto de cultura se relaciona ao ambiente sociocultural mais amplo, refere-se a práticas de grupos culturais (de países, de etnias) e também a práticas institucionalizadas em grupos sociais, como família, escola, igreja, justiça. “O contexto de cultura inclui ideologia, convenções sociais e instituições” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 28). Também está relacionado à noção de propósito social (ou, conforme os estudos de gênero, de propósito comunicativo). Afirmam as autoras: “de acordo com essa perspectiva, grupos de pessoas que usam a linguagem para propósitos semelhantes desenvolvem, através do tempo, tipos comuns de textos escritos e falados, ou seja, gêneros que alcançam objetivos comuns” (FUZER; CABRAL, p. 28). Dessa forma, entendo que o conceito de contexto de cultura possa ser associado ao de dimensão de prática social e discursiva.

O contexto de situação está vinculado a uma situação específica de interação, a um contexto imediato. Segundo Fuzer e Cabral (2014), ele é mais variável, ao passo que o contexto de cultura é mais estável. As variáveis do contexto de situação (campo, relação e modo) estão relacionadas às metafunções da linguagem, conceitos da LSF que serão abordados adiante (1.3). Sendo assim, o contexto de situação está mais relacionado imediatamente à dimensão do texto, sem, no entanto, deixar de ser afetado pela prática discursiva e social.

Nas palavras de Fuzer e Cabral (2014, p. 26), “o contexto em que o texto se desenvolve está encapsulado no texto através de uma relação sistemática entre o meio social e a organização funcional da linguagem”. Evidências contextuais, ou dito de outro modo, as marcas das práticas sociais e discursivas se inscrevem na organização do texto.

É essa indissociabilidade entre realização verbal e sociedade que está no cerne dos estudos do Círculo de Bakhtin. O impacto da obra desse grupo, segundo Motta-Roth (2008, p. 354), faz-se presente no modelo tridimensional de Norman Fairclough; gradativamente, Bakhtin e Fairclough vão sendo absorvidos também por outros teóricos, como John Swales e Vijay Bhatia, que estudam gênero, e por autores que estudam aspectos da linguagem relevantes para esta tese, como James Martin e Peter White.

Não há especificamente em Fairclough uma preocupação com a pesquisa sobre gênero, como ressalta José Luiz Meurer (2005, p. 103); a contribuição do modelo de Fairclough é avançar na integração de uma teoria linguística a uma teoria social.

1.2 A pluralidade dos estudos de gênero: um olhar para a descrição do gênero editorial

Os estudos de gênero, grupo no qual esta tese procura se inserir, vêm sendo desenvolvidos ao longo de muito tempo. Conforme Marcuschi (2008, p. 147), “seria gritante ingenuidade histórica” ignorar pelo menos vinte e cinco séculos de tradição no Ocidente de observação sobre gêneros, desde a tradição grega, com Platão e Aristóteles. Assim como são antigas, essas investigações são também dinâmicas. As linhas gerais dos estudos de gênero, calcados na literatura, e mais especificamente, na poesia, perpetuaram-se até a virada do século XIX para o XX, quando justamente os estudiosos do Círculo de Bakhtin passaram a chamar a atenção para a prosa comunicativa, para o uso da linguagem verbal na comunicação cotidiana, predominantemente oral, e também na comunicação a partir da escrita e em situações mais elaboradas e relacionadas a sistemas específicos como a ciência, a arte e a política. Esses usos da linguagem permitem interagir com as pessoas, discutir ideias em formas tão variadas e inesgotáveis quanto são as atividades em que os seres humanos se envolvem. A abertura conceitual para inúmeras manifestações discursivas que estavam à margem da retórica e da poética abraçou a pluralidade dos usos da linguagem e serviu de inspiração para diversas abordagens sobre situações reais de uso da linguagem (MACHADO, 2014).

Assim, um novo olhar passou a existir para as conversações cotidianas, para os inúmeros textos existentes no meio jornalístico – notícias, crônicas, colunas, quadrinhos, propagandas – e também para outros meios, como o científico, que é meu escopo, aqui. Os estudos bakhtinianos se tornaram uma grande fonte inspiradora de diversas linhas de trabalhos sobre gênero, um campo vivo (tanto no Brasil⁷ como fora dele) e dinâmico, com possibilidades de absorver e, às vezes, amalgamar contribuições diversas.

José Luiz Meurer, Adair Bonini e Désirée Motta-Roth (2005) sinalizam a centralidade da noção de gênero “na definição da própria linguagem” e destacam que ela possibilita “diálogos entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos”. Trata-se de “um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as estruturas sociais”, que, “do ponto de vista formal (como unidade da linguagem) unifica o campo e, justamente por isso, os diálogos entre as várias abordagens se intensificam” (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p. 8). A

⁷ Segundo Brait (2020), o Brasil é o lugar fora da Rússia em que Bakhtin é mais estudado. Grande parte dessa popularização dos estudos de gênero no Brasil, a partir de Bakhtin, se deve, segundo Bezerra (2017) e Motta-Roth (2008), à sua incorporação a políticas públicas voltadas para o ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em meados da década de 1990.

possibilidade de utilização de referências teóricas diversas “é a qualidade mais notável que a perspectiva dos estudos de gêneros tem a oferecer aos estudos da linguagem”, segundo Motta-Roth (2008, p. 368).

O campo de estudos de gênero é plural não só em sua origem, mas também em seus desenvolvimentos, com forte tradição anglófona e francófona. Também é plural em seus direcionamentos, por exemplo, ao ensino, tanto de língua materna quanto de segunda língua; e é igualmente diverso em sua aproximação, mais explorada ou não, com a psicolinguística, a etnografia e a sociologia, entre outras áreas.

No Brasil, conforme levantamentos de Marcuschi (2008) e Motta-Roth (2008), os autores influentes da tradição anglófona compreendem os da escola britânica, na qual se destaca Norman Fairclough (Análise Crítica do Discurso); os da escola estadunidense, na qual sobressaem John Swales (aplicação em ensino de inglês para fins específicos), Carolyn Miller e Charles Bazerman (estudos retóricos de gênero); e os da escola australiana de Sidney, na qual estão em foco James Martin, com base na teoria sistêmico-funcional de Michael Halliday, e Ruqaiya Hasan. Da tradição francófona, é importante citar Bernard Schneuwly, Joachin Dolz e Jean-Paul Bronckart (interacionismo sociodiscursivo e ensino de língua materna).

Na perspectiva de Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005, p. 9), as principais abordagens de gênero “contemplam a noção de gênero como ação social”; daí o elemento de composição “sócio” nas designações de abordagem sociossemiótica, sociorretórica e sociodiscursiva.⁸

Nesta tese também compartilho a noção de gênero como uma forma de ação e, conforme explicitado desde a exposição dos objetivos gerais, as concepções do Círculo Bakhtiniano ocupam posição central para o embasamento teórico, acrescidas do modelo tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 2001), de conceitos oriundos da escola retórica dos Estados Unidos e suas aplicações (BAZERMAN, 2011; MILLER, 2015; ALVES FILHO, 2006; BEZERRA, 2017), e de ferramentas analíticas da linguística sistêmica-funcional (MARTIN; WHITE, 2007). Portanto, os estudos de tradição anglófona se fazem bem presentes aqui.

Segundo ensinamento de Swales enfatizado por Motta-Roth (2008, p. 368), não há teoria perfeita e acabada capaz de dar conta da linguagem em toda sua complexidade: logo, a

⁸ Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005) agrupam Ruqaiya Hasan, James Martin, Roger Fowler, Gunther Kress e Norman Fairclough, por exemplo, entre os representantes da abordagem sociossemiótica; John Swales, Carolyn Miller e Charles Bazerman estão entre os da abordagem sociorretórica; Jean-Michel Adam, Jean-Paul Bronckart e Dominique Maingueneau são alguns dos que se embasam em Mikhail Bakhtin, na abordagem sociodiscursiva.

pluralidade é incontornável. Isso se espelha nesta tese, com a aproximação de contribuições de áreas diferentes para lançar luz sobre o gênero investigado.

Ao longo de décadas, o conceito de gênero e o seu emprego vêm sendo revisitados, como destaca Motta-Roth (2008, p. 352). No meu entendimento, os caminhos para análise se ampliam, com possibilidade de (i) maior ou menor destaque a determinado aspecto; ou (ii) maior grau de permeabilidade entre níveis/camadas da linguagem: da fonologia/grafologia até o discurso; e (iii) estabelecimento do que se olha primeiro (qual é a entrada no objeto).

A abordagem sociológica da linguagem, como a de Bakhtin, por exemplo, parte do contexto para o texto, como sinaliza Motta-Roth (2008). A ordem teórico-metodológica indicada por Bakhtin começa pela identificação do contexto social e passa pelos gêneros para chegar às formas gramaticais. Posso dizer que ele parte do mais amplo, do contexto, para o mais específico, o texto. Para Bakhtin, a identificação das formas e tipos de interação verbal ocorre em ligação com as condições concretas de sua realização para, por fim, chegar à análise de formas da linguagem. Esse é o percurso também escolhido nesta tese. O modelo tridimensional da linguagem proposto por Fairclough (2001), que recorre à linguística sistêmico-funcional, também favorece essa abordagem.

Considerando a enorme diversidade de estudos sobre gênero, o que a maior parte deles tem em comum, seguindo o círculo bakhtiniano, é análise de textos, observando “conteúdo temático, organização retórica e formas linguísticas, em função dos objetivos comunicativos compartilhados por pessoas envolvidas em atividades sociais, em contextos culturais específicos” (MOTTA-ROTH, 2008, p. 343). Na perspectiva bakhtiniana, a análise de gêneros, portanto, sempre leva em conta a atividade social em que o uso da linguagem está inserido e reconhece algum grau de estabilidade na forma, conteúdo e estilo dos gêneros.

A popularização dos estudos bakhtinianos leva a prestar atenção à conceituação teórica de **gênero** e às aplicações possíveis do conceito. Conforme alerta Bhatia (2001, p. 103), “quanto mais popular um conceito se torna, mais variações de interpretação, orientação e estruturação são encontradas na literatura existente”. Nesta tese, assim como Adail Sobral (2012) e Benedito Gomes Bezerra (2017), usarei apenas **gênero** sem adjetivação “textual” ou “discursivo”, visto que

O conceito de gênero é tomado como uma categoria mediadora entre o texto e o discurso, capaz de colocar em xeque velhas concepções dicotômicas como a que trata o texto como mera “materialização” de um discurso consequentemente “imaterial”. A partir do gênero, tanto o texto quanto o discurso podem ser relacionadas produtivamente com o seu contexto cognitivo e social. [...] O gênero

não é *ou* discursivo *ou* textual, mas é simultaneamente indissociável tanto do discurso quanto do texto. (BEZERRA, 2017, p. 11-12; p. 13; grifos do original).⁹

Como já se disse, tal concepção se alinha com o modelo tridimensional do discurso proposto por Fairclough (2001), pois permite integrar as dimensões de prática social, discursiva e de texto. Assumir que há certa estabilidade e, portanto, certa variação em um gênero e que ele está intrinsecamente relacionado à vida social leva alguns autores a proporem agrupamentos e inter-relações entre os gêneros. Algumas possibilidades de agrupamento serão abordadas aqui.¹⁰

Conjunto de gêneros, sistema de gêneros, cadeia de gêneros, hierarquia de gêneros, colônia de gêneros são modos de lidar com gêneros nas suas relações com outros gêneros, formando grupos ou constelações de gêneros, e não os tratando como entidades isoladas. (BEZERRA, 2017, p. 48). Alguns desses conceitos, que serão explicitados a seguir, juntamente com as noções de suporte e domínio, são relevantes por trazerem à tona como os editoriais são produzidos, circulam e são consumidos na sociedade. Sua análise em relação aos editoriais de revista científica está no item 4.1.

O conceito de **suporte** foi amplamente examinado e revisto pelos estudiosos do gênero acompanhando o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação ao longo das últimas décadas; entre essas iniciativas, há uma bem abrangente e cuidadosa, de Marcuschi (2008). Para esse autor, suporte tem uma dimensão física (inclusive digital), capaz de abrigar, albergar textos, de gêneros diversos. Há suportes convencionais e incidentais para os textos, como, por exemplo, um bloco de anotações e um espelho para um recado. O suporte é um *locus* físico ou virtual que serve para fixar e mostrar um texto. Por exemplo, um livro, uma revista, um jornal, um *outdoor*, um *site* são suportes para gêneros variados.

Seguramente, as revistas científicas, os anais de congressos e os boletins de associações científicas, por exemplo, são suportes de gêneros bastante específicos e ligados a um domínio discursivo (o científico, acadêmico ou instrucional). Ali

⁹ Marcuschi (2008, p. 154) adotava a posição de que estas três expressões são intercambiáveis: **gênero textual, gênero discursivo, gênero do discurso**.

¹⁰ São possibilidades de agrupamento dos gêneros, por exemplo, tratá-los como uma família de gêneros ou uma constelação de gêneros. Ao utilizar o termo **família de gênero** (*family genre*), entendo que o que se procura evidenciar é o parentesco com outros gêneros, sua proximidade com gêneros vizinhos, assim como a variação dentro de um gênero. Conforme lembra Guiomar Ciapuscio (2009), a metáfora da família é produtiva no âmbito dos estudos linguísticos para evidenciar vínculos entre unidades, como em família de palavras, família de línguas. Já o conceito de **constelação de gêneros** surge com base em critérios para além da associação a relações de parentesco. É um termo usado por autores de perspectivas diversas, privilegiando ora sucessão cronológica, ora hierarquia e, por vezes, até com critérios definitórios pouco explicitados. A partir de Marcuschi, Bakhtin, Bhatia e Swales, Júlio César Araújo (2012), que se aprofunda nesse conceito, propõe um modelo teórico-metodológico para agrupamento de gêneros em termos de constelações, que será integralmente apresentado pelo pesquisador na obra *Constelações de gênero: a construção de um conceito* (São Paulo: Parábola, 2021).

encontramos *artigos científicos, resenhas, resumos, comunicações, bibliografias, debates científicos, programação de congressos, programas de cursos* e outros dessa natureza. São suportes hoje tradicionais e que se especializam de maneira muito clara. Pelo fato de serem considerados científicos, há inclusive um *status* dos gêneros por eles veiculados que é diferente dos textos similares que aparecem em jornais diários ou em revistas semanais de divulgação ou noticiosas. (MARCUSCHI, 2008, p. 180; grifos do autor)

Conforme está exemplificado na citação de Marcuschi (2008), o periódico científico é o suporte de vários gêneros do domínio da comunicação científica. Vale comentar um pouco este conceito de **domínio discursivo** que, segundo Marcuschi (2008, p. 155), aproxima-se do conceito de **esfera da atividade humana** no sentido bakhtiniano. De acordo com Grillo (2014, p. 133), são também designações comuns na obra do Círculo: esfera da comunicação discursiva, ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente ideologia. Essas esferas são, por exemplo, a ciência, a educação, a religião, a justiça, a política, e dispõem de uma função própria na vida social que, segundo Tedesco (2013, p. 481), podem apresentar tipos específicos de enunciados. Na perspectiva bakhtiniana, “a língua se concretiza em textos orais e escritos, nos quais a sua estrutura linguística, o conteúdo (o tema) e o estilo estarão de acordo com as especificidades das atividades humanas” (TEDESCO, 2013, p. 480).

A proposição da ideia de esfera apresenta especificidades coercivas, como, por exemplo, a relação entre os participantes, a ideia de um enunciador e um destinatário típicos, com determinadas posições sociais, gostos, preferências, expectativas de ação. “[A] noção de esfera permeia a caracterização do enunciado e dos seus tipos estáveis, os gêneros, no que diz respeito ao seu tema, à sua relação com os elos precedentes (enunciados anteriores) e com os elos subsequentes (a atitude responsiva dos enunciadores)” (GRILLO, 2014, p. 146).

Há, portanto, dentro de um domínio discursivo inúmeros gêneros que circulam na sociedade, que, na verdade, são gerados por esse domínio. Por exemplo, dentro do domínio jurídico, há o auto de prisão, a acusação, a defesa, a sentença e a apelação, entre outros. No domínio jornalístico, a reportagem, a entrevista, a crônica etc. No domínio do discurso acadêmico e, mais especificamente, da comunicação científica, encontram-se, por exemplo, o artigo, o relato de experiência, o ensaio, e o nosso objeto de estudo, o editorial.

Bazerman (2011),¹¹ para observar a inserção e o funcionamento dos gêneros na sociedade, utiliza dois conceitos de influência sociológica de Bakhtin: **conjunto de gêneros**

¹¹ Segundo destaca Motta-Roth (2008), os conceitos de conjunto de gêneros e sistema de gêneros trabalhados por autores como John Swales, Vijay Bhatia e Charles Bazerman foram descritos pela pesquisadora Amy Devitt (Intertextuality in tax accounting: generic, referential, and functional. In: BAZERMAN, Charles; PARADIS,

(*genre set*) e **sistema de gêneros** (*genre system*). Um conjunto de gêneros evidencia o repertório de textos que alguém, em um determinado papel, tende a produzir (BAZERMAN, 2011, p. 33). Segundo nos lembra Marcuschi (2008), há gêneros com os quais as pessoas terão mais contato para leitura e outros, para produção. Essa relação com os gêneros pode variar conforme o grau de letramento, a profissão, o interesse, a posição da pessoa na sociedade e o acesso à palavra. Para exemplificar com casos da esfera jornalística, uma jornalista provavelmente terá a oportunidade de escrever uma reportagem, uma matéria, uma crônica, um editorial, ao longo da sua vida profissional. Na esfera científica, uma professora universitária provavelmente terá como conjunto de gêneros escritos: ementa da disciplina, formulário de oferta da disciplina, anotações pessoais sobre leitura, planos de aula, material escrito para aula, exercícios, questões de prova, avisos por *e-mail* para a turma, respostas individuais, boletins de nota etc. O sistema de gêneros compreende “os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de uma forma organizada, e também as relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos” (BAZERMAN, 2011, p. 33-34).

Essa interação entre vários gêneros é fundamental para a constituição e o funcionamento de comunidades específicas, entre elas a científica.¹² O periódico científico, suporte que abriga vários gêneros, está integrado a uma complexa cadeia de constituição e institucionalização de campos do saber (PINHEIRO, 2012) e também de fomento e avaliação da ciência, notadamente dos sistemas de pós-graduação no Brasil (HAYASHIDA, 2012).

Motta-Roth (2008, p. 363) chama atenção para o fato de que, para interagir na comunidade acadêmica,

o membro neófito deve compreender a totalidade da interação dos eventos comunicativos que existem dentro dela ou ligados a ela: as atividades nos laboratórios de pesquisa, escritórios dos pesquisadores, programas de pós-

James (org.) *Textual Dynamics of the Professions: Historical and Contemporary Studies of Writing in Professional Communities*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1991. p. 336-357).

¹² Na fundamentação teórica desta tese, composta por autores de áreas diversas das ciências linguísticas e de outros campos do conhecimento, comunidade, comunidade científica e comunidade discursiva são termos usados em referência genérica a um grupo de indivíduos. Nos estudos de gênero, comunidade discursiva é um termo que remete ao linguista John Swales. Parafraçando Swales (2017), uma comunidade discursiva é um grupo de indivíduos com objetivos em comum, ampla ou parcialmente reconhecidos por seus membros, em total ou parcial concordância; com mecanismos de comunicação entre os membros, incluindo mecanismos participatórios para prover informação e *feedback*; que utiliza gêneros específicos, um léxico específico e é composto tanto por membros novatos quanto por membros com grau mais alto de experiência. Além disso, segundo Swales (2017), em uma comunidade discursiva, parte do conhecimento é tácito, ou pouco explicitado, e há um conjunto de expectativas e práticas na comunidade. Uma comunidade científica, como mais frequentemente empregado nesta tese, é um grupo de indivíduos cujas práticas textuais, discursivas e sociais estão inseridas na esfera científica. Entendo que no âmbito da esfera científica, possa haver diversas comunidades discursivas, no sentido descrito e reelaborado por Swales (2017).

graduação, as editoras que publicam os livros dos pesquisadores, as livrarias que os vende, as bibliotecas que os compram etc.

Um sistema de gêneros reúne a história de eventos discursivos de uma comunidade, com ocorrências intertextuais, como relembra Motta-Roth (2008, p. 363). Os atos discursivos se antecedem e sucedem numa extensa cadeia comunicativa intertextual. Bezerra (2017) utiliza o conceito de **cadeia de gêneros**¹³ (*genre chains*), conforme proposta de Swales, considerando inclusive o critério de sucessão cronológica:

Um exemplo disso [cadeia de gêneros] seria a participação em um evento acadêmico, desencadeada por uma chamada de trabalhos, que dará origem a diversos outros gêneros, como a ficha de inscrição, o resumo, o boleto de pagamento, a carta de aceite, a apresentação em Power-Point, a apresentação oral e o trabalho completo escrito na forma de artigo, embora eventualmente um deles (tipicamente, o artigo) obtenha maior visibilidade e prestígio. (BEZERRA, 2017, p. 54).

Outro conceito intimamente relacionado, até mesmo com a escolha do gênero a ser estudado nesta tese é o conceito de **hierarquia de gêneros**. Conforme explicita Bezerra (2017, p. 54), “Nem todos os gêneros acadêmicos possuem o mesmo valor aos olhos da comunidade que os produz”. Na comunidade acadêmica, há claramente uma valoração dos gêneros: uma apresentação oral, uma palestra ou uma conferência gozam de prestígio diferenciado na programação de um evento. Da mesma forma, no âmbito da publicação científica, capítulo de livro e artigo acadêmico podem ser valorizados diferentemente de acordo com a área do conhecimento.

Na valorização dos gêneros, percebemos que, ao divulgar um resultado de pesquisa, além do gênero escolhido para tal (um artigo, uma entrevista, um capítulo de livro ou um livro), entram em cena outros aspectos, tais como campo disciplinar, público-alvo e meio de disseminação.

Os campos disciplinares podem ter critérios diferentes para constituição e valorização dos seus gêneros específicos. Nas artes, por exemplo, o trabalho de conclusão de curso pode corresponder à composição de uma peça musical ou de uma coreografia, e não necessariamente à elaboração de uma monografia. Na área de história, por exemplo, as resenhas desempenham um papel importante de comentarem criticamente lançamentos e pontuarem inovações na área, conforme é defendido por editores de renomados periódicos, por exemplo a *Revista História Mexicana* (Pablo Yankelevich) e *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (André Felipe Cândido da Silva), em um contexto no qual as resenhas estão

¹³ Cadeia de gêneros, assim como hierarquia, conjunto e redes de gênero são conceitos trabalhados por John Swales (*Research Genres: Exploration and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004), que se apresentam aqui a partir de Bezerra (2017) e Motta-Roth (2008).

deixando de ser valorizadas por bases indexadoras, com conseqüente desvalorização por órgãos de avaliação da produção científica (YANKELEVICH et al., 2019).

Uma publicação pode ter valorações diferentes se for dirigida para uma comunidade de especialistas ou para o público em geral; uma entrevista pode ter valorações diferentes se for concedida para a TV Globo ou para a TVT (TV dos Trabalhadores), um artigo científico pode ser valorizado diferentemente se for publicado numa revista Qualis A2 ou B3, um livro pode ter mais prestígio se for publicado em uma editora nacional ou local, por exemplo.

Marcuschi (2008, p. 180) chama a atenção para a relevância do suporte na valorização dos textos que são publicados. Um mesmo texto pode receber *status* diferenciado conforme o suporte que o abriga, por exemplo, o mesmo poema impresso num livro ou num saco de pão pode ser valorizado diferentemente pelos usuários. Isso porque a forma de circulação interfere na recepção, tanto como importam de onde parte a palavra, para quem e em que suporte.

Por fim, o conceito de **colônia de gêneros** (*genre colonies*) aplicado por Bezerra (2017) aos **gêneros introdutórios de livros acadêmicos** nos foi útil. O conceito, oriundo de Vijay Bhatia, “permite um alto grau de versatilidade na identificação e descrição dos gêneros” (BEZERRA, 2017, p. 57) e permite ainda considerar a possibilidade de colonização (no sentido de invasão, hibridização) de um gênero por outro, como no caso de uma resenha de um livro (discurso acadêmico) que procura convencer o leitor a comprar a publicação (discurso promocional/de venda), de acordo com Bhatia (2001). Apresentação/discussão e promoção da obra para potenciais leitores podem ocorrer juntos.

Bezerra (2017, p. 64) emprega essa noção para o exame de **gêneros introdutórios**, entendidos como aqueles que “no corpo físico ou virtual de determinado suporte, usualmente se agregam ao gênero ou gêneros principais como uma proposta de leitura prévia, em termos de orientação, síntese ou convite à leitura dos gêneros ‘introduzidos’/apresentados”. Seu propósito comunicativo básico é o de introduzir, apresentar a obra. Na esfera acadêmica, os gêneros introdutórios podem ocorrer, por exemplo, em livros, monografias, dissertações, teses, revistas científicas, sob a designação de apresentação, prefácio, introdução, prólogo, editorial, entre outros. Nos livros, Bezerra (2017) identifica três posições na abertura da publicação: orelha, quarta capa e miolo, que é o foco do autor.

O conceito de gêneros introdutórios se revelou útil para esta tese por estabelecer pontos de contato com meu objeto: (i) pela localização do gênero, pois, conforme Sabaj e González (2013) e Dubied e Lits (1997), uma característica definidora dos editoriais é a sua existência na abertura da publicação; (ii) pela semelhança com os editoriais de apresentação nos periódicos científicos, oferecendo, inclusive, um modelo para sua análise; (iii) pela

proximidade com exemplares com o mesmo propósito comunicativo na esfera jornalística, editoriais e cartas do editor/cartas ao leitor, considerados gêneros distintos por Camila Pelizari, Eliana Barros e Gabriela Mafra (2019). Logo, usar o conceito e os movimentos retóricos descritos por Bezerra (2017) permite transitar entre o universo de livros e revistas na esfera científica e na jornalística, a fim de trazer luz para o editorial em periódico científico.

Nos gêneros introdutórios do miolo do livro, Bezerra (2017) identifica movimentos retóricos para realizar três ações principais (propósitos comunicativos secundários): justificar a obra, resumir o conteúdo, concluir o gênero, visto que todos compartilham o propósito comunicativo principal de apresentar ou introduzir o livro. A seguir, apresento um quadro desses movimentos retóricos, adaptado de Bezerra (2017), na ordem de frequência dos exemplares encontrados no *corpus* desse autor (Quadro 1): apresentação, prefácio e introdução, pois há semelhanças com o que percebo em determinados editoriais de revistas científicas. Apresentação é identificada em 2/3 dos livros; introdução é a menos comum, possivelmente para não haver confusão com o capítulo introdutório da obra em si, segundo explicação do autor. Por vezes, há mais de um gênero introdutório, em especial, quando se trata de prefácio em reedições.

Quadro 1 - Movimentos retóricos em gêneros introdutórios

GÊNERO	APRESENTAÇÃO 13 movimentos retóricos	PREFÁCIO 11 movimentos retóricos	INTRODUÇÃO 10 movimentos retóricos
I) JUSTIFICAR A OBRA	1. Definir tópico central	1. Definir/ discutir tópico central	1. Definir/ discutir tópico central
	2. Informar sobre o autor	2. Informar sobre o autor	2. Informar sobre o autor
	3. Estabelecer o campo de estudo	3. Estabelecer o campo de estudo	3. Estabelecer o campo de estudo
	4. Indicar os objetivos do livro	4. Indicar os objetivos do livro	4. Indicar os objetivos do livro
	5. Informar sobre a origem do livro	5. Informar sobre a origem do livro	5. Informar sobre a origem do livro
	6. Indicar lacuna a preencher	6. Indicar lacuna a preencher	6. Indicar lacuna a preencher
II) RESUMIR CONTEÚDO	7. Apresentar/discutir o conteúdo	7. Apresentar/discutir o conteúdo	7. Apresentar/discutir o conteúdo
III) CONCLUIR O GÊNERO	8. Fazer avaliação/recomendação final	[9]. Fazer avaliação/recomendação final	
	9. Expressar desejo/votos de	[11]. Expressar	[10] Expressar

	sucesso	desejo/votos de sucesso	desejo/votos de sucesso
	10. Indicar potenciais leitores	[8] Indicar leitores em potencial	8. Indicar leitores em potencial
	11. Convidar à leitura		
	12. Felicitar autor/editora/outros		
	13. Fazer agradecimentos	10. Fazer agradecimentos	9. Fazer agradecimentos

Fonte: A autora, adaptado de Bezerra, 2017, p. 68, 73, 77.

Como podemos perceber, as estratégias para cumprir os propósitos comunicativos secundários – justificar a obra, resumir o conteúdo e concluir o gênero – são praticamente iguais. A ordem desses movimentos pode variar de gênero para gênero e em cada texto específico. Para Bezerra (2017), o que os difere basicamente é que prefácio e introdução têm uma postura avaliativa muito clara, pois pretendem discutir e não só apresentar a obra, o que estaria em foco na apresentação.

Sendo assim, o discurso acadêmico e o promocional se entrecruzam nos gêneros introdutórios, com maior ou menor “escala de termos que denotem avaliação subjetiva e juízos de valor” (BEZERRA, 2017, p. 72). Os principais valores desses gêneros são a avaliação e o resumo, segundo o autor, o que me levou a relacioná-los aos recursos semânticos interpessoais, em especial, aos campos de apreciação e julgamento, conforme veremos na seção 1.3. A apreciação positiva da obra, visível na superfície do texto, por exemplo, pelo emprego de adjetivos referentes ora à própria obra, ora aos autores, “ultrapassa uma possível **neutralidade** ou sobriedade acadêmica e se torna uma tentativa de promover o livro para o potencial leitor” (grifo nosso). O movimento de “convite à leitura” é um desses momentos que “indicam certa **subjetividade** e **um afastamento do registro mais acadêmico**” (BEZERRA, 2017, p. 70; grifos nossos). Cabe ressaltar que, conforme defendido e pretendido por inúmeros autores, considera-se que o registro acadêmico diminui a subjetividade, assim como, na esfera jornalística, há uma expectativa de imparcialidade nos editoriais de jornais. No entanto, conforme a concepção de linguagem norteadora desta tese, a natureza dialógica é inerente à linguagem, e os recursos semânticos interpessoais podem evidenciar esse princípio constitutivo.

Nessa pluralidade de estudos de gênero, mantêm-se os ensinamentos de Marcuschi (2008) e Miller (2015) de que gêneros são entidades dinâmicas, situadas sócio-historicamente, que se adaptam às configurações de seu tempo e às demandas da sociedade a que servem e que os criou. O gênero examinado nesta tese tem suas demandas relacionadas às práticas de

produção, circulação e recepção do periodismo científico no Brasil, na atualidade, que absorvem ou não exigências de outros atores, como da Capes e do programa SciELO, conforme será abordado no item 2.2, por vezes, revelando tensões ou instabilidades nessas mudanças.

1.3 O aspecto interpessoal da linguagem: uma contribuição para a descrição do estilo

Conforme já foi sinalizado, o Círculo de Bakhtin não oferece um instrumental de análise linguística; ele oferece um modelo teórico para compreensão das dinâmicas de interação humana. A teoria social do discurso segue a mesma linha, mas já desenha de forma mais nítida a relação entre o uso da linguagem e as práticas discursivas e sociais, com alguma ancoragem na análise do texto. Para a análise da dimensão textual, com frequência, tais abordagens são complementadas por teorias de análise linguística, em especial, pelas categorias da LSF. É nesse sentido que trago para esta tese elementos da semântica discursiva na perspectiva da LSF, para subsidiar a análise dos editoriais, no nível do estilo, um dos elementos constitutivos do gênero na linha bakhtiniana. Seu ponto de contato com esta tese é favorecer a análise de recursos interpessoais nos textos pelos quais a interação com o leitor pode ser evidenciada. A análise dos textos, considerando a metafunção interpessoal da linguagem, propicia a observação de como o editor expressa posicionamentos e opiniões e também constrói relacionamentos nos editoriais. Dentro do arcabouço da LSF, escolhi observar os sistemas interpessoais de avaliatividade e de negociação, apresentados a seguir.

Segundo Martin e White (2005, p. 7), “no fundo, a LSF, é um modelo de múltiplas perspectivas, projetado para prover os analistas de lentes complementares para interpretar a linguagem em uso”. Ao abordarem a arquitetura da linguagem, Michael Halliday e Christian Mathiessen (2004, p. 25, tradução nossa), concebem-na como um sistema semiótico complexo, com vários níveis ou estratos, passando por fonética, fonologia, léxico-gramática, semântica e contexto. Este é um princípio da LSF: a linguagem se estrutura em estratos, nomeados por Martin e Rose (2007) como gramática, discurso e contexto social.

Todas essas diferentes camadas são acionadas ao usarmos a linguagem, o que fazemos, segundo palavras de Halliday e Mathiessen

para **fazer sentido da nossa experiência**, para **realizar nossas interações com outras pessoas**. Isso significa que a gramática tem que interagir com o que acontece fora da linguagem: com os acontecimentos e as condições do mundo e com os

processos sociais em que nos engajamos. (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004, p. 24; grifos nossos, tradução nossa)

De outra perspectiva, José Carlos de Azeredo (2018, p. 25) defende que a linguagem tem um tríplice papel: “(a) forma de organização do conhecimento (conceptualização e categorização da experiência do mundo), (b) de meio de codificação do conhecimento em enunciados/textos (expressão) e (c) de forma de atuação interpessoal (comunicação).”, que, entendo, pode ser relacionado às metafunções, conforme comentarei adiante. Segundo Azeredo (2018), a língua é uma forma compartilhada de conhecimento, com função mediadora das relações entre os seres humanos. Configura-se, assim, como um poderoso sistema simbólico: um meio de organização mental dos conteúdos comunicáveis (AZEREDO, 2018, p. 114). Por isso, as metáforas que associam a língua a um espelho da realidade ou a um mapa podem ser iluminadoras do seu papel na vida humana, mas são incipientes e inexatas, consoante alerta o autor. A língua não é reflexo da realidade; ela é constituidora da realidade; tampouco é um mapa a ser seguido, pois estaríamos limitando a possibilidade de criar novos caminhos.

Nas palavras da LSF, há, no uso da linguagem, três funções gerais, nomeadas também como metafunções: “manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual)” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 32). Tais componentes funcionais são apresentados separadamente apenas para fins de análise, pois eles estão presentes em qualquer ato comunicativo, de forma concomitante. Segundo lembra Carlos Gouveia (2009), os enunciados nunca são o resultado individual de um desses componentes do significado, mas da conjugação dos três. A linguagem organiza o conhecimento, estrutura significados ideacionais (o que, quem, onde – metafunção ideacional); dá o tom da interação social (como as pessoas interagem pela linguagem, o que compartilham – metafunção interpessoal); organiza os conteúdos em enunciados (qual o fluxo da informação – metafunção textual).

Como ressalta Magda Schlee (2008, p. 48), a multifuncionalidade é a

chave para uma interpretação funcional da linguagem [...] na perspectiva hallidayana, cada frase representa uma codificação simultânea de conteúdos semânticos associados às três metafunções: a oração como representação (metafunção ideacional), a oração como troca (metafunção interpessoal) e a oração como mensagem (metafunção textual).

As escolhas realizadas pelo usuário da língua para compor seu enunciado são operadas nessas três metafunções, levando-se em conta o que a LSF designa contexto de cultura e contexto de situação (abordados na seção 1.1). São as diferenças nesses contextos que

condicionam as escolhas linguísticas dos usuários. Como já foi dito, o contexto de situação (microcontexto) é mais variável que o contexto de cultura (macrocontexto).

Quanto ao contexto de situação, a LSF credita essas diferenças a três aspectos (ou variáveis): campo (*field*), relações (*tenor*) e modo (*mode*), comentados e exemplificados a seguir com o olhar voltado para o objeto de estudo desta tese. O campo refere-se à atividade social que está sendo realizada. Nos editoriais de periódico científico, o campo remete ao fazer científico, a produzir e a comunicar ciência no Brasil, no século XXI. Podemos relacioná-lo ao domínio discursivo e ao conteúdo temático, um dos constituintes do gênero na perspectiva do Círculo de Bakhtin.

As relações dizem respeito aos participantes: a relação entre eles, o grau de controle de um sobre outro, a distância social ou o grau de formalidade. Está relacionada aos papéis sociais. Por exemplo, nos editoriais, a relação é entre pesquisadores de um mesmo campo científico, tendo o produtor do texto (o editor) maior controle da palavra. Existe certa distância social, uma vez que o editor é um pesquisador experiente e reconhecido na comunidade de que faz parte; o grau dessa distância é variável conforme o texto. Podemos relacioná-las às marcas de interpessoalidade, que terão reflexos no estilo.

Modo, a terceira variável do contexto de situação, relaciona-se à própria linguagem, ao papel que ela exerce no ato (constitutiva ou auxiliar) e ao veículo utilizado (meio oral/escrito, linguagem verbal/não verbal, canal gráfico/fônico). No caso dos editoriais, o modo pode ser assim caracterizado: a linguagem, verbal, tem papel constitutivo na interação que se dá por meio escrito, com utilização do canal gráfico. Isso tem consequências para a organização composicional do gênero editorial.

Essas variáveis do contexto de situação estão relacionadas às metafunções ideacional (campo), interpessoal (relações) e textual (modo). Em associação aos estudos de gênero na perspectiva bakhtiniana, podemos relacioná-las, respectivamente, a conteúdo temático, estilo e organização composicional.

De acordo com Martin e Rose (2007), cada metafunção está relacionada a dois sistemas discursivos específicos, conforme sistematizado no Quadro 2, a seguir.¹⁴ Esses

¹⁴ Por se tratar de uma abordagem desenvolvida e aprimorada ao longo do tempo, é possível perceber reelaborações teóricas, mudanças terminológicas ou mudança/instabilidade de tradução ao longo das décadas. Na obra de Martin e White (2005), entre os três principais recursos da semântica discursiva para construir significado interpessoal estão identificados: avaliatividade (*appraisal*), negociação (*negotiation*) e envolvimento (*envolvement*). Na elaboração da teoria em 2007 por Martin e Rose, os recursos semânticos interpessoais são identificados por avaliatividade (*appraisal*) e negociação (*negotiation*). Envolvimento parece ter sido absorvido pelo sistema semântico da negociação. Para além da reelaboração teórica, há também diversos debates quanto à tradução dos conceitos, que gera uma polifonia, nem sempre harmônica. Por essa razão, indiquei aqui o correspondente em inglês na obra de Martin e White (2005) ou de Martin e Rose (2007).

sistemas discursivos atuam na semântica do discurso, o que quer dizer que os significados são construídos além da oração, isto é, ao longo de todo o texto, segundo destacam Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007).

Quadro 2 - Metafunções e sistemas semântico-discursivos

Metafunção	Aspecto a que se relaciona	Sistema discursivo
Interpessoal	negociação de atitudes	avaliatividade (<i>appraisal</i>)
	construção de relações	negociação (<i>negotiation</i>)
Ideacional	representação de experiências	ideação (<i>ideation</i>)
	conexão de eventos	conjunção (<i>conjunction</i>)
Textual	identificação de pessoas e coisas	identificação (<i>identification</i>)
	fluxo da informação	periodicidade (<i>periodicity</i>)

Fonte: A autora, adaptado de Martin e Rose, 2007, p. 8.

Conforme esses autores da LSF, avaliatividade, negociação, ideação, conjunção, identificação e periodicidade são os seis recursos principais para criar significado como texto. A metafunção interpessoal da linguagem, pela qual relações são construídas e atitudes são negociadas, é a que mais interessa a esta tese, em alinhamento com a natureza sociológica da linguagem. Por meio dos recursos semânticos da metafunção interpessoal, segundo Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007), relações de poder e de solidariedade são construídas no uso da linguagem. As dimensões vertical (poder) e horizontal (solidariedade) são as variáveis das relações interpessoais. É importante ressaltar, conforme Martin e White (2005, p. 96), que solidariedade não significa concordância. A solidariedade existe no reconhecimento da diversidade de pontos de vista válidos e na abertura para interagir com quem tem uma posição diferente. De acordo com Vian Jr. (2012, p. 122), “buscamos a solidariedade de nossos interlocutores em nossas interações”. Já textos que definem regras, como textos legais e editais de seleção, por exemplo, trabalham no eixo do poder, sem abrir espaço para negociação.

A seguir apresento os dois sistemas que importam aqui, que são relacionados à metafunção interpessoal: avaliatividade e negociação; por meio deles é possível evidenciar as marcas de autoria, subjetividade e interação que ocorrem nos exemplares do gênero editorial em periódicos científicos.

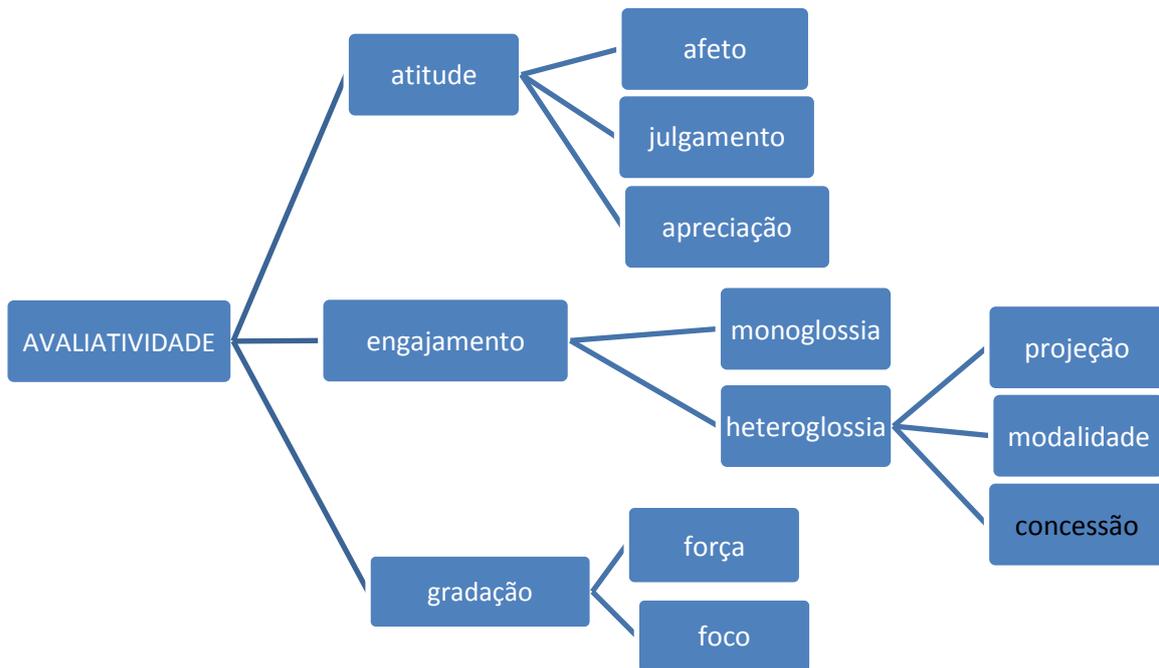
O sistema da **avaliatividade** (*appraisal*) é um sistema semântico interpessoal pelo qual os seres humanos avaliam, compartilham e negociam suas avaliações a respeito das

Para *appraisal*, há muita variação na tradução, por exemplo, como valoração, avaliação e avaliatividade. Para *engagement*, há discordância quanto a engajamento e comprometimento (por exemplo, em AVELAR; AZUAGA, 2003; SOUZA, 2010); parece-nos, ainda, que muitas vezes se usa em sentido lato envolvimento, que, no livro de Martin e White (2005) é uma categoria de nível diferenciado de *engagement*.

peças e das coisas. A avaliatividade não se refere simplesmente a algo positivo ou negativo. Ela é um sistema que viabiliza mostrar como nos relacionamos com algo: qual é a nossa atitude, de onde ela vem, em que se baseia, com que força a expressamos, o quanto estamos dispostos a revê-la. Em última análise, os recursos de avaliatividade servem para negociar nossas relações sociais, visto que eles informam ao interlocutor como nos sentimos em relação a algo, ou seja, quais são nossas atitudes, entendidas como sentimentos e valores, que são negociadas com o interlocutor (MARTIN; ROSE, 2007).

Segundo Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007), o sistema de avaliatividade é composto por três subsistemas, também chamados de regiões de afeto ou domínio, a saber, atitude, engajamento e gradação (Figura 2). Tais divisões estão relacionadas aos tipos de atitude em si, que estão sendo negociadas em um texto (subsistema de atitude), à força desses sentimentos, que pode ser graduada (subsistema de gradação) e, por fim, à origem, fonte, dessas atitudes (subsistema de engajamento) (MARTIN, ROSE; 2007). Cada um desses subsistemas está dividido também em regiões de significado.

Figura 2 - Visão geral do sistema de avaliatividade



Fonte: A autora, 2021, adaptado de Martin e Rose, 2007, p. 59.

De maneira geral, é possível dizer que o subsistema de **atitude** lida com a expressão de valores (MARTIN; WHITE, 2005, p. 29). Conforme destaca James Martin (2000, p. 143), a expressão de atitude é mais do que “o falante comentando o mundo – ela é verdadeiramente uma questão interpessoal”. Para avançar no diálogo, esperamos alguma resposta solidária do destinatário. Estamos o tempo todo negociando significados nas interações: “A negociação de significado está no coração de toda comunicação” (MARTIN, 2000, p. 143, tradução nossa). São três tipos principais de atitude: a que diz respeito aos sentimentos, reações emocionais (subsistema do afeto), aos julgamentos de comportamento (subsistema do julgamento) e à avaliação de entidades, coisas e fatos (subsistema da apreciação). O subsistema de **engajamento** relaciona-se às estratégias retóricas pelas quais o autor se alinha ou não com outros pontos de vista na construção do seu texto e procura levar o leitor a acompanhá-lo. Por fim, o subsistema de **gradação** se relaciona à intensificação dos significados manifestos nos outros dois subsistemas. Conforme James Martin e Peter White (2005, p. 29, tradução nossa), a gradação consiste numa “manipulação dos graus de valores” e é uma escala de avaliação que se divide em força (muito, pouco) e foco (acentuação, atenuação).

Nesta tese, optei por observar os recursos de atitude e de engajamento nos editoriais de revista científica, ilustrados a seguir com excertos do *corpus*, no intuito de perceber como os editores se relacionam com os leitores, de que modo interagem e a maneira pela qual marcam

seus posicionamentos no texto, como forma de analisar o nível do estilo desse gênero que nasce, circula e é consumido em uma comunidade científica.

Segundo Martin e White (2005, p. 95, tradução nossa),

Quando falantes/escritores anunciam suas atitudes, eles não estão apenas expressando o que pensam, mas simultaneamente convidando os outros a endossar e compartilhar com eles sentimentos, gostos, avaliações normativas que eles estão anunciando. Então, declarações de atitude são direcionadas dialogicamente para alinhar o destinatário em uma comunidade de valores e crenças compartilhados.

Em relação ao primeiro subsistema da avaliatividade, os significados atitudinais podem ser agrupados em três grandes campos semânticos: afeto, julgamento e apreciação, cujas expressões linguísticas podem se dar por um sem-número de recursos, conforme White (2004). O elemento mais recorrente na manifestação da atitude são os adjetivos, porém processos verbais, advérbios e orações completas também são opções linguísticas à disposição dos usuários da língua.

O **afeto** é o campo dos sentimentos (positivos ou negativos) em relação a algo. Centra-se nas reações causadas ao avaliador, por exemplo, felicidade, satisfação, medo, fascínio.¹⁵ Expressões com carga avaliativa de afeto podem ocorrer por diversos recursos e podem se manifestar mesmo em textos tidos como impessoais. Edna Silva, Fabíola Sartin e Hudson Santos (2017) estudaram documentos oficiais e com alto grau de prescrição, como os ofícios do parlamento brasileiro. Apesar dos modelos oferecidos para redação oficial, que constam no Manual de Redação da Presidência da República e são guiados por impessoalidade e publicidade – princípios norteadores da administração pública –, a análise dos pesquisadores evidencia que relações de proximidade são constantemente negociadas entre os parlamentares, a fim de conseguir êxito em suas ações. Uma complexa relação entre os participantes, evidenciada nas suas escolhas linguísticas, é construída muito além dos cânones da redação oficial.

No *corpus* desta tese, composto por editoriais em periódicos científicos, comentários avaliativos da região do afeto também são encontrados:

Exemplo 1:¹⁶ Neste último número de 2017 temos a satisfação de entregar-lhes um cardápio variado de artigos de diferentes áreas do conhecimento, campos temáticos, abordagens, temporalidades e geografias, sempre procurando privilegiar a perspectiva

¹⁵ O campo do afeto está descrito no sistema de avaliatividade, em termos de (in)felicidade, (in)satisfação, (in)segurança, (in)desejabilidade (GONÇALVES SEGUNDO, 2014, p. 15). Nesta tese, a análise se estenderá até o subnível do afeto.

¹⁶ Os exemplos citados a partir de agora são excertos do *corpus*. Serão apresentados em ordem sequencial ao longo da tese e identificados conforme o código de identificação apresentado na metodologia, capítulo 3. Os recursos linguístico-discursivos em evidência estão sublinhados.

histórica, que confere identidade a este veículo transdisciplinar que é *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. [...]: O julgamento final deste complexo critério chamado “qualidade” é sempre conferido por vocês, leitores, a quem também expressamos gratidão por terem se mantido fiéis este ano, seja pela leitura de nossas edições impressas e digitais, seja pelo acompanhamento de nossos *blogs* e mídias sociais. (HCSMv24n4)

No exemplo 1, a reação do avaliador está claramente indicada nos substantivos usados: “satisfação” e “gratidão”. Ambos são valorações de afeto, positivas.

O segundo campo do subsistema de atitude, o de **juízo**, nas palavras de White (2004, p. 187):

é o campo de significados através dos quais construímos nossas posições em relação ao comportamento humano – aprovação/condenação do comportamento humano através do caráter de alguém, ou do quanto essa pessoa se aproxima das expectativas e exigências sociais.

Tais significados indicam, portanto, uma visão da aceitabilidade social do comportamento humano. São avaliações éticas e morais, conforme regras e regulamentos. O juízo centra-se no avaliado (alguém), o ser humano, tomado individualmente ou em grupo, e se diferencia da apreciação, centrada na coisa avaliada. Os juízos são categorizados em dois campos de valores compartilhados por uma comunidade: estima social e sanção social. Os de estima social relacionam-se a atributos e aos comportamentos que recebem pouco ou muito valor entre o grupo. Os de sanção social relacionam-se a questões legais e morais, codificadas, por exemplo, em leis e religiões.¹⁷

Exemplo 2: A atual Sociedade Brasileira de História da Medicina (SBHM) surgiu dois anos após a morte desse médico, em novembro de 1997, por iniciativa dos Ulysses G. Meneghelli (Ribeirão Preto), Joffre Marcondes de Rezende e Argeu Castro Rocha (ambos de Goiânia), com o apoio do renomado médico-historiador Carlos da Silva Lacaz, falecido em 2002. (HCSMv14n4)

No exemplo 2, há um comentário avaliativo sobre uma pessoa (Carlos da Silva Lacaz), expresso pelo adjetivo “renomado”, que denota uma valoração positiva, de estima social.

Cabe destacar que

Os tipos de juízo que os falantes adotam são muito sensíveis à sua posição institucional. Por exemplo, apenas jornalistas com responsabilidade pela redação de editoriais e outros textos de comentários têm uma gama completa de recursos de juízo à sua disposição; repórteres que escrevem notícias factuais com o intuito de soarem objetivos devem evitar, por completo, juízos explícitos. (MARTIN; ROSE, 2007, p. 68-69, tradução nossa)

¹⁷ Na teoria estão assim organizados: “Os Juízos de estima social podem estar ligados a normalidade (até que ponto alguém é estranho ou pouco usual), capacidade (quão capaz esse alguém é), e tenacidade (quão determinado ele é). Os Juízos de sanção social têm a ver com a veracidade (quão sincero alguém é) e a propriedade (quão ético ele é)” (WHITE, 2004, p. 187). Nesta tese, a análise se estenderá até o subnível do juízo.

O terceiro subsistema, o de **apreciação**, “é o campo dos significados usados para construir avaliações dos produtos do trabalho humano, tais como artefatos, edificações, textos e obras de arte, e também de fenômenos naturais e estados de coisas” (WHITE, 2004, p. 191).¹⁸ Os comentários de apreciação são avaliações estéticas, conforme critérios de um grupo.

Exemplo 3: Da maior atualidade é a entrevista que nos concedeu Marilda Mendonça Siqueira, pesquisadora do Laboratório de Vírus Respiratórios e Sarampo da Fundação Oswaldo Cruz. [...] Na edição de maio-agosto de 2003 (v.10, n.2), Luiz Antonio Teixeira comenta outro livro cuja leitura é indispensável: *Gripe, a história da pandemia de 1918*, de Gina Kolata (Campus, 2002). (HCSMv16n2)

No exemplo 3, o primeiro comentário avaliativo em destaque tem valor adjetival “da maior atualidade”; o segundo já se realiza como adjetivo: “indispensável”. Trata-se de apreciações e não de julgamentos, pois o objeto da avaliação é um produto de uma ação humana (uma entrevista, um livro) e não a uma pessoa, como seria se o foco da avaliação fosse a entrevistada ou a autora do livro.

Depois de comentar as regiões do subsistema de atitude (afeto, julgamento e apreciação), cumpre agora me deter no conceito do **subsistema de engajamento**. No cerne desse subsistema, conforme ressaltam Martin e Rose (2007), está a perspectiva dialógica da linguagem (abordada na seção 1.1). Segundo Martin e White (2005, p. 92-93), nesse elo comunicativo em que todo enunciado dialoga com enunciados anteriores e, de certa forma, antecipa enunciados futuros, posicionamentos de alinhamento, discordância, indecisão e neutralidade são assumidos. Para os autores, por essa ferramenta, espera-se evidenciar como os posicionamentos são realizados linguisticamente, o que permite perceber a voz autoral.

Segundo Vian Jr. (2010), o engajamento revela o grau de comprometimento do autor com o que apresenta e o espaço que oferece ao interlocutor para negociação de significados: concordância, discordância. Está inserido, portanto, no eixo das negociações (BALOCCO, 2010, p. 41). Esse é um recurso para construir relação (*tenor*), particularmente a de solidariedade, segundo Martin e Rose (2007).

Para efeitos de descrição, uma vez que a linguagem é por natureza dialógica, os enunciados são categorizados em monoglóssicos e heteroglóssicos (MARTIN; WHITE, 2005; MARTIN; WHITE, 2007; NININ; BARBARA, 2013), conforme será explicado a seguir.

¹⁸ Na teoria, os comentários de apreciação estão subcategorizados em reação – impacto (o quanto mexe com alguém) e qualidade (o quanto agrada) –; em composição – equilíbrio (quão bem elaborado) e complexidade (quão acessível para entender) –; e em valor (o quanto vale a pena) (WHITE, 2004, p. 191). Nesta tese, a análise se estenderá até o subnível da apreciação.

As construções monoglóssicas são “proposições, declaradas de modo absoluto [...] tratadas como certas, indiscutíveis, ou como não problemáticas, baseadas em conhecimento consensual, em fatos, eventos, conhecidos e aceitos pela comunidade discursiva” (NININ; BARBARA, 2013, p. 132). Nas construções monoglóssicas, tenta-se criar um efeito de verdade, bloqueando alternativas de concepção de realidade. Trata-se de uma simulação da anulação do dialogismo constitutivo da linguagem. São exemplos disso declarações assertivas, factuais (*bare assertions*), em tom categórico, como veremos com os excertos do *corpus* a seguir.

Exemplo 4: De 7 a 10 de novembro de 2007 realizou-se em Curitiba, na sede da Associação Médica do Paraná, o 12º Congresso Brasileiro de História da Medicina, sob a presidência do professor Hélio Germiniani (<http://www.eventosprime.com.br/congressosbhm2007/>). (HCSMv14n4)

Exemplo 5: O embate entre revisões “tradicionais” *versus* revisões sistemáticas ocupa o centro de um instigante debate nos dias que correm. (CSPv23n6)

No exemplo 4, temos a indicação de algo factual: a realização de um evento, fato cuja realização é indiscutível. Há um enunciado declarativo afirmativo. O verbo da oração está no pretérito perfeito, indicando uma ação concluída; os adjuntos indicam a data (7 a 10 de novembro de 2007) e a cidade de realização do evento (em Curitiba), com detalhamento sobre a presidência do evento e o local das atividades. Trata-se de um enunciado monoglóssico, sem espaço para contestação.

No exemplo 5, temos uma declaração de algo que ocorre nos dias de hoje, um fato conhecido e aceito pela comunidade, como afirmam Maria Otília Ninin e Leila Barbara (2013). O fato de o embate entre as visões ocupar o centro do debate é uma declaração não problemática; o embate em si é que é o ponto polêmico. A oração é declarativa, afirmativa, com verbo no presente do indicativo, usado para indicar fatos sobre os quais se tem certeza ou que sejam consensuais.

Já as construções heteroglóssicas são aquelas em que há “abertura para a possibilidade de inserção de outras vozes” (RODRIGUES, 2017, p. 69), de alternativas dialógicas, outras possibilidades de interpretação.

Em termos gerais, enunciados heteroglóssicos apresentam possibilidades de dois movimentos: o de expansão do potencial dialógico ou o de contração dele (WHITE, 2004; MARTIN; WHITE, 2005; NININ; BARBARA, 2013). Entende-se por expansão do potencial dialógico a abertura para discordância, para contestação, para outras leituras e interpretações possíveis. Contração/redução do potencial dialógico corresponde à redução do espaço de negociação de sentido, ao desencorajamento da contestação. Ao fazer esses movimentos, o

autor emprega diversos recursos linguísticos, para trazer outras vozes e corroborar ou contestar o que afirma, distanciar-se ou envolver-se com o que diz, prever contra-argumentos do leitor e já refutá-los, ou confirmar expectativas do leitor, conforme é exemplificado a seguir.

Exemplo 6: Finalmente, quando as taxas de fertilidade e de mortalidade se mantêm baixas, há um progressivo aumento, na proporção de adultos, na população, incluindo, naturalmente, os mais idosos (CSPv3n3)

Exemplo 7: É certo que, geralmente, a tolerância sinaliza generosidade e aceitação em relação a indivíduos e grupos fora das normas majoritárias da sociedade, contudo, os aspectos problemáticos da tolerância incluem sua função como forma de permissão. (Reciisv13n3)

Exemplo 8: A incessante busca de adequação às normas da avaliação vigente, pautada no produtivismo ou taylorismo acadêmico, como alguns autores preferem denominá-lo^{5,6}, na internacionalização e no impacto das publicações vem modulando a atividade científica, causando impactos negativos, principalmente no tocante à responsabilidade social do cientista, gerando, segundo Gingras⁷, consequências mais severas nos países periféricos que tendem a nortear a atividade científica para atender aos critérios estabelecidos pelos países centrais, escolhendo temas de pesquisa de interesse internacional em detrimento aos temas problemas locais, que não têm repercussão internacional. (Reciisv12n4)

Exemplo 9: Nesse sentido, Oliveira aponta que o sistema de avaliação atual, no qual prevalece a lógica mercantilista do “publicar ou perecer”⁶, inviabiliza o exercício da responsabilidade social do cientista, exercício que, segundo o autor, exige uma reflexão sobre as práticas científicas, seu significado e suas consequências sociais. (Reciisv12n4)

No exemplo 6, temos em “naturalmente” um advérbio asseverativo, que reduz o espaço para contestação. Ele reforça tratar-se de uma constatação lógica, uma conta matemática sobre proporção de adultos, com menos nascimentos e menos mortes no grupo populacional. No exemplo 7, a construção “é que” + adjetivo asseverativo (“é certo que”) reforça uma expectativa do leitor sobre a tolerância ser algo positivo: é certo que “a tolerância sinaliza generosidade e aceitação”. No entanto, há dois outros elementos que abrem a possibilidade de negociação de significado: “geralmente”, que indica não se tratar de regra, e a conjunção adversativa em “contudo os aspectos problemáticos da tolerância incluem sua função como forma de permissão”, o que acrescenta um novo olhar ao tema quando se discute o poder que alguém julga ter para aceitar, como exceção, o outro considerado fora das “normas majoritárias da sociedade”.

No exemplo 8, a negociação de significados é favorecida ao se reconhecer que não há um único modo de tratar as questões abordadas no texto. Isso é evidenciado pelos seguintes recursos linguísticos: a conjunção “ou” para oferecer alternância de designação em “produtivismo ou taylorismo acadêmico”, a oração conformativa: “como alguns autores

preferem denominá-lo”, o adjunto: “segundo Gingras” e, ainda, o pronome indefinido “alguns”.

No exemplo 9, igualmente o sintagma conformativo “segundo o autor” e a inclusão de seu sobrenome junto a um verbo que faz a vez de verbo *dicendi* “Oliveira aponta” abrem a possibilidade de incorporação de outros pontos de vista.

Há uma extensa e detalhada subclassificação para o sistema de engajamento, variável segundo os autores consultados e a edição do modelo teórico, por exemplo, em White (2004), Martin e White (2005), Martin e Rose (2007), Vian Jr. (2010), Ninin e Barbara (2013). Nesta tese, a análise se comprometerá com o subsistema de engajamento.

Conforme é indicado na Figura 2, Martin e Rose (2007) destacam os seguintes recursos linguísticos do engajamento para indicar como alinhamentos estão sendo negociados: projeção (*projection*), modalidade (*modality*) e concessão (*concession*). A projeção se refere à incorporação das palavras e/ou de ponto de vista alheio a partir do uso do discurso direto, do discurso indireto, de verbos *dicendi*, de orações conformativas. A modalidade se constitui num espaço semântico entre o sim e o não, que abre espaço para que diferentes pontos de vista sobre uma questão possam circular e ser negociados. Ela engloba, segundo os autores, os aspectos de usualidade, probabilidade, inclinação e habilidade/capacidade e se realiza especialmente por verbos e adjuntos modais. A concessão lida com a expectativa e a contraexpectativa do interlocutor e se realiza, por exemplo, por meio de conjunções, advérbios e marcadores, tais como *é certo que, naturalmente, finalmente; apesar, embora, no entanto*.

As decisões tomadas pelo autor de um texto a respeito de enunciados monoglóssicos e/ou heteroglóssicos revelam seu posicionamento, sua maior ou menor responsabilidade sobre o que enuncia, e antecipam a reação do leitor, de maior ou menor adesão ao enunciado. Por isso, monoglossia e heteroglossia são intimamente ligados ao conceito de dialogia de Bakhtin, por considerar o outro a quem a palavra se dirige e o efeito que se quer alcançar nele.

Na perspectiva da LSF, a metafunção interpessoal contempla, além do sistema de avaliatividade, o sistema de negociação, pelo qual podemos evidenciar aspectos da interação. A negociação (*negotiation*) é um sistema semântico interpessoal pelo qual os seres humanos assumem e atribuem papéis uns aos outros ao longo da interação e pelo qual os movimentos de alternância podem ser organizados (MARTIN; ROSE, 2007).

Uma primeira observação a se fazer é sobre a maior visibilidade dos movimentos de alternância de turno na modalidade oral do que na escrita. Conforme pontuam Martin e Rose (2007), nas interações face a face, interlocutores podem ter retorno visual e/ou auditivo e

acompanhar a iminência de uma resposta. Entendo que tais observações se estendem a interações síncronas e assíncronas, quer na modalidade oral, quer na escrita.

Em qualquer interação, seja escrita ou falada, mesmo que não haja mudança de turno, o interlocutor pode ser invocado, como bem ressaltam os autores. É o caso, por exemplo, de orações, de discursos públicos, como discursos de posse e conferências, e de inúmeras interações que se dão pela escrita, como cartas, colunas e editoriais, objeto desta tese. O discurso escrito pode imitar o diálogo para efeito retórico, mesmo que não haja direito à ou possibilidade de réplica, pelo menos imediatamente. Martin e Rose (2007, p. 301, tradução nossa) destacam que “Tecnologias, como a escrita, permitem vários graus de interatividade em um *continuum*”. O sistema de negociação oferece recursos para alternância de turnos, para fazer declarações, saudações, chamamentos, perguntas, ofertas, comandos, entre outros atos, segundo os autores.

Outro ponto a destacar é a maneira pela qual os interlocutores – por exemplo, autor e leitor – se fazem presentes no texto. A partir de recursos linguísticos listados por Martin e Rose (2007) e Lucélio Aquino (2010, 2013), considero que os principais recursos para evidenciar os interlocutores são o sujeito (como sintagma nominal ou desinência verbal), os pronomes pessoais, as formas de tratamento, as nominalizações que fazem as vezes de pessoa discursiva, os vocativos, as saudações e as frases não declarativas.

Aquino (2010, 2013), para evidenciar interação, autoria e envolvimento no gênero editorial de jornal, usa os seguintes recursos interpessoais da linguagem: sujeito, pronomes possessivos e de tratamento, auxiliares modais e interrogações. Já Daniela Rodrigues (2017), para sinalizar a interpessoalidade nos discursos de posse presidencial, analisa vocativos, formas de endereçamento, expletivos, seleção lexical e linguagem formal e informal. Conforme a autora, a seleção lexical pode marcar pertencimento a um grupo, por exemplo, com o uso de léxico especializado e gíria.

Os estudos de Aquino (2010, 2013) e de Rodrigues (2017) abordam tais recursos como pertencentes ao sistema de envolvimento, um dos três sistemas semântico-discursivos da LSF, ao lado de avaliatividade e negociação, em conformidade com a obra de Martin e White, publicada em 2005. Em obra posterior, Martin e Rose (2007) reelaboram a teoria e estabelecem apenas dois sistemas relacionados à metafunção interpessoal: avaliatividade e negociação, tal como se faz nesta tese. Sendo assim, a palavra envolvimento, empregada ao longo desta pesquisa, carrega o sentido geral da língua, como equivalente a participação e a presença; não se trata de categoria do sistema semântico-discursivo da edição de Martin e White (2005).

Na Figura 3, reúno algumas possibilidades de recursos linguísticos do sistema de negociação, que interessa aqui por ser, dentro do arcabouço teórico da LSF, o sistema que melhor evidencia os recursos linguísticos para perceber a interação no nível do estilo no gênero escolhido para análise nesta tese. Tais recursos evidenciam como as pessoas interagem em situações de uso da linguagem, em especial, quanto ao relacionamento que constroem de maior ou menor proximidade, intimidade e até exclusão, estando ligados, portanto, à relação de solidariedade no discurso.

Figura 3 - Sistema de negociação e possibilidades de recursos linguísticos



Fonte: A autora, 2021, adaptado de Aquino (2010, 2013), Rodrigues (2017) e Martin e Rose (2007).

Eis alguns excertos do *corpus* desta tese que evidenciam essa interação:

Exemplo 10: A RECIIS encerra o ano de 2009 com a publicação de um conjunto de textos que, uma vez mais, testemunham a riqueza temática e a abrangência e complexidade da agenda de pesquisa no campo da Ciência, Tecnologia & Inovação em Saúde o que, por seu turno, propicia a abertura de espaços para leituras interdisciplinares de informação e comunicação (I&C). (Reciisv3n3)

Exemplo 11: Com alegria apresentamos mais um ano de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. (HCSMv26n1)

Exemplo 12: Gostaria que you sentisse o mesmo prazer que experimentamos ao saber que a qualidade de nossa revista é atestada por indexadores de periódicos científicos de reconhecido prestígio nos meios acadêmicos. (HCSMv3n1)

Exemplo 13: Caros leitores, (HCSMv26n1)

Exemplo 14: A todos uma boa leitura e um 2018 mais auspicioso! (HCSMv24n4)

No exemplo 10, temos um caso de nominalização: o uso do nome da revista (Reciis) equivale a usar a 1ª. pessoa do plural, como vemos no exemplo 11 (“apresentamos”) e no 12 (“experimentamos”). Usar a nominalização ou a 1ª pessoa discursiva é sinal de participação do autor numa estrutura dialógica, de interação entre autor e leitor, à semelhança da estrutura básica de uma conversa.

O endereçamento expresso com o vocativo “caros leitores” no exemplo 13 também é uma estratégia de envolvimento, assim como o direcionamento explícito ao leitor com a forma de tratamento “você” no exemplo 12. No exemplo 14, há uma frase exclamativa: uma saudação final de encerramento do texto com votos de boa leitura e desejos de um feliz ano novo.

Os recursos linguísticos da metafunção interpessoal foram isolados aqui apenas para exemplificação. Juntos eles constroem um efeito de sentido no texto e constroem uma relação entre os participantes do ato interativo. Os recursos dos sistemas semântico-discursivos de avaliatividade e de negociação permitem negociar significados, construindo relações de poder ou de solidariedade nas interações.

Segundo Martin e Rose, os recursos de avaliatividade, que incluem atitude, engajamento e gradação, estabelecem o tom ou o humor do discurso, que, por sua vez, definirá “o tipo de comunidade que está sendo criada em torno de valores compartilhados” (MARTIN; ROSE, 2007, p. 59, tradução nossa). Sendo assim, a avaliatividade é um recurso central para negociar significados. Nas palavras dos autores, ela é “um grande recurso para construir comunidades de sentimento” (MARTIN; ROSE, 2007, p. 63, tradução nossa).

Nesta tese, o aspecto interpessoal da linguagem, examinado por meio dos sistemas semânticos de avaliatividade e de negociação, serve à análise do estilo, correspondendo às categorias 12 a 14 da análise qualiquantitativa do *corpus* (veja-se o item 4.1.3).

Após tratar das questões de linguagem que norteiam esta tese, no capítulo seguinte, cabe examinar o gênero editorial.

2 EDITORIAIS: CARACTERIZAÇÃO GERAL

Neste capítulo, direciono o olhar especificamente para os estudos sobre o gênero editorial: o que se sabe sobre sua origem, em que esferas da atividade humana ele se insere, quais são suas características mais marcantes ou esperadas, de modo a aumentar nossa compreensão sobre o objeto de estudo desta tese. Trago conceitos da comunicação científica e do periodismo científico para iluminar a esfera científica, onde nascem e circulam os editoriais aqui estudados, a fim de aperfeiçoar o entendimento de sua configuração, das relações que se estabelecem por eles, das expectativas e forças coercitivas que neles são projetadas. A partir disso, sistematizo elementos caracterizadores do gênero, capazes de explicar possíveis diferenças de características e de funcionamento dos editoriais no ambiente jornalístico e no científico, a saber: esfera da atividade humana, suporte, localização, natureza, propósito comunicativo, ponto de vista, assinatura, autoria, tema, público-alvo, autonegação, relevância atribuída entre a comunidade, frequência de publicação e aspectos estilísticos, tais como impessoalidade, tom, formalidade, e aspectos visuais.

2.1 Os editoriais nos estudos sobre linguagem e os estudos sobre editoriais: breve distinção

Antes de examinar as características mais ressaltadas por diversos estudiosos sobre os editoriais, cabe uma breve distinção sobre os estudos em editoriais e os estudos sobre editoriais, isto é, os que os elegeram como *corpus* para análise de algum fenômeno linguístico e os que se debruçaram sobre os editoriais para explicitar suas características, em especial, as relacionadas aos aspectos que interessam a esta tese: tema, composição e estilo.

Em diversos estudos das ciências da linguagem, os editoriais são tomados como *corpora* para análise de algum fato linguístico. Esses foram os tipos de estudos mais encontrados a partir da busca por referências sobre editoriais na Base de Dados de Teses e Dissertações (BDTD) e na coleção SciELO. Exemplos das questões investigadas foram:

- a) autoria: suas marcas em editoriais de jornais e de revistas jornalísticas, na dissertação de Mariana Rosa Medeiros Chagas (2010); marcas de autoria, interação e envolvimento em editoriais de revistas de informação, nos estudos de Lucélio Dantas

- de Aquino (2010, 2013) e a autoria institucional em editoriais de jornal, no artigo de Francisco Alves Filho (2006);
- b) argumentação: por exemplo, estratégias argumentativas e operadores argumentativos, respectivamente, nas dissertações de Adriana Cristina da S. Valencio Campos (2008) e de Tatiane Silva Ribeiro (2013);
 - c) modalidade: por exemplo, nos estudos de Magda Bahia Schlee (2006, 2008);
 - d) transitividade e construção de opinião no gênero editorial de jornais, revistas de informação e revistas temáticas, na tese de Maria Medianeira de Souza (2006);
 - e) avaliatividade: subsistema de julgamento e de engajamento, respectivamente nos estudos de Sumiko Nishitani Ikeda (2010) e de Anna Elizabeth Balocco (2010).

Alguns desses estudos vinculam mais fortemente o fenômeno estudado ao gênero, como, por exemplo, fazem Alves Filho (2006) e Souza (2006). Há ainda outras pesquisas nas quais o próprio editorial é objeto de estudo. Nessa categoria, destaco os que trazem

- a) uma perspectiva histórica, como na tese de Suelen Sales da Silva (2011) em que o percurso histórico do editorial jornalístico do século XX, a partir das cartas de redatores do século XIX, é observado;
- b) uma perspectiva comparativa entre editoriais de veículos de comunicação diferentes, como se vê na dissertação de Maria Helena Gomes Naves Vieira (2009), em que se investiga se editorial de jornal e editorial de revista podem ser categorizados como gêneros distintos; e no artigo de Camila Pelizari, Eliana Barros e Gabriela Mafra (2019) no qual as autoras defendem que editorial e carta ao leitor/carta do editor são gêneros distintos, que podem ocorrer em jornais e revistas;
- c) um exame do próprio gênero – sua estrutura, sua dinâmica, seus propósitos comunicativos, que se encontra, por exemplo, na pesquisa de Alves Filho (2010), no qual a dinâmica entre elementos de estabilidade e de instabilidade na configuração de editoriais de jornais é examinada para entendê-los melhor; no artigo de Annik Dubied e Marc Lits (1996) em que se discute se o editorial de jornal é um gênero ou uma posição discursiva a partir de exemplares da imprensa francesa e belga; no artigo de Cíntia Regina de Araújo (2007) no qual se procura descrever e analisar a situação de comunicação e os aspectos estruturais do gênero editorial jornalístico; no artigo de Omar Sabaj e Cristian González (2013) em que se analisam os propósitos comunicativos em editoriais de revistas científicas da coleção SciELO Chile.

No âmbito dos estudos de gênero e de comunicação científica, são poucas as pesquisas encontradas sobre editoriais de revista científica. Um estudo bastante relevante para o desenvolvimento desta tese, pela extensão do *corpus* analisado, pelo tópico estudado e pela sistematização objetiva dos resultados, foi o dos professores de didática do discurso científico Sabaj e González (2013). O objetivo deles foi “o estudo do discurso do editor das revistas científicas, que se expressa em diferentes classes textuais [...] [agrupadas] aqui sob o rótulo de ‘gênero editorial’” (SABAJ; GONZÁLEZ, 2013, p. 64, tradução nossa).

Outras fontes relevantes para a investigação proposta aqui foram as contribuições de áreas como a Comunicação, em especial o jornalismo, trazidas pelos próprios autores de linguística, e também as de áreas tidas como mais distantes da linguagem, como, por exemplo, a Ciência Política (MONT’ALVERNE, 2017), a Enfermagem (DIAS; MONTICELLI; NAZÁRIO, 1998), a Educação (RODRIGUES, 2018), e a Educação Física (STIGGER; FRAGA; MOLINA NETO, 2014), com estudos cujos autores usaram editoriais como fonte documental. Cheguei a tais textos a partir de buscas na BDTD e na base SciELO, além da minha atuação na área de comunicação científica.

Seja com um enfoque no fato linguístico ou no próprio gênero, nos levantamentos efetuados há maior número de estudos dedicados aos editoriais na esfera jornalística, comparativamente àqueles que tratam desses textos na científica, até pela anterioridade da imprensa em relação ao periodismo científico. O editorial é, sem dúvida, um gênero marcadamente do ambiente jornalístico, mas não exclusivo dele. É com base nessas pesquisas que sistematizarei os principais elementos atribuídos aos editoriais, permitindo que autores e leitores produzam e reconheçam um texto como editorial (seção 2.3).

No Quadro 3, apresento uma síntese dos *corpora* de editoriais investigados pelos autores citados nesta tese, a fim de facilitar a correspondência das afirmações feitas por eles, que servem de parâmetro de comparação com o meu *corpus*.

Quadro 3 - Correspondência entre autores citados sobre editoriais e *corpus* de investigação¹⁹

	Jornais	Revistas	Periódicos científicos (continua)
Alves Filho (2010)	<i>Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Dia, O Jornal, Zero Hora</i>		
Aquino (2010, 2013)		<i>Época, Veja</i>	
	Jornais	Revistas	Periódicos científicos

¹⁹ A informação sobre recorte temporal foi incluída entre parênteses quando explicitada nas fontes.

			(conclusão)
Araújo (2007)	<i>Diário da Tarde, Estado de Minas, Folha de S. Paulo, Hoje em Dia, Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo, O Globo</i>		
Balocco (2010)	<i>Folha de S. Paulo, O Globo</i>		
Campos (2008)	<i>O Globo</i>		
Chagas (2010)	<i>Folha de S. Paulo, O Globo,</i>	<i>Época, Isto é</i>	
Dias, Monticelli, Nazário (1998)			<i>Revista Brasileira de Enfermagem (1971-1985)</i>
Dubied, Lits (1997)	<i>Le Monde, Le Nouvel, Observateur, Libération (1996)</i>		
Ikeda (2010)	<i>Folha de S. Paulo</i>		
Mont'Alverne (2017)	<i>Folha de S. Paulo, O Estado S. Paulo (2011-2013)</i>		
Pelizari, Barros, Mafra (2019)	<i>Folha de Londrina, O Estado de São Paulo (2018)</i>	<i>Isto é, Veja, Aventuras Históricas, Galileu, Gol, Mundo Estranho, Saúde, Super Interessante, Todateen (2018)</i>	
Ribeiro (2013)	<i>O Globo</i>		
Rodrigues (2018)			<i>Educação e Sociedade (1978-1996)</i>
Sabaj, González (2013)			72 periódicos da Coleção SciELO Chile (2002-2008)
Schlee (2006, 2008)	<i>Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo, O Globo (2004, 2006)</i>		
Silva (2011)	<i>Correio da Manhã (1901, 1924), Diário da Noite (1960), Jornal do Brasil (1940, 1952, 1961, 1975), O Fluminense (1924, 1987), O Globo (1999)</i>		
Souza (2006)	<i>Folha de S. Paulo; Jornal do Comércio, Folha de Pernambuco (2003)</i>	<i>Época, Veja Todateen, Uma (2003)</i>	
Stigger, Fraga, Molina Neto (2014)			<i>Revista Movimento (1994-2012)</i>
Vieira (2009)	<i>Estado de Minas, Folha de S. Paulo, O Globo (2007-2008)</i>	<i>Veja, Casa Cláudia, Nova, Super Interessante, Todateen (2007-2008)</i>	

Fonte: A autora, 2021.

Os estudos mencionados nesse quadro, que serviram de fundamentação teórica para esta tese, abarcam uma grande variedade de veículos de publicações e uma extensão no tempo que cobre mais de um século. São, pelo menos, 18 jornais, 10 revistas e 75 periódicos científicos, publicados entre 1901 e 2018. Julgo que essa amplitude me permite tomar o universo por eles analisado como fonte de comparação para o estudo aqui desenvolvido. Esse universo encontrado levou-me à seguinte categorização que, por vezes, uso para comparação com os editoriais em periódico científico:

a) editoriais de jornais, tais como: *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *Diário de Pernambuco*, *Estado de Minas*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Fluminense*, *O Estado de São Paulo*, *Hoje em Dia*, *Diário da Tarde* (VIEIRA, 2009; SOUZA, 2006; SILVA, 2011; ARAÚJO, 2007);

b) editoriais de revistas jornalísticas ou de informação, tais como: *Veja*, *Isto é*, *Época* (VIEIRA, 2009; SOUZA, 2006; AQUINO, 2013);

c) editoriais de revistas temáticas, nos quais incluí os editoriais de revistas de decoração (*Casa Cláudia*), os de revistas de divulgação científica (*Super Interessante*, *Galileu*) e os de revistas femininas (*Nova*, *Uma*) e adolescente (*Todateen*) (VIEIRA, 2009; SOUZA, 2006).²⁰

2.2 A origem do editorial e a do periódico científico

De acordo com Bazerman (2011) e Silva (2011), os editoriais têm na carta seu gênero fundador. Seguindo a terminologia do Círculo de Bakhtin, a carta é um gênero secundário, que foi se complexificando consoantemente às práticas de interação de uma comunidade. Conforme pontua Bazerman (2011), ao longo da história da humanidade, a carta possibilitou

²⁰ Reconhecemos que há pequenas imprecisões no terceiro grupo entre tema, público e finalidade que poderiam receber mais refinamento. O público altamente segmentado, como no caso das revistas para mulheres adultas e para meninas adolescentes, leva à pressuposição de que esse público específico selecionaria temas culturalmente associados ao universo feminino, como os citados por Souza (2006, p. 26, 100, 113): moda, beleza, paixão, amor – com variações de namoro e primeiro beijo, para o público adolescente –, vida doméstica e saúde. Divulgação científica poderia ser entendida como finalidade. Bastos (2019) compõe seu *corpus* com revistas voltadas para divulgação científica de caráter temático, por exemplo, psicologia, psiquiatria, filosofia e direito (*Psique Ciência e Vida*, *Filosofia Ciência e Vida*, *Visão Jurídica*) e não temático (*Super Interessante* e *Galileu*).

De toda forma, esse terceiro grupo de publicações da esfera jornalística compartilha várias características as quais o distanciam dos dois primeiros grupos e, por vezes, o aproximam do gênero editorial da esfera científica que tem como suporte o periódico científico, como explicitaremos ao longo deste capítulo.

manter relações pessoais a distância; manter laços de comunidade entre grupos afastados geograficamente, como no uso das cartas para pregação religiosa; tratar de assuntos administrativos; tratar de negócios, entre outros usos. Como gênero fundador, ela serviu para tipificação de inúmeros outros, amplamente praticados no mundo atual e extremamente diversificados. São exemplos comentados por Bazerman (2011, 2015): carta de patente, relatório de acionista, artigo científico, romance, encíclica papal, ata de condomínio, memorando, carta de crédito, letra de câmbio, cédula etc. Para o autor, “pelo menos, três principais tipos de escrita que floresceram na cultura impressa parecem ter alguma conexão com a carta: o jornal, a **revista científica** e o romance.” (BAZERMAN, 2011, p. 101; grifos nossos).²¹

Para o autor, a carta está na gênese do próprio suporte – os periódicos científicos – e de gêneros ali publicados, como o editorial. Bazerman (2011) sinaliza que os periódicos científicos nasceram da comunicação por cartas entre os cientistas no intuito de trocar informações sobre suas investigações:

O famoso artigo de Newton de 1672, “A new theory of light and colours”, apareceu sob a forma de carta, que antes tinha sido lida durante uma reunião da Royal Society. Um controvérsia surgiu sobre essa teoria, gerando cartas entre inúmeros correspondentes, aos quais Newton respondeu regularmente. Muitas dessas correspondências, escritas para os leitores do periódico foram publicadas durante os próximos cinco anos na *Philosophical transactions*. (BAZERMAN, 2011, p. 103)

Sendo assim, desde o século XVII os periódicos científicos têm tido papel relevante no acesso à informação científica e no compartilhamento do conhecimento em construção pela humanidade. A comunicação é tida como parte do processo de produção da ciência. Pelo poder de síntese e clareza das ideias, a abertura do prefácio de *Comunicação científica*, de Arthur J. Meadows (1999) é exaustivamente citada:

A comunicação situa-se no próprio coração da ciência. É para ela tão vital quanto a própria pesquisa, pois a esta não cabe reivindicar com legitimidade este nome enquanto não houver sido analisada e aceita pelos pares. Isto exige, necessariamente, que seja comunicada. (MEADOWS, 1999, p. ix)

Uma dessas formas de comunicação se dá por meio dos periódicos científicos. Há uma distinção clássica nos estudos de comunicação científica²² entre canais de comunicação

²¹ Talvez Bazerman estivesse pensando em tipo de escrita como esfera jornalística, científica e literária.

Conforme os ensinamentos de Marcuschi (2008) sobre suporte e gêneros, a afirmativa de Bazerman estaria mais precisa se considerasse que a reportagem, o artigo científico e o editorial, que podem ter o jornal ou a revista como suportes, têm conexões com a carta.

²² A definição clássica de comunicação científica é “todo espectro de atividades associadas com a produção, disseminação e uso da informação, desde a busca de uma ideia para pesquisa, até a aceitação da informação sobre os resultados dessa pesquisa como componente do conhecimento científico” (Garvey, 1979, p. ix apud PINHEIRO, 2012, p. 117).

formal e informal, proposta no livro *Communication: the essence of Science* (COSTA, 2000).²³ Seus proponentes sistematizam um modelo para o fluxo da comunicação científica, que é referenciado até hoje e recebe adaptações, de acordo com as constantes mudanças no âmbito da comunicação, derivadas especialmente do desenvolvimento de novas tecnologias de informação e de comunicação. De acordo com essa classificação, os periódicos científicos são exemplos de canais formais de comunicação e são, junto com a formação das sociedades e associações científicas, sinais da institucionalização da ciência (PINHEIRO; 2012; FREITAS, 2005; GOMES, 2010).

Essa infraestrutura da comunidade científica começou a se materializar como um sistema formal de comunicação científica no século XVII, quando surgiram as primeiras revistas científicas na Europa. Na França, em janeiro de 1665, nasceu o *Journal des Sçavans*, com um escopo amplo:

catalogar e resumir os livros mais importantes publicados na Europa, fornecer obituários de pessoas eminentes, descrever os desenvolvimentos da ciência e de tecnologia, registrar as principais decisões legais, e genericamente abranger todos os tópicos de interesse dos homens de letras. (MEADOWS, 1999, p. 6)

Muitos desses intuitos encontram eco ainda hoje nos editoriais, conforme vemos no estudo de Sabaj e González (2013). No entanto, o periódico parisiense não conseguiu manter esse caráter genérico por muito tempo e, em sua retomada, após a Revolução francesa, centrou-se em literatura (FIORAVANTI, 2015). Na Inglaterra, em março de 1665, surgiu o periódico já mencionado por Bazerman, a *Philosophical Transactions of Royal Society of London*, cujos primeiros editores foram Denis de Sallo e Henry Oldenburg. O periódico inglês focava na filosofia natural, e seus editores foram os responsáveis pela introdução da avaliação por pares (*peer review*),²⁴ procedimento fundamental na publicação de artigos na atualidade, ao lado de parâmetros como indexação em base de dados – por exemplo, SciELO, Scopus, Web of Science –, fator de impacto e estrato da revista no Qualis Periódicos. Segundo Charles Pessanha (2017, p. 605), a *Philosophical Transactions* forneceu o modelo para os periódicos científicos contemporâneos ao inaugurar “os conceitos de prioridade científica e arbitragem pelos pares”.

²³ Os proponentes são William D. Garvey e Belder Griffith, no capítulo Communication and information processing within scientific disciplines: empirical findings, no livro de William Garvey, *Communication: the essence of science*. Oxford: Pergamon Press, p. 127-147, 1979.

²⁴ Modelos de avaliação por pares estão continuamente em discussão, por exemplo, duplo cega, simples cega, aberta. Mas a discussão e a validação do conhecimento por membros da comunidade científica continuam no cerne da produção e comunicação do conhecimento científico.

No século XVII, conforme Meadows (1999, p. 7), “os canais existentes para a comunicação da ciência – principalmente orais, correspondência pessoal e livros – foram suplementados, estendidos e, até certo ponto, substituídos por um novo canal formal: os periódicos”. Desde aquela época, as mudanças na comunicação da ciência continuam a acontecer, com maior ou menor velocidade. O surgimento da internet e dos periódicos eletrônicos (MUELLER; PASSOS, 2000), o uso de mídias sociais e o movimento pela ciência aberta certamente estão entre as mudanças que influenciam em novos dispositivos tecnológicos, novas dinâmicas informacionais e comunicacionais, e em novos papéis dos atores da comunicação científica, propiciando formas de interação entre a comunidade científica, para além dos periódicos científicos.

Segundo Mueller (2006, p. 30): “a íntima relação entre comunicação científica e comunidade científica fica clara na afirmação de Lyman: o sistema de comunicação científica é a infraestrutura da comunidade científica”.

Em posições diversas, integram o sistema de comunicação científica autores, editores, leitores, pareceristas, órgãos de financiamento, de avaliação e de publicação, além de bases indexadoras. No Brasil, são atores importantes, indutores da produção e avaliação da ciência, os órgãos de financiamento à pesquisa e de formação de pessoal, como o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e a Capes, além de programas como o SciELO. Outro ator relevante nesse cenário, pela atuação no desenvolvimento dos periódicos científicos, incluindo o aprimoramento das equipes editoriais, é a Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC-Brasil). Nesta tese, Capes e SciELO têm destaque pelo selo de reconhecimento que imprimem aos periódicos do *corpus* e pelo fato de a atuação da SciELO reverberar na constituição do gênero editorial, como será demonstrado.

A avaliação atribuída pela Capes, o Qualis Periódicos, é um componente central no sistema de comunicação científica no Brasil. Ele se refere a um conjunto de procedimentos para avaliação da qualidade dos periódicos científicos que disseminam a produção dos programas de pós-graduação brasileiros. Seu resultado é uma lista com a classificação das revistas, apurada quadrienalmente, segundo critérios pré-estabelecidos e variáveis, conforme a área do conhecimento.²⁵ Os estratos são agrupados com conceitos A, B, C e D e com ranqueamento com algarismos que podem variar de 1 a 4. Em cada área de conhecimento, há uma definição, calculada estatisticamente, que estabelece as revistas mais bem avaliadas

²⁵ A classificação ainda vigente em dezembro de 2021 é a do Qualis 2013-2016. A classificação do quadriênio seguinte (2017-2021), ainda não divulgada, se dará por um novo modelo de cálculo e pela atribuição de um único conceito independentemente de área, o que se convencionou chamar de Qualis único. Essa mudança e a maneira como tem sido conduzida são objetos de discussão intensa na comunidade científica brasileira.

como A1, A2, B1, B2, B3. Como critério comum, as revistas mais bem conceituadas numa comunidade estão nos níveis A e B, e as do nível A se enquadram em padrões de circulação internacional.

Essa classificação tem impactos significativos na carreira dos pesquisadores e na sustentabilidade da revista. Há aspectos imateriais, isto é, de prestígio acadêmico, de que gozam pesquisadores e revistas a partir da classificação recebida; por vezes, também há aspectos materiais, com consequências financeiras para ambos. Entre tais aspectos estão, por exemplo, a possibilidade de autores terem progressão funcional ou promoção de carreira, credenciarem-se em programas de pós-graduação, submeterem-se a bolsas de pesquisa e, analogamente, há a possibilidade de as revistas concorrerem a editais de fomentos para publicações. Trata-se de um assunto bastante controverso e mobilizador da comunidade científica. Até os dias de hoje, é absolutamente realista a afirmação de Muller e Passos (2000, p. 19), de que “os periódicos bem-conceituados desempenham [papel importante] na fabricação da ciência e na carreira dos cientistas”.

Assim como a classificação da Capes, outro sinal de reconhecimento da qualidade dos periódicos científicos no Brasil é o pertencimento à SciELO. A Scientific Electronic Library Online é um programa de cooperação científica que se dedica a desenvolver metodologia de publicação de obras científicas e disseminação de resultados de pesquisa, bem como a estruturar uma base de indicadores bibliométricos para gestão do fluxo da comunicação científica nacional e regional a fim de fortalecer a produção científica de países em desenvolvimento (PACKER et al., 2014). Ao longo dos anos, a SciELO tem se colocado cada vez mais como um indexador internacional; tem sido uma grande vitrine para as revistas científicas e um grande impulsionador de profissionalização, visibilidade e internacionalização das revistas brasileiras. Ela atua de forma ampla e variada na comunicação científica, a partir das linhas prioritárias de ação que define. Por exemplo, no período 2014-2018, o foco foi “profissionalização, internacionalização e fortalecimento da sustentabilidade financeira”, o que teve impacto, por exemplo, nos processos de editoração e publicação, com adoção de formatos de publicação que favorecessem a disseminação da informação (PACKER; MONTANARI, 2014). Para os anos de 2019-2023, as forças atuais de mudança da SciELO imprimem a direção da ciência aberta (SCIELO, 2021). A atuação da SciELO inclui estímulo ao debate, promoção de eventos e criação de infraestrutura, de modo a impulsionar diversas iniciativas, entre elas, disponibilização de dados, uso de *preprints*, prática da revisão aberta, criando seus próprios tensionamentos com a comunidade científica.

Os empreendimentos desse programa englobam hoje em dia a Coleção SciELO, um portal no qual se publicam, de acordo com regras e modelo próprio, textos completos de periódicos científicos de acesso aberto,²⁶ o SciELO Livros, o SciELO Data e o SciELO Preprints. A variação de gênero – o SciELO, a SciELO – tem a ver com a referência ao programa SciELO, à rede SciELO, à Coleção, ao portal ou à biblioteca eletrônica, conforme o aspecto a que se quer referir, tantos são os braços da SciELO.

Para ingresso na Coleção SciELO, há critérios que devem ser seguidos e que são julgados por um comitê científico com integrantes eleitos das áreas de Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências da Saúde, Linguística Letras e Artes. Participam também desse comitê outros atores relevantes no cenário nacional – a já mencionada ABEC-Brasil, o CNPq, a BIREME²⁷ (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde) e a Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp).

Devido a suas exigências quanto ao fluxo editorial, à composição do corpo editorial, ao atendimento de boas práticas de comunicação da ciência, o ingresso na SciELO torna-se um dos indicadores de qualidade das revistas, consoante o modelo preconizado. Isso garante credibilidade na comunidade científica e é altamente valorizado pelas próprias equipes dos periódicos, pelas agências de fomento, em especial a Capes, que também estabelece seus próprios critérios para a classificação de revistas científicas.

Sendo assim, muitas vezes os próprios editais para financiamento de publicação de periódicos já estabelecem como pré-requisito a indexação da revista na SciELO, o que acaba levando a uma dupla seleção ou exclusão, conforme sinaliza Sandra Hayashida (2012). Quem integra a coleção tem mais oportunidades de financiamento; por outro lado, um investimento considerável é necessário para que as revistas consigam manter a publicação em dia e custear diversos serviços, entre eles os de revisão e tradução de textos, o uso de *software* de detecção de similaridade, a atribuição de identificador de objeto digital persistente, a publicação em formatos específicos, de modo a atender critérios de interoperabilidade, e a presença em mídias sociais. Com menos oportunidades de financiamento torna-se mais difícil para muitas

²⁶ Em 2021, a coleção de periódicos abrange diversos países: Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Colômbia, Bolívia, Costa Rica, Cuba, México, Peru, Portugal, Espanha, África do Sul, Equador, Paraguai, Equador e, em desenvolvimento, Índias Ocidentais, Venezuela.

²⁷ BIREME corresponde à sigla de Biblioteca Regional de Medicina, nome original do Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, pertencente à Organização Mundial de Saúde, que, em parceria com a Fapesp, desenvolveu um projeto-piloto que colocou em funcionamento o SciELO em 1998, num contexto em que tanto a tecnologia para publicação *online* quanto a aceitação dos periódicos eletrônicos por parte da comunidade científica eram incipientes (BIREME, s.d.; PACKER et al., 2014).

revistas conseguirem fazer frente a despesas para atender aos requisitos da SciELO e candidatarem-se à indexação, que, entre diversas outras vantagens, abrirá a possibilidade de financiamento.

Logo, para algumas revistas, estar indexada ou não na coleção SciELO tem impacto não só no grau de prestígio acadêmico, mas também na sobrevivência editorial e financeira. Estando na SciELO, a revista tende a receber mais submissões de textos por parte dos autores e, conseqüentemente, tem mais poder de escolha do que publicar, o que leva a pressupor que publica textos melhores. A revista tende também a ter mais visibilidade e mais leitores. Seus textos se integram a outras bases de indexação regionais e internacionais. Todo esse movimento garante sua vida como veículo de disseminação do conhecimento. Integrando a coleção, o periódico atende a determinados requisitos de editais de financiamento para publicações, garantindo sua existência do ponto de vista financeiro.

Essa cadeia de fatos me leva a pensar no peso que as diretrizes da SciELO têm como mantenedoras de padrões considerados científicos em determinada época e como indutoras de transformação na comunicação científica. Quais são os padrões, mudanças, adaptações que editores devem cumprir para ingressar e manter-se nessa coleção? Quanto ao gênero analisado nesta pesquisa, há orientações específicas para a publicação de editoriais? De que forma eles são valorizados ou não?

Os documentos que explicitam critérios para admissibilidade e permanência na SciELO (SCIELO, 2004, 2010, 2014, 2017, 2020) são referências para responder a essas perguntas. Além de todas as orientações sobre política e gestão editorial das revistas, que determinam ou não a sua inclusão na coleção, esses documentos também indicam quais “tipos de documentos [...] serão indexados, publicados e incluídos nas métricas de desempenho do SciELO” (SCIELO, 2020, p. 38), o que relaciono com a hierarquia de gêneros na comunicação científica (seção 1.2). Sobre editoriais, os documentos abordam questões de tema e organização composicional, além de autoria, elementos constituintes do gênero, conforme a perspectiva teórica aqui adotada. Tais questões serão comentadas em 2.3, junto com as orientações de obras de referência do jornalismo e constatações dos estudos empíricos, com vistas a responder o que se espera de um editorial, como se imagina que ele deva ser a partir da perspectiva de um ator hegemônico na cadeia de comunicação científica no Brasil.

Nas palavras de Mueller (2006, p. 27), “a comunidade científica concedeu às revistas indexadas e arbitradas (com *peer review*) o *status* de canais preferenciais para a certificação do conhecimento científico e para a comunicação autorizada da ciência”. Sendo assim, cabe lembrar que, na configuração que temos nos anos 2020, uma revista científica é uma

publicação periódica produzida por uma instituição de ensino ou pesquisa, ou por uma sociedade científica, destinada a estudantes, pesquisadores e profissionais de determinada área. É uma publicação destinada a especialistas, pesquisadores. Portanto, difere da revista de divulgação científica – como a *Ciência Hoje* e a *Super Interessante*, dentre outras – que trata de temas científicos para um público leigo, aproximando-se do discurso jornalístico.

Esses dois tipos de revistas têm públicos diferentes, objetivos diferentes e, conseqüentemente, contextos de produção e de recepção diferentes. Podem até compartilhar gêneros em comum, por exemplo, editoriais e artigos, mas circulam em esferas diferentes da atividade humana: a jornalística e a científica. Um estudo que examinou a avaliatividade, como forma de interação autor-leitor em artigo de revista de divulgação científica, elucida bem esta diferença. Em sua tese, Maria Ximenes Bastos (2019), afirma:

Enquanto o discurso científico se dirige a seus pares – cientista ou especialista –, o discurso de divulgação tem como destinatário o leitor comum, que pode ou não dominar o tema em questão (2019, p. 24). [...] Enquanto o discurso científico busca, entre outras coisas, validar, comprovar, expor novas teorias, descobertas e até refutar outras já expostas para aqueles que dominam ou têm algum conhecimento da área, o discurso da DC [Divulgação Científica] está interessado em apresentar para o público leigo descobertas científicas relacionadas diretamente à vida cotidiana, explicar o funcionamento de determinado produto recém-lançado ou ainda tratar de fatos curiosos que despertam a atenção do público-geral. (BASTOS, 2019, p. 26)

Essa citação corrobora que aspectos como público, propósito comunicativo, suporte e linguagem têm papel muito relevante na caracterização de gêneros.

2.3 Os editoriais nas esferas jornalística e científica: elementos caracterizadores

Alguns autores constatarem e comentam a **variação** no gênero editorial, seja ao longo do tempo (DUBIED; LITS, 1997; SILVA, 2011), seja entre instituições jornalísticas diferentes (ALVES FILHO, 2010), seja entre suportes e públicos diferentes (por exemplo, revista informativa e revista temática – SOUZA, 2006; CHAGAS, 2010). Ainda assim explicitam que são mantidas características que permitem o seu reconhecimento na comunidade como editoriais.

Seguindo a vertente e a nomenclatura dos estudos bakhtinianos, Alves Filho (2010) trata de pontos de estabilidade e instabilidade nos gêneros, isto é, de forças centrípetas e centrífugas nos gêneros, entendidas como elementos que respondem pela estabilidade/integridade dos gêneros e também possibilitam sua versatilidade/instabilidade,

ainda fazendo com que usuários da língua reconheçam determinado texto como um exemplar daquele gênero. Afirma o autor:

duas forças opostas e aparentemente contraditórias: uma força que regula, normatiza, estabiliza, generaliza, promove recorrência, a qual será chamada aqui de ‘força centrípeta’; e outra que desestabiliza, **relativiza**, **dinamiza**, ‘plasticiza’, **surpreende**, aqui nomeada como ‘força centrífuga’ (ALVES FILHO, 2010, p. 15; grifos nossos).

A possibilidade de me surpreender com os editoriais de revistas científicas, especialmente no seu conteúdo temático e nos traços estilísticos de interação com o leitor, foi justamente um fator motivador para a realização desta pesquisa.

Em razão da variação no gênero editorial, para alguns dos autores estudados (SOUZA, 2006; VIEIRA, 2009; ARAÚJO, 2006), é útil falar em um editorial-padrão, ou prototípico, que seria uma espécie de texto opinativo, de natureza argumentativa, publicado em um jornal, com o ponto de vista da instituição publicadora, sem assinatura. É em relação a esse editorial prototípico que tentarei demonstrar aproximações e/ou distanciamentos dos editoriais em revistas científicas.

A evolução ao longo do tempo, por exemplo, é um aspecto observado por Dubied e Lits (1997), analisando a imprensa diária francesa e belga, e por Silva (2011), observando o percurso da imprensa carioca no século XX. Ambos retomam os editoriais nos veículos estudados como originários das cartas de redator/editor, com variações, ao longo do século XIX e XX. Percebem a possibilidade de maior ou menor tom de engajamento/subjetividade do autor, expresso na primeira pessoa do discurso; de maior propensão ou não a polêmicas; localização física que se fixa na abertura do jornal; tendência à menor frequência de publicação e forte tom institucional.

José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016), em análise de formatos e de gêneros jornalísticos, destacam que há evidentemente surgimento, desaparecimento, alterações nas produções jornalísticas ao longo do tempo, que nem sempre são objeto de reflexão profissional ou de estudo acadêmico. A atividade jornalística – como toda atividade humana – está em constante processo de mudança que se reflete nos gêneros.

Em primeiro lugar, é preciso olhar para a **esfera da atividade humana** em que os editoriais se inserem. Seu *locus* de produção, circulação e consumo (FAIRCLOUGH, 2001) é marcadamente jornalístico (CAMPOS, 2008; RIBEIRO, 2013; IKEDA, 2010; BALOCCO, 2010; CHAGAS, 2010; AQUINO, 2013; ALVES FILHO, 2006, 2010; DUBIED; LITS, 1997; ARAÚJO, 2006; SILVA, 2011; RABAÇA; BARBOSA, 2001; MELO; ASSIS, 2016). Além disso, os editoriais circulam quase exclusivamente no meio jornalístico impresso. A maior

parte dos estudos encontrados sobre editoriais trata justamente de jornais impressos, e poucos sequer mencionam sua existência no suporte revista. Há poucos registros de ampliação do seu universo de origem, como vemos na definição do *Dicionário de Comunicação* (RABAÇA; BARBOSA, 2001), segundo a qual os editoriais são textos do jornalismo impresso (jornais, revistas etc.) e de emissão (TV e rádio). Para Schlee (2006), o meio jornalístico é o de predominância dos editoriais.

Sendo assim, conforme os estudos encontrados, os suportes impressos do meio jornalístico, em especial os jornais e as revistas (SOUZA, 2006), estão tipicamente associados aos editoriais. No entanto, não são as únicas possibilidades, visto que o periódico científico também é um **suporte** para o gênero editorial.

Cabe destacar que cada suporte permite ou favorece o uso de recursos gráficos que influenciam nas características do editorial e na comunicação que se constrói ali com o leitor, por exemplo, em jornais diários, em revistas semanais de notícias e em revistas temáticas. Vieira (2009) propõe que editoriais de jornais e de revistas sejam considerados gêneros diferentes justamente com base no suporte e com as possibilidades multimodais que cada um oferece.

A **localização** do gênero em seu suporte também é elemento relevante para a caracterização do editorial. Dubied e Lits (1997, p. 51) a consideram como um dos três critérios para a caracterização do gênero editorial. Souza (2006) também julga que a localização é um traço constitutivo desse gênero.

Dubied e Lits (1997) observam que o editorial é veiculado num espaço privilegiado da publicação: a coluna esquerda da primeira página do jornal, a partir do século XIX. Souza (2006) também ressalta que o editorial é publicado em lugar privilegiado, nas páginas iniciais. Na mesma linha, Juarez Bahia, estudioso citado no *Dicionário de Comunicação* (RABAÇA; BARBOSA, 2001), destaca a localização do editorial numa página predeterminada e habitual em jornais, e acrescenta que essa página é um espaço nobre de publicação, junto com o expediente do veículo. Cabe lembrar que, conforme Silva (2011) analisa em seu estudo sobre tradições discursivas na imprensa carioca, no início do século XIX o editorial ainda não tinha localização fixa nos jornais. A própria fixação desse gênero em determinado ponto do suporte sinaliza sua evolução.

Associo a localização demarcada no suporte ao comentário de Balocco (2010, p. 42) sobre o funcionamento discursivo dos gêneros por ela estudados (editorial, carta de leitor e coluna de opinião), que

fogem ao ritual jornalístico, cujo suposto objetivo é informar imparcialmente e de forma objetiva [...] estes espaços demarcados servem como suporte para o próprio funcionamento discursivo do jornal, criando a ilusão da natureza “subjéctiva” das opiniões, contrastadas com os “fatos” das outras 43 seções. Por outras palavras, a ilusão da “referencialidade” da matéria jornalística é reforçada pela existência de espaços demarcados, que se constituem fora daquele domínio de “referencialidade” (objetividade, neutralidade, imparcialidade e veracidade das informações).

Para Camila Mont’Alverne (2017, p. 14), “nesse espaço”, que aqui relacionarei também à dimensão física, “os periódicos fazem suas escolhas de temas, perspectivas e personagens abordados de maneira mais livre” do que nas escolhas relativas à composição do conteúdo informativo.

No exame dos editoriais em periódicos científicos, Sabaj e González (2013) também colocam a localização na abertura da revista como um critério identificador do gênero. Todos os textos de abertura das revistas escritos pelo editor, independentemente do rótulo com que foram publicados, foram considerados editoriais pelos pesquisadores chilenos.

Em relação a **natureza** e propósito comunicativo, uma das classificações para gêneros jornalísticos no Brasil mais citadas entre os estudos encontrados (usada, por exemplo, em AQUINO, 2013; ALVES FILHO, 2006; VIEIRA, 2009; SOUZA, 2006; ARAÚJO, 2007) é a proposta por José Marques de Melo,²⁸ segundo a qual o editorial é um exemplar do jornalismo opinativo. A menção ao caráter opinativo também prevalece em Balocco (2010) e Silva (2011), nesta última, como um dos traços de permanência da tradição editorialística na imprensa.

Essa tradição tende a se perpetuar até pela maneira como os profissionais formandos (e também os leitores) vão aprendendo sobre o gênero nos manuais de jornalismo e nas obras de referência do jornalismo (léxicos e dicionários), frequentemente também citados nos estudos acadêmicos.²⁹

²⁸ Melo diferencia gêneros e formatos dentro do jornalismo cujas funções principais são: (i) informativa (de vigilância social, com exemplares atuais como notícia, reportagem, nota, entrevista); (ii) opinativa (de fórum de ideias, de avaliação dos acontecimentos, com exemplares atuais como editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, carta, caricatura); (iii) interpretativa (com papel educativo, esclarecedor, com exemplares como análise, perfil, enquete, cronologia, dossiê); (iv) diversional (de entretenimento); utilitária (para tomar decisões cotidianas, com exemplares, como roteiro, serviço, indicador, cotação) (MELO; ASSIS, 2016). Os gêneros informativo e opinativo são considerados os hegemônicos e surgem, respectivamente, no século XVII e XVIII; os outros três, complementares, são legitimados no século XX, segundo Melo e Assis (2016). Os autores destacam que “seu surgimento e/ou consolidação são sempre respostas às demandas sociais”; gêneros são traduções da vida social, portanto, podemos dizer que este pensamento da área de comunicação se alinha com o de autores da linguística, como Marcuschi (2008), Miller (2015) e Bazerman (2011): os gêneros não são cristalizações formais no tempo, são uma categoria essencialmente sócio-histórica, sempre em mudança.

²⁹ Na trajetória desta pesquisa, por exemplo, os artigos, teses, dissertações e livros consultados mencionaram José Marques de Melo (*Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*), Luiz Beltrão,

Em relação ao aprendizado, cabe mencionar que, na esfera científica, não há, conforme ressalta Lia Fialho (2020), uma profissão específica para atuar na editoria de revista: “Nós vamos nos formando editores”. Editores de periódicos acadêmicos são profissionais de áreas diversificadas, pesquisadores de universidades e de outras instituições que conciliam, em geral, a tarefa da editoria com as de docência e de pesquisa. Manoel Berlinck (2011, p. 423) relata o ingresso na editoria de revista científica como o “início de um interminável aprendizado”. Muito da reflexão de como se tornar editor e de como se atuar nesse papel vem de discussões em eventos, ciclos de formação, depoimentos, entrevistas, alguns publicados, em geral, como relato de experiência, partindo da trajetória pessoal do pesquisador (FIALHO, 2020; BERLINCK, 2011; KNIGHT, 2016; LÓPEZ-LÓPEZ, 2019) e também, por vezes, em editoriais como encontrado no *corpus* da pesquisa.

O editorial é justamente um integrante do conjunto de gêneros que um profissional pesquisador, na função de editor, produz ao longo de sua carreira; para o aprendizado de como elaborá-lo é fundamental a inserção na comunidade, o que inclui a observação de suas práticas e, como vemos, as orientações específicas de atores valorizados pela comunidade, como é o caso da SciELO.

Conforme nos lembra Araújo (2007, p. 819), os editoriais “são aprendidos e reconhecidos nas comunidades em que circulam, isto é, por aqueles que o produzem e por aqueles que o consomem”. Seu formato prototípico resulta de sua “função textual e de hábitos sociais e profissionais de jornalistas em âmbitos institucionais”.

Nos manuais de jornalismo da imprensa escrita francesa, segundo Dubied e Lits (1997), os editoriais também são identificados como artigo de opinião de um jornal, assinados por um responsável pela publicação ou pelo próprio jornal. O editorial difere assim dos textos factuais, como notícias e reportagens. Souza (2006), ao comparar o jornalismo opinativo com o informativo, esclarece que, no jornalismo opinativo, as posições ideológicas estão mais explícitas, a argumentação tem caráter acentuado e os gêneros comportam um teor valorativo.³⁰

É importante ressaltar que a natureza argumentativa dos editoriais é aspecto mencionado também por Campos (2008), Ribeiro (2013), Ikeda (2010), Chagas (2010), Vieira (2009), Dubied e Lits (1997), Araújo (2006, 2007), Aquino (2013), Silva (2011) e

Juarez Bahia, José Pedro de Souza, Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa (*Dicionário de Comunicação*), Madeleine Aslangul (*Lexique des termes de presse*) e o *Manual de redação da Folha de S. Paulo*.

³⁰ Pelo menos, mais claramente valorativo, uma vez que não é possível, segundo a visão de linguagem adotada, o seu uso destituído de qualquer valoração.

Schlee (2006); esta última explicita claramente que os editoriais são “textos opinativos de caráter persuasivo” (p. 1016).

Da natureza argumentativa decorre a estrutura esperada do editorial (opinativo): apresentação, discussão, conclusão. Conforme Araújo (2007, p. 820), a estrutura esquemática do editorial comporta as seguintes fases: definição, desenvolvimento e desfecho. Parte-se de um fato, faz-se um comentário, apresentam-se causas/argumentos e consequências/contrargumentos, de modo expor o ponto de vista da instituição.

Essa estrutura esquemática para o gênero editorial, no entanto, conforme empiricamente comprovado e também discutido teoricamente, não se concretiza em todos os textos, mesmo nos da esfera jornalística. Para fundamentar tal declaração, podemos relacionar, em especial, as constatações de Vieira (2009) e Souza (2006), em *corpus* de revistas (de informação ou temática).

Souza (2006), em concordância com José Pedro de Sousa,³¹ sinaliza a existência de dois outros tipos de editoriais além dos opinativos, descritos por Melo. São eles: os editoriais de apresentação, “que são aqueles que apresentam um determinado número de um jornal ou uma revista, justificando a abordagem de determinados assuntos, ou quando apresentam um novo órgão de comunicação que surge no mercado” (SOUZA, 2006, p. 63), e os editoriais mistos, que podem incorporar características dos dois anteriores. Logo, vemos que, dentro do próprio jornalismo, admite-se a variação no gênero editorial.

Na análise de Souza (2006), a pesquisadora reconhece um afastamento do editorial prototípico, em especial nas revistas temáticas. Ainda assim ressalta: “o objetivo dessas revistas não deixa de ser convencer o leitor e nisso reside a sua base argumentativa” (SOUZA, 2006, p. 102). Nos editoriais de apresentação, o que se quer, no fundo, é convencer o leitor a ler a revista; portanto, nas revistas femininas e, principalmente, dirigidas ao público adolescente, mais do que defender uma ideia apoiada por um grupo editorial, o interesse é tornar a leitora uma consumidora assídua da revista.

Essa base argumentativa comum entre editoriais de jornais e de revistas (tanto na de informação quanto na temática) faz com que Souza (2006) considere que não há ruptura entre eles. São variações que compõem uma família de gêneros, posição da qual Vieira (2009) diverge.³²

³¹ José Pedro de Sousa, autor de *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação* (Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004).

³² Para defender que os editoriais de revista constituem um gênero diverso dos editoriais de jornais (e não um subgênero), Vieira (2009) fundamenta-se na análise dos aspectos constitutivos do gênero consoante o círculo

No percurso histórico de cartas de redatores e editoriais analisado por Silva (2011, p. 234), a autora percebe uma “fase de camuflagem da argumentação no século XX”. No entanto, a base argumentativa está nos editoriais, conforme destacam inúmeros autores citados anteriormente.

Na esfera científica, entre os documentos que definem os de critérios de admissibilidade à coleção da SciELO, há um anexo do item “tipos e estrutura de documentos”, com a descrição daqueles que são considerados admissíveis. Em todas as três versões com esse anexo (SciELO, 2014, 2017, 2020), o editorial está definido, quanto à sua natureza, como “peça de opinião, declaração política ou comentário geral”, bastante próximo do que se entende por editorial na esfera jornalística, conforme já foi comentado.

Em um glossário disponível em página eletrônica da SciELO, registra-se: “Editorial: Uma declaração de opiniões, crenças e políticas do editor do periódico, geralmente sobre assuntos de interesse da comunidade científica e da sociedade” (SciELO, 201-). No entanto, esse documento tem menos visibilidade para os editores, pois integra um conjunto de orientações para envio de texto em linguagem XML, mais voltadas para outros profissionais, como *designers* e bibliotecários, e disponíveis apenas por meio eletrônico. Tendo em vista a outra conceituação citada anteriormente, considero esta mais apropriada, por ser condizente com a inserção do editorial de periódico científico no âmbito da comunicação científica, explicitando dois elementos importantes para a caracterização do gênero: autoria e tema.

As características prototípicas de teor opinativo, base argumentativa, estrutura com apresentação, discussão e desfecho talvez justifiquem mesmo a caracterização, como faz Souza (2006, p. 63), do editorial como exclusivo dos jornais. Poderíamos ainda acrescentar um recorte temporal – na atualidade –, pois, como diversos autores pontuam, nem sempre foi assim, quer nas revistas jornalísticas contemporâneas, quer nas revistas científicas. Os gêneros são artefatos culturais, essencialmente dinâmicos.

Em relação ao **propósito comunicativo**, a intenção de persuadir o leitor, base da natureza argumentativa dos editoriais opinativos, é a mais constantemente mencionada na literatura estudada (CAMPOS, 2008; IKEDA, 2010; RIBEIRO, 2013; CHAGAS, 2010; AQUINO, 2013; ALVES FILHO, 2006; SCHLEE, 2006; VIEIRA, 2009; SILVA, 2011).

Ao se expressar a opinião de um veículo de comunicação, há, no fundo, o intuito de angariar mais simpatizantes para ela, de modo a orientar a opinião pública (SCHLEE, 2006;

de Bakhtin, na relevância do propósito comunicativo para a caracterização do gênero, segundo John Swales, na análise multimodal, a partir dos estudos de Ângela Dionísio, e na influência do suporte para o gênero, como ressalta Luiz Antônio Marcuschi.

ARAÚJO, 2007), pautar o debate público e, segundo Mont’Alverne (2017), influenciar dirigentes políticos.

Devo destacar que a possibilidade de outros propósitos comunicativos no gênero editorial é reconhecida por outros estudiosos em função dos *corpora* por eles analisados. Segundo Aquino (2013, p. 65), o editorial, por ser um gênero dinâmico com variações em sua funcionalidade,

poderá exprimir uma opinião sobre determinado fato (editorial padrão), apresentar o suporte que o conduz (editorial de apresentação) e/ou unir as duas funções anteriores, opinando sobre algo e apresentando o suporte, além de ser preventivo,³³ dependendo do propósito comunicativo (editorial misto).

Conforme as ocorrências no *corpus*, Souza (2006) reconhece a existência de três tipos de propósitos comunicativos nos editoriais: (i) convencer sobre ideias (editorial opinativo), objetivo praticamente exclusivo dos editoriais cujo suporte é o jornal; (ii) fazer o leitor conhecer a edição (editorial de apresentação), intuito predominante nas revistas temáticas e, por vezes, presente nas revistas jornalísticas; (iii) convencer sobre ideias e mencionar matérias das revistas (editorial misto), finalidades raras nas revistas temáticas.

Já para Vieira (2009), o propósito comunicativo encontrado em seu *corpus* de jornais e revistas tem a mesma base: a de conquistar o leitor para uma ideia, tornando-o um aliado. Para a autora, isso se realiza de modos diferentes: nos editoriais de jornal, como convencimento sobre uma questão econômica, política ou social apresentada e, nos editoriais de revista, como preparação para a leitura daquela edição da publicação.

Concordo com a afirmação de Alves Filho (2010), de que o propósito comunicativo atua como uma força centrífuga no gênero editorial. Para o autor, um exemplar de editorial pode apresentar propósitos variados e pode haver um principal e outro(s) secundário(s).

O gênero editorial pode ser compreendido, numa abordagem teórica grandemente generalizante, como um gênero da esfera jornalística cuja função principal é **apresentar uma avaliação** acerca de fatos recentes e considerados relevantes **para certa comunidade de leitores**, patrocinadores e produtores de informação. (ALVES FILHO, 2010, p. 20; grifos nossos)

No caso específico do *corpus* de periódicos científicos, Sabaj e González (2013) destacam que uma das principais conclusões de seu trabalho é que o gênero editorial de revistas científicas é multifuncional, uma entidade heterogênea, entendida como o discurso do editor responsável pela publicação, que cumpre propósitos comunicativos diversos dentro de uma comunidade discursiva. Há diferenças inclusive entre propósitos comunicativos

³³ Segundo Eduardo Borile Júnior e Marcell Bocchese (2017), preventivo é uma categoria proposta por Luiz Beltrão em *Jornalismo opinativo* (Porto Alegre: Sulina, 1980) para editoriais cujo tema é uma antecipação de problema e indicação de soluções.

predominantes nas seis áreas estudadas pelos autores. Nos editoriais opinativos, que considero os mais próximos daqueles prototípicos dos jornais, “os editores procuram apresentar tópicos relevantes ou se tornar referências dos assuntos de interesse para a comunidade” (SABAJ; GONZÁLEZ, 2013, p. 74, tradução nossa).

Os autores, com base no conceito de Swales, identificam seis propósitos comunicativos nos editoriais de revistas científicas: 1) Agradecimentos, 2) Opiniões, 3) Discursos da revista sobre a revista, 4) Homenagens, 5) Informações sobre eventos da comunidade e 6) Apresentações dos artigos daquela edição. A predominância depende da área do saber, mas editoriais opinativos são os mais frequentes, como tendência geral.

A seguir, apresento um quadro estabelecendo uma correspondência entre o nome usado por Sabaj e González (2013) para um grupo de textos, a partir de seu propósito comunicativo, e exemplos dos nomes atribuídos nos próprios periódicos. O Quadro está disposto em ordem de frequência no *corpus* por eles analisado. Entre os propósitos listados estão: comentar um tema relevante para a área, informar sobre eventos da área, homenagear autoridades epistêmicas de uma comunidade, referir-se ao funcionamento da revista, apresentar os artigos do número, agradecer aos pareceristas.

Quadro 4 - Propósitos comunicativos e tipos de editoriais em ordem de frequência, em Sabaj e González (2013)

Tipo	Propósito comunicativo	Classes textuais³⁴ (exemplos) (continua)
Opinião	“Faz-se comentário geral sobre a disciplina, a prática científica e/ou políticas educacionais” (p. 69)	Editorial, Carta do editor, Palavras do editor, Opinião, Introdução, Apresentação
Informação (sobre eventos da comunidade)	“Convoca-se para um evento ou se resenha um evento realizado” (p. 69) Trata-se de “textos de caráter puramente de divulgação, e servem como uma ligação entre os interesses da revista e os da comunidade em que a revista está inserida” (p. 72)	Editorial, Carta do diretor, Notícias, Congressos, Conferências, Convocatória, Comentário, Crônica, Opinião
Homenagem	“Presta-se uma homenagem a um membro da comunidade” (p. 69) Há o “Reconhecimento de autoridades epistêmicas de uma comunidade disciplinar” (p. 72)	Editorial, Homenagem, In memoriam, Resumo da memória, Comentário, Opiniões, Resenhas

³⁴ Sabaj e González (2013) denominam “classe textual” o nome utilizado pelos próprios usuários para denominar o texto publicado. Ressaltam os autores que, conforme estudo de Sabaj, Matsuda e Fuentes (2010, p. 145 apud Sabaj e González [2013, p. 65]), não se pode confiar neles, pois há revistas que não utilizam qualquer critério formal para fazer a designação e usam a mesma etiqueta para textos com função, estrutura e conteúdos variados.

Tipo	Propósito comunicativo	Classes textuais (exemplos) (conclusão)
Funcionamento da revista ³⁵	“Faz referência ao funcionamento da revista” (p. 68), por exemplo, “Apresentam-se erratas, faz-se um discurso de despedida e/ou editor presta contas, faz-se referência às mudanças da revista, convocam-se os autores da revista, apresentam-se os avaliadores da revista” (p. 69) Os exemplares “regulam a interação da revista com seus usuários, principalmente, autores, pareceristas e leitores” (p. 73)	Editorial, Palavras do editor, Apresentação, Convocatória, Lista de avaliadores, Errata
Apresentação (dos artigos daquela edição)	“Apresentam-se os artigos contidos naquele número” (p. 69) Trata-se de metatexto, destinado principalmente aos leitores, de “caráter descritivo com alguns matizes avaliativos” (p. 73)	Editorial, Introdução, Preâmbulo, Apresentação, Prólogo
Agradecimentos	“Agradece-se aos pareceristas e autores da revista” (p. 69) Exemplar destinado mais para os pareceristas do que para os autores	Editorial, Agradecimentos, Documentos

Fonte: A autora, 2017, adaptado de Sabaj e González (2013, p. 68-73, tradução nossa).

No editorial de opinião, “o editor adota uma posição a respeito dos temas que são do interesse da comunidade discursiva que a revista representa” (SABAJ; GONZÁLEZ, 2013, p. 72, tradução nossa). Entre os exemplos de temas estão a própria disciplina, a prática científica e políticas educacionais. Tal propósito comunicativo, destacam os autores, coincide com o dos editoriais em outros contextos, como o da imprensa escrita. Como já foi comentado, os editoriais de opinião são os prototípicos da esfera jornalística, comuns em jornais e em revistas de informação.

Os editoriais de apresentação, que seriam desencorajados pelos documentos da SciELO (2014, 2017, 2020), estão entre os menos frequentes no *corpus* analisado pelos

³⁵ No artigo de Sabaj e González (2013), esse tipo é identificado como discurso da revista sobre a revista, um rótulo que os próprios autores consideram com um grau de descrição menos específico que os demais. Nele são agrupados subgêneros variados, com objetivos diversos, conforme é exemplificado no quadro, mantendo-se em comum que “todos eles fazem referência ao funcionamento da revista” (SABAJ; GONZÁLEZ, 2013, p. 68, tradução nossa). Por essas razões, sugerem que a designação funcionamento da revista, que será aqui empregada, é mais adequada.

pesquisadores chilenos: ocupam o quinto lugar entre os seis estudados.³⁶ Cabe mencionar que o terceiro tipo mais frequente encontrado no *corpus* analisado, o de homenagem a um cientista, talvez fosse por muitos considerado pouco apropriado para um editorial. A respeito deles, contudo, Sabaj e González pontuam uma função muito importante: “ao realizar estas homenagens e identificar as autoridades epistêmicas da comunidade, os editores definem, de certa forma, quais são as premissas epistemológicas, as linhas de investigação ou os exemplos a seguir em uma disciplina em particular” (SABAJ; GONZÁLEZ, 2013, p. 73, tradução nossa). Nesses textos, os editores estabelecem modelos – de pessoas, de pesquisadores, de condutas na produção da pesquisa, na publicação e na comunicação da pesquisa. Também cabe lembrar que, desde o início dos periódicos científicos, conforme Meadows (1999), homenagens e obituários eram publicados. A julgar pelo registro feito nos documentos SciELO, tal prática ainda existe hoje.

Com base nisso, percebe-se que os editoriais podem ter uma função didática. Lygia Dias, Marisa Monticelli e Nazaré Nazário (1998) reconhecem, em seu estudo, o caráter didático dos editoriais analisados e percebem neles a função de informar, dar a conhecer, comunicar e também recomendar, sugerir, aconselhar.

Segundo indicam unanimemente os estudos consultados, o **ponto de vista** nos editoriais não é um ponto de vista particular. A palavra mais utilizada para caracterizá-lo é “institucional”, com variações designativas da instituição, isto é, como jornal, empresa, entidade publicadora, instituição de destacado papel social, segundo foi encontrado em Ribeiro (2013), Ikeda (2010), Balocco (2010), Alves Filho (2006), Schlee (2006), Souza (2006), Melo e Assis (2016), e Campos (2008). Nas palavras de Dubied e Lits (1997, p. 52, tradução nossa), o editorial é a “vitrine ideológica do jornal”.

No percurso histórico das cartas de editor para os editoriais, Silva (2011) identifica a evolução do ponto de vista pessoal para o institucional em seu *corpus*, constatando que a institucionalidade é um ponto de estabilidade dos editoriais no século XX. Nos periódicos científicos, Sabaj e González (2013) afirmam que, historicamente, é apresentado nos editoriais o ponto de vista de um grupo editorial sobre questões temáticas da área de publicação.

³⁶ Em análise por área de conhecimento, Sabaj e González (2013) percebem algumas diferenças. Uma delas é que as ciências sociais é a única área em que o tipo apresentação ocupa a primeira posição; opinião em quarto. Em ciências humanas, opinião é o quinto tipo.

Em um artigo sobre o ofício do editor, a partir da análise de editoriais ao longo de 18 anos de um periódico de ciências do esporte, Marco Stigger, Alex Fraga e Vicente Molina Neto sinalizam:

Sempre entendendo que o “campo científico” é um “campo de lutas” como outro qualquer (Bourdieu, 1983), não foram poucas as vezes que os editoriais da Movimento **expressaram o pensamento dos seus editores**, na perspectiva de, assim como outros “agentes” sociais, interferir nos processos de avaliação da pesquisa e pós-graduação. (STIGGER; FRAGA; MOLINA NETO, 2014, p. 798, grifos nossos)

A citação evidencia a responsabilidade do editor na elaboração desse gênero nos periódicos científicos e sinaliza que, por meio dele, procura-se agir no campo científico. Vemos assim que o caráter institucional dos editoriais reforça a relevância atribuída a esses textos, influencia o tom de sua linguagem e repercute ainda na questão da assinatura.

No âmbito do jornalismo, como característica preconizada pelo campo, os editoriais são textos sem **assinatura** e expressam um posicionamento institucional (MELO; ASSIS, 2016; RABAÇA; BARBOSA, 2001; ALVES FILHO, 2006; VIEIRA, 2009; ARAÚJO, 2006, 2007; IKEDA, 2010). A ausência de assinatura seria inclusive uma marca pela qual o editorial é reconhecido pelos leitores (ARAÚJO, 2007) e é um traço perpetuado nos manuais de jornalismo.

Silva (2011) comenta uma evolução no seu *corpus* de estudo: a perda da assinatura nos editoriais, no século XX; Dubied e Lits (1997) registram raras ocorrências do processo inverso: alguns editoriais passaram a ser assinados. Campos (2008), por incluir jornais e revistas jornalísticas em seu *corpus*, já percebe a diferença de comportamento entre eles. Uma das revistas, *Época*, constantemente apresenta assinatura em seus editoriais. Chagas (2010) observa assinatura com frequência e com a identificação de editor chefe em editoriais de revistas. Declara ainda que “Em alguns casos, [os editoriais] são assinados, no intuito de demonstrar outra opinião, diferente da defendida pela instituição” (CHAGAS, 2010, p. 25).

No *corpus* mais diversificado de editoriais, o de Souza (2006), a autora constata que os editoriais de jornais não são assinados, conforme preconiza o *Manual de Redação da Folha de S. Paulo*. Nas revistas, há variações na inclusão da assinatura, tanto em relação à sua presença, quanto ao seu formato. *Veja* não traz assinatura; *Época*, uma revista jornalística mais recente que *Veja*, e *Uma*, revista voltada para o público feminino, incluem a autoria e a função de quem escreve (diretor, redator etc.); *Todateen* inclui igualmente a autoria, mas atribuída à equipe de redação, não a um indivíduo singular. Essas diferenças são explicadas pelo interesse no tipo de relação que se quer estabelecer com o leitor: de maior ou menor

proximidade. A assinatura distancia esses editoriais do editorial prototípico e os aproxima do gênero carta, cultivando maior envolvimento com os destinatários. Nesse sentido, conforme as categorizações correntes, o editorial se diferenciaria do artigo/coluna de opinião por apresentar um posicionamento institucional e não conter assinatura.

Na esfera científica, em Dias, Monticelli e Nazário (1998, p. 548), a transferência de uma característica/exigência do meio jornalístico para os periódicos científicos está explicitada: “pelo próprio requerimento de um Editorial, os textos analisados não levaram a assinatura” da editora que conduziu a revista por anos. Já nos parâmetros mais recentes da comunicação científica tal qual preconizada pela SciELO, a existência de assinatura é obrigatória: “Todos os documentos, sem exceção, devem ter autoria, para serem aceitos pelo SciELO” (SCIELO, 2014, p. 9; 2017, p. 8; 2020, p. 23).

A exigência de **autoria** é complementada pela obrigatoriedade também de afiliação completa, isto é, identificação da instituição a que se vincula o pesquisador, com a nomeação da cidade, estado e país (SCIELO, 2017, p. 8; 2020, p. 24). Tais dados subsidiam a inserção do periódico dentro do sistema de avaliação da ciência no Brasil, por exemplo, por meio do Qualis Periódicos, e são usados como critério para financiamento da publicação científica.

Na esfera jornalística, como já foi estabelecido anteriormente, comumente se identifica a autoria dos editoriais como institucional (ALVES FILHO, 2006, 2010). Via de regra, a pessoa que o escreve é um jornalista, que, por sua função, também é chamado de editorialista (CAMPOS, 2008; BALOCCO, 2010; CHAGAS, 2010; SOUZA, 2006; ARAÚJO, 2006, 2007).

Na esfera científica, conforme constatam Sabaj e González (2013, p. 65), os editoriais estão sob a responsabilidade do editor ou diretor da revista. Nos documentos da SciELO, há também recomendações/prescrições quanto a esse tópico. Em 2014, espera-se que o texto seja escrito por membro da equipe editorial (texto “tipicamente” escrito por membro da equipe), o que sugere que outros pesquisadores também assinariam esse gênero, com a identificação de afiliação institucional. Nas versões de 2017 e 2020, registra-se que a autoria compete a um membro da equipe editorial do periódico (o modalizador “tipicamente” é excluído).

Esses comentários sobre autoria indicam, acima de tudo, que, diferentemente dos editoriais da esfera jornalística, nos editoriais de periódicos científicos, conforme os atuais parâmetros indicados pela SciELO, há uma autoria que deve ser identificada nominalmente e não por cargo ou equipe, como ocorre nos *corpora* de Souza (2006) e Vieira (2009).

O que se tem em comum entre essas duas figuras – o autor dos editoriais no jornalismo e o autor no periodismo científico – é que, em ambos os casos, são participantes diferenciados

no grupo, alguém investido de autoridade. Nos jornais, Dubied e Lits (1997) consideram o editor como alguém que se responsabiliza intelectualmente pela concepção e publicação do veículo. Em citação a Madeleine Aslangul (*Lexique des termes de presse*), relembram que o autor do editorial é “uma pessoa importante do jornal, que assume a **responsabilidade moral** da equipe inteira” (apud Dubied e Lits, 1997, p. 51; grifos nossos, tradução nossa).³⁷

Araújo (2006, p. 9) destaca a autoridade da instituição jornalística representada pelo editorialista, alguém digno de confiança. Souza (2006, p. 64) ressalta que “o editorialista é um argumentador que organiza seu texto com a nítida função de influenciar o seu leitor, conquistando-o, convencendo-o, fazendo-o agir ou pensar em uma determinada direção”.

O editor de um periódico científico é diferente do editorialista do jornal; também é correto afirmar que ser editor de um periódico é mais do que ser autor de um editorial. Em primeiro lugar, porque no modelo atual do periodismo científico, o editor de revista científica não é apenas mais um pesquisador ou autor em determinada área científica. Ele é um pesquisador em posição de destaque na comunidade científica e, mais do que isso, responsável por conduzir a política editorial da revista e por mediar o fluxo da comunicação científica (GOMES, 2010, p. 156). É a ponte entre autores, pareceristas, leitores e demais componentes do conselho editorial. Um editor atua, junto com o conselho editorial, na definição da política editorial da publicação, de seu escopo e planejamento, conforme a natureza e a vocação da instituição que a apoia e implementa. São tarefas assumidas pelo editor nesse fluxo da comunicação científica: receber manuscritos, pré-selecionar manuscritos para análise dos pareceristas, mediar a comunicação entre parecerista e autor, tomar a decisão final sobre publicação ou não do texto, entre outras ações (TRZESNIAK, 2009).

Além de participar da formulação da política editorial da revista e zelar por sua qualidade editorial e científica, Wilson López-López (2019) destaca que, muitas vezes, em especial em cenários de carência de suporte financeiro, também cabe ao editor promover a visibilidade e a difusão do periódico, bem como gerenciar administrativamente a revista.

Nas palavras de Trzesniak (2009, p. 93), a posição do editor científico corresponde à mais elevada na hierarquia do periódico; sua trajetória acadêmica e atuação conferem credibilidade científica à revista. De acordo com Laragh Gollogly e Hooman Momen³⁸ (2006, p. 24, tradução nossa), os editores “estão em posição privilegiada para promover práticas

³⁷ Madeleine Aslangul, autora de *Lexique des termes de presse* (Éd. du Centre de formation et de perfectionnement des journalistes, 1991, p. 53).

³⁸ Laragh Gollogly atuou como editora-chefe do *Boletim da Organização Mundial da Saúde* e Hooman Momen como editor-chefe de *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, o periódico científico mais antigo da Fiocruz.

adequadas, adotando orientações éticas e claras sobre os procedimentos adotados nos periódicos”. Ambos atribuem aos editores uma tarefa pedagógica: a de educar/ensinar “seus autores em sua disciplina científica particular” (p. 25) e indicam, como ocasiões para isso, “reuniões científicas relevantes ou **editoriais**” (grifos nossos, p. 26).

Ainda segundo esses autores, os editores devem orientar também sobre a própria prática científica, em consonância com órgãos que prezam por boas práticas nesse âmbito de atividades. O Committee on Publication Ethics (COPE), o Council of Science Editors (CSE) e o International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE) são exemplos de entidades que atribuem aos editores um papel importante na produção científica. Segundo as diretrizes do CSE, o editor deve zelar pela ética e integridade na produção da pesquisa e na sua publicação, na medida em que tem responsabilidades com autores, pareceristas, leitores e comunidade científica, e também com a entidade publicadora da revista e a sociedade. (DIRETRIZES, 2017; EDITORIAL POLICY COMMITTEE, 2021)

O papel dos editores e dos próprios periódicos “como veículos ‘intermediadores do conhecimento’” (SILVA, 2019, p. 723) passa por um período de transformação evidente no tempo atual. Inovações trazidas pelo movimento de ciência aberta, entre elas a ampliação do uso dos *preprints*, reconfiguram a dinâmica do periodismo científico. Compartilho da opinião dos editores Adeilton Coelho e Flávio Brandão (2019) e também André Felipe Cândido da Silva (2019), de que editores terão novos papéis e que os periódicos científicos adotarão novas dinâmicas. Há quem defenda até que tendem a desaparecer. Entre suporte, gêneros e atores, isto é, entre periódicos, editoriais e editores, os editoriais, parece-me, apresentam maior fragilidade para se sustentarem a médio prazo, pelas razões que observo nesta tese.

Julgo que, independentemente do suporte e do modo de condução centralizado ou não dessa comunicação na figura do editor, uma forma de trocar informações e validar o conhecimento científico continuará acontecendo. No modelo descentralizado de publicação científica apresentado por Coelho e Brandão (2019, p. 214, tradução nossa), com base na tecnologia de *blockchains*,³⁹ ainda assim, há espaço para editores e editoriais:

Os editores começam como revisores e **alcançam o status de editor** como resultado de sua pontuação de revisor. Eles podem ganhar *tokens* organizando coleções especiais, escrevendo **editoriais a fim de inserir as publicações em um contexto mais amplo** e realizando outras tarefas que podem ajudar **a organizar o fluxo de informações científicas**. Nesse cenário, os editores se assemelham a ‘curadores da ciência’.

³⁹ Uma tecnologia de registro distribuído de forma descentralizada, como medida de segurança.

No âmbito jornalístico, editoriais e editorialistas parecem apresentar mais estabilidade no momento. Pelo exposto, a autoria, quer seja explícita ou não, quer seja individualizada ou não, é um elemento constitutivo de fundamental importância para o gênero editorial e para sua diferenciação na esfera jornalística e na científica.

Em relação a **tema**, conforme a literatura estudada, é possível dizer que os editoriais na esfera jornalística versam sobre questões que estão na ordem do dia, isto é, em evidência num dado momento histórico para dada comunidade, ou que representem os interesses daquele veículo na ocasião (CAMPOS, 2008; CHAGAS, 2010; RIBEIRO, 2013; SCHLEE, 2006; DUBIED; LITS, 1997; ALVES FILHO, 2011; RABAÇA; BARBOSA, 2001). Isso é especialmente aplicável aos editoriais de jornais e de revistas de informação. Nos editoriais de jornal, os temas mais frequentes são política e economia, segundo apontam Ribeiro (2013), Campos (2008) e Araújo (2007).

Dada a variedade do *corpus* de Souza (2006), destaco aqui seus achados, por representarem a tendência de temas, conforme o suporte. Nos jornais, essa autora encontra temas de interesse coletivo, principalmente nacionais, relacionados à economia e à política, em sua maioria, além de direito, história, educação, segurança pública, ciência e meio ambiente, em textos opinativos. Nas revistas de informação, ela identifica assuntos atuais, principalmente de economia e política, em editoriais opinativos, de apresentação ou mistos, segundo a classificação por ela adotada. Nas revistas femininas, há um afastamento “da temática abordada pelos jornais e pelas revistas porque discutem sempre temas associados ao universo feminino, tais como moda, beleza, paixão, amor, entre outros” (SOUZA, 2006, p. 100-101). Saúde e profissões também são exemplos encontrados pela autora.

Vieira (2009) também observa diferenças no conteúdo temático entre os suportes analisados. Os editoriais de jornal apresentam certa linearidade temática, desenvolvem-se em torno de uma ideia, com caráter mais informativo do que nas revistas. Escreve a autora: “Reconhecemos que as revistas também são informativas, mas o foco maior parece ser o entretenimento e o **aconselhamento**” (VIEIRA, 2009, p. 116, grifos nossos). A relação que se constrói entre autor e leitor nos editoriais de revista é diferente da construída nos editoriais de jornais.

Na esfera científica, Sabaj e González (2013) constataam que os editoriais versam sobre temas, pessoas, eventos que importam àquela comunidade científica. É a relevância dos temas tratados para uma comunidade discursiva que faz com que os editoriais sejam uma janela interessante para observar o desenvolvimento de um conceito, um campo, um periódico, uma época e da própria comunicação científica. Por isso, ele é uma fonte privilegiada para estudos

como o de Stigger, Fraga e Molina Neto (2014), Dias, Monticelli e Nazário (1998), Fabiana Rodrigues (2018). Ajai Singh e Shakuntala Singh (2006) ainda acrescentam que, nos editoriais de periódicos científicos, o editor deve abordar eventos e tópicos recentes.

Em relação ao tema, os documentos de critério de admissibilidade e permanência à coleção SciELO explicitam que os editoriais devem apresentar “conteúdo científico relevante” (SciELO, 2014, p. 9; 2017, p. 8; 2020, p. 11); “conteúdo que apresente potencial para receber citações” (SciELO, 2014, p. 9) e “temática científica passível de citação” (SciELO, 2020, p. 11).⁴⁰

A apresentação dos artigos publicados na revista, à semelhança do que fazem os gêneros introdutórios em livros acadêmicos (item 1.2), é desencorajada. No documento de 2017, o adjetivo “simples”, entre outros recursos que comentarei adiante, denota o pouco valor conferido a essa forma de o editorial se vincular à edição: “Editorial de um número ou introdução de uma seção [...] devem veicular conteúdo científico além da simples relação dos artigos publicados ou de notícia relacionada com o periódico ou sua área temática” (SciELO, 2017, p. 7). No documento seguinte, o de 2020, esse conteúdo temático é claramente desautorizado: “Não são aceitáveis editoriais com simples relação dos artigos ou de notícia relacionada com o periódico ou sua área temática [...]” (SciELO, 2020, p. 11). De acordo com os dois documentos, uma notícia relacionada com o periódico ou com seu campo de atuação é igualmente desconsiderada como tema apropriado para um editorial.

A consideração de que “somente serão indexados, publicados e incluídos nas métricas de desempenho dos periódicos da Coleção SciELO Brasil, documentos que apresentem conteúdo científico relevante” consta nos três documentos (SciELO, 2014, p. 9; 2017, p. 8; 2020, p. 11). Isso leva a perguntar quem decide o que é cientificamente relevante. Esse critério não é dependente do objetivo do estudo? Portanto, não seria decisão do próprio pesquisador no consumo/recepção do texto? E não estaria a cargo do próprio editor da revista? Estudos, por exemplo, que tenham interesse no tema do editorial, ou na opinião que ele defende, ou na maneira como o Ministério da Saúde é mencionado nos editoriais, ou em padrão de autoria e coautoria, em distribuição geográfica dos autores, ou nos títulos de editoriais, ou em que pessoa discursiva o editorial está escrito, selecionariam seus dados diferentemente. Entendo que a relevância não é uma característica intrínseca do texto; é

⁴⁰ A citação é um dos parâmetros que tem sido larga e, muitas vezes, enviesada e equivocadamente, usado para avaliar a produção científica. É um assunto relevante e controverso na comunicação científica, que não é central para as discussões desta tese, mas que interfere, como veremos, na maneira como os editoriais estão sendo escritos atualmente, em seus elementos constitutivos: organização e tema.

atribuída por sujeitos (autores, leitores, pareceristas, editores) em suas práticas sociais, e a comunidade acadêmica é bem diferenciada nos seus interesses científicos de pesquisa.

Considero que, quando a Scielo determina “conteúdo científico relevante”, usa de sua posição hegemônica, conforme indica Fairclough (2001), para superpor o seu critério aos dos da equipe editorial da revista cujo editor tem/deveria ter autonomia para decidir quais temas são relevantes para a comunidade de seus leitores. Tratando-se de uma revista científica que segue o modo de fazer ciência, calcado especialmente na avaliação por pares para a decisão sobre a publicação de um texto, após sua publicação, cabe aos outros pares, os leitores, decidirem sobre a leitura, circulação e citação de um texto.⁴¹

Segundo Teun van Dijk (1997, p. 16, tradução nossa), o poder organiza muitas das relações entre discurso e sociedade; o poder social é uma “relação específica entre grupos sociais ou instituições”. Quem controla o contexto também controla muito das estruturas discursivas. Pode controlar a natureza do evento comunicativo e exercer formas de controle mais explícitas ou sutis nas diversas dimensões do discurso: “leiaute gráfico, entonação, escolha lexical, ordem das palavras, detalhes de significados locais, coerência, tópicos, recursos retóricos, atos de fala, entre outros” (VAN DIJK, 1997, p. 22, tradução nossa). Noto que os documentos SciELO, ao definirem tipologias documentais, critérios para indexação na coleção e formatos para interoperabilidade, influenciam na natureza do evento comunicativo, no seu tema e no seu leiaute gráfico, como é exemplificado ao longo da tese. A relação construída nesses documentos (SCIELO, 2010, 2014, 2017, 2020) é uma relação no eixo vertical, de poder.

Quanto ao **público leitor**, em tese, o dos editoriais coincide com o público do veículo em que ele é inserido. Na esfera jornalística, o público é identificado, de maneira geral, como “sociedade” (CAMPOS, 2008), “coletividade” (CHAGAS, 2010), um “público-alvo genérico (invisível e desconhecido)” (SCHLEE, 2006, p. 1015). Vieira (2009) também usa essa imagem de um público cujo rosto não se conhece. Tais caracterizações são em geral associadas aos editoriais prototípicos (textos opinativos, publicados em jornais).

Alguns autores destacam que o leitor do editorial não é o grande público, o leitor previsto é um “tipo de leitor específico, detentor de uma certa cultura e de um certo conhecimento” (ARAÚJO, 2007, p. 822). Para Mont’Alverne (2017), é a elite política e

⁴¹ A título de exemplo, cabe destacarmos um caso na revista *Reciis*: um dos textos mais acessados em 2019 foi um editorial sobre ciência cidadã. O desempenho de um texto pode ser quantificado (se assim é desejado ou exigido) de muitas formas: por número de acessos, números de *downloads* e também número de citações. E há formas não tangíveis de fazer isso. O que quero pontuar é que são os leitores, a comunidade científica, que conferem relevância ao texto.

econômica do país. Isso porque tais autoras concordam com o ponto de vista de José Marques de Melo, de que, no fundo, embora o editorial jornalístico se dirija à opinião pública, ele mira o Estado.

Chagas (2010) considera haver nos jornais um público mais generalizante que nas revistas por ela analisadas, com base no tipo de relacionamento que se busca com o leitor das revistas, evidenciado nas características da linguagem. Segundo a autora, as revistas buscam um público mais específico, e os editoriais de jornais e revistas comportam-se de acordo com essa generalidade ou especificidade de seu público. De acordo com Souza (2006), nas revistas temáticas (de decoração, de divulgação científica, e voltadas para o público feminino), há maior desenho e especificidade do público almejado pelo veículo de comunicação, e os editoriais acompanham a natureza dessa interação.

Por meio do editorial, conforme Campos (2008, p. 17), o veículo de publicação idealiza o tipo de relação que deseja ter com seu leitor. Para Balocco (2010), essa relação pode ser construída de forma diferente, por exemplo, nos editoriais e nas colunas. No editorial, como texto opinativo, a relação com o leitor está no eixo da autoridade, diferentemente da relação de cumplicidade ou de solidariedade construída pelo colunista. Pelo que indicam os estudos consultados, os editoriais de revistas voltadas para público específico também constroem sua relação com o leitor no eixo da solidariedade.

Nos editoriais de periódicos científicos, o público pretendido é uma comunidade de especialistas, como destacam Sabaj e González (2013). Entendo, portanto, que os editoriais podem ter públicos distintos de acordo com o suporte e a natureza da publicação, por exemplo, jornais, revistas e periódicos científicos. Podem até ter, e idealmente têm, o mesmo público que outros gêneros ali publicados, no entanto, como foi sinalizado aqui, a relação que se constrói entre autor e público leitor é diferenciada nos editoriais.

Para a identificação e o reconhecimento de um gênero também importam as **convenções ligadas ao seu nome**. De acordo com Alves Filho (2010, p. 18), “mais que uma classe empírica de textos, um gênero é um objeto de discurso rotulado com a função de categorizar uma classe de textos”. Lembrando os ensinamentos de Bazerman (2011, p. 32), gêneros são “fenômenos de reconhecimento psicossocial” (p. 32), são o “que as pessoas reconhecem como gêneros, [...] por nomeação, institucionalização e regularização explícitas” (p. 51).

A designação editorial data de mais de um século. Segundo Alves Filho (2010), esse é um gênero com forte estabilidade em sua nomeação, embora, inegavelmente, os casos empíricos rotulados de editoriais passem por transformações ao longo do tempo. Por exemplo,

Silva (2011), em análise de editoriais de jornal e cartas de redator/editor da imprensa carioca nos séculos XIX e XX, constata que os editoriais não apresentavam nomeação no início do século XIX. Como traço de mudança do século XIX para o XX, além da designação, no âmbito estrutural, a autora também percebe a maior presença de títulos para cada texto. Também em *corpus* da imprensa, Dubied e Lits (1997) mencionam a existência do rótulo “comentário”. No *corpus* de Chagas (2010), a identificação é “editoriais” e “carta dos editores”.

Souza (2006) observa que a nomeação é variável entre os jornais e as revistas por ela analisados, até em um mesmo veículo de publicação ao longo do tempo. Nas revistas de informação, os editoriais são publicados com os nomes de “Carta do Editor” (*Época*), “Carta ao Leitor” (*Veja*) e, nas revistas femininas, “Na Redação” (*Uma*) e “Redação e você” (*Todateen*). A autora atribui essa diferenciação ao reconhecimento, por parte das próprias equipes editoriais, de que existe um editorial de apresentação diferente do editorial padrão, típico dos jornais, como o prescrito por manuais de redação de jornais de prestígio, o que as induz a escolher outro rótulo.

Para Pelizari, Barros e Mafra (2019), o rótulo empregado pelo próprio veículo jornalístico não é confiável para identificar o gênero. Elas afirmam que “A nomeação dos gêneros introdutórios das revistas e jornais não é uma questão resolvida nem na área da comunicação social, nem nos estudos da linguagem” (PELIZARI; BARROS; MAFRA, 2019, p. 10). Observam que há grande variação entre os rótulos, por exemplo: “Editorial” nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de Londrina* e nas revistas *Isto é*, *Aventuras na História* e *Gol*; “Carta ao leitor” em *Veja*; “Ao leitor”, em *Super Interessante* e *Saúde*; “You & Me” na revista *Mundo Estranho*; “Redação e você” em *Todateen*; “Primeiramente” em *Galileu* e ainda “Dos editores”, na revista *Época*. Com fundamentação teórica no sociointeracionismo, as autoras consideram que editorial e carta ao leitor/do editor são gêneros distintos. São elementos diferenciadores: o suporte, o propósito comunicativo e o tom dialogal. Por suporte, as autoras estão se referindo ao veículo jornal ou revista; quanto ao propósito comunicativo, referem-se ao expor teórico, com natureza argumentativa, ou ao expor interativo, com natureza expositiva. Com relação ao tom dialogal, abordam o uso de marcas de 3ª ou 1ª pessoa do discurso, assinatura e saudação inicial e final. Assim, o rótulo atribuído por seus usuários remete a gêneros diferentes, no entendimento dessas autoras.

Na esfera científica, Sabaj e González também encontram diferentes designações para o discurso do editor das revistas científicas, por exemplo, “editorial, apresentação, introdução, carta do editor” (SABAJ; GONZÁLEZ, 2013, p. 65, tradução nossa) e percebem variação

entre áreas da ciência. Eles também ponderam que não se pode confiar nos nomes atribuídos e que são outros parâmetros, além do nome, que identificam os editoriais no suporte revista científica. Para eles, todos os textos publicados pelos editores no início da revista são considerados editoriais, independentemente do rótulo com que foram identificados.

Nos documentos da SciELO, constam também, como designações de textos de abertura de número ou de seção, as designações “apresentação” e “introdução”. No documento de 2014, “editorial” e “introdução” são designações para tipos documentais diferentes. Segundo esse documento, editorial é peça de opinião, declaração política ou comentário geral escrito tipicamente por membro da equipe editorial. Na descrição do documento “introdução” consta “Introdução a uma publicação, ou a uma série de artigos dentro de um mesmo número de uma publicação, etc., tipicamente para uma seção ou número especial” (SCIELO, 2014, p. 28-29). Outro tipo de texto, o comentário, é diferenciado do editorial por ser escrito por um autor e por apresentar ponto de vista diverso do explicitado em um artigo da revista. Nas versões seguintes (SCIELO, 2017, 2020), o tipo de documento “introdução” aparece como designação alternativa a editorial, o que entendo reforçar a sua associação com os gêneros introdutórios. Trata-se de um documento de abertura, localizado no início da publicação. Cabe ressaltar também que autoria e ponto de vista são elementos importantes para a diferenciação entre gêneros.

Na esfera jornalística, em especial nos veículos de informação, e na esfera científica, a **relevância** dos editoriais é relacionada aos seguintes aspectos, pelos autores que a comentam: localização no suporte, autoria, ponto de vista e propósito comunicativo. Para Ikeda (2010), Souza (2006) e Mont’Alverne (2017), o editorial sobressai entre outros gêneros do mesmo veículo, pelo fato de ser o porta-voz da instituição que o publica. Mont’Alverne (2017, p. 8) os considera “produtos jornalísticos singulares”. Para a autora: “Ser mencionado em um texto pertencente a um gênero jornalístico como o editorial confere outro tipo de cobrança ao agente político citado, na medida em que, nele, as publicações procuram estabelecer um diálogo com as elites políticas e econômicas do país” (MONT’ALVERNE, 2017, p. 12). A relevância do editorial para a autora está associada à função desempenhada pelos jornais de prestígio de “*gatekeepers* e estabelecadores de agenda” (p. 13). Cabe mencionar que *gatekeeper* também é uma palavra associada a periódicos científicos e a editores (SILVA, 2017). Isso leva a refletir se também se espera dos editoriais de periódicos científicos a função de pautar o debate científico.

Ikeda (2010) menciona que o editorial tem uma função simbólica importante – e, posso dizer, também pragmática – ao procurar alinhar o pensamento do leitor ao que ele

próprio expressa. Conforme entendimento de Juarez Bahia (apud RABAÇA, BARBOSA, 2001; CAMPOS, 2008), o editorial acrescenta dignidade ao veículo de publicação. Na análise de um conjunto de editoriais da *Revista Brasileira de Enfermagem*, Dias, Monticelli e Nazário (1998) também concluem que os editoriais dignificam a revista da Associação Brasileira de Enfermagem.

Embora, de acordo com a hierarquia de gêneros na esfera científica (seção 1.2), os editoriais não sejam os mais valorizados, concordo com a relevância atribuída ao gênero por Sabaj e González (2013). Como testemunhos do discurso do editor científico, os editoriais são a forma pela qual, simbólica e estrategicamente, os membros de uma comunidade discursiva se comunicam (p. 76). Por meio dos editoriais, é possível observar representações sobre a prática científica (p. 61).

Nos documentos da SciELO, no entanto, percebo que eles não são vistos com tanta importância quanto nos textos mencionados anteriormente. Segundo análise das três últimas versões dos critérios de admissibilidade, mais do que opcionais, os editoriais são secundários e, cada vez mais perdem espaço dentro da publicação, em que pese o foco dos periódicos científicos serem os artigos originais. Na seção “Tipos de documentos”, da versão de 2014, consta uma oração adverbial “quando utilizados”: “editorial ou apresentação de um número, quando utilizados pelos periódicos, devem...” (SCIELO, 2014, p. 9), o que indica que são textos que podem não existir nesse tipo de publicação; sua existência é uma escolha editorial. Nos documentos de 2017 e 2020, a escolha fica mais explicitada: o adjetivo “opcional” é incluído, seguido de uma adversativa “mas” antes da oração adverbial “quando utilizados”. A adversativa apresenta a condição para a indexação, publicação e inclusão dos editoriais nas métricas de desempenho da coleção: conter conteúdo científico passível de citação, e não comentários sobre os artigos publicados, notícias da revista ou da área temática. Eis os textos: “Editorial de um número ou introdução de uma seção são opcionais, mas, quando utilizados, devem veicular conteúdo científico além da simples relação dos artigos publicados ou de notícia relacionada com o periódico ou sua área temática”. (SCIELO, 2017, p. 8). Na versão seguinte, a vigente:

Editoriais de um número ou de introdução a uma seção são **opcionais, mas** devem tratar de temática científica passível de citação. **Não são aceitáveis editoriais com simples relação** dos artigos publicados ou de notícia relacionada com o periódico ou sua área temática, **textos que atualmente são melhor veiculados em blogs ou seções de notícias do website do periódico ou de sua instituição**. (SciELO, 2020, p. 11; grifos nossos).

Na medida em que há um detalhamento das condições para que o editorial seja incluído na coleção, percebo sua perda de espaço dentro da publicação científica, a ponto de

se sugerir a publicação em outro suporte. Dentre as funções da revista científica, como destacam Carlos Coimbra Jr. (1995) e Charles Pessanha (2017), está a de memória da ciência. Segundo o que foi examinado, o documento da SciELO promove um apagamento do editorial. Em um ambiente de produtivismo acadêmico, cabe refletir sobre o estímulo para se escrever um editorial hoje em dia.⁴² Relaciono a seguir alguns pontos para reflexão sobre motivações para produzi-los: a necessidade de se posicionar como membro atuante da comunidade científica a respeito de algo; a possibilidade de interferir nos rumos da avaliação e do financiamento da produção científica, aproximando-se, assim, da relação que os editoriais jornalísticos têm com o Estado, como defendem alguns autores; o desejo de construir consenso entre a comunidade científica, ou até mesmo de se fazer ouvir por públicos além da comunidade científica.

De acordo com os autores estudados, a **frequência de publicação** do editorial está associada à sua relevância e também à sua localização no suporte. Em geral, editoriais são publicados uma única vez em cada edição. Segundo Dubied e Lits (1997), a singularidade, pouca frequência ou até raridade dos editoriais contribuem para torná-lo especial. No *corpus* estudado, eles constatam que os editoriais não têm sido exemplares obrigatórios. Pelo contrário, alguns jornais os reservam para ocasiões especiais. Essa excepcionalidade existe também para algumas revistas científicas que optam por publicar editoriais apenas em situações especiais, por exemplo, diante de emergências sanitárias.

Da mesma forma que os editoriais podem não figurar em cada edição, há também a possibilidade de publicação de mais de um deles, o que percebo ser mais comum em datas comemorativas, como aniversário dos periódicos científicos. Isso quer dizer que, de acordo com as fontes consultadas, o editorial não é um gênero obrigatório ou constitutivo de qualquer das publicações: jornais, revistas de informação, revista temática ou periódico científico. A sua elaboração e publicação são decisão dos responsáveis pelo veículo de comunicação.

Na pesquisa de Sabaj e González (2013), na coleção SciELO Chile, os editoriais costumam ocorrer uma única vez por revista, como texto de abertura, como já foi comentado. Entre os anos 2000 e 2008, 90% das revistas do *corpus* publicaram editoriais. Em termos de quantidade, eles somam 10,7% de toda a coleção (somando 1552 editoriais, pertencentes a 72 revistas, distribuídas nas seis áreas da ciência: humanidades, ciências sociais, ciências da vida, ciências da saúde, ciências da terra e ciências exatas). Em ordem de frequência no *corpus* dos

⁴² Lembro que, nos noticiários em tempos de pandemia de covid-19, até editoriais de renomadas revistas estrangeiras, por exemplo *The Lancet*, ganharam espaço midiático. Isso me leva a pensar que eles têm potencial de dialogar com a sociedade, para além da comunidade acadêmica.

autores, as ciências da saúde e as humanidades são as que mais apresentaram editoriais: 15% e 14,1%, seguidas de ciências sociais com 6,5%, ciências da vida e exatas, ambas com 5,7%, e ciências da terra com 2,6% (SABAJ; GONZÁLEZ, 2013, p. 70).

A abrangência do gênero editorial em quase todas as revistas mostra que ele é um gênero frequente nesse suporte – revista científica –, mas não obrigatório. A frequência e a relevância têm a ver com a hierarquia de gêneros dentro da comunicação científica, conforme é tratado na seção 1.2, e com a dinamicidade da comunicação científica.⁴³

Sobre o **estilo** dos editoriais, há, na literatura consultada, características identificadas genericamente, como, por exemplo, tom da linguagem, impessoalidade, grau de formalidade, seleção lexical, expressões de afetividade e aspectos gráficos.

O estilo do editorial, destacam Rabaça e Barbosa (2001) em citação de Juarez Bahia, acompanha as tendências do veículo: pode ser denso, leve ou equilibrado. Nos verbetes *crônica* e *artigo da mesma obra*, o tom do editorial jornalístico é caracterizado como dogmático.

É interessante notar um ponto para o qual Alves Filho (2006, p. 86) chama a atenção: no uso da variedade padrão da linguagem, pelo menos nos editoriais de jornais,

há sistematicamente a ausência de ‘sotaques sintáticos, lexicológicos e fonéticos’, que possam apontar para sujeitos empíricos ou para segmentos socioculturais. Ao contrário, faz-se uso de recursos gramaticais e lexicais provenientes da modalidade padrão da língua, de modo a produzir um efeito de sentido de imparcialidade e de “seriedade” na abordagem da temática. Faz-se uso do prestígio da variedade culta da língua de modo que esse prestígio “contamine” os textos e contribua para dar a entender um tom de verdade.

A **impessoalidade** é uma das características mais comentadas (CAMPOS, 2008; RIBEIRO, 2013; IKEDA, 2010; BALOCCO, 2010; CHAGAS, 2010; AQUINO, 2013; ALVES FILHO, 2006; SCHLEE, 2006; SOUZA, 2006; VIEIRA, 2009; SILVA, 2011; RABAÇA; BARBOSA, 2001; DIAS; MONTICELLI; NAZÁRIO, 1998). Ela costuma ser vista como um traço distintivo de outros gêneros jornalísticos, como a coluna de opinião; também é entendida como ‘garantia’ de verdade. Segundo os manuais de redação jornalística, o editorial é (ou deve ser) impessoal, imparcial e neutro por veicular o ponto de vista institucional.

Nas fontes consultadas, são diversos os autores que relativizam essa característica, vista mais como uma meta, preferência ou tendência do que propriamente como uma regra.

⁴³ Atualmente, com a maior frequência de publicações continuadas, organizadas em uma única edição ao longo do ano, é de se esperar que, quando ocorrerem, os editoriais sejam apenas um por ano, ao término do volume. Isso impactará em outras características dos editoriais: não serão textos de abertura e, portanto, não terão localização no início do fascículo. Talvez haja mudança na frequência de certos propósitos comunicativos, como os de comentar os textos publicados e de fazer um balanço do ano da revista.

Conforme as análises empreendidas, os autores constataam que o editorial “procura ser isento” (IKEDA, 2010, p. 182); “busca, de certa forma, atingir certa impessoalidade” (SCHLEE, 2006, p. 1015); apresenta “preferência por recursos de impessoalização” (ALVES FILHO, 2006, p. 81), tem uma “tendência à impessoalidade” (CHAGAS, 2010, p. 127).

Pela própria concepção de linguagem adotada nesta pesquisa, não há como deixar de reconhecer a presença humana em tudo o que fazemos. Consequentemente, o editorial é entendido como um produto da atividade humana, um ato comunicativo. Com base nisso, destacamos que alguns autores, por caminhos teóricos diversos, evidenciam as marcas de autoria, subjetividade, interação, avaliatividade em editoriais. Os aspectos linguísticos mais frequentemente observados nesse sentido são a pessoa do discurso, modalizadores⁴⁴ e seleção lexical, em especial, os adjetivos.

Conforme nos lembra Balocco (2010, p. 46), o uso da 3ª pessoa é uma marca de impessoalidade, no entanto, segundo ensina Neves (2002, p. 176), esse é um “recurso exclusivamente sintático que retira o locutor do enunciado para, do ponto de vista funcional, modalizar seu enunciado.”.

Nessa linha de tentativa de impessoalidade, Alves Filho (2006) percebe a tendência a apagamento de pronomes de 1ª pessoa. Para Chagas (2010), as marcas de primeira pessoa, identificadas em verbos e pronomes, estão mais presentes nos editoriais que são acompanhados de assinatura, mais comuns em revistas, mesmo em revistas jornalísticas como a *Época*. Nos editoriais de jornais, há mais tendência à impessoalidade e afastamento do leitor.

Silva (2011) encontra editoriais no início do século XIX com um tom político-panfletário, inclusive com presença de insultos e ofensas. No século XX, são associadas aos editoriais jornalísticos palavras como polidez (CHAGAS, 2010); solenidade e apuro na linguagem (DUBIED; LITS, 1997); seriedade e rigor (SOUZA, 2006).

Nos editoriais de jornal e nas cartas de redator/editor da imprensa, de acordo com Silva (2011), manifestações em primeira pessoa, adjetivos e expressões avaliativas como mecanismo de referenciação foram se tornando menos usuais, ao longo do século XX, nos

⁴⁴ Incluí como modalizadores, conforme entendimento de Azeredo (2018) e de Maria Helena de Moura Neves (2016) diversos recursos e estratégias linguísticos que revelam o julgamento do próprio enunciador a respeito do enunciado, por exemplo, de certeza, dúvida, de sugestão, de ordem. As expressões mais concretas de modalidade no enunciado são as relacionadas às categorias de possibilidade/necessidade, que podem se materializar em verbos (*poder, dever*), em adjetivos (*possível, necessário, obrigatório, provável*), advérbios (*talvez, possivelmente, necessariamente*). A ordem sintática, as categorias verbais de modo (indicativo, subjuntivo) e tempo, polo (afirmativo, negativo), além de seleção lexical e entonação, na fala, são exemplos de modalizadores.

editoriais, ao passo que adjetivos e expressões descritivas, além do uso de modalizadores, se tornaram mais frequentes. Essa perda de presença explícita da 1ª pessoa do discurso e de marcas de posicionamento do editor também foi observada, ao longo da transição do século XIX para o XX, por Dubied e Lits (1997) no *corpus* por eles analisado, da imprensa francesa e belga.

Nos exemplares de editoriais analisados por Balocco (2010), o uso da 1ª pessoa do plural evidencia responsabilização do autor com o que declara e configura também uma estratégia de envolvimento com o interlocutor. Outras estratégias de envolvimento com o leitor são os enunciados interrogativos apontados, por exemplo, por Chagas (2010); o direcionamento ao leitor com o uso de “você” (VIEIRA, 2009); as expressões de despedida (SOUZA, 2006; VIEIRA, 2009), além de aspectos multimodais.

Editoriais publicados em veículos de informação (jornais e revistas) tendem, na seleção lexical e nos aspectos gráficos, a serem mais ‘sóbrios’ do que nas revistas temáticas (SOUZA, 2006; VIEIRA, 2009). Por exemplo, em *Casa Cláudia*, *Todateen*, *Super Interessante*, *Uma*, as autoras percebem um estilo “mais descontraído, mais íntimo”, um “tom mais coloquial” (VIEIRA, 2009, p. 117), direcionado para o público específico da revista. Aspectos gráficos e expressões de despedida (por exemplo, “beijos, beijos”, “um grande abraço”) corroboram esse aspecto. Nas revistas para adolescentes, a linguagem coloquial está a serviço de criar mais intimidade com a leitora (SOUZA, 2006), inclusive com o uso de gírias, segundo Vieira (2009). Em termos da linguagem empregada, Souza (2006, p. 95) também evidencia “um tom afetivo, marcado por diminutivos, adjetivação, modo de tratamento dos leitores e outros”.

Em jornais, Silva (2011) já observa o contrário em relação ao endereçamento ao leitor como forma de envolvimento: no percurso jornalístico por ela analisado, há menor presença de referência explícita ao destinatário, despedida ou comentário final.

Nas revistas científicas, pelo depreendido do que se espera da atuação de um editor, ponderação e equilíbrio são características importantes. Singh e Singh (2006) consideram que o editor deve ainda “envolver o leitor de modo que ele fique com ‘gosto de quero mais, como ao se comer uma sobremesa boa’” (SINGH; SINGH, 2006, p. 2, tradução nossa). De acordo com Peh e NG (2010, p. 612, tradução nossa), os editoriais “contribuem para as características de um determinado periódico e podem ser o modo pelo qual os editores imprimem sua marca pessoal na revista”. Na análise de estilo, interessa a esta tese o modo de os editores atuarem no texto como membros de uma comunidade científica e não traços estilísticos singulares. Conforme destaca López-López (2019, p. 1, tradução nossa), “os processos de editoria

[estão] necessariamente vinculados à construção de comunidades”. Assim, evidenciarei o tom dos editoriais a partir dos recursos semânticos de interpessoalidade, descritos em 1.3.

O **tamanho** também foi uma característica observada em um dos estudos. Silva (2011) constata que os editoriais passaram a ser menores, mais enxutos no século XX. Esse, de fato, é tido como um texto breve: a versão curta de seu primo literário, o ensaio, conforme mencionam Dubied e Lits (1997) e Rabaça e Barbosa (2011), em referência à caracterização clássica de Fraser Bond.

Vale a pena ainda destacar algumas constatações de Souza (2006) sobre a **disposição gráfico-visual** dos editoriais de jornais e revistas por ela analisados, pois também considerarei tal característica nesta tese. Segundo a pesquisadora, os jornais publicam editoriais mais neutros do ponto de vista visual, isto é, não usam imagens ou cores para realçar alguma informação para o leitor. Nas palavras de Souza (2006, p. 83) “Essa formalidade visual pode ser associada à seriedade e ao rigor que essa mídia diz aplicar às informações que veicula”. Dois veículos do *corpus* da autora mantêm a identificação do gênero “editorial” em destaque, em tipo menor do que o título específico do texto publicado. Nas revistas de informação (*Veja* e *Época*), há mais dinamicidade que nos editoriais de jornal. A autora exemplifica de forma bem interessante como as imagens, títulos, legendas, enfim, a disposição gráfica expressam posições e constroem, junto com o texto escrito, a opinião desses editoriais.

A partir das fontes consultadas, as revistas femininas são as que mais se servem de recursos como fotografias, cores diversas, mudanças tipográficas e destaque nos títulos. No entanto, Souza (2006) ressalta que a distinção de faixa etária entre o mesmo público confere aos editoriais uma grande diferença quanto à disposição gráfico-visual. Em *Uma*, as imagens são fotos de pessoas da equipe, um mecanismo para criar mais envolvimento com as leitoras e adesão às ideias expressas. Na revista para adolescentes, fotos e desenhos, variedade de cores, tipos e tamanhos, além de textos curtos, são empregados, revelando maior dinamicidade nos recursos visuais empregados.

Os elementos caracterizadores do gênero editorial nas esferas jornalística e científica, conforme a abordagem desenvolvida aqui, embasaram a escolha das categorias de análise, que serão apresentadas no capítulo seguinte.

3 METODOLOGIA E *CORPUS* DE ESTUDO

Neste capítulo, explicito as decisões teórico-metodológicas tomadas a partir das leituras que embasaram a condução da pesquisa. Apresento a justificativa para a seleção do *corpus*, seguida de breve caracterização dos periódicos que o integram, e indico as categorias definidas para a coleta de dados, bem como os procedimentos para a coleta e para a análise dos dados.

3.1 O *corpus* de análise

Para esta investigação, selecionei revistas científicas editadas pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), ícone da pesquisa científica brasileira, uma instituição de ponta na produção e difusão do conhecimento científico no Brasil e na América Latina.

Em uma pesquisa realizada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações sobre a percepção da população brasileira a respeito de ciência, a instituição de pesquisa mais lembrada pelos respondentes foi a Fiocruz (ESCOBAR, 5 abr. 2019; VINICIUS, 16 maio 2019).⁴⁵ Em termos quantitativos, a mesma pesquisa revelou que as principais instituições produtoras de conhecimento no Brasil, considerando-se a publicação de artigos,⁴⁶ são as universidades públicas (federais ou estaduais), seguidas dos institutos de pesquisa federais, como a Fiocruz. Mesmo sem ser uma universidade, instituição usualmente associada ao desenvolvimento de pesquisa, e não chegando a ser a que mais publica artigos

⁴⁵ Outras instituições mencionadas pelos entrevistados foram a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Instituto Butantan. Somente na quarta posição aparece uma universidade: a Universidade de São Paulo (“Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil”, realizada em 2015 pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos [CGEE] e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações [MCTIC]). No contexto de pandemia do novo coronavírus (a partir de 2020), é bem possível que as instituições de saúde ou as diretamente ligadas ao combate ao vírus, seja por ações de comunicação, testes diagnósticos e fabricação de vacinas, ocupem posição de maior destaque.

⁴⁶ A publicação de artigos científicos é uma das muitas formas de mensurar o trabalho de uma instituição. É essencial lembrarmos que há outros formatos de circulação e divulgação do conhecimento científico, tais como livros, capítulos, exposições, entrevistas, *sites* etc., e, acima de tudo, que há outras formas de produzir conhecimento e de dar retorno do trabalho da instituição para a sociedade. Entre elas, há a formação de quadros que atuarão nas iniciativas pública e privada, tanto na assistência, quanto no planejamento, na formulação de políticas públicas, na inovação em saúde e tecnologia e na interpretação do mundo em que vivemos.

científicos, a Fiocruz foi a instituição de pesquisa com o maior número de citações: 19% do total.

Esse lugar ocupado pela Fiocruz no imaginário público, ainda mais por ser uma instituição de saúde, área na qual as pessoas mais reconhecem a utilidade da pesquisa científica, foi um fator que instigou a escolha pelos periódicos científicos dessa instituição como objeto de estudo, além do envolvimento laboral da autora com a instituição, conforme já foi mencionado na introdução desta tese. O fato de a Fiocruz editar oito periódicos científicos de natureza variada (ciências biológicas, ciências humanas, ciências sociais e ciências da saúde) também contribuiu para pressupor uma variedade temática, diferente do esperado nas publicações da maior produtora de artigos científicos de acordo com o estudo mencionado: a Embrapa.

No *ranking* de publicações de 2014-2018, a Fiocruz é a 11^a instituição que mais publica artigos científicos; a segunda, tratando-se de instituição de pesquisa (e não de universidade); e a primeira mais lembrada por brasileiros (VINICIUS, 16 maio 2019). Com todos os acontecimentos ao longo da pandemia de covid-19, que ainda vivemos, a atuação da instituição e o reconhecimento do seu trabalho se modificou, alcançou novos patamares, assim como também mudou a própria relação da sociedade com a ciência.

Cada periódico científico editado pela Fiocruz apresenta um perfil e um desempenho diferenciados em consonância com a missão institucional da unidade, a linha editorial, o tempo de existência, a disponibilidade de recursos humanos e financeiros, a consolidação na comunidade científica acadêmica nacional e internacional. Todas as revistas, nascidas entre 1909 e 2013, são de acesso aberto, disponíveis *online* e sem ônus de publicação para autor.

Na escolha das revistas que integraram o *corpus*, levei em conta a antiguidade de cada uma; seu lançamento em décadas distintas (anos 1980, 1990 e 2000), de modo a cobrir um período considerável de tempo (e observar possíveis transformações nos editoriais ao longo dos anos); e o pertencimento a áreas distintas, no intuito de representar parte do trabalho da instituição.

O levantamento inicial do *corpus* indicou que a revista *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, a mais antiga da instituição, criada pelo próprio Oswaldo Cruz e ligada ao Instituto Oswaldo Cruz, raramente apresentava editoriais; além disso, passou a publicar seus textos em inglês, como estratégia para aumentar a inserção da ciência brasileira no fluxo de comunicação internacional, o que inviabilizou sua inclusão no estudo desta tese. Foi, então, selecionada a segunda revista mais antiga da Fiocruz: *Cadernos de Saúde Pública* (CSP).

Cadernos de Saúde Pública (CSP) é a revista vinculada à Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp), editada desde 1985, ano marcante no processo de redemocratização do Brasil.⁴⁷ Seu foco é a produção do conhecimento no campo da Saúde Coletiva; debate temas da atualidade sobre políticas públicas e sobre fatores que influenciam as condições de vida das populações. Acolhe, portanto, os seguintes tópicos: epidemiologia, nutrição, planejamento em saúde, ecologia e controle de vetores, saúde ambiental.

CSP é uma das principais fontes de informação da área científica em Saúde Pública na América Latina e a segunda revista da área de Ciências da Saúde mais acessada na base SciELO, coleção que integra desde 1999, quando havia entrada automática com base na avaliação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp (SCIELO, 2014). No quadriênio 2013-2016 da Capes, o vigente atualmente, tem a classificação A2 em Saúde Coletiva, o segundo nível mais alto para periódicos da área. Editoriais são um gênero publicado desde o primeiro número da revista.

O percurso desse periódico pode ser acompanhado pelos editoriais da revista e por estudos referentes a ele (por exemplo, CARVALHO; COELI; TRAVASSOS, 2015). Ao longo de suas primeiras três décadas, CSP contou com o trabalho de oito editores: Frederico Simões Barbosa e Luiz Fernando Ferreira (1985-1989); Paulo Buss (1989); Sergio Koifman (1990); Carlos Coimbra Júnior (1991-2012), que se dedicou à revista por 20 anos, em alguns períodos trabalhando em parceria com Luis David Castiel (1998-2001) e Mario Viana Vettore (2008-2012). De 2013 para cá, o trabalho na editoria tem sido sempre compartilhado: Marília Sá Carvalho, Cláudia Medina Coeli, Claudia Travassos (2014-2017); e Marília Sá Carvalho, Cláudia Medina Coeli, Luciana Dias Lima (2018 em diante).

História, Ciências, Saúde – Manguinhos (HCSM) é a revista publicada pela Casa de Oswaldo Cruz (COC), uma unidade voltada para documentação, pesquisa e museotecnia em história das ciências e da saúde. O foco da revista são trabalhos que abordam a saúde e as ciências da vida em perspectiva histórica, que “lidam com as práticas de saúde e de produção do conhecimento nas dimensões social, política e cultural” (SOBRE NÓS, s.d.). Ela abarca, ainda, textos na área de divulgação científica e de preservação e gestão do patrimônio cultural relacionado às ciências e à saúde.

⁴⁷ Teve periodicidade trimestral de 1985 até 2000; em 2001 passou a ser bimestral e, a partir de 2006, mensal, por conta do “expressivo aumento na produção científica” em Saúde Coletiva (CARVALHO; COELI, TRAVASSOS, 2015, p. 2008) e do número crescente de submissões. Publica um ou mais de um suplemento temático quase todos os anos, desde 1993 (volume 9).

HCSM foi iniciada em 1994 e, desde 2006 (volume 13), tem publicação trimestral.⁴⁸ É uma revista da área de humanas, classificada como A1, o nível mais alto da hierarquia do Qualis, nas áreas de história, educação e sociologia, por exemplo. É uma referência nacional e internacional no campo da história das ciências, em particular das ciências da saúde. Está na coleção SciELO desde 2000. Os editoriais são uma tipologia documental publicada desde o primeiro número da revista.

A história desse periódico pode ser acompanhada pelos editoriais da própria publicação e por estudos referentes a ele (por exemplo, BENCHIMOL; CERQUEIRA; MARTINS; MENDONÇA, 2007; BENCHIMOL; CERQUEIRA; PAPI, 2014). Ao longo de sua existência, contou com os seguintes editores: Paulo Gadelha (1994), Sergio Goes de Paula (1995), Jaime Benchimol, que esteve à frente da revista por quase 20 anos (de 1996 a 2014); Jaime Benchimol e Marcos Cueto (2012-2014); Marcos Cueto e André Felipe Cândido da Silva (2015-2020); Marcos Cueto (2020 em diante).

A *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde* (Reciis) é editada pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), desde 2007. Trata-se de uma revista interdisciplinar, que atua na articulação entre os campos da informação, da comunicação e da saúde. Suas temáticas de interesse são informação científica e saúde; políticas de comunicação, informação e saúde; ambientes virtuais e redes sociais em saúde; tecnologias de informação e comunicação (TIC) aplicadas à saúde; tecnologias educacionais, tecnologias sociais aplicadas à saúde, por exemplo. Sua publicação foi iniciada exclusivamente em meio eletrônico em 2007.⁴⁹ Os editoriais são publicados desde o primeiro número da revista.

A Reciis está inserida na área de ciências sociais, classificada como B1, o nível mais alto para periódicos de circulação nacional, em Comunicação e Informação, e B2 na área Interdisciplinar. No momento, não integra a Coleção SciELO e busca ampliar sua base de indexadores.

Seu percurso pode ser acompanhado pelos editoriais da revista e por estudos referentes ao periódico (BOCHNER et al., 2014, 2017). Do nascimento até hoje, contou com o trabalho dos seguintes editores: Calos José Saldanha Machado (2007-2008); Carlos José Saldanha Machado, Maria Cristina Soares Guimarães e Josué Laguardia (2009); Maria Cristina Soares Guimarães e Josué Laguardia (2010-2012); Maria Cristina Soares Guimarães e Cícera

⁴⁸ Desde 2001 (volume 8), há publicação de suplemento praticamente em todos os anos.

⁴⁹ Nos primeiros anos, a publicação foi semestral; a partir do terceiro ano de vida, tornou-se trimestral, periodicidade que se mantém até hoje. Os suplementos foram comuns nos anos 2007 e 2008; os números temáticos de 2009 a 2014 e os dossiês temáticos circulam desde 2019.

Henrique da Silva (2013); Christovam Barcellos, Rosany Bochner e Rodrigo Murtinho (2014-2017); Christovam Barcellos, Rosany Bochner, Igor Sacramento, Ana Luiz Braz Pavão (2017-2019); Christovam Barcellos, Igor Sacramento, Ana Luiz Braz Pavão, Kizi Mendonça de Araújo (a partir de 2019).

Para a coleta dos editoriais, selecionei, prioritariamente, os três primeiros anos de criação de cada revista e os três últimos, tendo como ponto de corte, a fim de ter tempo hábil para análise, o ano de 2019. O primeiro recorte temporal foi escolhido por ser considerado tempo suficiente para apresentação da revista à comunidade científica e, em geral, três anos são o período mínimo de existência exigido para que a revista seja apreciada por indexadores e agências de avaliação científica. O segundo recorte, os anos mais recentes, serve para tentar acompanhar o estado atual dos editoriais.

Assim, os anos de coleta de todos os editoriais publicados foram: 1985, 1986 e 1987 para CSP; 1995, 1996, 1997 para HCSM; 2007, 2008 e 2009 para Reciiis, acrescidos dos anos 2017, 2018 e 2019 para todas as revistas. Tais intervalos constituem o norte para composição do *corpus*. Alguns exemplares de outros anos foram recolhidos pelas seguintes razões: (i) contemplar textos escritos pelo editor mais longevo (nos editoriais de CSP, HCSM e Reciiis); (ii) evidenciar um editorial específico que apresente um propósito comunicativo menos usual (como o de informação sobre eventos), ou a utilização de recursos gráficos, ou ainda peculiaridades de expressividade estilística. O *corpus* ficou, então, composto por 89 exemplares.

De acordo com a data em que cada revista veio a lume e com a sua periodicidade ao longo do tempo, CSP apresentaria um número muito maior de editoriais. Na tentativa de equilibrar o número de textos entre os periódicos selecionados, a coleta dos editoriais de CSP também foi trimestral, já privilegiando textos de autoria de membros do corpo editorial sobre a revista, conforme critérios que serão explicitados a seguir. Igualmente, para controlar o tamanho do *corpus*, como princípio, os suplementos de todas as revistas foram desconsiderados.

O primeiro triênio da Reciiis coincide com o primeiro triênio do Qualis, e o último triênio da coleta de dados quase integraliza o período de avaliação vigente (quadriênio 2017-2020). Os últimos anos foram marcados por profundas alterações na avaliação do Qualis e por intensa discussão na comunidade acadêmica, além de modificações de critérios de admissibilidade na Coleção SciELO – segundo já foi comentado no capítulo 2 –, igualmente indutoras de mudanças por parte das equipes editoriais.

A partir desse recorte temporal, foram selecionadas 81 edições distribuídas, conforme indicado no Quadro 5.

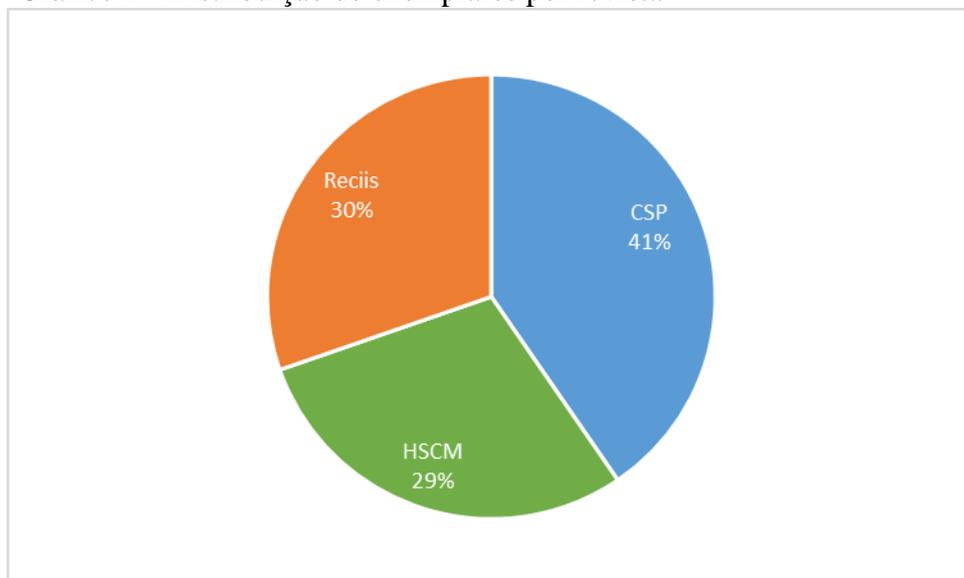
Quadro 5 - Número selecionado de editoriais por revista ao longo dos períodos delimitados

	1985	1986	1987	1994	1995	1996	2007	2008	2009	2010	2014	2015	2017	2018	2019	Total
CSP	4	5	4	1	1	2	1	1	3	0	0	0	5	6	3	36
HCSM	-	-	-	2	3	4	2	2	4	0	1	0	3	2	3	26
Reciis	-	-	-	-	-	-	2	2	4	1	0	1	8	5	4	27
Total	4	5	4	3	4	6	5	5	11	1	1	1	16	13	10	89

Fonte: A autora, 2021.

Em termos de distribuição por revista, o *corpus* fica constituído conforme o Gráfico 1.

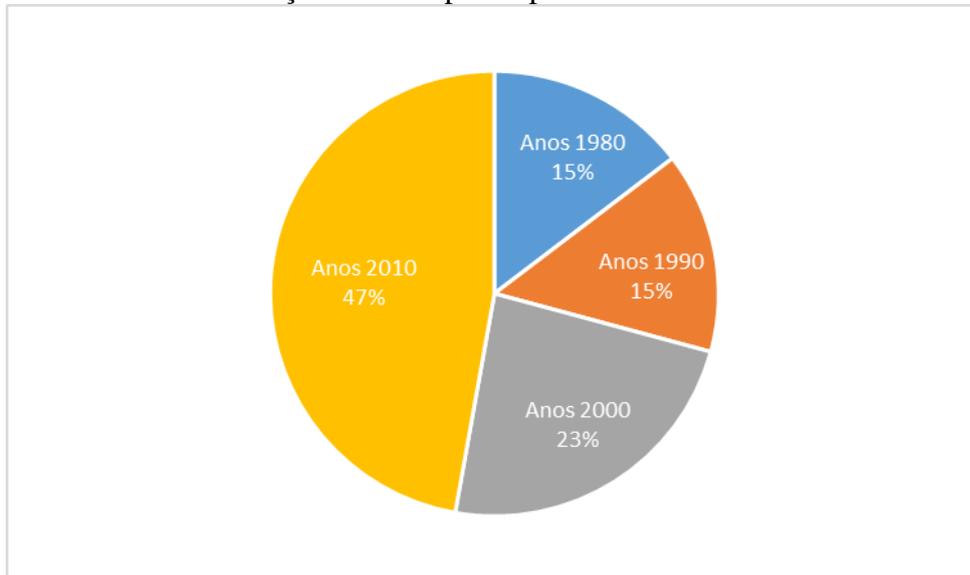
Gráfico 1 - Distribuição de exemplares por revista



Fonte: A autora, 2021.

Os exemplares do *corpus* distribuem-se na proporção indicada no Gráfico 2 ao longo das décadas de 1980 a 2010.

Gráfico 2 - Distribuição de exemplares por década



Fonte: A autora, 2021.

A fim de se coletar o editorial de cada edição integrante do *corpus*, os textos de CSP e HCSM foram consultados na página eletrônica da coleção SciELO (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-5970&lng=en&nrm=iso, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-311X&lng=en&nrm=iso), e os da Reciiis, na página eletrônica da própria revista (www.reciis.icict.fiocruz.br). Cada editorial foi gravado em formato PDF, para que fosse possível analisar o *layout* do texto, e recebeu uma identificação abreviada a partir de título do periódico, volume e número; por exemplo, HCSMv16n2. O Quadro 6 apresenta o código de identificação do *corpus*, com seus dados básicos: autoria, título e ano.⁵⁰

Quadro 6 - Código de identificação do *corpus* e seus dados básicos

Código	Ano	Título específico (ou rótulo da seção)	Autoria (função) ⁵¹ (continua)
CSPv1n1	1985	Editorial	sem assinatura [Arlindo Fábio Goméz de Sousa]
CSPv1n2	1985	A epidemiologia como instrumento de transformação	Frederico Simões Barbosa [editor]
CSPv1n3	1985	A Crise na Universidade	Zilton Andrade (professor emérito UFBA)

⁵⁰ No Apêndice A, “Lista dos editoriais do *corpus*”, todos os exemplares estão referenciados conforme as regras da ABNT e com a disponibilização do *link* de acesso para cada editorial.

⁵¹ A coluna de autoria foi aqui preenchida segundo os dados encontrados na página em que o editorial foi publicado. As informações entre colchetes foram acrescentadas a partir da coleta de dados em outros espaços da revista, conforme está comentado na análise.

Código	Ano	Título específico (ou rótulo da seção)	Autoria (função) (continua)
CSPv1n4	1985	Guerra é doença: a questão da paz e os profissionais da saúde coletiva no Brasil	L. D. Castiel [editor]
CSPv2n1_1	1986	Saúde e Nutrição – os grandes desafios	Bertoldo Kruse Grande de Arruda (UFPE)
CSPv2n1_2	1986	Registro Aos nossos leitores e colaboradores	Os editores
CSPv2n2	1986	Por uma renovação na saúde	Paulo Marchiori Buss [editor]
CSPv2n3	1986	A regionalização assistencial no aperfeiçoamento das ações integradas de saúde	Roberto Figueira Santos (Ministro da Saúde)
CSPv2n4	1986	Editorial	Tânia Celeste Matos Nunes
CSPv3n1	1987	Profissional em saúde, amador em educação	Paulo Barata
CSPv3n2	1987	Dengue – a mais nova endemia “de estimação”?	Keyla Belízia Feldman Marzochi
CSPv3n3	1987	Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova	Alexandre Kalache
CSPv3n4	1987	A missão da ENSP frente à Reforma Sanitária	Paulo Marchiori Buss (Professor Assistente, Vice-Diretor da ENSP)
CSPv10n4	1994	Dez anos dos Cadernos de Saúde Pública	Carlos E. A. Coimbra Jr. (editor)
CSPv11n4	1995	Editorial	Carlos E. A. Coimbra Jr. (editor)
CSPv12n1	1996	Editorial	Carlos E. A. Coimbra Jr. (editor)
CSPv12n4	1996	Plágio em Ciência	Carlos E. A. Coimbra Jr. (editor)
CSPv23n6	2007	Revisão, revisão sistemática e ensaio em saúde pública	Francisco I. Bastos (editor de artigo de revisão)
CSPv24n11	2008	Avaliação da pós-graduação no Brasil e seu impacto sobre as revistas científicas nacionais: um alerta!	Maria do Carmo Leal (vice-presidente da Fiocruz) Carlos E. A. Coimbra Jr. (editor)
CSPv25n1	2009	25 anos de Cadernos de Saúde Pública	Carlos E. A. Coimbra Jr. Mario Vianna Vettore (editores)
CSPv25n10	2009	Efeitos colaterais do produtivismo acadêmico na pós-graduação	Carlos E. A. Coimbra Jr. (editor)
CSPv25n11	2009	O processo editorial de avaliação por pares na área de saúde	Mario Vianna Vettore (editor)
CSPv33n1	2017	Dias melhores virão!	Marília Sá Carvalho Cláudia Medina Coeli Luciana Dias Lima (editoras)
CSPv33n8	2017	CSP: o bem comum da Saúde Coletiva	Marília Sá Carvalho Cláudia Medina Coeli Luciana Dias Lima (editoras)
CSPv33n10	2017	GeoMed 2017: visão mais profunda a partir de <i>big data</i> e pequenas áreas	Marília Sá Carvalho (editora) Maria de Fátima Pina (Universidade do Porto)
CSPv33n12_1	2017	Atividades de formação em CSP: a rica experiência do estágio em editoria científica em 2017	Marília Sá Carvalho Cláudia Medina Coeli Luciana Dias Lima (editoras)
CSPv33n12_2	2017	Aprendendo a arte da editoria científica	Mario Jorge Sobreira da Silva Giselle Goulart de Oliveira Matos J. Rodolfo M. Lucena Laís Picinini Freitas Suelen Carlos de Oliveira [editores estagiários]

Código	Ano	Título específico (ou rótulo da seção)	Autoria (função) (continua)
CSPv34n1	2018	Hipercompetitividade e integridade em pesquisa	Cláudia Medina Coeli Luciana Dias Lima Marília Sá Carvalho (editoras)
CSPv34n3	2018	Mulheres no mundo da ciência e da publicação científica	Marília Sá Carvalho Cláudia Medina Coeli Luciana Dias Lima [editoras]
CSPv34n7_2	2018	Sistema Único de Saúde: 30 anos de avanços e desafios	Luciana Dias de Lima Marília Sá Carvalho Cláudia Medina Coeli [editoras]
CSPv34n9	2018	O grande desafio para a publicação científica	Marília Sá Carvalho Luciana Dias de Lima Cláudia Medina Coeli [editoras]
CSPv34n10	2018	Mulheres na ciência	Claudia Torres Codeço [editora associada] Claudia Mazza Dias (UFRRJ)
CSPv34n11	2018	A autoria científica em CSP	Marcia Cristina Leal Cypriano Pietrukowicz Leandro Carvalho Carolina Krause Ribeiro [editores assistentes]
CSPv35n1	2019	Médicos, política e sistemas de saúde	Luciana Dias de Lima Marília Sá Carvalho Cláudia Medina Coeli [editoras]
CSPv35n8	2019	Desafios da ciência frente à complexidade dos problemas de saúde	Marília Sá Carvalho [editora]
CSPv35n10	2019	Contribuições ao debate sobre avaliação da produção científica no Brasil	Cadernos de Saúde Pública História, Ciências, Saúde – Manguinhos Memórias do Instituto Oswaldo Cruz Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde Revista Fitos Trabalho, Educação e Saúde Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência e Tecnologia [periódicos Fiocruz]
HCSMv1n1_1	1994	Apresentação	Paulo Gadelha [editor]
HCSMv1n1_2	1994	Carta do editor	Sergio Goes de Paula [editor]
HCSMv1n2	1994/ 1995	Carta do editor	Sergio Goes de Paula [editor]
HCSMv2n1	1995	Carta do editor	Sergio Goes de Paula [editor]
HCSMv2n2	1995	Carta do editor	Paulo Gadelha [editor]
HCSMv2n3	1995/ 1996	Carta do editor	Paulo Gadelha [editor]
HCSMv3n1	1996	Carta do editor	Paulo Gadelha [editor]
HCSMv3n2	1996	Carta do editor	Paulo Gadelha (editor)
HCSMv3n3	1996	Carta do editor	Jaime L. Benchimol [editor]
HCSMv14n3	2007	Carta do editor	Jaime L. Benchimol (editor)
HCSMv14n4	2007	Carta do editor	Jaime L. Benchimol (editor)
HCSMv15n1	2008	Carta do editor	Jaime Benchimol (editor)
HCSMv15n2	2008	Carta do editor	Jaime Benchimol (editor)
HCSMv16n1	2009	Carta do editor	Jaime Benchimol Ruth B. Martins [editores]
HCSMv16n2	2009	Carta do editor	Jaime Benchimol (editor)
HCSMv16n3	2009	Carta do editor	Jaime Benchimol (editor)
HCSMv16n4	2009	Carta do editor	Jaime L. Benchimol (editor)

Código	Ano	Título específico (ou rótulo da seção)	Autoria (função) (continua)
HCSMv21n1	2014	Carta do editor	Jaime L. Benchimol (editor científico)
HCSMv24n2	2017	Carta dos editores	André Felipe Cândido da Silva Marcos Cueto (editores científicos)
HCSMv24n3	2017	Nosso periódico no 25º International Congress of History of Science and Technology	Marcos Cueto André Felipe Cândido da Silva (editores científicos)
HCSMv24n4	2017	Saúde, zika e política	André Felipe Cândido da Silva Marcos Cueto (editores científicos)
HCSMv25n1	2018	Rumo a 2019: 25 anos de <i>História, Ciências, Saúde – Manguinhos</i>	André Felipe Cândido da Silva Marcos Cueto (editores científicos)
HCSMv25n2	2018	HIV-Aids, os estigmas e a história	André Felipe Cândido da Silva Marcos Cueto (editores científicos)
HCSMv26n1	2019	2019: um ano de debates, projetos e agradecimentos	André Felipe Cândido da Silva Marcos Cueto (editores científicos)
HCSMv26n3	2019	A história e as mudanças na publicação científica: resistência ou adaptação?	André Felipe Cândido da Silva (editor científico)
HCSMv26n4	2019	A história das ciências e o Qualis Periódicos	Marcos Cueto (editor científico)
Reciisv1n1	2007	A arena da saúde na dinâmica do tempo presente	Carlos José Saldanha Machado (editor científico)
Reciisv1n2	2007	A saúde entre limites e desafios social e geograficamente situados	Carlos José Saldanha Machado (editor científico)
Reciisv2n1	2008	Acesso livre ao conhecimento científico avaliado pelos pares por qualquer pessoa, em qualquer lugar e a qualquer momento	Carlos José Saldanha Machado (editor científico)
Reciisv2n2	2008	A singularidade de um projeto editorial numa realidade em plena transformação	Carlos José Saldanha Machado Josué Laguardia (editores científicos)
Reciisv3n1	2009	Ontologias, Web semântica e saúde	Frederico Freitas Stefan Schulz [editores convidados]
Reciisv3n2	2009	Editorial	Maria Cristina Soares Guimarães Josué Laguardia (editores)
Reciisv3n3	2009	Informação, conhecimentos e saberes: acesso e usos	Regina Maria Mateleto Viviane Couzinet (editoras convidadas)
Reciisv3n4	2009	Editorial	sem assinatura [Maria Cristina Soares Guimarães, Josué Laguardia, editores]
Reciisv4n4	2010	Políticas de comunicação, democracia e cidadania	Rodrigo Murtinho (editor convidado)
Reciisv9n1	2015	Uso de imagens nos artigos científicos: visualizar, reter, divulgar, aprender	Christovam Barcellos (editor científico)
Reciisv11n1_1	2017	Saúde, ética e integridade da pesquisa no Brasil	Lidiane dos Santos Carvalho [editora associada]
Reciisv11n1_2	2017	De uma sociedade desumanizada que temos para uma sociedade justa e solidária, com saúde ambiental, que precisamos	Carlos José Saldanha Machado [ex-editor]
Reciisv11n2_1	2017	Editorial	Igor Sacramento [editor associado]
Reciisv11n2_2	2017	Vida longa e próspera	Maria Cristina Soares Guimarães [ex-editora]
Reciisv11n3_1	2017	Editorial	Ana Luiza Braz Pavão [editora associada]
Reciisv11n3_2	2017	O desafio de ser um editor disciplinar num periódico interdisciplinar	Cícera Henrique da Silva [ex-editora]
Reciisv11n4_1	2017	Editorial	Mariella Silva de Oliveira-Costa [editora associada]
Reciisv11n4_2	2017	Sejamos abertos, sempre!	Josué Laguardia [ex-editor]

Código	Ano	Título específico (ou rótulo da seção)	Autoria (função) (conclusão)
Reciisv12n1	2018	A saúde numa sociedade de verdades	Igor Sacramento [editor científico]
Reciisv12n2	2018	Saúde e direitos sociais	Rosane Aparecida de Sousa Martins [editora associada]
Reciisv12n3_1	2018	Memória fraca e patrimônio queimado	Rosany Bochner [editora científica]
Reciisv12n3_2	2018	Do silêncio à implicação	Márcia Rodrigues Lisboa [editora associada]
Reciisv12n4	2018	Por uma ciência democrática e cidadã	Kizi Mendonça de Araújo [editora associada]
Reciisv13n1	2019	A saúde como normatividade social: comunicação, risco e estilos de vida	Igor Sacramento (editor científico)
Reciisv13n2	2019	Movimento LGBT: violências, memórias e lutas	Vinícius Ferreira (editor convidado) Igor Sacramento (editor científico)
Reciisv13n3	2019	As identidades LGBT no Brasil: entre in/visibilidades e in/tolerâncias	Igor Sacramento (editor científico) Vinícius Ferreira (editor convidado)
Reciisv13n4	2019	Diversidades, resistências e justiça social	Ana Lúcia de Moura Pontes Adriano De Lavor Moreira (editores convidados)

Fonte: A autora, 2021.

Em seguida, uma tabela de categorização em Excel foi preenchida conforme será explicado na próxima seção.

3.2 Categorias de análise

As categorias de análise, em nível macro e micro, foram estabelecidas conforme a perspectiva de linguagem adotada, os estudos sobre gênero e os recursos interpessoais da linguagem, segundo foi apresentado nos capítulos 1 e 2 desta tese, de modo a permitir responder aos objetivos gerais e específicos. Logo, trabalho com macrocategorias de análise que evidenciam a dinâmica do gênero editorial, observando-o em suas dimensões de prática social, discursiva e textual. Os conceitos de esfera da atividade humana, suporte, conjunto de gêneros, cadeia de gêneros, sistema de gêneros e hierarquia de gêneros são as categorias que singularizam o editorial no âmbito macro, que influenciam sua configuração como enunciado relativamente estável em termos de conteúdo, tema e estilo. As microcategorias de análise que permitem descrevê-lo, especialmente, na dimensão textual, são as categorias relacionadas à composição, ao tema e ao estilo, que foram sistematicamente coletadas e registradas em uma planilha de Excel. A título de ilustração, o preenchimento dos dados relativos a um exemplar do *corpus* nessa planilha está apresentado ao final deste capítulo de metodologia como Tabela 1. São essas categorias registradas na tabela que permitem a análise quali-quantitativa do

corpus apresentada nesta tese. Por terem sido anotadas em planilha de Excel, com a possibilidade de uso de filtros, o cruzamento de categorias na análise de dados foi facilitado. Alguns cruzamentos foram úteis para investigar diferenças entre as revistas e fazer constatações por período de publicação, já que *o corpus* foi composto de modo a cobrir diferentes décadas. Cumpre agora definir e exemplificar cada uma das categorias registradas no Excel.

As microcategorias foram listadas na ordem da coleta dos dados, a saber: primeiro, aspectos relativos à organização composicional; depois características que concernem a tema e estilo. No Quadro 7 a seguir, listo as quatorze categorias examinadas.

Quadro 7 – Coleta de dados: categorias relacionadas à composição, ao tema e ao estilo

CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL	
1	Título da seção
2	Título do texto
3	Aspectos gráficos
4	Subseção
5	Citação direta
6	Saudação
7	Assinatura
CONTEÚDO TEMÁTICO	
8	Relação com a edição
9	Linearidade temática
10	Tema
11	Propósito comunicativo
ESTILO	
12	Pessoa do discurso
13	Direcionamento ao leitor
14	Traços estilísticos: avaliatividade e negociação

Fonte: A autora, 2021.

Para análise da construção composicional, adotei as seguintes categorias: título da seção, título do texto, aspectos gráficos, subseção, citação direta, saudação e assinatura – as categorias 1 a 7 do quadro anterior. Por meio delas, espero constatar semelhanças e diferenças em relação aos editoriais de jornais, de revistas de informação e de revistas temáticas, conforme o que foi apresentado no capítulo 2. Essas sete categorias podem se subdividir na planilha em Excel, de acordo com o aspecto observado, conforme explicarei e exemplificarei a seguir.

A categoria 1, “título da seção”, refere-se ao rótulo com que o gênero é identificado na publicação. Na tabela em Excel, compreende o preenchimento de duas células, conforme

- a) existência ou não do rótulo: registro de “sim” ou de “não”;
- b) identificação da seção: quando existente, registro do rótulo tal qual consta no exemplar analisado: “editorial”, “apresentação” ou “carta ao leitor”.

A categoria 2, “título do texto”, refere-se ao título específico, diferente do título da seção. Na tabela em Excel, compreende o preenchimento de duas células, conforme

- a) existência ou não do título: registro de “sim” ou “não”;
- b) identificação da seção: quando existente, registro do título tal qual foi publicado no exemplar analisado.

A categoria 3, “aspectos gráficos”, compreende elementos quanto a tamanho do texto, uso de cores e de imagens. Diz respeito ao preenchimento de seis colunas na tabela, conforme está indicado a seguir:

- a) extensão do texto em número de palavras, contadas do título ao último elemento: registro do valor numérico aproximado;
- b) quantidade de páginas em relação ao projeto gráfico da revista: registro do número de páginas ocupado pelo editorial;
- c) quantidade de colunas do texto, conforme o projeto gráfico da revista: registro do número de colunas;
- d) uso de cores, além de preto e branco: registro de “sim” ou “não”;
- e) uso de imagens: registro de “sim” ou “não”;
- f) observações sobre aspectos gráficos: registro opcional, para informações a respeito de quantidade de cores, imagens e outros aspectos gráficos salientes, tais como a formatação da assinatura.

A categoria 4, “subseção”, é entendida como qualquer uma das seguintes divisões ao longo do texto: entretítulo, notas, referências, epígrafe ou seção sobre editor. Cinco colunas na planilha em Excel registram essa coleta:

- a) existência de subseção: registro com “sim” ou “não”;
- b) existência de entretítulo, entendido como uma subdivisão ao longo do corpo do texto: registro com “sim” ou “não”;
- c) existência de referências, quer sejam indicadas com esse rótulo, ou apenas destacadas graficamente no texto: registro com “sim” ou “não”;
- d) existência de notas, quer sejam notas de rodapé, notas no fim do documento ou na margem lateral do texto: registro com “sim” ou “não”;
- e) observações sobre as subseções: registro opcional, para informações a respeito do número e da natureza de subseções e do seu conteúdo, quando for julgado relevante.

A categoria 5, “citação direta”, refere-se à inclusão de citações *ipsis litteris* de outras fontes.⁵² Compreende duas células na tabela:

- a) existência de citação direta: registro com “sim” ou “não”;
- b) observação sobre citação: quando existente, registro a respeito do número de citações e do seu domínio de saber; por exemplo: da ciência, da literatura, da própria edição da revista.

A categoria 6, “saudação”, é entendida como um direcionamento ao leitor, expresso como vocativo ou saudação de abertura ou de despedida. Compreende duas colunas na planilha de coleta de dados:

- a) existência de saudação dirigida ao leitor: registro com “sim” ou “não”;
- b) local de inserção da saudação: registro com “abertura”, “fecho” e “abertura e fecho”.⁵³

Cabe mencionar que essa categoria da construção composicional se relaciona muito proximamente com a categoria 13 (direcionamento ao leitor). Sua inclusão aqui serve para enfatizar o seu aspecto gráfico nos editoriais, conforme exemplificarei adiante.

A categoria 7 é a “assinatura do texto”. Quando existente, requer a coleta de dados em seis colunas da tabela em Excel:

- a) existência de assinatura publicada junto ao texto: registro com “sim” ou “não”;
- b) local de apresentação da assinatura: registro com “início” ou “fim” do texto;
- c) número de autores: registro com a quantidade numérica de autores;⁵⁴
- d) identificação de autoria: registro do nome dos autores tal qual está publicado no texto;
- e) pertencimento ao corpo editorial do periódico: registro com “sim” ou “não”;
- f) identificação da relação com o periódico: quando existente, registro do vínculo, conforme os códigos e formatos indicados adiante.

⁵² É de se observar a suposição de que a existência de citação direta possa estar sofrendo influência das recomendações para que os editoriais apresentem conteúdo científico passível de citação e obrigatoriedade de apresentar referências. Também é de se observar se o número de referências indicadas nos editoriais tem crescido.

⁵³ O local de inserção das saudações pode evidenciar proximidades com a construção composicional do gênero carta.

⁵⁴ A observação do número de autores pode revelar uma tendência de os editoriais se aproximarem dos artigos científicos, cada vez mais frequentemente, com autores múltiplos. A indicação de autores logo abaixo do título do texto é uma característica formal comum a artigos científicos. A indicação de autoria ao final do texto tende a aproximar o editorial de suas origens: a carta.

Na identificação da relação com o periódico (7f), o primeiro ponto observado foi se o autor do texto era membro permanente ou não do corpo editorial, entendido como os pesquisadores que compõem a equipe editorial, conforme se indica no expediente da revista (editores-chefes, editores associados, editores de área, editores de seção etc. – a terminologia das revistas é variável). Considero como editores convidados os pesquisadores externos a esse corpo da revista, convidados pontualmente para escrever o editorial, muitas vezes em edição temática ou em um suplemento no qual tiveram participação.

Quando a relação do autor com o periódico não estava publicada no próprio editorial, busquei o expediente da revista ou outras informações que documentem sua história, por exemplo, créditos da equipe nas páginas eletrônicas ou estudos publicados que documentem a história da revista e registrei os achados entre colchetes. Os códigos utilizados foram: “e” para editor; “ec”, editor científico; “ea”, editor associado; “es”, editor de seção; “econ”, editor convidado;⁵⁵ “eex”, editor executivo; “ae”, assistente editorial; “ex-e”, ex-editor e outro (por exemplo, diretor, vice-presidente, presidente da própria instituição, ou alguém externo a ela, como ministro da saúde, coordenador da SciELO etc.).

A informação sobre ser ou não do corpo editorial e o tipo de vínculo (editor permanente ou convidado) foi usada como critério para equilibrar o número de textos a ser analisado de cada revista, uma vez que há interesse em analisar os editoriais escritos pelos editores que compõem a equipe editorial, pois pressupomos que eles tenham grande envolvimento com a esfera da atividade científica e, conseqüentemente, com a produção do gênero editorial.

Assim, no caso de CSP, em que era preciso diminuir o número de edições coletadas para equilíbrio com as edições de HCSM e da Reciiis, foram priorizadas as edições cujos editoriais foram escritos (i) por membros do corpo editorial, (ii) preferencialmente, pelos editores científicos, (iii) por um número reduzido de autores.

O detalhamento das microcategorias de construção composicional está apresentado no Quadro 8, a seguir.

⁵⁵ É de se confirmar a suposição de que os editores convidados estão mais constantemente indicados. Como espera-se que o editorial seja escrito pelos editores da revista, quando isso não acontece, costuma haver uma sinalização ou justificativa. Em CSP, há uma indicação no alto da página com destaque gráfico: Editor convidado – Escolha das editoras (por exemplo em CSPv33n9); em HCSM, em que a elaboração do editorial por editores diferentes dos da revista é rara, houve uma nota para justificar a autoria do editorial (por exemplo, em HCSMv24n1).

Quadro 8 – Detalhamento das microcategorias de construção composicional

coluna	CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL – categorias 1 a 7
1	1) Título da seção
1a	a) sim/não?
1b	b) qual?
2	2) Título do texto
2a	a) sim/não?
2b	b) qual?
3	3) Aspectos gráficos
3a	a) número aproximado de palavras?
3b	b) quantidade de páginas?
3c	c) quantidade de colunas?
3d	d) uso de cores?
3e	e) uso de imagens?
3f	f) observações sobre aspectos gráficos
4	4) Subseção
4a	a) sim/não?
4b	b) entretítulo?
4c	c) referências?
4d	d) notas?
4e	e) observações sobre subseções
5	Citação direta
5a	a) sim/não?
5b	b) observações sobre citações
6	Saudação
6a	a) sim/não?
6b	b) local?
7	Assinatura
7a	a) sim/não?
7b	b) local?
7c	c) número de autores?
7d	d) identificação de autoria
7e	e) pertencimento ao corpo editorial?
7f	f) qual vínculo?

Fonte: A autora, 2021.

Para exemplificar a aplicação dessas categorias, apresento excertos dos primeiros editoriais de cada revista.⁵⁶

⁵⁶ Ao trazer imagens para exemplificação aqui, meu interesse é na percepção de elementos de composição dos editoriais, na apreensão geral do seu *layout*. Quando a leitura do texto se faz necessária, optei por transcrevê-lo, para garantir a legibilidade.

Exemplo 15: CSPv1n1 (1985)

Editorial

Desde há muito a Escola Nacional de Saúde Pública sentia a necessidade de divulgar, com periodicidade, seu pensamento, bem como o daqueles que trabalham na área social e aí, prioritariamente, no campo da saúde pública.

Exemplo 16: HCSMv1n1 (1994)

CARTA DO EDITOR

História, Ciências, Saúde — Manguinhos é uma revista que em seu próprio nome traz os objetivos que pretende. Os três primeiros termos falam, de modo genérico, de seu campo de especialização, apontando, no entanto, para uma certa diluição das fronteiras: afinal, separam-nos vírgulas, e não partículas, indicando que seu conteúdo não se limita à 'história das ciências da saúde'. O último termo, irrecorrivelmente vernáculo, evoca um

Exemplo 17: Recisv1n1 (2007)



Editorial

A arena da saúde na dinâmica do tempo presente



Carlos José Saldanha Machado

Editor Científico da RECIIS
csaldanha@cict.fiocruz.br

Caros leitores, sejam bem-vindos à RECIIS, um espaço acadêmico virtual de debates, reflexões, conexões

interação dinâmica entre potencialidades individuais e condições de vida. Não se pode compreender ou trans-

Assim, quanto à categoria 1, nos exemplos 15 e 17, o título da seção é “Editorial”; no exemplo 16, é “Carta do Editor”. Apenas no exemplo 17 há um título específico atribuído ao texto, objeto da categoria 2: “A arena da saúde no tempo presente”. Nesse exemplo, recursos gráficos diferenciados hierarquizam as informações dos títulos na página da revista, contextualizando o leitor. Após o cabeçalho que identifica a revista, o título da seção (editorial) é a primeira informação da página: está centralizado, em fonte menor, em branco, envolvido por um destaque gráfico preto. O título do texto, em fonte maior, também está centralizado na página. Tais recursos auxiliam o leitor na identificação dos elementos: revista, seção da revista, título do texto.

Para ilustrar a categoria 3, aspectos gráficos, apresento os exemplos a seguir.

Exemplo 18: CSPv1n1 (1985)	Exemplo 19: HCSMv1n1 (1994)
<p>Editorial</p> <p>Desde há muito a Escola Nacional de Saúde Pública sentia a necessidade de divulgar, com periodicidade, seu pensamento, bem como o daqueles que trabalham na área social e aí, prioritariamente, no campo da saúde pública.</p> <p>Com a organização de seu Programa de Educação Continuada, PEC-ENSP, modernizou as ações que já vinha em-brionariamente desenvolvendo desde seus projetos PEPPE/PESES.</p> <p>Assim, deu início a uma nova fase editorial que hoje compreende o Programa Ampliado de Imunização (PAI), Reunião Análise Difusão de Informações em Saúde (RADIS), Textos de Apoio (em co-edição com a Abrasco), Catálogo, Memória da Saúde Pública, dentre outras publicações.</p> <p>A ENSP entende que, além das atividades que desenvolve nas áreas de ensino e pesquisa, tem na área da extensão — onde se localizam os CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA — uma ampliação de sua responsabilidade social e, por meio dessa sua nova publicação, abre ainda mais às críticas e colaboração suas opiniões e trabalhos.</p> <p>Publicação científica, os CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA estarão sempre abertos à colaboração de profissionais de quaisquer instituições, nacionais ou estrangeiras, propondo-se ser um foro permanente de debate sobre as questões direta ou indiretamente ligadas à Saúde Pública, acolhendo teses, pesquisas, estudos, artigos e opiniões, participando assim na divulgação e circulação de idéias que venham colaborar para o aperfeiçoamento do ensino e da pesquisa nessa área.</p> <p>Os CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA pretendem, também, ser um instrumento de ajuda para o trabalho dos profissionais e instituições do setor saúde, prioritariamente, visando sempre o objetivo central de contribuir, por todos os meios, para a melhoria das condições de saúde e de vida de nossas populações.</p>	<p>CARTA DO EDITOR</p> <p><i>História, Ciências, Saúde — Manguinhos</i> é uma revista que em seu próprio nome traz os objetivos que pretende. Os três primeiros termos falam, de modo genérico, de seu campo de especialização, apontando, no entanto, para uma certa diluição das fronteiras: afinal, separam-nos vírgulas, e não partículas, indicando que seu conteúdo não se limita à ‘história das ciências da saúde’. O último termo, irrecorrivelmente vernáculo, evoca um dos poucos lugares onde, no Brasil, se fez esta história das ciências da saúde, querendo chamar a atenção para o caráter verde-amarelo (deixem passar) que a revista pretende ter. Desta forma, <i>Manguinhos</i> — vamos tratá-la assim, abandonando as qualificações — é uma revista que pretende abordar a história dos conhecimentos e dos saberes, com ênfase, é bem verdade, nos conhecimentos biomédicos. E, daqui de <i>Manguinhos</i>, dialogar com pesquisadores do Brasil e de todas as partes, em torno de questões que, ao longo do tempo, são relevantes para a compreensão da realidade atual — afinal, que outra importância pode ter a história?</p> <p>Como se poderá ver, <i>Manguinhos</i> não tem o perfil tradicional de uma publicação acadêmica, indo além dos habituais artigos e resenhas, e abrindo espaço para outros produtos do campo acadêmico. Em suas seções pode-se também encontrar coisas como resumos de teses, depoimentos, debates, relatos de encontros e de congressos, notas de pesquisa, apresentação de documentos originais. (Aqui, por sinal, está uma de suas grandes preocupações: valorizar o documento original, trazer à luz o fundamento dos saberes que o historiador pode vir a produzir.) Finalmente, o leitor, após essas mal traçadas, ao folhear a revista, perceberá uma outra distinção de <i>Manguinhos</i>: um cuidado gráfico pouco usual, que, mais do que simples preocupação dileitante com a estética, quer chamar a atenção para o fato de que os conhecimentos que nos interessam se fazem de maneira não positiva.</p> <p>Quero acabar esta carta como comecei, pelo nome. <i>Manguinhos</i> é peculiar, porque tal diminutivo não mais evoca um espaço ecológico livre — aliás, aquele cuja recuperação indica a retomada das forças livres da natureza —, mas um lugar onde, sob controle, assepticamente, faz-se ciência de ponta. E, por outro lado, é típico, em seu diminutivo tão característico, do carinho que os brasileiros tendemos a ter no trato com o outro. Um bom nome, portanto.</p> <p style="text-align: right;">Sergio Goes de Paula</p>

Exemplo 20: Recis v1n1 (2007)



Editorial

A arena da saúde na dinâmica do tempo presente



Carlos José Saldaña Machado
Bitor Científico da RECIIS em Saúde Pública

Certo leitor, se você tem acesso à RECIIS, um espaço acadêmico virtual de debates, reflexões, comentários e intervenções de ideias em um profissional entendido de tecnologia e inovação em saúde. A RECIIS é uma rede de centros de referência em ciência e tecnologia em saúde, promovendo a produção científica que aborda as várias dimensões da dinâmica da saúde pública, promovendo a interação da produção científica que aborda as várias dimensões da dinâmica da saúde pública, promovendo a interação da produção científica que aborda as várias dimensões da dinâmica da saúde pública...

no espaço geográfico e no tempo histórico, inclui hoje de capitalismo industrial, da população nativa, sejam indígenas, camponeses ou escravos, passando por movimentos sociais urbanos e rurais, por comunidades acadêmicas, igrejas, associações, organizações não-governamentais, fundações públicas e privadas, agências de cooperação e agências multilaterais como o Banco Mundial, a Organização Mundial de Saúde, o Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Na arena da saúde, a comunicação e informação desempenham um papel central, uma função estratégica em seu processo contínuo para a tomada de decisões diversas e a construção da cidadania. Para a complexidade do desenvolvimento da saúde pública, a tecnologia, pelas tecnologias, pela gestão e dos serviços do Estado e pelo seu contexto social, supõe-se que deva produzir conhecimentos, de práticas e de atividades, como a biotecnologia, por exemplo, impulsiona as instituições, sobretudo públicas, a constante atualização das formas de gestão da informação e da comunicação e dos seus usos tecnológicos e informacionais (BRAMAN, 2007; SILVA e MELO, 2001; THE ROYAL SOCIETY, 2006).

Como decorrência da transformação dinâmica antropocêntrica da comunicação e da informação, isto é, a visão de mundo incorporada ao processo comunicacional e informacional, está o lugar na arena da saúde que uma concepção moderna de comunicação e da informação se faz necessária. Com sua linha WOLTON (1997), a comunicação é geralmente vista como um ato humano em relação à qual o homem mostra-se consciente, uma vez que é dotado de consciência e de sua relação com o mundo. Comunicação não é, portanto, um ato de transmissão de informações, mas sim de construção de uma realidade social, política e econômica, como a linguagem escrita, o rádio, a televisão e a Internet, que permitem ao homem comunicar-se e estabelecer relações com o mundo exterior. Uma vez que não há comunicação sem consciência, a comunicação é sempre um ato de construção de uma realidade social, política e econômica, como a linguagem escrita, o rádio, a televisão e a Internet, que permitem ao homem comunicar-se e estabelecer relações com o mundo exterior.

Na arena da saúde, a comunicação e a informação desempenham um papel central, uma função estratégica em seu processo contínuo para a tomada de decisões diversas e a construção da cidadania. Para a complexidade do desenvolvimento da saúde pública, a tecnologia, pelas tecnologias, pela gestão e dos serviços do Estado e pelo seu contexto social, supõe-se que deva produzir conhecimentos, de práticas e de atividades, como a biotecnologia, por exemplo, impulsiona as instituições, sobretudo públicas, a constante atualização das formas de gestão da informação e da comunicação e dos seus usos tecnológicos e informacionais (BRAMAN, 2007; SILVA e MELO, 2001; THE ROYAL SOCIETY, 2006).

colaboração é uma realidade dinâmica inserida em uma estrutura estática.

Muito obrigado a todos(as) que se comprometem por dentro e por fora do Editor por serem possíveis o crescimento da RECIIS em apenas cinco meses de trabalho. Aguardamos agora os impactos das nossas leituras e esperamos que se tornem encorajadoras e subsistemem suas contribuições e as futuras edições da RECIIS.

Notas

1. *No Brasil, esse "sem complexidade" é enunciado no Constituição da República de 1988, em seu artigo 196 e 198 e Artigo 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. Artigo 198 - As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com as seguintes diretrizes: I - descentralização, com direção única em cada esfera de governo; II - atendimento integral, com prioridade para as atividades preventivas, sem prejuízo dos serviços especializados; III - participação da comunidade.*
2. Visando ao Ministério da Saúde, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) tem como missão geral: alcançar e difundir conhecimentos científicos e tecnológicos em saúde, por meio do desenvolvimento integrado de pesquisa, ensino, informação, serviços e produção de bens. Seus objetivos e perspectivas estão enunciação no Sistema Único de Saúde (SUS) e contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população e para o exercício pleno da cidadania. Criado pelo poder público em 1900, a Fiocruz fundamenta-se na primazia da atividade experimental. A instituição tem ciência, tecnologia, formação

de recursos humanos, prestação de serviços, produção e gestão para solucionar os problemas de saúde pública (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2007).

Referências bibliográficas

BRAMAN, S. *Change of State: Information, Policy, and Power*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2007.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Relatório de Atividades Rio de Janeiro - FIOCRUZ, 2007*.

GLOBAL FORUM FOR HEALTH RESEARCH. *10th Report on Health Research 2007*. Geneva: Global Forum on Health Research, 2007.

MEADE, M. S.; FAROCKSON, R. J. *Medical geography*. 2nd ed. New York: The Guilford Press, 2000.

MODV, R. (Ed.). *International and Development Communication: A 21st-Century Perspective*. London: Sage, 2009.

MOWLANA, H. *Global Information and World Communications: New Frontiers in International Relations*. London: Sage, 1997.

SACHS, J. D. *Macroeconomics and Health: Investing in Health for Economic Development*. Geneva: World Health Organization, 2001.

UN Millennium Project. *Innovation: Applying Knowledge to Development*. Task Force on Science, Technology and Innovation, 2005.

WHO. *World Report on Knowledge for a Better Health: Strengthening Health Systems*. Geneva: World Health Organization, 2004.

WOLTON, D. *Research in communication theory*. Paris: Flammarion, 1997.

Sobre o editor

Carlos José Saldaña Machado

Doutor em Antropologia Social pela Université Paris V - Sorbonne Armines Sorbonne, mestre em Ciência da Engenharia de Produção (área de Política de Ciência e Tecnologia) pela Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, (1) na Fundação Oswaldo Cruz, é Pesquisador em Ciência e Tecnologia e Chefe do Laboratório de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde; (2) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é professor do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente (Doutorado) responsável pela disciplina "Política Ambiental Brasileira" (3) no Ministério da Educação, é Avaliador Institucional e de Cursos do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. Atua na área de sociologia e antropologia, com ênfase nos estudos sociais da ciência, da tecnologia e da inovação em saúde; na gestão da pesquisa em saúde; nas políticas públicas de meio ambiente e saúde; Publicações ao longo dos últimos 5 a nos 4 livros e inúmeros artigos no Brasil. Seus novos projetos incluem pesquisas sobre o novo regime de produção e de regulação do conhecimento científico e tecnológico em biomedicina; as mudanças recentes na configuração de biociência, especialmente nas infra-estruturas de produção do conhecimento; a transição local de modelos internacionais de organização da pesquisa em biomedicina; a política de ciência, tecnologia e inovação em saúde da Fundação Oswaldo Cruz.

RECIIS - R. Dire de Com Inf em Saúde Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-7, jan-jun, 2007

7

O editorial do exemplo 18 contém cerca de 260 palavras, ocupando uma página do projeto editorial da publicação, apresentado em uma coluna. Não há uso de outras cores, além de preto e branco, nem uso de imagens. Não há informações sobre destaque gráfico da assinatura, pois não é um texto assinado. O título da seção está alinhado à esquerda.

No exemplo 19, o texto contém cerca de 380 palavras, ocupando uma página do projeto editorial da publicação, apresentado em uma coluna. Não há uso de outras cores, além de preto e branco, nem uso de imagens. O título da seção é apresentado centralizado na página, a assinatura ao final do texto à direita, em redondo.

No exemplo 20, o texto apresenta cerca de 2.110 palavras, ocupando três páginas da revista. Está disposto em duas colunas. Além de preto, há uso de outras cores em partes do editorial: cinza no nome do editor e branco na identificação da seção. Há também uso de imagens (uma foto do editor), ao lado da assinatura. Foto e identificação de autoria são apresentadas logo abaixo do título. O editorial está publicado em página com cabeçalho (logotipo da revista, site e ISSN) e rodapé (legenda bibliográfica, conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT). O texto apresenta ainda subseções graficamente destacadas, como veremos em item próprio. A identificação de título da seção e título do texto é guiada pela diferenciação de aspectos gráficos, conforme já explicitado anteriormente (categoria 2, a e b).

Para exemplificar a categoria 4, dedicada a subseção, utilizo o mesmo exemplo 20. Como o texto apresenta subseções, na planilha em Excel, para o item 4a, o registro é “sim”. As colunas seguintes são preenchidas com dados que identificam as subseções existentes. Em 4b, sobre existência de entretítulos, o registro é “não”. Em 4c, “sim”, para referências, indicadas na 3ª página do editorial, na coluna direita; em 4d, também se aplica “sim” para as notas, indicadas na 3ª página, na coluna esquerda. Em 4e, campo para observações, o registro na planilha é para identificação da seção intitulada “sobre o editor”, presente na 3ª página, ao fim do texto, em coluna única (uma espécie de pé biográfico), assim como para o registro da quantidade de notas (duas de fim de documento) e da quantidade e identificação de referências (sete referências que indicam documentos da Fiocruz, da Organização Mundial da Saúde, relatórios e livros, sem referência a artigos científicos).

Para a categoria 5, “citação direta”, apresento o exemplo 21:

Exemplo 21: Recii5v4n4 (2010)

comunicação e a informação como elementos fundamentais para prevenir o avanço dos agravos à saúde da população. Segundo ele,

O acesso a fontes e fluxos de informação em saúde aumenta o conhecimento e a capacidade de ação, permitindo a adoção de comportamentos saudáveis e a mobilização social para a melhoria das condições de vida. Por outro lado, a falta de acesso de grandes setores da população ao conhecimento e à informação diminui significativamente sua capacidade de decidir e atuar em favor de sua saúde e da coletividade (CDDS, 2008: 75).

O relatório destaca o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), em especial o da internet, como estratégias eficazes para o acesso a informação em saúde.

Na planilha da coleta de dados, ela é registrada da seguinte forma: quanto à existência de citação direta, “sim”, quanto à sua identificação: “documento institucional, relatório interno da Fiocruz”.

A coleta de dados sobre a categoria 6, “saudação”, é exemplificada com os três editoriais a seguir.

Exemplo 22: HCSMv15n2 (2008)	Exemplo 23: Reciiisv2n2 (2008)
<p>Caros leitores,</p> <p>Este número da revista é um verdadeiro caleidoscópio! Nele estão representadas quase todas as facetas do poliédrico e cambiante campo de conhecimento que resulta da intercessão</p>	<p><i>and Industry: Activism, Innovation, and the Environment in an Era of Globalization</i> e de Geoffrey Bowker, <i>Memory Practices in the Sciences</i>.</p> <p>Boa leitura! </p>

Tanto no exemplo 22 quanto no 23, a coluna 6a foi preenchida com “sim” para existência de saudação ao leitor. Na coluna 6b, o local dessa saudação foi identificado como “abertura” para o exemplo 22 (“Caros leitores,”) e “fecho” para o exemplo 23 (“Boa leitura!”).

Para a última categoria da construção composicional, a respeito da assinatura, apresento os exemplos 24 a 27.

<p>Exemplo 24: CSPv1n1 (1985)</p> <hr/> <p>sofrimento humano, a epidemiologia projeta-se para o futuro como a ecologia da saúde, comprometida com o bem-estar social.</p> <p style="text-align: right;"><i>Frederico Simões Barbosa</i></p>	<p>Exemplo 26: Reciiisv13n1 (2019)</p> <hr/> <p>Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. 2019 jan-mar;13(1):1-6 [www.reciis.icict.fiocruz.br] e-ISSN 1981-6278</p> <p>http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v13i1.1777</p> <p style="text-align: right;">EDITORIAL</p> <hr/> <p>A saúde como normatividade social: comunicação, risco e estilos de vida</p> <p>Health as social normativity: communication, risk and lifestyles</p> <p>Salud como normatividad social: comunicación, riesgo y estilo de vida</p> <p><i>Igor Sacramento^{1*}</i> Editor científico da Reciis igor.sacramento@icict.fiocruz.br https://orcid.org/0000-0003-1509-4778</p> <p>¹ Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.</p> <p>* Doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.</p>
<p>Exemplo 25: HCSMv3n3 (1996)</p> <hr/> <p>comentários a publicação em nome de seu conselho editorial, serviço da revista, generosidade das ciências e da medicina. Muito obrigado.</p> <p style="text-align: right;"><i>Jaime L. Benchimol</i> Editor</p>	

<p>Exemplo 27: CSPv35n1 (2019)</p> <hr/> <p>CSP CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA REPORTS IN PUBLIC HEALTH</p> <p style="text-align: right;">EDITORIAL EDITORIAL</p> <hr/> <p>Médicos, política e sistemas de saúde</p> <p style="text-align: right;"><i>Luciana Dias de Lima ¹</i> <i>Mariha Sá Carvalho ²</i> <i>Claudia Medina Coeli ³</i></p> <hr/> <p style="text-align: center;">doi: 10.1590/0102-311X00237418</p> <hr/> <p>Os médicos e suas entidades representativas ocupam um papel central na trajetória de construção e reformas de sistemas públicos de saúde. No plano internacional, estudos comparados enfatizam a importância das relações entre o Estado e as organizações da medi-</p> <p style="text-align: right;"><small>¹ Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.</small></p>
--

Os exemplos 24, 25, 26 e 27 contêm assinatura. Logo, na planilha de coleta de dados, todos recebem o registro “sim” para o item 7a. Quanto ao local da assinatura (item 7b), para os exemplos 24 e 25, o registro na tabela é “fim”; para os exemplos 26 e 27 é “início”. Sobre

número de autores (item 7c), para os exemplos 24, 25 e 26, o preenchimento é “1”; para o exemplo 27, é “3”. A identificação de autoria (item 7c) é preenchida com o nome dos autores, conforme foi publicado. Nos exemplos 25 e 26, o vínculo do autor está claramente identificado no próprio editorial, no exemplo 25 “editor”; no exemplo 26 “editor científico”, preenchidos na tabela, conforme o código estabelecido: “e” e “ec”. Para os exemplos 24 e 27, foi necessário apurar a relação dos autores com o periódico, no *site* da publicação e/ou em textos sobre ela. Frederico Simões Barbosa ocupava a editoria de CSP em 1986, assim como as três autoras indicadas no exemplo 27 (Luciana Dias de Lima, Marília de Sá Carvalho, Cláudia Medina Coeli”), em 2019. Sendo assim, para todos os exemplos, houve preenchimento na tabela no item 7e, pertencimento ao corpo editorial, com “sim”.

Tendo definido e exemplificado as categorias relacionadas à composição, passo agora a apresentar as categorias relacionadas a tema – relação com a edição, linearidade temática, tema e propósito comunicativo. São as categorias 8 a 11 listadas no Quadro 7 (p. 97). Por meio delas, espero perceber de que assunto trata um editorial em periódico científico e qual o seu propósito comunicativo, elementos importantes para a caracterização de um gênero e para a observação de semelhanças e diferenças entre editoriais da esfera jornalística e científica, segundo foi abordado nos capítulos 1 e 2. No *corpus* analisado, o editorial tende a se referir à própria edição ou a outros temas? Trata de fatos gerais do campo científico ou de fatos pontuais e próximos da sua publicação, à semelhança dos editoriais de revistas de informação? Há uma tendência em ser um texto opinativo, de base argumentativa, ou de apresentação dos artigos publicados na edição, à semelhança dos gêneros introdutórios em publicações acadêmicas? Sendo assim, a orientação da SciELO para que não sejam “simples relação” ou textos “meramente descritivos” teria respaldo na realidade?

A categoria 8, “relação com a edição” diz respeito à menção explícita, no editorial, de textos publicados naquela edição. Além do exame do próprio editorial, foi necessário consultar o sumário de cada edição de onde ele foi extraído. Na tabela de coleta de dados, o registro foi anotado com “sim” ou “não”.

A categoria 9 “linearidade temática” refere-se à existência de um tema principal no texto, em torno do qual ele se desenvolve de forma linear. O preenchimento na tabela foi feito com “sim” ou “não”.

A categoria 10, “tema”, concerne propriamente ao conteúdo temático do editorial: sobre o que é o texto, seu assunto principal e, quando existente, a vinculação a fatos contemporâneos da edição. Na tabela de coleta de dados, está subdividida em dois itens. No item 10a, de preenchimento livre, identifiquei o assunto principal e registrei, quando explícito,

o dado factual a ele relacionado. A intenção era observar semelhanças em relação aos editoriais da esfera jornalística, em especial os de jornais e revistas de informação, motivados por notícias, como foi abordado no capítulo 2. Com o mesmo intuito de estabelecer comparações, no item 10b, atribuí seis grandes áreas temáticas aos editoriais: saúde pública; história das ciências e da saúde; comunicação e informação em saúde; periodismo científico; política de desenvolvimento científico e tecnológico; e cidadania. As três primeiras são as grandes áreas de cada periódico, seguidas dos temas que identifiquei como mais recorrentes no *corpus* analisado. Em periodismo científico estão incluídas a dinâmica da própria revista e a da comunicação ciência. Aspectos gerais relacionados à ciência, como avaliação e fomento estão em política de desenvolvimento científico e tecnológico.

A categoria 11 “propósito comunicativo” segue a categorização do estudo de Sabaj e González (2013) para editoriais de periódicos científicos, apresentada no capítulo 2. São seis essas categorias: agradecimentos (A), opinião (O), funcionamento da revista (FR), homenagens (H), informações sobre eventos da comunidade (IEC), apresentação dos artigos daquela edição (A). Procurei empregar essa classificação no intuito de ter um parâmetro de comparação, uma vez que não há, no âmbito dos estudos linguísticos, muitos estudos ou reflexão sobre como um editorial de periódico científico é ou deve ser. No entanto, nem sempre foi fácil atribuir uma categorização única aos editoriais do *corpus*, já que o editor pode usar a apresentação de um número do periódico ou o comentário sobre um evento para defender um ponto de vista. Ele também pode apresentar a edição da revista, ou apenas um dos textos nela publicados, a partir da defesa de um ponto de vista. Sendo assim, procurei identificar o propósito principal.

O detalhamento das categorias de conteúdo temático está apresentado no Quadro 9, após o qual passo à exemplificação.

Quadro 9 – Detalhamento das microcategorias de conteúdo temático

CONTEÚDO TEMÁTICO – categorias 8 a 11	
8	Relação com a edição
9	Linearidade temática
10	Tema
10a	Assunto principal
10b	Grande área temática
11	Propósito comunicativo

Fonte: A autora, 2021.

Para exemplificar a aplicação das categorias relacionadas ao conteúdo temático, usarei um único editorial, citado na íntegra, uma vez que a coleta dessas categorias exige a análise

do editorial como um todo. A fim de guiar a leitura, sublinharei alguns trechos especialmente significativos para as categorizações feitas.

Exemplo 28: HCSMv2n2 (1996)

CARTA DO EDITOR

Apresentamos o 4º número de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* logo após seu primeiro ano de existência, e o resultado obtido vem cumprindo plenamente nossas expectativas. Temos recebido manifestações elogiosas dos leitores e um número significativo de artigos submetidos para publicação. Acreditamos que a qualidade dos artigos, a diversidade e equilíbrio entre temáticas e seções e o apuro de sua produção visual e gráfica sejam responsáveis por essa receptividade.

Face a outros compromissos, Sergio Goes de Paula ficou impedido de dedicar-se com a mesma intensidade que o trabalho de editor – e o preciosismo obsessivo que é peculiaridade sua – vinha exigindo, razão pela qual o estou substituindo. Ele integrará o corpo de editores associados, e estaremos sempre nos valendo de sua sensibilidade e experiência, que muito contribuíram para firmar o padrão de qualidade de *Manguinhos* na etapa crucial de sua implantação.

Esse número traz um cardápio de opções substantivas, com temáticas e estilos variados, que vão do tradicional acadêmico ao quase literário. Em estudo voltado para a história de políticas públicas, Eduardo Marques adianta uma análise da constituição do setor estatal responsável por políticas de saneamento, aspecto pouco tratado por trabalhos anteriores sobre as relações entre produção da cidade, teorias médicas e processos normativos.

No campo da história das ciências, Luzia Castañeda analisa a evolução da história natural em torno das matrizes taxonômicas, dos fundamentos filosóficos e das tensões metodológicas, face à redefinição de seu objeto, quando se aproxima do que viria a constituir a biologia. As idéias de geração e herança são tratadas através dos conceitos de Buffon (epigênese) e Bonnet (preformismo).

Os dois outros artigos são de especial relevância: Mirko Grmek nos brinda com um precioso texto sobre história das doenças, que reflete de maneira exemplar sua trajetória de formulador de conceitos e interpretações seminais, associada à erudição e capacidade invejável de seleção didática dos aspectos mais relevantes do tema tratado. As relações entre a “realidade patológica” e sua conceitualização, ou entre as abordagens naturalistas e normativistas; o debate em torno da causalidade e da classificação de doenças e a problematização e categorização do tema candente das “doenças emergentes”, sob a ótica do conceito de *patocenose*, formulado pelo autor, são apresentados sinteticamente, tornando o artigo uma importante referência para programas de estudos nessa área.

Pelo seu estilo e tema abordado, o artigo de José Murilo de Carvalho tem o sabor de uma crônica literária. A partir da narrativa de uma descoberta inesperada – os bordados do líder da Revolta da Chibata, João Cândido – o autor vai tecendo uma reveladora leitura desse fato singelo e das imagens retratadas. A conhecida maestria de José Murilo nos apresenta com cores vivas os contornos da revolta, que provoca “pânico e fascínio” nos contemporâneos, arrebatados pela ameaça do mais avançado poder bélico da época, nas mãos de marinheiros.

Sempre figurados como rudes e desclassificados, de repente os marinheiros demonstram “parnasianismo de manobras”, segundo comentário de época ou, na imagem construída pelo autor, em que João Cândido “bordava as águas da baía com o lento e majestoso evoluir dos encouraçados”. A história das mentalidades surge com toda sua riqueza quando o autor analisa as expressões dos valores de ordem e liberdade, a associação do sentimento de revolta com a memória recente da escravidão, e as possíveis interpretações dos sentimentos de João Cândido entre a figura do líder revoltoso e do “negro bom”. Tudo isso em movimentos fluidos e esclarecedores entre a história particular de João Cândido e a formação da mentalidade social dos marinheiros e da população do Rio de Janeiro. As relações entre historiografia e mito são tratadas com rigor e dignidade em que, como diz o autor, a valorização dos aspectos humanos faz crescer o respeito pelos heróis.

Na sessão ‘Debate’ esse tema reaparece em depoimentos enriquecedores sobre as relações entre historiografia e texto literário na experiência de Alberto Dines, Ana Miranda, Fernando Morais, Jorge Caldeira e Roberto Ventura, romancistas históricos e biógrafos bem-sucedidos que têm em comum o

fato de não serem historiadores profissionais. A reabilitação da narrativa e sua relação com a história, objeto de uma rica vertente de reflexões acadêmicas, surge aqui como relato vivo da experiência desses autores. O processo criativo, as razões mercadológicas do interesse sobre biografias, a tensão entre conhecimento documentado, ignorância, interpretação e ficção, ou entre estilos acadêmicos e literários ganham vida e sabor especiais.

Outro bom momento desse número é o depoimento de Oracy Nogueira, um dos pioneiros das ciências sociais no Brasil, conhecido internacionalmente por seus trabalhos sobre relações raciais e sua interpretação das diferenças entre “preconceito de origem” e “preconceito de marca”, para distinguir suas manifestações nos EUA e Brasil. Destacamos, nesse relato, as observações sobre a integração entre sociologia, antropologia e história, acentuada na apresentação de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, e a maneira saborosa como Oracy Nogueira vai relatando suas vivências e contando causos cheios de humor, que motivaram e deram suporte a sua produção acadêmica.

Paulo Gadelha

Na planilha de coleta de dados, as microcategorias foram registradas desta forma: para a categoria 8 “relação com a edição”, houve registro de “sim”, visto que o editor faz menção ao conteúdo específico daquela edição, como vemos nas seguintes declarações a partir do 3º parágrafo: “Esse número traz um cardápio de opções substantivas”; “Eduardo Marques adianta uma análise”; “Luzia Castañeda analisa a evolução da história natural”; “Os dois outros artigos são de especial relevância”; “Na seção ‘Debate’ esse tema reaparece”; “Destacamos, nesse relato”.

Quanto à linearidade temática, categoria 9, a tabela foi preenchida com “não”, pois esse editorial não se desenvolve linearmente em torno de um único assunto: a apresentação e o comentário dos textos ali publicados. Além de apresentar os textos da edição, como visto pela categoria 8, ele também dá notícias aos leitores sobre o funcionamento da revista. No primeiro e no segundo parágrafos, avalia resultados e comunica mudanças na equipe editorial: “o resultado obtido vem cumprindo plenamente nossas expectativas”; “Sergio Goes de Paula ficou impedido de dedicar-se [ao] trabalho de editor – [...] razão pela qual o estou substituindo”.

No item 10a, “assunto principal”, a anotação na tabela foi a seguinte: “apresentação dos textos da edição e comentários sobre mudança na editoria | Factualidade: mudança de editor”. No item 10b, para grande área temática, esse editorial foi incluído na área de publicação da revista: “história das ciências e da saúde”, já que a maior parte do editorial comenta os artigos publicados na edição. Sendo assim, o propósito comunicativo, categoria 11, foi identificado como “apresentação”.

Quanto ao terceiro elemento constitutivo do gênero na perspectiva bakhtiniana, o estilo, adotei as seguintes categorias: pessoa do discurso, direcionamento ao leitor e traços estilísticos referentes à avaliatividade e à negociação (categorias 12 a 14 do Quadro 7, à p.

97). Por meio delas, espero identificar aspectos da linguagem utilizada nos editoriais em periódicos científicos e constatar semelhanças e diferenças em relação aos editoriais na esfera jornalística.

A categoria 12, “pessoa do discurso”, trata da existência de 1ª pessoa do discurso no editorial, identificada a partir de pronomes, retos e possessivos, e de desinências verbais. Uma ocorrência de primeira pessoa ao longo do texto já permite que esse uso seja sinalizado. Na coluna 12a, o preenchimento na tabela foi marcado com “sim” ou “não”. Na coluna 12b, o registro foi da pessoa utilizada: 1ª pessoa do singular, do plural ou ambas. A atenção especial à primeira pessoa do discurso decorre da tentativa de observar sistematicamente se editoriais são textos obrigatoriamente escritos em 3ª pessoa, ditos impessoais e sem assinatura, como se preconiza para os editoriais da esfera jornalística.

A categoria 13, “direcionamento explícito ao leitor”, é evidenciada pelo uso de pronomes retos e/ou possessivos de segunda pessoa, por forma de tratamento equivalente ou, ainda, por endereçamento ao interlocutor com saudações e com frases não declarativas (interrogativas ou exortativas). Tais recursos são considerados formas explícitas de invocar o interlocutor, e não exemplos inerentes à concepção dialógica da linguagem.

A categoria 14, “traços estilísticos de avaliatividade e negociação”, reúne observações sobre os recursos de interpessoalidade, conforme os dois sistemas semântico-discursivos descritos por Martin e Rose (2007), sistematizados nas Figuras 2 e 3 (item 1.3). Nesse campo livre da tabela de coleta de dados, registrei exemplos e observações dos recursos interpessoais da linguagem, tais como comentários avaliativos da região de atitude e de engajamento, e também recursos de negociação. Por meio deles, observo de que modo, via interação pelos editoriais, o editor se posiciona no texto de modo a negociar significados com o seu interlocutor, compartilhar valores e construir relações com o seu público.

O detalhamento das microcategorias de estilo está apresentado no Quadro 10 a seguir.

Quadro 10 - Detalhamento das microcategorias de estilo

ESTILO – categorias 12 a 14	
12	12) 1ª. pessoa do discurso
12a	a) sim/não?
12b	b) qual?
13	13) Direcionamento ao leitor
14	14) Traços estilísticos: avaliatividade e negociação

Fonte: A autora, 2021.

Para exemplificar o preenchimento do campo 12 da tabela, cito os trechos a seguir:

Exemplo 29: “Aguardamos agora a resposta dos nossos leitores e esperamos que se sintam encorajados a submeterem seus trabalhos aos futuros números da RECIIS” (Reciisv1n1)

Exemplo 30: “Tal conflito é, do meu ponto de vista, artificial” (CSPv23n6)

Para os exemplos 29 e 30, o item 12a da tabela “1ª pessoa do discurso” é preenchido com “sim”. No item 12b, especifico qual pessoa discursiva: para o exemplo 29, com base na desinência verbal de 1ª pessoa do plural “-mos” nos verbos “aguardar” e “esperar” e do pronome possessivo “nossos”, o registro é 1ª pessoa do plural. Para o exemplo 30, o registro é 1ª pessoa do singular, evidenciada pelo pronome possessivo de primeira pessoa “meu”.

Para a categoria 13, apresento os exemplos 31 e 32:

Exemplo 31: Concluo, assim, esta carta, caros leitores de História, Ciências, Saúde — Manguinhos, exortando-os a participar do próximo congresso da Sociedade Brasileira de História da Medicina, na capital cearense, um lugar, diga-se de passagem, maravilhoso de se conhecer. (HCSM v14n4)

Exemplo 32: Caros leitores,
Dando continuidade à comemoração do 10º aniversário da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde (RECIIS), apresento [...]
Em nome da equipe editorial, desejo a todos uma boa leitura!” (Reciisv1 1n3_1).

Em todos os dois exemplos, o preenchimento da coluna 13 direcionamento ao leitor é com “sim”, com base no vocativo “caros leitores”, comum a ambos. No exemplo 31, há ainda o pronome oblíquo “os” em referência aos leitores (“exortando-os”). No exemplo 32, há também o pronome “todos”, como forma de endereçamento à audiência. Nos dois exemplos, o vocativo e a ação na qual o editor deseja envolver os leitores evidenciam o aspecto dialógico da linguagem e a construção de uma relação entre editor e público-alvo, no eixo da solidariedade.

Como exemplo de preenchimento da categoria 14, traços estilísticos do subsistema de avaliatividade e de negociação, trago as anotações referentes ao exemplo 28 de HCSMv2n2 (1996), editorial transcrito às p. 109-110:

Avaliatividade (comentários sobre artigos e pessoas). Atitude-julgamento [do editor anterior]: “preciosismo obsessivo”, “sensibilidade, experiência”. Atitude-apreciação: “manifestações elogiosas dos leitores”, “artigos de especial relevância”, “reflete de maneira exemplar”, “[artigo] uma importante referência para”, “depoimentos enriquecedores”, “bom momento desse número”, “[autor] nos brinda com precioso texto”. Engajamento: “como diz o autor”; **Negociação**: 1ª.pp. (pronomes pessoais e possessivos): “apresentamos”, “nossa” e 1ª.ps. “razão pela qual o estou substituindo”. Seleção lexical informal: “causos” (em referência a seção Depoimentos).

Esses exemplos registrados na tabela de coleta de dados subsidiam a escolha dos editoriais que serão apresentados no item 4.1.3, no qual a anotação do campo 14 é desenvolvida.

Tabela 1 - Exemplo de coleta de dados em planilha do Excel

Identificação					CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL																	(continua)							
					1 Título da seção		2 Título do texto		3 Aspectos gráficos						4 Subseção					5 Citação direta		6 Saudação		7 Assinatura					
					1a	1b	2a	2b	3a	3b	3c	3d	3e	3f	4a	4b	4c	4d	4e	5a	5b	6a	6b	7a	7b	7c	7d	7e	7f
HCSM	HCSMv2n2	jul./o ut.	1995	Sim	Carta do editor	Não		820	2	1	Não	Não	assinatura em redondo, à direita, fim do texto	Não	Não	Não	Não	Sim	Sintagmas de artigos publicados na revista	Não		Sim	Fim	1	Paulo Gadelha	Sim	[e]		

Identificação				TEMA				ESTILO (conclusão)				
				8 Relação com a edição	9 Linearida de temática	10 Tema		11 Propósito comunicativo	12 Pessoa do discurso		13 Direciona mento ao leitor	14 Traços estilísticos: <u>Avaliatividade</u> e <u>Negociação</u>
Periódico	Código	período/ mês	ano	8	9	10 ^a	10 ^b	11	12a	12b	13	14
				Sim/ Não?	Sim/ Não?	Observações sobre tema: obrigatório e livre (Tema - qual é? <u>Factualidade</u> ?)	Grandes áreas:	Ag, O, FR, H, IEC, A	1a pessoa? Sim/Não?	Qual?	Sim/Não?	Observações sobre estilo: obrigatório e livre
HCSM	HCSMv2n2	jul./ out.	1995	Sim	Não	Apresentação dos textos da edição e comentários sobre mudança na editoria 2 primeiros parágrafos FR <u>Factualidade</u> : mudança de editor	História das Ciências e da Saúde	A	Sim	1a.pp./ 1a.ps.	Não	<u>Avaliatividade</u> (comentários sobre artigos e pessoas). Atitude-julgamento [do editor anterior]: "preciosismo obsessivo, sensibilidade, experiência". Atitude- apreciação: "manifestações elogiosas dos leitores", "artigos de especial relevância", "precioso texto", "reflete de maneira exemplar", "artigo uma importante referência para", "enriquecedores", "bom momento" e verbos: "nos brinda" Negociação: 1a.pp (pronomes pessoais e possessivos): "apresentamos", "nossa" e 1a.ps. "razão pela qual o estou substituindo" (P1 e P4) Seleção lexical informal: "causos" (em referência a Depoimentos)

A análise de dados apresentada nesta tese foi construída a partir dessas quatorze categorias sistematicamente anotadas, ora registradas apenas como dado objetivo (sim/não; número de elementos), ora registradas discursivamente (campo livre), como está ilustrado na estrutura da Tabela 1, construída em Excel, com um total de trinta e quatro colunas. No capítulo seguinte, análise de dados, apresento o resultado da análise empreendida no *corpus* selecionado.

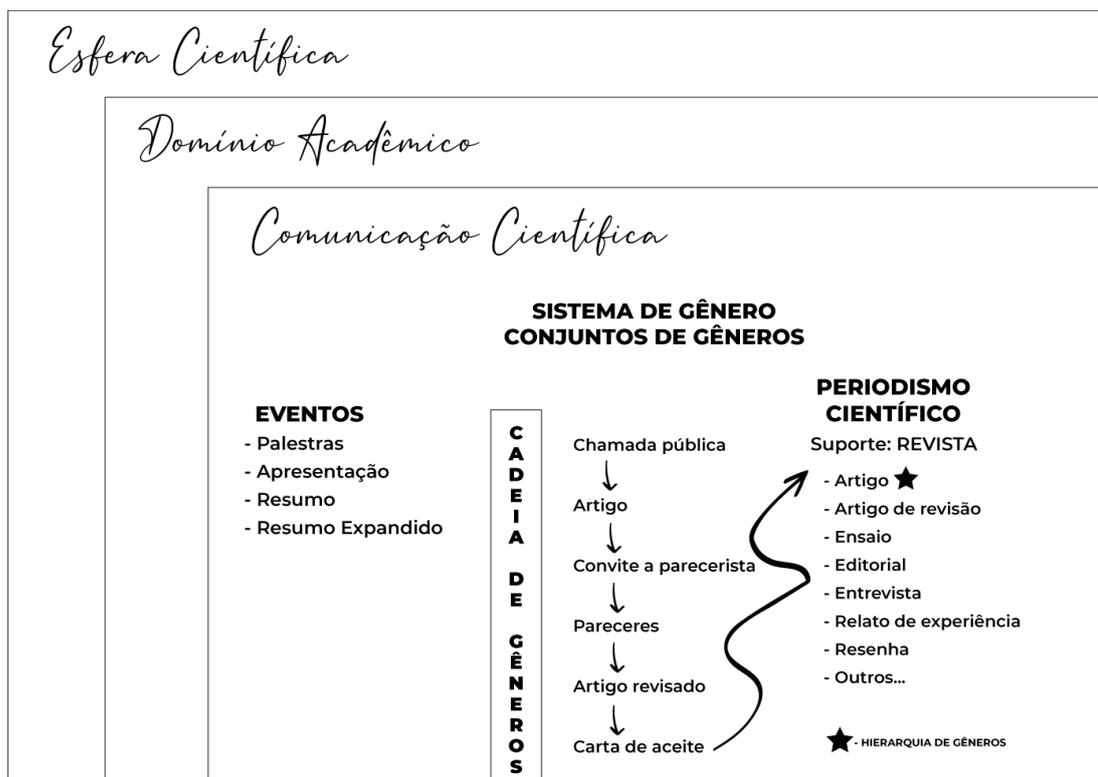
4 ANÁLISE DO GÊNERO EDITORIAL EM PERIÓDICO CIENTÍFICO

Neste capítulo, apresento os resultados da análise, de modo a cumprir com os objetivos gerais e específicos desta tese. A partir dos conceitos apresentados na fundamentação teórica (capítulos 1 e 2), a análise está apresentada em duas grandes partes: uma das macrocategorias ligadas à concepção tridimensional do discurso, à composição, ao tema e ao estilo e outra de sistematização das características do *corpus*, comparadas com editoriais da esfera jornalística. A análise quali-quantitativa, com base nas categorias registradas na planilha de coleta de dados, subsidia a elaboração de gráficos para melhor apresentação dos resultados e permite a sistematização das semelhanças e diferenças com editoriais na esfera jornalística apresentadas nos quadros ao final do capítulo.

4.1 O editorial no sistema de gêneros na esfera científica e suas macrocategorias de composição, tema e estilo

A análise do editorial em sua dimensão social, discursiva e textual não pode desconsiderar o suporte que o abriga e a sua dinâmica de produção, circulação e consumo. Assim, descrevo a inserção do gênero editorial na esfera científica, conforme o esquema da Figura 4.

Figura 4 - O gênero editorial no sistema de gêneros da esfera científica



Fonte: A autora, 2021. Arte: Bruna Veloso.

O editorial examinado nesta tese é um gênero que tem como **suporte** o periódico científico. Em meio impresso e/ou eletrônico, a revista científica é o *locus* que fixa textos de gêneros diversos, entre eles, editoriais, artigos, ensaios, entrevistas e resenhas, valorizados segundo uma hierarquia de gêneros.

Na hierarquia de gêneros da esfera científica, ao longo das últimas décadas, os artigos científicos, especialmente os publicados em revistas indexadas e bem avaliadas no Qualis, tornaram-se o produto mais valorizado na produção científica, muitas vezes depreciando-se outras formas de compartilhamento da pesquisa, tais como capítulo de livro e livro, textos publicados em anais de congresso, e outros formatos para divulgação e reflexão sobre produções da cultura científica, como as resenhas. Conforme Sabaj e González (2013, p. 61, tradução nossa), os artigos se tornaram uma espécie de “carta de apresentação, de prestígio e de *status*” dos pesquisadores.

Em um periódico científico, os chamados artigos originais e/ou artigos de pesquisa, os que contêm discussão teórica e dados de pesquisa, são o gênero mais valorizado em relação a outros, como editorial, relato de experiência, ensaio, entrevista e resenha, por exemplo. Os artigos ocupam a primeira posição numa **hierarquia de gêneros**, talvez a ponto de, num

futuro próximo, tornarem-se o único gênero a ser publicado, possivelmente até suplantando a ideia de revista e existindo como unidades autônomas em plataformas. A valorização dos gêneros na esfera científica está relacionada aos modelos de avaliação da ciência vigentes e a suas implicações, como foi abordado em 2.2.

Os editoriais compõem um **conjunto de gêneros**, são parte do repertório que um grupo específico de profissionais, os pesquisadores, podem produzir ao longo de sua vida profissional. Nesse grupo profissional específico, o editorial é escrito por um pesquisador, o editor, com atribuições diferenciadas no que concerne a conduzir um meio de compartilhamento dos resultados da pesquisa científica: o periódico.

A produção, circulação e consumo dos editoriais se dá numa esfera específica da atividade humana: na esfera científica, consoante as práticas convencionadas entre os atores sociais que dela participam: autores, editores, leitores, pareceristas, órgãos de fomento, de avaliação e bases indexadoras. Na produção, circulação e consumo dos editoriais, tem havido, com o passar dos últimos anos, um ator que desempenha papel importante na organização do gênero. A SciELO tem um papel hegemônico na comunicação científica do Brasil e tem influenciado, especialmente, conteúdo temático e construção composicional do gênero editorial nas revistas analisadas, conforme demonstrarei aqui.

O editorial é um elo de uma **cadeia de gêneros** que fica mais evidenciada ao se iniciar a observação pelo artigo. Um artigo não surge simplesmente do vazio; ele é parte de uma cadeia comunicativa na própria produção do conhecimento. Na comunicação científica, pode surgir, por exemplo, de uma chamada para publicação. Ele cria novos elos nessa cadeia: ao ser submetido à análise, receberá pareceres de avaliação, decisões editoriais, num diálogo entre editores, avaliadores e autores. Em momento de discussão sobre ciência aberta, é possível que alguns elos oclusos dessa cadeia passem a ser oficiais, isto é, visíveis para todos – por exemplo, os pareceres.⁵⁷

Nessa sequência de eventos discursivos, o editorial, pelo menos o de apresentação, sucede cronologicamente os artigos na cadeia comunicativa entre editores e autores e os antecede na comunicação com os leitores, tanto cronológica quanto espacialmente, já que é um texto tipicamente de abertura de revistas, supostamente lido antes dos artigos que integram o corpo da publicação. Com as mudanças em curso de publicação contínua, isto é, de artigos individualmente publicados numa plataforma, sem necessariamente serem reunidos

⁵⁷ Elos oclusos e oficiais referem-se a uma designação proposta por Swales. O que é ocluso é de circulação restrita, quase privada, como o parecer que circula entre autor, editor e parecerista. Elos oficiais são o que encontram circulação ampla, para a comunidade, como por exemplo, a chamada pública e o texto publicado, disponível para o público, autores e leitores em potencial.

em fascículos de uma revista, há uma nova configuração da dinâmica de publicação da revista e, conseqüentemente, dos editoriais quanto à sua localização, propósito comunicativo e até quanto à sua existência.

Há outros conjuntos de gêneros que integram a comunicação científica, como os que ocorrem em eventos, cujos exemplares, entre outros, são: conferência, apresentação, palestra, *powerpoint*. Esses conjuntos de gêneros da comunicação formal e informal se organizam em um **sistema de gêneros** e fazem parte de uma determinada esfera da atividade humana.

Para a dimensão textual do editorial, as macrocategorias analíticas de composição, tema e estilo são analisadas a seguir.

4.1.1 Análise da construção composicional

Esta parte da análise refere-se às categorias 1 a 7, apresentadas anteriormente, no Quadro 7: “título da seção”, “título específico do texto”, “aspectos gráficos”, “subseção”, “citação direta”, “saudação e assinatura”. Todas são relacionadas à construção composicional.

Em todas as 81 edições dos periódicos, encontramos, pelo menos, um texto de abertura com autodesignações variadas. Isso significa que o editorial é um gênero permanentemente publicado em cada edição da revista no *corpus* estudado. Em algumas edições, há dois desses textos, o que faz com que o *corpus* tenha 89 exemplares: número maior do que o número de edições.

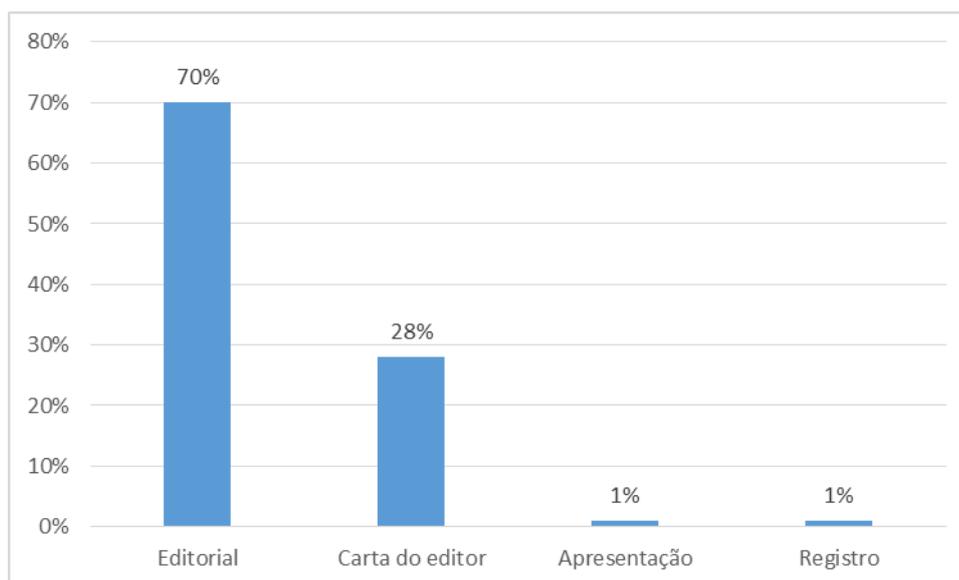
Em relação à categoria 1, “título da seção”, 87 dos 89 textos coletados no *corpus* encontram-se numa seção do periódico que recebe um rótulo, permanente ao longo dos anos da publicação. Desde o nascimento de cada revista, CSP e Reciiis nomeiam essa seção de editorial e HCSM, de carta do editor. São, portanto, 62 textos autodenominados de editorial e 25, de carta do editor. Dois textos fogem a esse padrão: um traz a designação de Apresentação (HCSMv1n1), antecedendo a Carta do Editor no número inaugural de HCSM, e é assinado pelo diretor da unidade publicadora; em outro texto se vê a designação de Registro (CSPv2n1_2), publicado ao final do segundo volume de CSP e assinado pelos editores.

Embora no *corpus* de Sabaj e González (2013), editoriais, nome dado ao discurso do editor, ocorram uma única vez na revista e sempre ao início, optei por incluir no *corpus* esse texto ao final da revista por ser claramente o discurso do editor, com o propósito comunicativo de prestar contas à sua comunidade. Logo, é assinado como um editorial, isto é,

pelos editores, e trata de um assunto tematizado nos editoriais dos periódicos científicos, como se faz nos anos seguintes CSP. Esse exemplar “Registro”, ao fim da publicação pode ser entendido como a exceção que confirma a regra.⁵⁸

Com relação à autodenominação dos exemplares do *corpus*, a distribuição encontrada está exibida no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Autodenominação dos exemplares do *corpus*



Fonte: A autora, 2021.

No *corpus* estudado, então, “editorial” é a designação mais comum para as palavras do editor, publicadas no início da revista.

Nos editoriais da esfera jornalística, conforme vimos em Souza (2006); Vieira (2009); Pelizari, Barros e Mafra (2019), também há variação nos rótulos atribuídos pelas próprias publicações. Segundo elas, a natureza da publicação e o vínculo que se procura estabelecer entre editor e público leitor explicam a nomeação diferenciada e até mesmo a conformação em gêneros distintos.

Com relação à ocorrência em cada edição, há aqui uma pequena diferença quanto à constatação de Sabaj e González (2013), de que editoriais ocorrem uma única vez em cada edição. No *corpus* aqui analisado, há a publicação de dois textos introdutórios em algumas

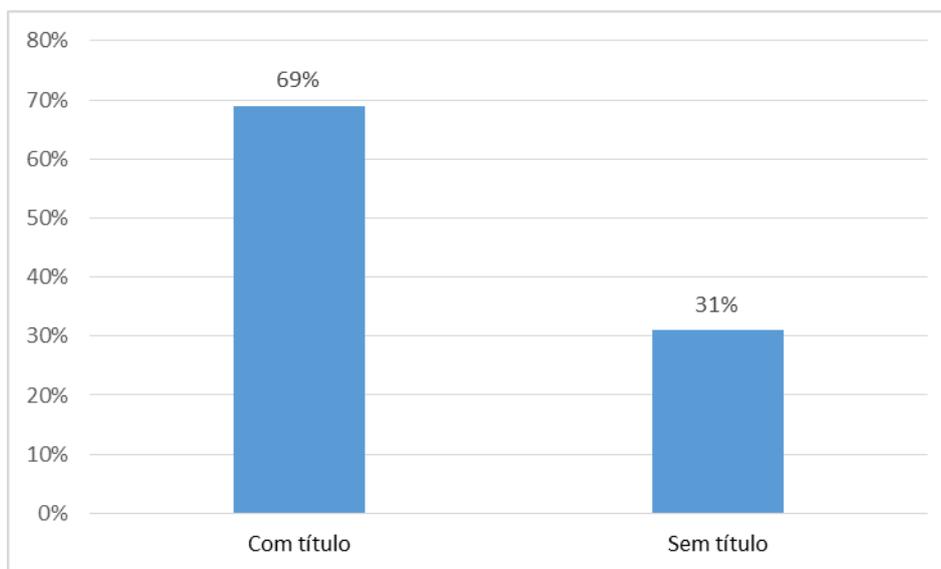
⁵⁸ Também preferi registrá-lo considerando as mudanças em curso nos periódicos científicos. Muitos começam a adotar um modelo de publicação contínua de artigos, e não de edição fasciculada. Nesse futuro que já se concretiza, considero interessante observar o que acontecerá com os editoriais. Deixarão de existir? Quando existentes, virão ao final dos textos publicados, ao final do ano, prestando contas à comunidade de leitores? O propósito comunicativo de apresentação dos artigos perderá sua função? Predominará um texto opinativo? Ou um texto sobre funcionamento da revista? O editorial se afastará da família de gêneros introdutórios?

raras situações, em geral, no número inaugural, em datas comemorativas ou situações excepcionais. Como foi já comentado, no número de inauguração de HCSM há uma apresentação assinada pelo diretor da instituição publicadora e uma carta do editor, assinada pelo editor. Nos dez anos de aniversário da Reciiis, editores anteriores são convidados a escrever um editorial para a publicação, além do editorial dos membros da equipe corrente. Em CSP, no ano de comemoração dos 30 anos do SUS, há um editorial escrito por presidente e vice-presidente da instituição, além do editorial assinado pelas editoras. Diante de um fato excepcional, às vésperas da publicação da Reciiis, a editora científica acrescenta um novo texto, mobilizada pelo incêndio que atingiu o Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

Os dados constatados no *corpus* corroboram as observações de Sabaj e González (2013) de que o editorial é um texto de abertura, que aparece uma única vez, no início da publicação e que contém o ponto de vista do editor. De acordo com o que destacam Dubied e Lits (1997), pela relevância que recebe dentro da comunidade, o editorial pode ser usado em situações especiais. Considero que esse é um espaço de prestígio dentro da publicação e da comunidade com a qual ele se relaciona. Um exemplo do papel atribuído a esse instrumento de diálogo e de reflexão com a sua comunidade de leitores está registrado pelos editores de HCSM em um editorial que, excepcionalmente, não é assinado por eles. A exceção é justificada pela gravidade dos problemas enfrentados pelas comunidades científicas nos últimos tempos:

Nota dos editores científicos Marcos Cueto e André Felipe Cândido da Silva: Em geral, os editores científicos costumam assinar a carta de apresentação de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Neste número, convidamos uma editora adjunta de nossa revista, Karina Ramacciotti (Universidad de Buenos Aires, Conicet), para tratar dos ataques oficiais à ciência em seu país e explicar como as comunidades científicas do Brasil e do resto do mundo são alvo de forças anticientíficas. Esses ataques vão contra o bem-estar das populações, o desenvolvimento das sociedades, o conhecimento e a cultura de nossos países. Vale lembrar: é precisamente porque somos países em desenvolvimento que nossa urgência é ter mais ciência e que a pesquisa científica abarque todas as disciplinas. Oferecemos este espaço para a oportuna reflexão do caso argentino feita especialmente para o nosso periódico. (RAMACCIOTTI, 2017, p. 7)

Quanto à categoria 2, “título do texto”, há 61 exemplares com atribuição de um título específico, diferente do da seção, e 28 exemplares sem atribuição de novo título, o que equivale à distribuição em porcentagem apresentada no Gráfico 4.

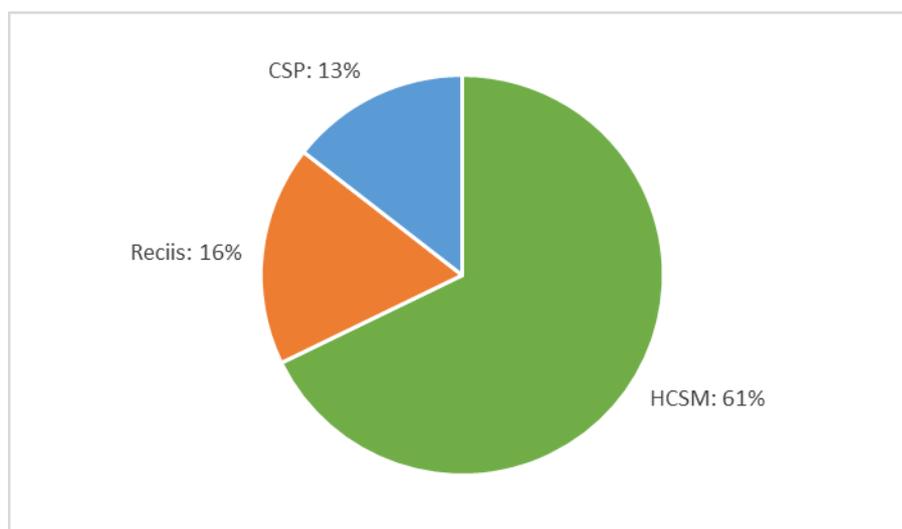
Gráfico 4 - Editoriais com título específico no *corpus*

Fonte: A autora, 2021.

Logo, no *corpus* coletado, a maior parte dos editoriais (69%) apresenta, também, um título específico para o texto no qual se realiza.

É preciso destacar dois pontos aqui: o primeiro a respeito da distribuição por revista e o segundo, por período de publicação. Dos 28 textos sem título (31% do *corpus*), 19 são de HCSM (61% desse universo), 5 da Recis (16%) e 4 de CSP (13%), conforme o Gráfico 5.

Gráfico 5 - Editoriais sem título específico por periódico



Fonte: A autora, 2021.

Há, portanto, em HCSM, o padrão de identificar o texto introdutório da publicação, assinado pelos editores, como “carta do editor”.⁵⁹ Nos outros dois periódicos, a tendência é haver um título, além da identificação de editorial.

Em relação ao recorte temporal, os textos sem título específico são publicados por HCSM em todos os exemplares coletados no período de 1994-1996, assim como no período de 2007-2009, além do exemplar de 2014 e de um editorial de 2017. Na Recis e em CSP, eles ocorrem, eventualmente, em períodos dispersos. No terceiro triênio (2017-2019), nas três revistas observadas, os exemplares sem título específico tendem a desaparecer.

A mudança quanto a essa categoria “título do texto” é mais perceptível em HCSM. A partir de meados de 2017, todos os exemplares passam a apresentar um título específico para o editorial, além da designação adotada pela revista de “carta do editor”, desde a sua origem. Considero essa mudança uma adequação da revista, a este ponto com vinte e três anos de publicação, às exigências da SciELO explicitadas no documento com os critérios de admissibilidade e permanência na coleção (SCIELO, 2017), como foi indicado no capítulo 2. Na dimensão textual do discurso, segundo Fairclough (2001, p. 128), a mudança “deixa traços nos textos na forma de coocorrência de elementos contraditórios ou inconsistentes”. Os editoriais mudam de padrão conforme está ilustrado nos exemplos 33 e 34.

⁵⁹ No próprio corpo do texto, os editores o identificam por “carta” (HCSMv1n1_2, HCSMv16n1, HCSMv16n2, HCSMv16n3, HCSMv24n3, HCSMv25n1, HCSMv26n1, HCSMv26n3). Neste último, publicado em 2019, há também a identificação por “editorial”; tratar-se-ia de percepção quanto às mudanças na conjuntura da comunicação científica?

Exemplo 33: HCSMv15n1 (2008) – padrão de 1995 até meados de 2017

CARTA DO EDITOR

Caro leitor,

Em julho próximo, completaremos 15 anos de circulação ininterrupta. Pois bem, no projeto gráfico da revista que acaba de abrir você vai encontrar uma série de traços novos. Os mais importantes dizem respeito à diagramação, às tipologias e à disposição dos elementos visuais nas páginas. A mancha gráfica ocupa agora área maior com texto, o que representa uma economia de cerca de 20% em número de páginas. Sacrificamos parte daquela margem generosa, destinada originalmente às anotações que os leitores quisessem fazer e à inserção das notas de rodapé ao lado do texto a que se referiam. As notas agora figurarão sempre no final dos artigos. A mudança visou neutralizar, em parte, os efeitos do número crescente de contribuições aprovadas para publicação em *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*: aumento no volume de páginas, elevação dos custos de gráfica, correio etc.

Exemplo 34: HCSMv24n4 (2017) – novo padrão em 2018 e 2019

CARTA DOS EDITORES

Saúde, zika e política

Caros leitores,

Neste último número de 2017 temos a satisfação de entregar-lhes um cardápio variado de artigos de diferentes áreas do conhecimento, campos temáticos, abordagens, temporalidades e geografias, sempre procurando privilegiar a perspectiva histórica, que confere identidade a este veículo transdisciplinar que é *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. A diversidade, que não é exclusividade desta edição, teve reconhecimento na recente avaliação quadrienal de periódicos pela Capes. A revista manteve-se como A1 nas áreas de História; Interdisciplinar; Sociologia; e Educação. Foi classificada como A2 em Arquitetura; Urbanismo e *Design*; Ciência Política e Relações Internacionais; Ensino; Planejamento Urbano e Regional/Demografia; e Serviço Social. Nosso periódico passou a ser classificado também em novas áreas: Artes (A2); Comunicação e Informação (A2); e Direito (B2).

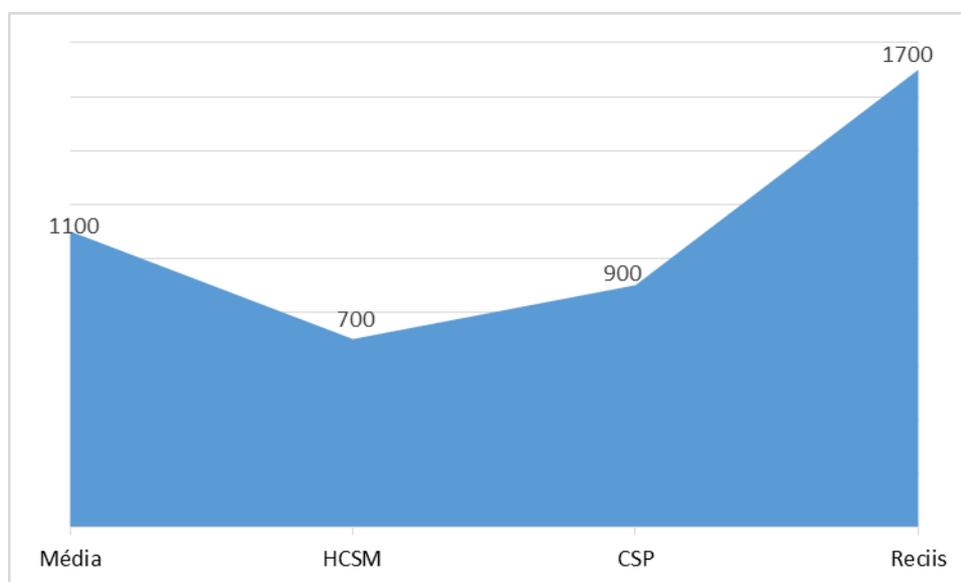
Nos outros dois periódicos, CSP e Reciiis, não se percebe tão sistematicamente que ter ou não título possa estar associado a um fator externo. Em CSP, a ausência de título em 13% do seu universo (4 de 36) pode ser atribuída ao momento de definição de padrões da revista ou de mudanças no corpo editorial. Textos sem título específico ocorrem, sistematicamente, nos dois primeiros anos (1985 e 1986), depois, no segundo triênio observado, em 1995 e

1996. Na Reciiis, os 16% de exemplares sem título específico (5 de 27) ocorrem nos anos de 2009 e de 2017, sem sistematicidade ao longo desses anos.

Quanto à existência de título específico, no *corpus* examinado, a tendência é que os editoriais em periódicos científicos contendam esse elemento. Isso os aproxima dos editoriais na esfera jornalística, que o apresentam como regra, segundo foi observado nos *corpora* dos estudos consultados, entre eles Vieira (2009), Souza (2006) e Silva (2011). Pelo que depreendo dos estudos consultados com *corpora* de editoriais de revista científica, a partir dos comentários dos autores e das referências listadas em seus artigos, parecia não ser prática um título específico nos editoriais (DIAS et al., 1998; STIGGER; FRAGA; MOLINA NETO, 2014; RODRIGUES, 2018).

Em relação à terceira microcategoria da construção composicional, “aspectos gráficos”, começarei por tamanho. O número médio de palavras por editorial no *corpus* é 1.100, conforme se ilustra no Gráfico 6, com indicação desse número em cada periódico: HCSM com 700 palavras, CSP com 900 palavras e Reciiis com 1.700 palavras.

Gráfico 6 - Média de palavras por editorial no *corpus*



Fonte: A autora, 2021.

Usando como medida o número de páginas, a maior parte deles (36%) ocupa duas páginas do projeto gráfico das respectivas revistas. O editorial no *corpus* estudado é um texto curto, tomando por comparação um artigo científico. Na esfera jornalística, editoriais são tidos como textos de tamanho curto, conforme nos lembram Rabaça e Barbosa (2011), por exemplo. No *corpus*, grande parte dos editoriais (78%) ocupa de uma a três páginas. Em

termos de distribuição por revista e período de tempo, observamos que a Reciiis tende a ter editoriais mais longos, como já foi visto em número de palavras. CSP e HCSM, em sua maioria, trazem editoriais de uma a duas páginas. Em Reciiis são, majoritariamente, duas a três páginas, com uma tendência, a partir de 2017, a textos maiores. Dos oito editoriais com cinco e seis páginas no *corpus* da Reciiis, sete acontecem a partir de 2017.

Em relação ao uso de cores, 22 exemplares apresentam cor diversa além do preto e branco, o que corresponde a 25% do *corpus*. Desses 22 textos, 100% são da Reciiis, no seu período inicial (2007-2009), no exemplar de 2010 e no período mais recente (2017-2019). Dos 27 textos da Reciiis, em 83% há uso de cor (cinza, laranja, azul), como exemplificarei. Dois fatores podem conferir maior liberdade a esse conjunto do *corpus*: um relacionado à área, de maior proximidade com os gêneros da esfera jornalística – a Reciiis é editada pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde – e outro, pelo fato de ser um periódico exclusivamente eletrônico desde a origem. Logo, o uso de cores não impacta no orçamento de impressão da revista.

Exemplo 35: Reciisv4n4 (2010), excerto, p. 1 e 2

RECIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.4, n.4, p.1-4, Nov, 2010

[www.recis.cict.fiocruz.br]
e-ISSN 1981-6278

Editorial

Políticas de comunicação, democracia e cidadania

Rodrigo Murinho
rmurinho@icict.fiocruz.br

Editor convidado. Pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces/Icict/Fiocruz).

DOI:10.3395/recis.v4i4.404pt

Os artigos que compõem este suplemento abordam temas relacionados às políticas de comunicação, compreendidas, por diferentes ângulos e perspectivas, como ações formuladas no âmbito do Estado – com participação, ou não, da sociedade civil – que determinam ou orientam a criação, a produção, a difusão e o consumo de produtos culturais e comunicativos (Bustamante, 2005). Os temas em questão estiveram no centro do debate da I Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), realizada em 2009. Seus autores são pesquisadores dos campos da comunicação e da saúde coletiva, e representantes de entidades da sociedade civil, com amplo conhecimento e envolvimento neste debate.

A proposta de editar este suplemento surgiu durante o processo preparatório da I Confecom, como consequência de dois eventos. Ambos com o propósito de integrar o campo da saúde coletiva à discussão: o seminário "Conferência Nacional de Comunicação. O que a saúde tem a ver com isso?" – realizado pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fiocruz (Icict/Fiocruz), em agosto de 2009; e o "Fórum Políticas Públicas de Comunicação e Saúde: desafios e agenda da Conferência Nacional de Comunicação 2009", promovido no IX Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, em Recife, pelo GT de Comunicação e Saúde da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), em novembro do mesmo ano.

Essas iniciativas e atividades estão ancoradas no trabalho desenvolvido no Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fiocruz (Laces/Icict/Fiocruz). Esse trabalho envolve a pesquisa, através do monitoramento e análise das

políticas públicas de comunicação e suas interações com a saúde.

Nosso objetivo com esta edição é, por um lado, contribuir para a reflexão na esfera acadêmica e para a integração entre as diversas disciplinas envolvidas. Por outro, sistematizar informações, ideias e experiências que possam auxiliar a formulação de políticas públicas e subsidiar o Sistema Único de Saúde (SUS), orientando ações e políticas de comunicação de instituições públicas de saúde.

"Saúde é democracia, democracia é saúde"

Democracia e cidadania são elementos estruturais do "conceito ampliado de saúde", formulado pelo movimento da Reforma Sanitária, expressos nas resoluções da 8ª Conferência Nacional de Saúde. Sob o lema "saúde é democracia, democracia é saúde", o movimento sanitário conquistou, no processo Constituinte, o reconhecimento do direito à saúde como direito fundamental e sua relação estreita com as demais questões sociais.

Assim como a saúde não consiste em um direito isolado das outras questões sociais, o direito à comunicação e o direito à informação extrapolam seus referenciais específicos, constituindo com os demais direitos humanos a base da democracia política e social.

Os textos aqui editados, embora abordem problemas distintos analisados de forma singular por seus autores, apresentam um elemento comum: a necessidade de superar a lógica que predomina e orienta as políticas nacionais de comunicação, considerada um entrave ao avanço da democracia e ao exercício pleno da cidadania. Consideram,

portanto, a comunicação como peça constituinte e estratégica de projetos que buscam radicalizar a democracia.

César Bolaño apresenta, em "O modelo brasileiro de regulação do audiovisual em perspectiva histórica", um panorama da evolução da política audiovisual brasileira. Esse artigo destaca importantes elementos dessa política ao longo da história: Código Brasileiro de Telecomunicações, Constituição de 1988, Lei da TV a Cabo, privatização das telecomunicações, Lei Geral de Telecomunicações, participação de capital estrangeiro, leis de incentivo à cultura e à produção audiovisual e as políticas culturais do governo Lula. Evidencia a influência do setor empresarial sobre essa esfera como traço marcante da lógica das políticas de comunicação formuladas no país.

No artigo "Para regulamentar as Comunicações em regime público – *Discutindo o novo cenário normativo em regime de convergência*", *Marcos Dantas* analisa aspectos econômicos e culturais que influenciam a mudança de paradigma nas comunicações, com o advento da convergência tecnológica. O autor apresenta propostas de "eixos político-regulatórios", baseadas em resoluções da I Confecom, para construção de um marco legal condizente com as mudanças tecnológicas que define as comunicações como serviços prestados em regime público, afinado com a ideia de democratização do setor.

A participação da sociedade civil na construção de políticas democráticas de comunicação é analisada por *Bia Barbosa* e *João Brant*, no artigo "As iniciativas da sociedade civil para dar rumo democrático às políticas de comunicação no Brasil". Os autores, membros do Coletivo Intervezes, concentram suas considerações em três iniciativas: a Conferência Nacional de Comunicação; a construção de indicadores do desenvolvimento da mídia e do direito à comunicação; e a definição do direito à comunicação como marco referencial para as políticas públicas do setor.

Com objetivo semelhante, o texto "Tomando posição: uma análise política da Confecom", de *Valério Britos*, *Bruno Rocha* e *Paola Nazário*, como revela o título, propõe uma análise da I Conferência Nacional de Comunicação, considerando o processo de digitalização da televisão brasileira e a estruturação da televisão pública como elementos relevantes do cenário atual.

Dois artigos ultrapassam as fronteiras nacionais e analisam as políticas de comunicação no continente latino-americano. *Muriel César Ramos* destaca, em sua análise, a construção de uma nova agenda latino-americana para as comunicações, a partir de experiências recentes em países como Argentina,

Bolívia, Equador e Venezuela, transformando o continente "em um grande laboratório de ideias, princípios e diretrizes de política pública" para o setor. Resgata como referência desta agenda os debates em torno da Unesco entre as décadas de 1960 e 1980, consolidados no emblemático Relatório McBride.

O ensaio de *Santiago Marina*, *Guillermo Mastini* e *Martín Becerra*, "O processo de regulação democrática da comunicação na Argentina", analisa o processo de aprovação e as mudanças provocadas pela nova Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual na Argentina. Segundo os pesquisadores argentinos, a nova legislação altera profundamente a estrutura do setor naquele país, tomando o Estado responsável pela garantia do direito social à comunicação. Seguindo esta lógica, a lei modifica os critérios de distribuição das concessões de rádio e televisão, destinando 33% dos canais às instituições sem fins-lucrativos. A aprovação da nova legislação foi objeto de intensa disputa política, e contou com ampla mobilização social. As mudanças provocadas a partir dela e o processo de mobilização social tornaram a nova legislação argentina referência no continente.

Comunicação e informação como determinantes sociais de saúde

Outro elemento que reforça a relação entre a saúde coletiva e as políticas públicas de comunicação e informação é o debate em torno dos determinantes sociais da saúde. O relatório "As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil" foi produzido pela Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), instituída pelo Ministério da Saúde em 2006. Esse relatório reconhece a comunicação e a informação como elementos fundamentais para prevenir o avanço dos agravos à saúde da população. Segundo ele,

O acesso a fontes e fluxos de informação em saúde aumenta o conhecimento e a capacidade de ação, permitindo a adoção de comportamentos saudáveis e a mobilização social para a melhoria das condições de vida. Por outro lado, a falta de acesso de grandes setores da população ao conhecimento e à informação diminui significativamente sua capacidade de decidir e atuar em favor de sua saúde e da coletividade (CDDSS, 2008: 75).

O relatório destaca o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), em especial o da internet, como estratégias eficazes para o acesso a informação em saúde.

Exemplo 36: Reciisv11n3, p. 1 e 2 (2017)

Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. 2017 jul-set.; 11(3) | [www.reciis.icict.fiocruz.br] e-ISSN 1981-6278

EDITORIAL

O desafio de ser um editor disciplinar num periódico interdisciplinar
The challenge of a disciplinar editor in an interdisciplinary journal
El desafío de ser un editor disciplinario en un periódico interdisciplinario

Cícera Henrique da Silva | cicera.henrique@icict.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Pesquisa em Informação Científica e Tecnológica em Saúde e Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde. Rio de Janeiro, Brasil

Palavras-chave: periódico científico; editoria; interdisciplinaridade.

Keywords: scientific journal; editor; interdisciplinarity.

Palavras clave: periódico científico; editor; interdisciplinarietàad.

Lançada em 2007, a Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde - Reciis nasceu repleta de desafios: eletrônica, de acesso livre, interdisciplinar e bilíngue, editada por uma unidade técnica da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, recém alçada à categoria de instituto de pesquisa, o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde – ICICT. Na fala de seu primeiro editor, ela foi criada para focar as "... várias dimensões da dinâmica da arena da saúde, dimensões relacionadas às questões da comunicação, da informação e da inovação científica e tecnológica..."¹

Somam-se a estes desafios aqueles clássicos para se constituir uma fonte legítima do conhecimento produzido em uma área do conhecimento: "qualidade de artigos, regularidade na publicação e facilidade de acesso"².

Muito se tem indagado sobre o papel desempenhado pelos editores, considerado central no processo de comunicação na ciência, a quem fica designado a maior parte das decisões a respeito do conteúdo dos

periódicos científicos, funcionando assim como um *gatekeeper* da ciência. Esse papel é mais difícil de desempenhar nas ciências sociais, em que as decisões e as normas são mais subjetivas.³ O que dizer então de um periódico interdisciplinar?

Dividi com a pesquisadora Maria Cristina Soares Guimarães, por pouco mais de um ano, a editoria da Reciis, quando pudemos compartilhar as “delícias e as agruras” de sermos profissionais da informação, disciplinares, na editoria de um espaço interdisciplinar, em formação. Como decidir sobre os textos que devem ser aceitos, quando se é disciplinar e se conhece a fundo somente uma das áreas de especialidade da revista? Como estabelecer limites? Como orientar o conteúdo que virá a ser reconhecido como interdisciplinar? A quem designar o papel de parecerista, que muitas vezes também é disciplinar? Estas são algumas das questões vivenciadas neste lugar de editor. Além disso, como profissional da informação, especializado em comunicação na ciência, nosso principal objeto de pesquisa é exatamente o periódico científico. Que nova feição um periódico científico deve tomar em um campo emergente, à luz das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs? Por certo é imperativo considerar outras práticas e outros formatos de publicação, o que a Reciis vem tentando fazer ao longo dos anos numa contínua reinvenção.

Acompanha-se, desde então, a trajetória deste periódico que tem cumprido estes requisitos com muita garra e competência e, espera-se, que assim continue.

Outros desafios estão a caminho e já são realidade em outros periódicos: a publicação científica, que supera o tradicional formato textual e linear dos artigos, permitindo ainda, que comentários sejam feitos aos artigos, garantindo um “feedback” imediato aos cientistas,⁴ e mudança no processo de revisão pelos pares (*non-blind peer review*).

Aos editores, autores, pareceristas, leitores e equipe técnica da Reciis, parabéns! Que venham outras décadas e novos desafios.

Referências

1. Machado CJS. A arena da saúde na dinâmica do tempo presente. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*. 2007 jan. [citado em 21 set. 2017]; 1(1):5-7. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/874>
2. Mueller SP. O Círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, 1999 dez. [citado em 21 set. 2017]; (zero). Disponível em: http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/985/1/ARTIGO_CirculoVicioso.pdf
3. Miranda DB; Pereira MNF. O Periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. *Ciência da Informação*, 1996 dez. citado em 21 set. 2017]; 25(3). Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/636/640>.
4. [Ambinder DM](#); [Marcondes CH](#). Novas experiências para apresentação, acesso e leitura de artigos científicos digitais na web. *Transinformação*[Internet]. 2013 [citado em 21 set. 2017]; 25(3):195-201. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862013000300002>.

Nesses exemplares da Reciiis, as cores são utilizadas para identificar as seções da revista, diferenciar entretítulos e títulos em língua estrangeira. No exemplo 35, a designação “editorial”, está grafada em branco sobre uma caixa azul, à esquerda da página; no exemplo 36, o rótulo da seção está grafado em laranja no canto superior direito. Os entretítulos estão sinalizados em laranja no exemplo 35, como se vê na primeira página, na coluna direita, “Saúde é democracia, democracia é saúde”. No exemplo 36, a cor é empregada para diferenciar o idioma dos títulos (preto para o idioma de publicação do texto – nesse caso, o português; cinza para os outros idiomas: inglês e espanhol (“The challenge of a disciplinar editor in an interdisciplinar journal”, “El desafío de se um editor disciplinario em um periódico interdisciplinario”). No exemplo 36, também vemos o emprego da cor azul, indicando *hiperlink* – um recurso de textos eletrônicos –, na indicação do *e-mail* da editora e nos endereços eletrônicos dos textos listados em Referências.

No exemplo 36, merece ainda destaque o grafismo em azul que acompanha a leitura vertical em telas eletrônicas: a lógica de organização do texto não é da esquerda para direita, como em meio impresso, folha par/folha ímpar, mas de cima para baixo, como em rolagem de tela em meio eletrônico. O uso de cores nesse periódico tem forte relação com o seu meio de circulação.

Já em CSP e HCSM, não há uso de outras cores além de preto e branco; os destaques gráficos nos editoriais desses dois periódicos são marcados, por exemplo, pela variação em tipologia textual, tamanho, aplicação de negrito e/ou itálico para elementos de destaque, tais como título e assinatura, conforme ilustrado nos exemplos 37 e 38, a seguir.

Exemplo 37: CSPv25n1 (2009)

4 EDITORIAL

25 anos de *Cadernos de Saúde Pública*

Com o lançamento do fascículo de janeiro de 2009, inauguramos o vigésimo quinto ano de publicação ininterrupta do *Cadernos de Saúde Pública* – CSP. Ao longo desse quarto de século, CSP vemida de uma maneira tal, que hoje ocupa um lugar de destaque não somente entre as revistas científicas brasileiras da área da saúde como também entre suas congêneres na América Latina.

Um olhar retrospectivo mostra que CSP experimentou importantes transformações ao longo dos anos, o que incluiu desde mudanças em sua composição físico-editorial (layout, tipo de papel e técnica de impressão, entre outros), passando pela periodicidade e chegando à completa e livre disponibilidade de suas 161 ilustrações (incluindo o atual) para todo o mundo por intermédio da biblioteca eletrônica SciELO.

A periodicidade de CSP passou de trimestral a mensal em 2006. Tal decisão implicou a necessidade de profunda reforma no sistema de produção da revista, além de exigir maiores investimentos financeiros. Como resultado, foi possível aumentar significativamente o total de artigos publicados ao ano, melhor atendendo, portanto, à comunidade de pesquisadores brasileiros em Saúde Coletiva.

Um aspecto marcante da trajetória de CSP foi sua típica internacionalização, fato que pode ser avaliado mediante sua cobertura pelas principais bases internacionais de indexação bibliográfica em saúde, especialmente MEDLINE e Web of Sciences. Essa cobertura foi fundamental não apenas para ampliar a disseminação da produção do autor brasileiro no exterior, mas também no sentido inverso, ou seja, atrair o autor estrangeiro para as páginas de CSP. A presença crescente de autores não somente da América Latina, mas também da África, Europa e América do Norte, é marcante nas páginas da revista, situando CSP como um espaço editorial que em muito transcende as fronteiras do país.

Para que tenhamos uma visão um pouco mais aprofundada da trajetória editorial dos primeiros 25 anos de CSP, nada melhor do que algumas estatísticas comparadas. Em 1985 (volume 1) foram publicados 25 artigos. Nos primeiros dez anos da revista, a média de artigos por volume foi 40. Em 2006, por sua vez, foram publicados nas páginas da revista 347 artigos, um montante quase nove vezes maior que aquele verificado no primeiro ano.

E evidentemente que não constitui meta de CSP simplesmente publicar mais e mais artigos, importa procurar atender à demanda qualificada da melhor maneira possível, sempre guiado no princípio fundamental da revista pelos pares. Para isso, CSP conta com uma rede de centenas de especialistas cujos nomes figuram em seção especial de agradecimento, publicada ao final do fascículo que corresponde ao mês de dezembro de cada ano. Em 2006, contamos com pareceres emitidos por 733 pesquisadores.

Nos últimos anos, CSP vem recebendo mais de mil submissões por ano e a taxa de aceite é de cerca de 18%. Submetido devido ao rápido crescimento do número de programas de mestrado e doutorado em Saúde Coletiva no país, aliado à maior disponibilidade de recursos para pesquisa por parte dos diversos órgãos de fomento, espera-se que a demanda aumente ainda mais nos próximos anos. A equipe editorial de CSP está ciente de sua responsabilidade em face da comunidade científica brasileira e trabalha com o objetivo de assegurar a publicação eficiente da melhor seleção possível dos artigos recebidos.

Como instrumento de 25a aniversário de CSP uma importante inovação é introduzida – o lançamento do SAGAS (Sistema de Avaliação e Gerenciamento de Artigos), que é um sistema online de submissão, avaliação e gerenciamento de artigos especialmente concebido e desenvolvido para atender a nossa revista.

Como não poderia deixar de ser, CSP é uma realização coletiva, da qual fazem parte autores, pareceristas, editores e leitores. Na hoje do volume comemorativo dos 25 anos de *Cadernos de Saúde Pública*, reiteramos nosso compromisso com a qualidade e queremos crer que, como resultado desse esforço conjunto, teremos uma revista ainda mais ágil e competente para a disseminação da produção científica no campo da Saúde Coletiva no Brasil.

Carla E. A. Cruzinha &
Adriano Hasegawa Hirata
Editores

Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 25(1):4-5, jan. 2009

Exemplo 38: HCSMv1n1_2 (1995)

CARTA DO EDITOR

História, Ciências, Saúde — *Manguinhos* é uma revista que em seu próprio nome traz os objetivos que pretende. Os três primeiros termos falam, de modo genérico, de seu campo de especialização, apontando, no entanto, para uma certa diluição das fronteiras: afinal, separam-nos vírgulas, e não partículas, indicando que seu conteúdo não se limita à 'história das ciências da saúde'. O último termo, irrecorrivelmente vernáculo, evoca um dos poucos lugares onde, no Brasil, se fez esta história das ciências da saúde, querendo chamar a atenção para o caráter verde-amarelo (deixem passar) que a revista pretende ter. Desta forma, *Manguinhos* — vamos tratá-la assim, abandonando as qualificações — é uma revista que pretende abordar a história dos conhecimentos e dos saberes, com ênfase, é bem verdade, nos conhecimentos biomédicos. E, daqui de *Manguinhos*, dialogar com pesquisadores do Brasil e de todas as partes, em torno de questões que, ao longo do tempo, são relevantes para a compreensão da realidade atual — afinal, que outra importância pode ter a história?

Como se poderá ver, *Manguinhos* não tem o perfil tradicional de uma publicação acadêmica, indo além dos habituais artigos e resenhas, e abrindo espaço para outros produtos do campo acadêmico. Em suas seções pode-se também encontrar coisas como resumos de teses, depoimentos, debates, relatos de encontros e de congressos, notas de pesquisa, apresentação de documentos originais. (Aqui, por sinal, está uma de suas grandes preocupações: valorizar o documento original, trazer à luz o fundamento dos saberes que o historiador pode vir a produzir.) Finalmente, o leitor, após essas mal traçadas, ao folhear a revista, perceberá uma outra distinção de *Manguinhos*: um cuidado gráfico pouco usual, que, mais do que simples preocupação dileitante com a estética, quer chamar a atenção para o fato de que os conhecimentos que nos interessam se fazem de maneira não positiva.

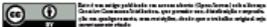
Quero acabar esta carta como comecei, pelo nome. *Manguinhos* é peculiar, porque tal diminutivo não mais evoca um espaço ecológico livre — aliás, aquele cuja recuperação indica a retomada das forças livres da natureza —, mas um lugar onde, sob controle, assepticamente, faz-se ciência de ponta. E, por outro lado, é típico, em seu diminutivo tão característico, do carinho que os brasileiros tendemos a ter no trato com o outro. Um bom nome, portanto.

Sergio Goes de Paula

Nos dois exemplos apresentados, o título está destacado em negrito, com tamanho maior que a fonte do texto: “25 anos de Cadernos de Saúde Pública” e “CARTA DO EDITOR”. No exemplo 38, além de negrito, há o uso de letras maiúsculas. Sendo assim, percebemos maior sobriedade gráfica nos editoriais de CSP e HCSM do que no recorte da Reciiis. Novamente, considero que o fato de a Reciiis ser editada por um instituto de comunicação e o de ser exclusivamente eletrônica favorecem um maior dinamismo no uso de cores.

Na esfera jornalística, os editoriais de jornais tendem a ser mais sóbrios do que os editoriais de revistas de informação, por sua vez, mais sóbrios que os de revistas temáticas, conforme os estudos consultados, por exemplo, de Souza (2006) e de Vieira (2009). As revistas tendem ao maior uso de cores e de imagens, em especial, as voltadas para o público feminino adolescente.

Quanto à presença de imagens nos editoriais, 26 dos 89 exemplares do *corpus* contêm alguma imagem (29% do *corpus*). A natureza dessas imagens, sua distribuição por revista e pelos recortes temporais merecem comentário. As imagens contidas nos editoriais de CSP (14 exemplares) referem-se ao logotipo da licença Creative Commons no rodapé da primeira página de editoriais, publicados a partir do ano de 2017 (exemplos 39 e 40 a seguir). Das cinco imagens presentes nos editoriais de HCSM, quatro também são referentes à logo da licença Creative Commons, publicada no rodapé da primeira página a partir de meados de 2017 (exemplos 41 e 42). A outra imagem refere-se ao selo comemorativo de 10 anos da Casa de Oswaldo Cruz, presente no editorial do seu segundo volume, em 1994, como vemos no exemplo 43.

Exemplo 39: CSPv35n1 (2019)	Exemplo 40: Detalhe da licença em CSP
<p>CSP CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA REPORTS IN PUBLIC HEALTH</p> <p style="text-align: right;">EDITORIAL EDITORIAL</p> <p>Médicos, política e sistemas de saúde</p> <p style="text-align: right;">Laciene Dias de Lima ¹ Marília Sá Carneiro ² Cláudia Medeiros Ceill ³</p> <p style="text-align: center;">doi: 10.1590/0102-311X00237418</p> <p>Os médicos e suas entidades representativas ocupam um papel central na trajetória de construção e reformas de sistemas públicos de saúde. No plano internacional, estudos comparados enfatizam a importância das relações entre o Estado e as organizações da medicina, para distintas orientações e rumos da política de saúde em contextos institucionais específicos ¹. Ressaltam, ainda, as tensões envolvendo a regulação do trabalho médico (modalidades de contratação e vínculos empregatícios, formas de remuneração, entre outras) e da autonomia da profissão (tais como definição de atribuições e escopo de atividades médicas), associadas às propostas governamentais de reorientação e expansão do sistema público de atenção à saúde ^{2,3}.</p> <p>No Brasil, o tema já foi objeto de vários trabalhos que analisam a prática política, as influências e os posicionamentos dos médicos e suas representações em diferentes momentos históricos, como os de 1920 e 1930-45, de 1970 e 1980 ^{2,3,4} e durante o início da implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) nos anos 1990 ⁴. A partir de 2013, com o lançamento do Programa Mais Médicos (PMM), tais análises voltaram a ter destaque na agenda de investigações da Saúde Coletiva, evidenciando embates entre governos e corporação médica no processo de formulação e implementação dessa política ^{11,12,13}.</p> <p>O ano de 2019 inicia com inúmeros desafios para a política de saúde e o SUS. Entre esses, o de garantir a reposição de mais de oito mil médicos que começaram a sair do país em novembro de 2018, devido ao fim do acordo de cooperação técnica entre Cuba e Brasil, mediado pela Organização Pan-Americana da Saúde no âmbito do PMM. Segundo nota técnica da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), a saída dos profissionais cubanos coloca em risco a assistência de mais de 23 milhões de pessoas residentes em 2.800 municípios, e lugares que se destacam por elevados indicadores de pobreza, necessidades e dificuldades de acesso a serviços de atenção primária à saúde (APS) ¹⁴.</p> <p>Para suprir a carência desses profissionais, o Ministério da Saúde abriu um processo seletivo visando à ocupação das vagas por médicos brasileiros, nos municípios contemplados pelo programa. No entanto, até o início de dezembro de 2018, informações divulgadas pelo Ministério da Saúde apontam que dos 34.653 médicos inscritos, apenas 3.276 tinham iniciado as atividades, sendo o número de desistentes bastante significativo (http://portal</p> <p style="text-align: right;">¹ Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil. ² Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil. ³ Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.</p> <p style="text-align: center;">CML Saúde Pública 2019; 35(1):00237418</p> <p> Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.</p>	<p> Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.</p>

Exemplo 41: HCSMv26n1 (2019)	Exemplo 42: Detalhe da licença em HCSM
<p style="text-align: center;">CARTA DOS EDITORES</p> <p>2019: um ano de debates, projetos e agradecimento</p> <p>Caros leitores,</p> <p>Com alegria apresentamos mais um número de <i>História, Ciências, Saúde – Manguinhos</i>. Neste ano completamos 25 anos de circulação ininterrupta, o que é motivo de grande satisfação para toda a equipe. Conforme comunicamos em carta anterior (Silva, Cueto, 2018), a comemoração servirá de ocasião para nos reunirmos com editores de revistas de história, nacionais e estrangeiras, para debatermos as principais questões relativas à publicação científica na área, principalmente os debates em torno do acesso aberto, incluindo o tema dos dados abertos de pesquisa, cuja divulgação vem sendo exigida cada vez mais em favor de maior transparência e ética científica. É necessário, entretanto, que profissionais da área de história e afins guardem clareza sobre o que compreendem como dados de pesquisa que subsidiem suas publicações em periódicos. Já é de praxe na história e em outras ciências sociais e humanas que detalhem em nossos artigos as fontes históricas utilizadas, com a respectiva notação do acervo documental e do arquivo de procedência. Como aperfeiçoarmos as informações sobre os dados de maneira a corresponder a esta demanda por maior transparência na “matéria-prima” a partir da qual se elaboram os artigos? É tema aberto a debate e é preciso que os veículos e profissionais da área de história participem e se apropriem da discussão, chamando atenção para as especificidades na forma de produzirmos e divulgarmos o conhecimento. Discutiremos ainda novos formatos da publicação acadêmica, como publicação contínua, <i>preprint</i> e pareceres abertos, bem como divulgação do conteúdo publicado em blogs e mídias sociais.</p> <p>Também aproveitamos para agradecer aos editores adjuntos e de seções que nos acompanharam até o presente número: os editores adjuntos Charles Pessanha, Ideu de Castro Moreira, Gilberto Hochman, Margarida de Souza Neves, Gabriela Soto Laveaga, Paulo Ditroit; as editoras da seção “Imagens”, Ana Maria Mauad e Maria Teresa Bandeira de Mello; a editora da seção “Fontes”, Maria Rachel Fróes da Fonseca; e a editora de divulgação científica, Lúcia Massarani. No número seguinte, anunciamos a nova composição do corpo editorial que vai coordenar a revista no quadriênio 2019-2022. Os editores adjuntos Karina Ramaciotti, Nelson Sanjad e Luiz Antonio de Castro Santos, e a editora da seção “Livros & Redes”, Ana Carolina Vinheiro-Gomes, permaneceram na equipe.</p> <p>http://dx.doi.org/10.15406/hcsm.2019.35.00237418</p> <p> v.35, n.1, jan.-mar. 2019, p.3-10</p>	<p></p>

Exemplo 43: HCSMv2n3 (1995)

CARTA DO EDITOR

Em 19 de janeiro celebrávamos o décimo aniversário da Casa de Oswaldo Cruz com uma festa aconchegante na Praça Pasteur, enfeitada com tons parisienses e animada pela Rio Jazz Orchestra.

Na ocasião, Oscar Niemeyer nos presenteou com a maquete do Complexo de Difusão Científica e Cultural do Espaço Museu da Vida. O estilo arrojado e leve, marca inconfundível de nosso arquiteto maior, abraça a avenida Brasil, unindo em um mesmo movimento os dois *campi* da Fiocruz e a cidade do Rio de Janeiro. O Castelo de Manguinhos que, com seu encanto exótico, tanto contribuiu para galvanizar a imaginação nacional de uma ciência nascente, encontrará neste fim de milênio o parceiro ideal para refletir sobre o presente e o passado, a ciência e a sociedade.

Corria a festa cheia de reminiscências, quando foi bruscamente interrompida por uma tempestade de chuva e vento. Árvores caídas, *black-outs* e alagamentos impediram os participantes de deixar Manguinhos até a madrugada. Um sentimento infantil de aventura e intimidade, de sobreviventes abrigados na Cavalariça e no Pavilhão da Peste, foi misturando-se à crescente apreensão com a perspectiva de desconforto e isolamento. Lembramo-nos então do *Anjo exterminador*, de Luis Buñuel.

De tudo, ficou em mim o sentimento de amizade, de uma história para tantos cheia de vida e significados: o Castelo de Manguinhos e a arquitetura de Niemeyer em uma mesma corrente de tempo; os ecos da música; sentimentos de criança em um templo da ciência e a chuva, sinal de renovação, exigindo novos desafios.

Temos sempre lembrado que *História, Ciências, Saúde — Manguinhos* é parte fundamental desse clima. Estamos felizes em vê-la, substantiva e bela, trazendo seu testemunho especial a esse ano de celebrações.

Frete à qualidade dos artigos publicados nesse número, *Manguinhos* dedica grande parte de seu espaço à seção "Análise," enriquecida com imagens essenciais a alguns textos. A novidade é a inclusão da chancela do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), marco significativo do processo de reconhecimento e consolidação da revista.

Paulo Gadelha



A indicação do tipo de licença adotada pelo periódico é uma informação requerida por diversas bases indexadoras e deve estar informada claramente no *site* da revista. A exigência para que ela conste no próprio texto publicado é uma demanda explicitada no documento para admissão e permanência na Coleção SciELO (SCIELO, 2017). Nele, indica-se que o tipo de licença deve estar informado em todas as páginas do texto, com utilização de logo e descrição do que ele significa. Tal demanda é atendida de formas diferentes pelas revistas aqui examinadas: em formato de imagem e texto (CSP, exemplo 40) ou em formato de imagem (HCSM, exemplo 41). Na Reciiis, o formato é em texto, por isso não está apresentado aqui, na análise da microcategoria “uso de imagens”.

Excetuando-se as recentes 18 imagens das logos referentes à licença (de CSP e HCSM) e a imagem do selo comemorativo de 10 anos da unidade publicadora de HCSM, como se vê no exemplo 43, o número de editoriais com imagens no *corpus* seria, apenas, de 11 (cerca de 12% do *corpus* total), todos da Reciiis.⁶⁰ As imagens presentes na Reciiis dizem respeito à logo da revista, em seu cabeçalho e ao final do texto, nos seus três primeiros anos (2007-2009) e, de modo mais marcante, à fotografia dos editores nos textos publicados até meados de 2009, como vemos no exemplo 44, a seguir.

⁶⁰ HCSM utiliza grafismos em seu projeto gráfico (detalhes arquitetônicos do Castelo Mourisco), porém não nos editoriais.

Exemplo 44: Reciisv2n2 (2008)

A singularidade de um projeto editorial numa realidade em plena transformação

DOI: 10.3395/recis.v2i2.228pt



Carlos José Saldanha Machado
Editor Científico
csaldanha@ciic.fiocruz.br



Josué Laquandia
Editor Científico
laquandia@ciic.fiocruz.br

Decoridos quase dois anos desde o seu lançamento, RECIS manteve-se comprometida com a proposta original de servir como espaço acadêmico virtual para o compartilhamento e divulgação da produção científica nas várias dimensões da dinâmica da área da saúde, dimensões relacionadas às questões da comunicação, da informação e da inovação científica e tecnológica. Nessa perspectiva interdisciplinar e transacional, RECIS confirma a singularidade de seu projeto editorial e de sua proposta política de acesso livre. A arena da saúde, assim como a da biotecnologia, do meio ambiente, da tecnologia antropocêntrica e das dinâmicas da informação e da comunicação, demonstram o quanto a demanda social e os projetos de ordem política e econômica afetam as orientações de pesquisa, a praxis de estudar o malhar operando das ciências, de seus sistemas e de seus lugares (Nowotny et al. 2001).

A opção por ampliar o escopo da revista decorreu da constatação de laços de interdependência entre as ciências e as sociedades e da importância que têm os saberes oriundos das mais diversas áreas do conhecimento científico para a compreensão da saúde tanto no âmbito individual quanto coletivo.

At mesmo tempo, uma revista voltada para a promoção da interdisciplinaridade na área da saúde não pode ser incorporada em seu projeto editorial esta ou aquela definição de saúde, de informação, de co-

municação e de inovação, porque todas elas são conceitual-mente definidas, e re-definidas, a o nível do mundo, de diferentes formas, em diferentes culturas, em diferentes regiões e no interior de diferentes organizações públicas e privadas produtoras de conhecimentos científicos e de tecnologia (Buen & Demis 2007; Gama et al. 2005; Hage & Mehta 2006; Schement 2002; Schiava 2007; Wathen et al. 2008; www.globalforumhalth.org). Cabe a RECIS, em seu processo de consolidação editorial, lidar com esta diversidade científica e saber expressá-la em suas várias seções. A pluralidade de temas que têm sido acolhidos para publicação é um forte indício de seu comprometimento com a diversidade que sua cena e sua dinâmica. Amparados exclusivamente pelo critério do mérito científico dos trabalhos, nossos colaboradores têm atuado com muito senso crítico e responsabilidade os textos que nos chegam a cada dia mais densos no que concerne tal proposta.

Além disso, o desenvolvimento científico e tecnológico tem implicado mudanças na forma como a sociedade se apropria dos "saberes" dos pesquisadores em saúde (Wathen et al. 2008), transformando-os em objetos de política pública e, sobretudo, de novas formas de apropriação do conhecimento. Além de oferecer uma alternativa à crise das publicações científicas seriadas, concretizada pelas altas taxas de anulação e de cancelamento das bibliotecas, a disseminação dos resultados da pesquisa científica por meio de publi-

RECIS - R. Eletr. de Com. Inf. em Saúde. Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.5-7, jul-dez, 2008

5

cações eletrônicas na internet atendem aos propósitos do movimento de acesso livre (Willinsky 2006). De acordo com a Declaração de Berlim, a proposta de acesso livre baseia-se na garantia do direito irrevogável e mundial de acesso aos trabalhos em texto, áudio, vídeo, diagrama, transmissão on-line, publicação, distribuição de trabalhos derivativos, em qualquer meio digital, para qualquer propósito razoável, estando sujeito ao reconhecimento apropriado de autoria. Esse acesso é compatível com o *copyright*, o *arxiv*, a revista por parte, a impressão, a preservação e tantas outras características associadas à literatura acadêmica convencional. Não faz de o acesso à informação não ser pago pelo leitor e, portanto, não existem barreiras à pesquisa científica numa diferença substancial face às práticas tradicionais de publicação científica (Valero et al., 2007).

Como sublinha Shanker (2005), os governos e as instituições científicas têm a responsabilidade científica e social de garantir que a informação esteja disponível de maneira gratuita para todos e parte desse processo reside no apoio à publicação por meio do acesso livre. Os cientistas também têm motivos para apoiar essa iniciativa, pois os artigos publicados em revistas de acesso livre são mais prováveis de serem lidos e citados. A despeito das vantagens destacadas pelos seus proponentes, as questões relacionadas à infraestrutura tecnológica, ao modelo de negócios, aos serviços e padrões de indexação, aos critérios do sistema de produtividade acadêmica e divulgação são apontadas como barreiras ao sucesso da revista científica de acesso livre (Björk, 2004). O desenvolvimento de uma plataforma eletrônica de editoração OJS pela Public Knowledge Project (<http://pkp.sfu.ca>), é um passo importante da década da Universidade Simon Fraser, situada em Vancouver, no Canadá, na suspensão dessas limitações ao dispor para uso um aplicativo de fonte aberta e gratuita, mas a vinculação da produtividade acadêmica à publicação nos periódicos indicados em bases qualificadas ainda representa um fator limitante significativo para a maioria das revistas eletrônicas existentes. Mas, em breve, acreditamos estar superando esta limitação de ordem conjuntural.

Que os leitores saibam a priori a diversidade de temas, problemas abordados em oferta do presente número que encerra a periodicidade semestral da RECIS para o termo a partir de 2009, nossa publicação trimestral. Buscamos a publicar quatro números por ano, sendo dois números correntes (junho e dezembro), isto é, abertos ao recebimento de todo e qualquer manuscrito, e dois números temáticos (maio e setembro), coordenados por editores(as) convidados(as), interdisciplinares, ou não, com

números especiais relacionados a edição das melhores trabalhos de eventos científicos de interesse para a RECIS, números também organizados por Editor(es) convidado(s).

Boas leituras!

Referências bibliográficas

- Björk, B.-C. (2004). Open access to scientific publications - an analysis of the barriers to change. *Information Research*, v. 9, n. 2, paper 170 (<http://InformationR.net/99-2/paper170.html>)
- Buen, R. V., Demis, J. (Eds.) (2007). *Bioinformatics as Culture: Instrumental Practice, Technoscientific Knowledge, and New Modes of Life*. New York: Routledge.
- Global Forum for Health Research: www.globalforumhalth.org
- Gama, S. W. A., Mamourian, P. B., Divino, A. M., Piel, A., Sayes, R. M. A. (Eds.) (2005). *Understanding the Global Dimensions of Health*. New York: Springer.
- Hage, J., Mehta, M. (Eds.) (2006). *Innovation, Science, and Institutional Change*. Oxford: Oxford University Press.
- Nowotny, H., Scott, P., Gibbons, M. (2001). *Re-thinking science: Knowledge and the public in an age of uncertainty*. Cambridge, MA: Polity Press, Blackwell.
- Schoment, J. R. (Ed) (2002). *Encyclopedia of Communication and Information*. New York: Macmillan.
- Schiava, R. (2007). *Health Communication: From Theory to Practice*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Shanker, K. (2005) *Open Access and the Philosophy of Scientific Publishing, Conservation and Society*, v. 3, n. 1, p. 1 - 3.
- Valero, J. S., Cabas, J. V., Cuatrecasas, D. (2007) A iniciativa Open Access no acesso à informação científico-científica nas ciências da saúde. RECIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação, v.1, n.1, p. 19-26.
- Wathen, C. N., Wyatt, S., Harris, R. (Eds.) (2008). *Mediating Health Information: The Go-Betweens in a Changing Social-Technical Landscape*. New York: Palgrave MacMillan.
- Willinsky, J. (2006). *The Access Principle: the case for open access to research and scholarship*. Cambridge, MA: The MIT Press.

Considero que o uso de imagens na Reciiis aproxima-se mais dos editoriais na esfera jornalística, marcando início ou fim de seção e também estabelecendo relação com o leitor, à semelhança do que é encontrado em diversas revistas temáticas (SOUZA, 2006; VIEIRA, 2009). A fotografia é um recurso de interpessoalidade, de aproximação com o leitor nos editoriais, consoante Souza (2006).

Como já foi mencionado, a inserção recente de imagens nos outros periódicos (CSP e HCSM) é um atendimento aos parâmetros estabelecidos pela SciELO (2017) para os periódicos que integram sua coleção. A informação sobre o tipo de licença adotada consta nas páginas da Reciiis, em atendimento às boas práticas editoriais e exigência de diversos indexadores, porém ainda não nos quesitos exigidos pela SciELO (com licença que permita uso comercial, CC BY,⁶¹ e uso do ícone da licença), uma vez que a revista ainda não integra sua coleção. Vale para o uso de imagens o mesmo comentário feito a respeito do uso de cores: a Reciiis é editada por um instituto de comunicação e informação e o seu formato exclusivamente eletrônico, desde o seu nascimento, podem ter favorecido uso de imagens, em especial fotografia, e de cores, sem pressões financeiras quanto à impressão.

Em termos de uso de cor e de imagem nas três revistas, há certo equilíbrio no *corpus* em números relativos (cerca de 30%) em todos os periódicos; no entanto, há diferença na natureza das imagens e de sua motivação, como já foi abordado.

Sendo assim, com base no que foi encontrado, não é comum o uso de imagens em editoriais de periódicos científicos. O pouco que existe é muito diferente do uso de imagens feito na esfera jornalística para atrair público e interagir com ele, especialmente em revistas como *Super Interessante* e *Casa Cláudia*, ou ainda para complementar, resumir ou reforçar visualmente a opinião defendida nos editoriais de revistas de informação, como em *Veja*, *Isto É*, *Época*.

Com relação à categoria 4, “subseção”, 48 exemplares do *corpus*, cerca de 54% dele, contêm subseções, sejam elas referências, entretítulos e/ou notas. Desse universo de 48 editoriais com subseções, 37 exemplares apresentam referências (88%); 26 têm notas (62%), há 16 com palavras-chave (38%) e 7 com entretítulos (17%). Os valores relativos somam mais que 100%, pois um mesmo texto pode conter referência, entretítulos e notas. Em termos de frequência, as referências são a subseção mais importante dos editoriais. Elas estão diretamente conectadas à construção do discurso acadêmico e, mais do que isso, à dinâmica

⁶¹ Até o momento, A Reciiis adota a licença CC BY NC, que veda a utilização comercial dos textos que publica.

da comunicação científica, com repercussões na avaliação da ciência, a partir de indicadores de citação, entre eles, por exemplo, fator de impacto e índice H.

Há três pontos que merecem destaque sobre subseções: (i) a existência de uma seção “referências”, nitidamente marcada a partir de 2017; (ii) a maior presença de notas, também a partir de 2017; (iii) a maior presença e variedade de subseções no universo da Reciis.

Cabe ressaltar que as referências ocorrem, como uma subseção, em todos os exemplares de CSP coletados a partir do ano 2017; e em HCSM, igualmente, a partir de 2018, como nos exemplos 45 e 46, a seguir.

Exemplo 45: CSPv34n7_2 (2018), excerto

Nesse sentido, o fortalecimento do diálogo intersetorial e interdisciplinar no pensamento e na produção científica do campo da Saúde Coletiva será essencial. CSP quer contribuir com esse processo, sendo um veículo de disseminação de ideias, análises e proposições de uma ciência comprometida com a democracia, os direitos sociais e a melhoria das condições de saúde das populações.

1. Macinko J, Guanais FC, Souza MFM. Evaluation of the impact of the Family Health Program on infant mortality in Brazil, 1990-2002. *J Epidemiol Community Health* 2006; 60:13-9.
2. Rasella D, O’Harhay M, Pamponet ML, Aquino R, Barreto ML. Impact of primary health care on mortality from heart and cerebrovascular diseases in Brazil: a nationwide analysis of longitudinal data. *BMJ* 2014; 348:g4014.
3. Temporão JG. O Programa Nacional de Imunizações (PNI): origens e desenvolvimento. *Hist Ciênc Saúde-Manguinhos* 2003; 10 Suppl 2:601-17.
4. Marins JPR, Jamal LF, Chen SY, Barros MB, Hudes ES, Barbosa AA, et al. Dramatic improvement in survival among adult Brazilian AIDS patients. *AIDS* 2003; 17:1675-82.
5. GBD 2015 Tobacco Collaborators. Smoking prevalence and attributable disease burden in 195 countries and territories, 1990-2015: a systematic analysis from the Global Burden of Disease Study 2015. *Lancet* 2017; 389: 1885-906.
6. Garcia LP. Epidemia do vírus Zika e microcefalia no Brasil: emergência, evolução e enfrentamento. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; 2018. (Texto para Discussão, 2368).
7. Machado CV, Lima LD, Baptista TWF. Políticas de saúde no Brasil em tempos contraditórios: caminhos e tropeços na construção de um sistema universal. *Cad Saúde Pública* 2017; 33 Suppl 2:e00129616.

Exemplo 46: HCSMv25n2 (2018), excerto

sobre os dramas sociais, entre os quais as doenças costumam ganhar destaque. Convido-os a visitarem nossas edições de maneira a se municiarem de instrumental crítico para exame dos eventos e processos que nos atingem. É dessa forma que *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* pode cumprir a função de veículo vivo de conhecimento, em vez de acúmulo de escritos cuja visita valeria apenas por interesses estritos de pesquisa. Por ingênua ou datada que possa soar a crença no poder transformador do conhecimento, vale reafirmar a convicção de que ele representa componente seguro para entrevermos na penumbra.

NOTA

¹ Apesar de a Unaiids (6 abr. 2018) desaconselhar o uso da expressão HIV/Aids, certamente um passo importante para se desvincular dois elementos que são de fato distintos – a infecção pelo vírus e uma síndrome –, mantivemos a expressão no texto porque defendemos que, quando analisada em perspectiva histórica e sociológica, a infecção mobiliza percepções e respostas às quais as duas dimensões estão atreladas. Inclusive é essa imbricação que faz com que preconceitos e estigmas persistam mesmo quando a disponibilidade de terapêuticas eficientes tenha alterado de forma radical os efeitos da presença do vírus no organismo. Do ponto de vista histórico, portanto, falar em HIV significa falar ao mesmo tempo na epidemia à qual ele é associado, não por razões de ordem biológica, mas de ordem social e cultural. Onde julgamos possível dissociar as duas palavras, assim o fizemos.

REFERÊNCIAS

ABIA.
Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids.
Matéria “A outra pílula azul” da revista *Época*
é preconceituosa e peca na fundamentação.
Disponível em: <http://abiaids.org.br/31417/31417>.
Acesso em: 6 abr. 2018. 3 abr. 2018.

ANAIDS.
Articulação Nacional de Luta contra a Aids.
Nota Pública Anaiids – Reportagem PrEP, Revista

Época. Disponível em: http://www.aids.gov.br/sites/default/files/noticia/2018/65476/nota_revista_epoca_anaiids.pdf. Acesso em: 6 abr. 2018. 2 abr. 2018.

BRASIL.
Ministério da Saúde. Departamento de
Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do
HIV/Aids e das Hepatites Virais. À revista *Época*.
Nota de repúdio. Disponível em: <http://www>.

Antes dessas datas, não havia em CSP e em HCSM uma subseção organizada para indicar as referências no editorial, o que não quer dizer que não houvesse indicação de fundamentação teórica. Tais constatações levam a considerar a inclusão de seção de referências nos editoriais desses dois periódicos que integram a Coleção SciELO como uma adaptação aos critérios estabelecidos por essa base indexadora desde 2014 (SCIELO, 2014, p. 9).

As referências em CSP estão destacadas graficamente do texto por espaçamento e uma linha à esquerda (exemplo 45), sem a identificação de seção. Já na Reciiis e em HCSM, há destaque gráfico com uso de negrito na identificação do conteúdo: “Referências bibliográficas” no exemplo 44 e “Referências”, em maiúscula, no exemplo 46.

Os editoriais com referências na Reciiis estão distribuídos ao longo do tempo: no primeiro triênio da revista (2007-2009), nos editoriais de 2010 e 2015, e no último triênio do

corpus (2017-2019). Portanto, a inclusão de referências nesse periódico é uma opção dos editores nos textos que elaboram, independentemente dos critérios da SciELO.

Quanto à presença de notas, percebemos o mesmo comportamento nos editoriais do *corpus* que observamos em relação à subseção referências: sua maior frequência no último período coletado: 2017-2019. Em CSP, as notas estão presentes em dez textos contendo identificação dos autores (instituição e, por vezes, Orcid, um identificador digital persistente para o autor). Elas correspondem a 10 textos no universo de 36 (28%), um deles publicado em 1986 e os outros nove, após 2017.

As notas em HCSM são pouco frequentes (5 de 26 exemplares, ou 19%), porém estão distribuídas ao longo do tempo. As notas são usadas ocasionalmente (2007, 2014 e 2018) para indicar a fonte de uma informação (como no exemplo 47, transcrito adiante) e para justificar uma opção terminológica (uma ocorrência – como no exemplo 48, transcrito a seguir).

Exemplo 47:

² Memória do Mundo. Diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental, p.5. Edição revisada 2002. Elaborado para UNESCO por Ray Edmondson (versão para português Maria Elisa Bustamante). Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Disponível em <http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/Diretrizes%20para%20a%20salvaguarda%20do%20patrim%C3%B4nio%20documental.pdf>. (HCSMv14n3, 2007)

Exemplo 48:

¹ Apesar de a Unaid (6 abr. 2018) desaconselhar o uso da expressão HIV/Aids, certamente um passo importante para se desvincular dois elementos que são de fato distintos – a infecção pelo vírus e uma síndrome –, mantivemos a expressão no texto porque defendemos que, quando analisada em perspectiva histórica e sociológica, a infecção mobiliza percepções e respostas às quais as duas dimensões estão atreladas. Inclusive é essa imbricação que faz com que preconceitos e estigmas persistam mesmo quando a disponibilidade de terapêuticas eficientes tenha alterado de forma radical os efeitos da presença do vírus no organismo. Do ponto de vista histórico, portanto, falar em HIV significa falar ao mesmo tempo na epidemia à qual ele é associado, não por razões de ordem biológica, mas de ordem social e cultural. Onde julgamos possível dissociar as duas palavras, assim o fizemos. (HCSMv25n2, 2019)

A partir de meados de 2019, encontramos em HCSM o uso de notas para acrescentar dados sobre autoria, tais como vínculo institucional do autor e Orcid, como no exemplo 49. O mesmo acontece em CSP. Esse formato é o indicado pela SciELO de modo a facilitar a marcação em XML e a coleta de dados a respeito de endogenia e de outros dados para avaliação. Tal exigência leva à reorganização gráfica de elementos dessa revista conforme é evidenciado também na categoria 7, “assinatura”.

Exemplo 49:

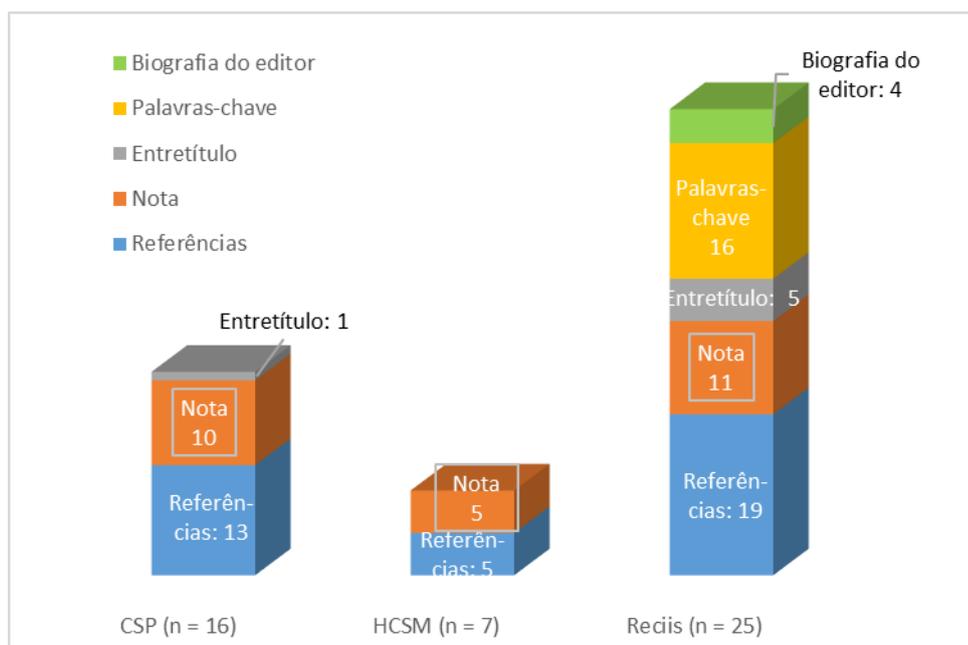
André Felipe Cândido da Silvaⁱ

ⁱ Editor científico, pesquisador, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro – RJ – Brasil
 orcid.org/ 0000-0002-3766-672
 (HCSMv26n3, 2019)

Na Reciiis, são encontrados 11 exemplares com notas num universo de 27 textos, ou seja, 40% dos editoriais da Reciiis utilizam o recurso das notas. Há notas explicativas nos anos de 2007 (1 exemplar) e 2017 (1 exemplar) e, a partir de 2018, todas as nove notas são de identificação dos autores: afiliação institucional, conforme exigência da SciELO, e também titulação. As notas referentes a autores são 82% das encontradas na Reciiis. Nessa revista, há ainda uma outra categoria: palavras-chave. É o único dos três periódicos a apresentá-las, nos exemplares a partir de 2017.

Do total de textos que apresentam subseção no *corpus* (48 de 89, ou seja, 54% do total), 25 são da Reciiis, 16 de CSP e 7 de HCSM, o que equivale à distribuição, respectivamente, de 52%, 33% e 15% entre os que apresentam subseção. O Gráfico 7 apresenta em números absolutos a existência de subseções nos editoriais das três revistas e a natureza delas, nas colunas empilhadas. Cabe lembrar que um mesmo editorial pode apresentar mais de uma subseção, por exemplo, dos 26 exemplares de HCSM no *corpus*, sete editoriais apresentam subseção, sendo “referências” correspondente a cinco dessas subseções e “notas”, em igual número.

Gráfico 7 - Subseções em cada revista



Fonte: A autora, 2021.

Conforme é ilustrado no Gráfico 7, nos editoriais da Reciiis há maior número de ocorrência e variedade de subseções que nas demais revistas. Há predomínio de todos os tipos encontrados no *corpus* e, no caso de palavras-chave e biografia do editor, há exclusividade. As subseções comuns a todos os periódicos são “referências” e “notas” (na base das colunas no gráfico). Quanto aos entretítulos, o predomínio na Reciiis é nítido: cinco do total de seis do *corpus*. Apesar de a Reciiis ter os maiores editoriais em termos de número de páginas (cinco e seis páginas), não é neles que os entretítulos são mais usados. Isso ocorre em textos de quatro e cinco páginas, uma escolha do editor, para organizar e destacar informações em exemplares publicados em 2009, 2010 e 2014. Palavras-chave e uma seção sobre o editor, com minibiografia, são encontradas apenas na Reciiis.

A existência e a diversidade desses elementos nos editoriais em periódicos científicos evidenciam tratar-se de uma modalidade de texto escrito mais complexa e variada do que um texto opinativo, na abertura de uma publicação. O editorial em periódico científico dialoga com a esfera científica – e se submete a suas regras – e também com a esfera jornalística, ao explorar recursos comunicacionais.

Tanto os gêneros da esfera jornalística quanto os da científica são secundários, conforme a terminologia do Círculo de Bakhtin. A existência de notas e referências nos editoriais os inscreve na cultura acadêmica, na qual ecoar as vozes de outros textos de maneira explícita é parte constituinte do discurso. O uso de notas é igualmente característico de textos informativos, com alta densidade informacional. Vemos assim que os editoriais conjugam características dos editoriais da esfera jornalística, em especial, de editoriais de revistas de informação e temáticas, com outros gêneros da esfera científica, por exemplo, o artigo.

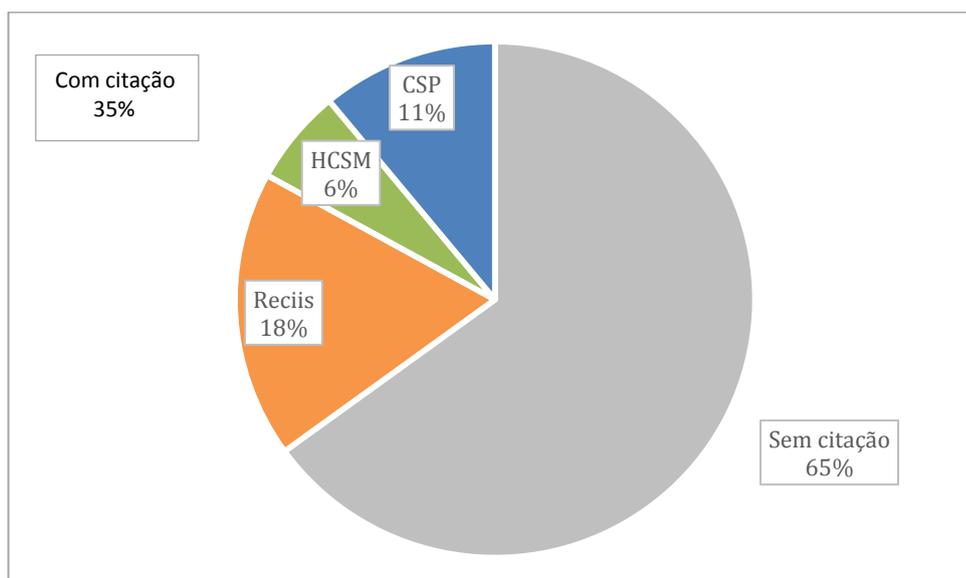
Para exemplificar com subseções além de notas e referências que sejam exclusivas dos editoriais da Reciiis, podemos dizer que a subseção “Sobre o editor” aproxima-os dos textos da esfera jornalística e a de palavras-chave reforça o caráter acadêmico do gênero. Ser recuperável é um elemento importante para a disseminação do conhecimento de modo geral; por outro lado, ser passível de citação importa à dinâmica atual da comunicação científica. As palavras-chave auxiliam os leitores a encontrarem o texto, por meio de buscas eletrônicas.

A quinta microcategoria, “citação direta” foi incluída em “construção composicional” porque, em geral, as citações apresentam algum destaque gráfico no texto, com bloco de citação e/ou aspas. É importante mencionar que essa categoria dialoga com as de estilo, visto que a citação direta é uma forma de revelar a fonte da avaliabilidade. A projeção, isto é, a incorporação do discurso do outro, é um recurso do subsistema de engajamento (seção 1.3). É

interessante atentar para o que o editor escolhe incorporar como palavra alheia no seu texto; por isso, a origem das citações (meio acadêmico, literário, vida cotidiana) foi observada, pois mostra a permeabilidade dos editoriais a outros conjuntos de gêneros da esfera científica e de fora dela. O discurso citado faz parte da esfera jornalística e da científica. Com o formato de citação direta, é bem comum no discurso acadêmico e talvez seja um traço distintivo em relação a outros tipos de editoriais.

Nos editoriais do *corpus*, as citações diretas trazem fundamentação teórica, motivação para discussão, como no caso de epígrafes, e aspectos da vida cotidiana, como na incorporação de discurso direto. Elas ocorrem em 31 dos 89 exemplares, o que equivale a 35% do *corpus*, dos quais 18% pertencem à Reciis, 11% a CSP e 6% a HCSM, conforme é ilustrado no Gráfico 8.

Gráfico 8 - Uso de citação direta com distribuição por revista no *corpus*



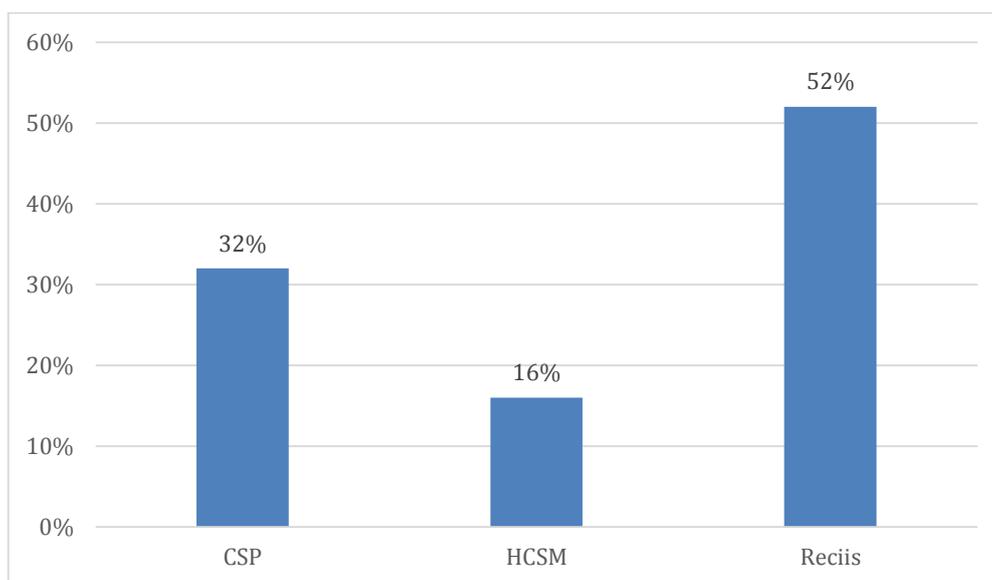
Fonte: A autora, 2021.

Por vezes, nos editoriais de apresentação há citações de artigos da própria edição. Há igualmente citações diretas de editoriais já publicados pelas revistas em outros anos, reforçando os elos dessa infinita cadeia comunicativa no próprio periódico e estabelecendo diálogos para fora dele. Nas citações, o mais comum é trazer como fundamentação teórica trechos de obras de filósofos – por exemplo, Michel Foucault, Hannah Arendt, Jurgen Habermas, Erich Fromm; de documentos e referências legais, em especial da Constituição Federal Brasileira, e de outros documentos consolidados por organismos internacionais, como é o caso da Declaração Universal dos Direitos Humanos, além de outras referências culturais como George Orwell, Noel Rosa e Mano Brown. Há também citações de referências

especificamente relacionadas à avaliação da ciência e à comunicação da ciência, como pareceres da Capes e Diretrizes do ICMJE e um caso de inclusão de discurso direto, trazendo um ponto para discussão a partir da vida cotidiana.

Observando o uso de citações diretas no universo de cada periódico, encontramos a distribuição exposta no Gráfico 9, sendo a Reciis o periódico com maior número delas (52%), seguida de CSP (32%) e HCSM (16%).

Gráfico 9 - Uso de citações diretas em cada periódico

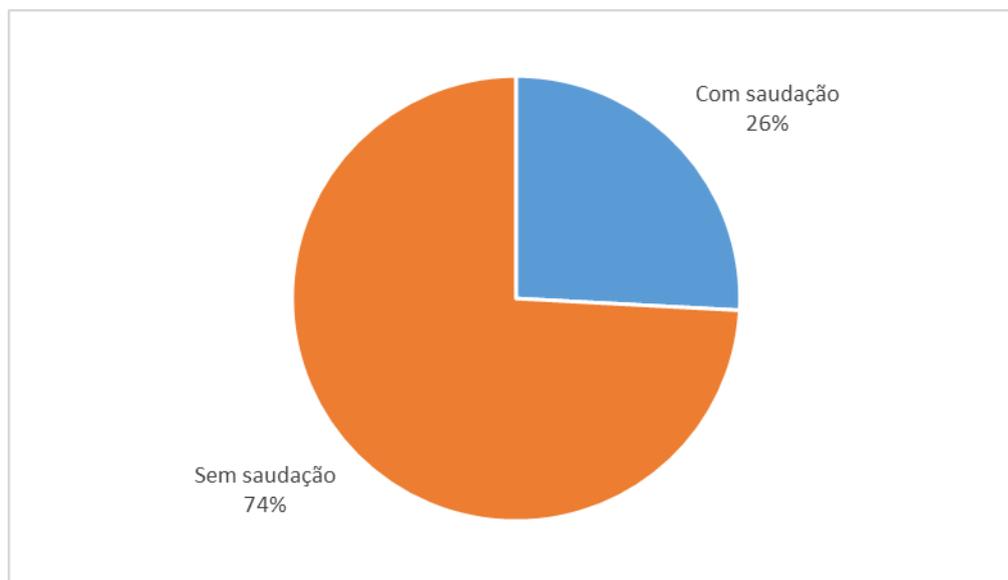


Fonte: A autora, 2021.

Com relação à distribuição ao longo do tempo, em CSP, 50% dos textos com citações diretas são publicados após 2017; na Reciis este número chega a 75%, o que leva a perguntar se se trata de influência dos documentos SciELO (2014, 2017), de modo a incluir referências nos editoriais, ou de preferências dos editores nesse período. Em HCSM, as quatro citações diretas ocorrem nos exemplares até 2009. Sendo assim, considerando todo o período compreendido pelo *corpus* (1985-2019), o mais comum até o momento é não haver citações diretas em editoriais.

No que concerne à microcategoria 6, “saudação”, dos 89 exemplares do *corpus*, 23 (26%) apresentam uma saudação ao leitor, no início e/ou no fim do texto, e 66 não a apresentam (74%), como pode ser visualizado no Gráfico 10. Portanto, a tendência no *corpus* analisado é não apresentar saudação ao leitor.

Gráfico 10 - Uso de saudação ao leitor

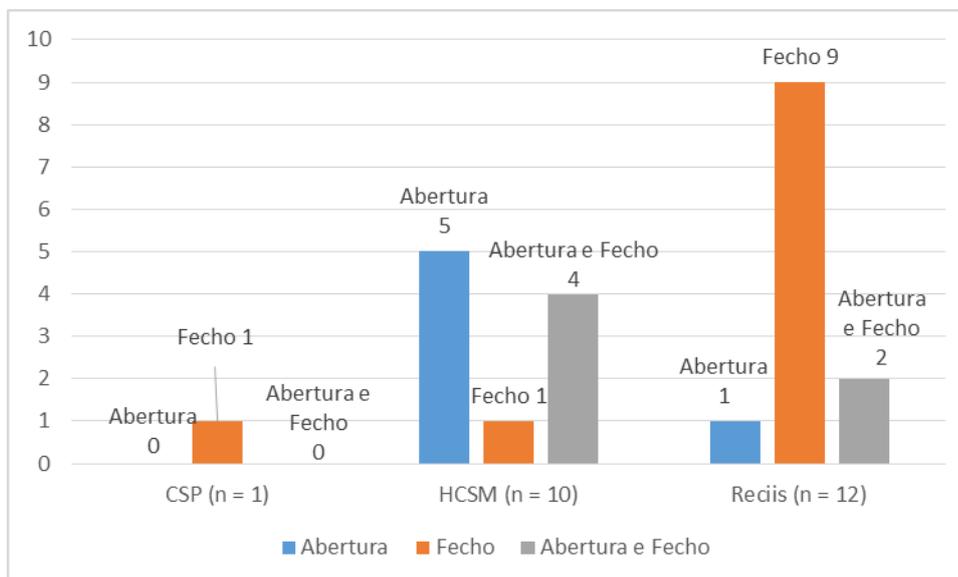


Fonte: A autora, 2021.

Nos textos que apresentam saudação, o mais comum é que ela ocorra ao final do texto, como uma despedida (17 entre os 23 exemplares, ou 74% deles). Há editoriais que contêm saudação somente no início (seis exemplares com, por exemplo, “Caros leitores”); outros, somente no final (11 com, por exemplo, “Boa leitura”); e editoriais que apresentam saudação na abertura e no fecho (seis, por exemplo, com “Caro leitor” e “Boa leitura”). A categoria saudação dialoga também com a microcategoria 14 do componente do estilo, pois é um exemplo de recurso do subsistema de negociação.

Observando o local das saudações em cada revista (conforme o Gráfico 11, a seguir), percebemos que os editoriais da Reciiis tendem a conter uma saudação ao final do texto e os de HCSM, na abertura. Na Reciiis, são nove textos com saudação no fecho, mais dois na abertura e no fecho, totalizando 11 textos com saudações no final do editorial, do total de 12 da revista. Em HCSM, há cinco textos com saudação no início, mais quatro com saudação no início e no fim, totalizando nove textos com saudação na abertura, dos dez do total da revista. Cabe lembrar que o editorial de HCSM é o que mais se aproxima da tradição epistolar, inclusive no nome designado à seção – “Carta do Editor”. O endereçamento ao destinatário, o vocativo, é um elemento constituinte importante no reconhecimento do gênero carta.

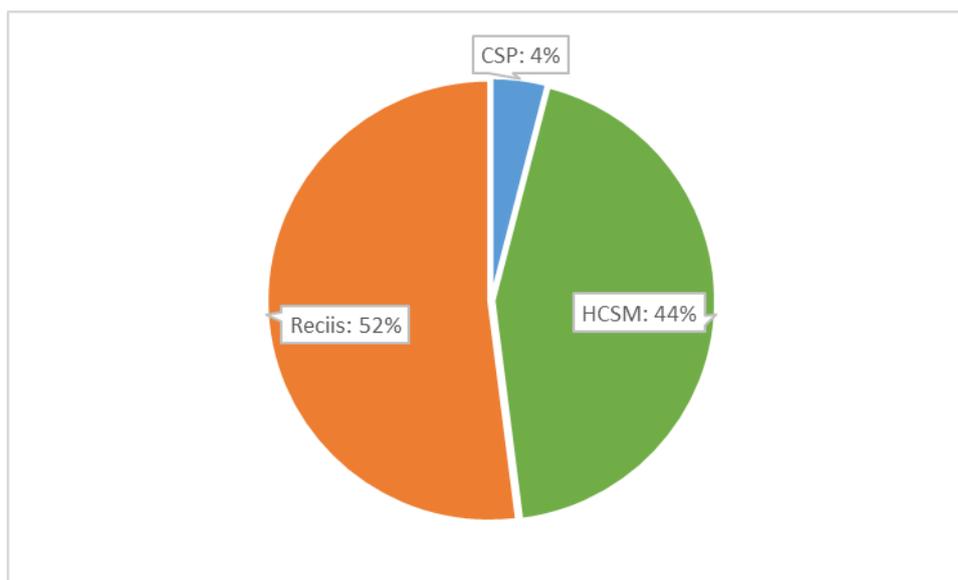
Gráfico 11 - Local da saudação em cada revista



Fonte: A autora, 2021.

Segundo está ilustrado no Gráfico 12 a seguir, em termos de distribuição por revista dos editoriais com saudação (n = 23), as saudações são mais comuns na Recis (52%) e em HCSM (44%); já em CSP, são raras (4%).

Gráfico 12 - Saudação: distribuição por revista

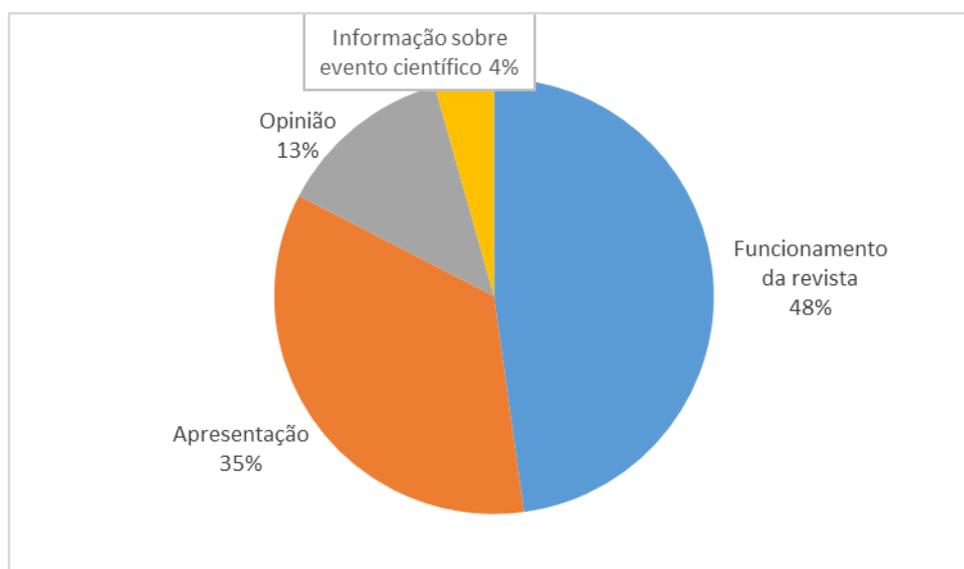


Fonte: A autora, 2021.

Quanto à distribuição ao longo do tempo nas revistas cujos editoriais apresentam saudação, há uma diminuição desse recurso em HCSM, no triênio 2017-2019, em relação ao triênio 2007-2009. No período mais antigo, sete entre oito editoriais apresentavam saudação (87,5%); no mais recente, isso ocorre com dois entre oito editoriais (25%). Na Reciis, não é detectável uma mudança: a proporção de 50% dos editoriais com saudação se mantém: quatro entre os oito editoriais no triênio 2007-2009 e oito entre os 17 editoriais do triênio 2017-2019. A escolha por conter saudação pode estar relacionada às origens do gênero editorial, com maior proximidade ou em relação à carta, ao propósito comunicativo dos editoriais e às características estilísticas do editor científico dos períodos em questão.

Para investigar a relação com o propósito comunicativo, fiz o cruzamento dessas duas categorias com os dados do *corpus*. Em ordem de frequência, as saudações tendem a ser mais comuns nos editoriais de funcionamento da revista (11 exemplares), de apresentação (8), de opinião (3) e de informação sobre evento científico (1), segundo é apresentado em valores percentuais no Gráfico 13, referente ao universo de 23 exemplares.

Gráfico 13 - Saudação e propósito comunicativo



Fonte: A autora, 2021.

Nos editoriais de funcionamento da revista, os editores costumam prestar contas da revista para a comunidade; nos editoriais de apresentação, comentam a edição, de modo a fomentar o interesse para sua leitura. São propósitos comunicativos nos quais se busca mais envolvimento com o leitor, capturando sua atenção para a própria revista. Daí o emprego de recursos semânticos interpessoais mais explícitos, como as saudações. Os editoriais de

funcionamento regulam a interação com a comunidade de leitores, conforme definição de Sabaj e González (2013). Nos editoriais de opinião, o foco é o ponto defendido pelos editores; esses exemplares tendem a ser mais próximos dos editoriais da esfera jornalística, sem tanto envolvimento com o leitor, considerando-se o sistema semântico da negociação. Isso não quer dizer que não haja recursos semânticos interpessoais nos editoriais opinativos típicos de jornais; há apenas o uso de recursos diferentes.

No que concerne à categoria 7, “assinatura”, dos 89 exemplares do *corpus*, apenas dois não a apresentam: o número inaugural de CSPv1n1 (1985) e o editorial da Reciiisv3n4 (2009).⁶² 1985 é o ano de abertura de CSP e 2009, de mudança na editoria científica da Reciiis; tais momentos são de construção e reconstrução de padrões, o que pode explicar a diferença em relação ao restante do *corpus*. Os outros 87 exemplares estão assinados, o que equivale a 98% do universo coletado.

Cabe comentar ainda que há dois textos com assinatura em nome de um grupo, e não de um indivíduo: em CSPv2n2 (1985), texto publicado ao final da edição do segundo ano da revista, com a assinatura “os editores”, e, no editorial de CSPv35n10 (2019), com a assinatura de sete periódicos da Fiocruz, em um editorial que marca a postura coletiva dos editores, criticamente a mudanças do Qualis.

Com 98% dos exemplares assinados na totalidade do *corpus*, é evidente que a assinatura é um diferencial dos editoriais em periódicos científicos, comparados com os da esfera jornalística. É o que se observa tanto pela sua presença quanto pelo seu formato de apresentação. No universo de cada revista, os exemplares com assinatura são 97% em CSP, 100% em HCSM e 96% na Reciiis.

O editorial de periódico científico é um espaço para o discurso do editor, que não é, como já foi abordado no capítulo 2, um editorialista, um autor de editorial de publicações jornalísticas. No meio científico, o editor tem responsabilidades na condução da publicação e nos modos de fazer e comunicar ciência; ele ocupa papel de orientador, indutor dentro da sua comunidade.

O formato e o local de apresentação da assinatura nos periódicos científicos traz algumas peculiaridades em relação aos encontrados em determinados suportes do meio jornalístico por Vieira (2009), Souza (2006) e Pelizari, Barros e Mafra (2019). Nas revistas jornalísticas, é possível que a identificação de autoria seja feita pelo cargo: “o editor”, “a

⁶² Cumpre lembrar que a coleta e análise dos dados se deu pelo arquivo diagramado (em PDF) das revistas, no qual a assinatura desses dois exemplares não estava explícita. No entanto, isso não quer dizer que a informação sobre autoria não possa ser recuperada, em especial, por meio de consulta aos metadados dos textos, nas versões digitais dos periódicos.

equipe editorial”, “da Redação”, em especial nas publicações temáticas. Já nos periódicos científicos, conforme indicações mais recentes da SciELO (2017, 2020), a assinatura do editorial deve conter o vínculo institucional do autor e seu identificador digital de pesquisador; portanto, preconiza-se a assinatura de uma pessoa, e não de um grupo.

Além da existência ou não de assinaturas nos editoriais, é interessante observar em que local no texto elas figuram. Dos 87 exemplares assinados, 45 estão com assinatura no final do texto e 42 no início, uma divisão bastante equilibrada. Mas, se observamos as distribuições entre as revistas e ao longo do tempo, percebemos uma tendência que merece comentário.

Os exemplares que se aproximam mais da tradição epistolar tendem a indicar a autoria ao final do texto, geralmente à direita, como nos manuscritos, e frequentemente em itálico, o que pode remeter à escrita manual. Nas revistas do *corpus* de Vieira (2009), encontra-se assinatura em letra cursiva, o que pode ser entendido como uma estratégia de envolvimento, um recurso de interpessoalidade com o público-alvo da revista.

Nos primeiros editoriais de CSP, a assinatura vem ao fim do texto, característica que se mantém em 1985 e 1986, e também nos triênios 1994-1996, 2007-2009. Ao todo, são 18 assinaturas no final do texto e 17 na página inicial – sem diferença, praticamente. Os exemplares que trazem a assinatura na abertura do texto ocorrem em 1986, 1987 e a partir de 2017. Logo, em CSP, há uma oscilação no primeiro triênio da revista (1985-1987), como nos exemplos 50 e 51, a seguir; há um padrão no triênio 1994-1996, em que a assinatura consta no fim do texto, como no exemplo 52; o padrão muda no último triênio (2017-2019), com a assinatura sempre no início do texto, segundo o exemplo 53.

Triênio 1985-1987: CSP oscilação entre final e início

Exemplo 50: CSPv2n1 (1985)

Antes de ser um instrumento para medir sadicamente o sofrimento humano, a epidemiologia projeta-se para o futuro como a ecologia da saúde, comprometida com o bem-estar social.

Frederico Simões Barbosa

Exemplo 51: CSPv3n3 (1987)

EDITORIAL

**Envelhecimento populacional no Brasil:
uma realidade nova.***Alexandre Kalache*

Os fatores determinantes do envelhecimento, a nível da população de um país, são, fundamentalmente, ditados pelo comportamento de suas taxas de fertilidade e, de modo menos importante, de suas taxas de mortalidade.

Triênio 1994-1996: CSP padrão no final

Exemplo 52: CSPv12n1 (1996)

Acreditamos que, com estas mudanças, o novo *Cadernos de Saúde Pública* atenderá ainda melhor às necessidades de pesquisadores, sanitaristas e estudantes, desejosos por revistas ágeis e competentes na disseminação da produção científica no campo da saúde pública.

Carlos E. A. Coimbra Jr.
Editor

Triênio 2017-2019: CSP padrão no início

Exemplo 53: CSPv34n3 (2018)

EDITORIAL
EDITORIAL**Mulheres no mundo da ciência e da publicação científica**

*Marília Sá Carvalho*¹
*Claudia Medina Coeli*²
*Luciana Dias de Lima*³

doi: 10.1590/0102-311X00025018

Nos últimos meses, vimos grandes mobilizações de mulheres em vários países e setores, com propósitos diversos. Lutas feministas que se expressaram nas passeatas quando da posse do Presidente americano, explicitamente misógino, e na resistência das brasileiras em defesa do direito ao aborto já tão limitado. O movimento se capilarizou e permitiu que viessem à tona diversos casos de abusos sexuais. As mulheres se fortaleceram para denunciar, compartilhando suas experiências por meio do *MeToo* (<https://twitter.com/hashtag/MeToo>).

Também entre cientistas, como não poderia ser diferente, denúncias de abuso apontam relações de poder que se estabelecem entre orientador e orientanda, entre cientista sênior e jovem em início de carreira, que levam a situações tão graves como as já mencionadas, afastando inúmeras e promissoras jovens mulheres da carreira acadêmica¹. Tais situações

¹ Programa de Computação Científica, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.

² Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

³ Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.

Em relação à HCSM, cujo rótulo para o editorial é “carta do editor”, há um padrão de assinatura ao final do texto, desde o nascimento da revista em 1994, conforme os exemplos 54 e 55, a seguir.

Triênio 1994-1996: HCSM padrão no final

Exemplo 54: HCSMv2n1 (1995)

No mais, a única novidade, se é que merece se chamar de novidade, é que a revista vem com todas as suas seções — como uma escola de samba com todas as suas alas, uma adolescente com todas as suas perplexidades, um editor com todos os seus prazos.

Sergio Goes de Paula

Triênio 2007-2010: HCSM padrão no final

Exemplo 55: HCSMv15n2 (2008)

A segunda parte da revista traz o dossiê *Transmisión y Herencia Científica: Europa y América Latina*, organizado pela historiadora mexicana Sonia Lozano. São sete estudos escritos por historiadores, psicólogos, sociólogos e especialistas em ciências químicas e biológicas, originalmente apresentados num simpósio realizado em 2005, em Castellón, no âmbito do 14º Congreso de Asociación de Historiadores Latinoamericanistas Europeos (AHILAE) e do 52º Congreso Internacional de Americanistas, que teve lugar no ano seguinte, em Sevilla.

Jaime Benchimol
Editor

No triênio 2017-2019, há uma alteração no padrão: a assinatura permanece ao final, acrescida das informações de identificação de autor, conforme é indicado nos documentos da SciELO (2014, 2017); é o que se vê nos exemplos 56 e 57. A instauração de um novo padrão em elementos da organização composicional em HCSM se faz notar também em outros aspectos, como título e referências, segundo foi analisado anteriormente, nas categorias 2, “título do texto” e 4, “subseção”.

Exemplo 56: HCSMv24n3 (jul./set. 2017)

Por fim, este número contém não apenas artigos relevantes, mas surge em um momento significativo para a história da ciência. Esperamos que *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* ajude a manter a relevância e a importância do nosso campo em prol de nossos leitores e da comunidade a que servimos. O fato de a revista ter um dos editores científicos como presidente eleito da Division of History of Science and Technology da IUHPST, outro saldo do Congresso Internacional ocorrido no Rio de Janeiro, certamente contribuirá para isso.

Marcos Cueto, editor científico
André Felipe Cândido da Silva, editor científico

Exemplo 57: HCSMv26n4 (2019)

DIAS, Bruno C.

Saúde Coletiva manifesta-se sobre nova classificação do Qualis Periódicos. *Abrasco*. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/outrasnoticias/institucional/abrasco-discute-criterios-nova-proposta-do-qualis-periodicos/42166/>>. Acesso em: 18 out. 2019. 22 ago. 2019.

*Marcos Cueto*¹
¹ Editor científico, pesquisador, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz,
 Rio de Janeiro – RJ – Brasil
 orcid.org/0000-0002-9291-7232

Quanto à presença de assinatura na Reciiis, dos 27 exemplares do *corpus*, apenas um não está assinado e, em outros dois, a assinatura está ao final do texto. Nos outros 24 editoriais, a assinatura está na página de abertura, procedimento iniciado no número inaugural, como se vê no exemplo 58, a seguir. Os formatos podem apresentar variações, como se vê nos exemplos 60 e 61, mas o padrão é a assinatura estar na abertura. Em 2009, encontram-se os três exemplares fora desse padrão e um deles é o exemplo 59. É possível que as variações ao longo do ano de 2009 tenham se dado em razão de mudanças na editoria científica.

Triênio 2007-2009: predomínio de assinatura no início do editorial

Exemplo 58: Reciisv1n1 (2007)

Editorial

**A arena da saúde na dinâmica
do tempo presente**



Carlos José Saldanha Machado
 Editor Científico da RECIIS
 csaldanha@cict.fiocruz.br

Exemplo 59: Reciisv3n2 (2009)

A seção de Resenhas ganha, além de livros, um espaço para as **novas escrituras e mediações em saúde**, que procura acolher e discutir as diversas expressões e produções culturais que tomam a saúde como objeto de reflexão. Resenhas do documentário *A Casa dos Mortos* e do filme *Fim do Silêncio* inauguram esse espaço.

Boa leitura! 🌐

Maria Cristina Soares Guimarães
Josué Laguardia
 Editores

Editoriais de 2010 e 2015: padrão de assinatura no início do editorial

Exemplo 60: Reciisv4n4 (2010)

Editorial

Políticas de comunicação, democracia e cidadania

Rodrigo Murinho
rmurinho@icict.fiocruz.br

Editor convidado. Pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces/Icict/Fiocruz).

Triênio 2017-2019: padrão de assinatura no início do editorial

Exemplo 61: Reciisv12n1 (2018)

A saúde numa sociedade de verdades

Health in a society of truths

Salud en el una sociedad de verdades

Igor Sacramento^{1,2}
igor.sacramento@icict.fiocruz.br | <https://orcid.org/0000-0003-1509-4778>

¹ Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

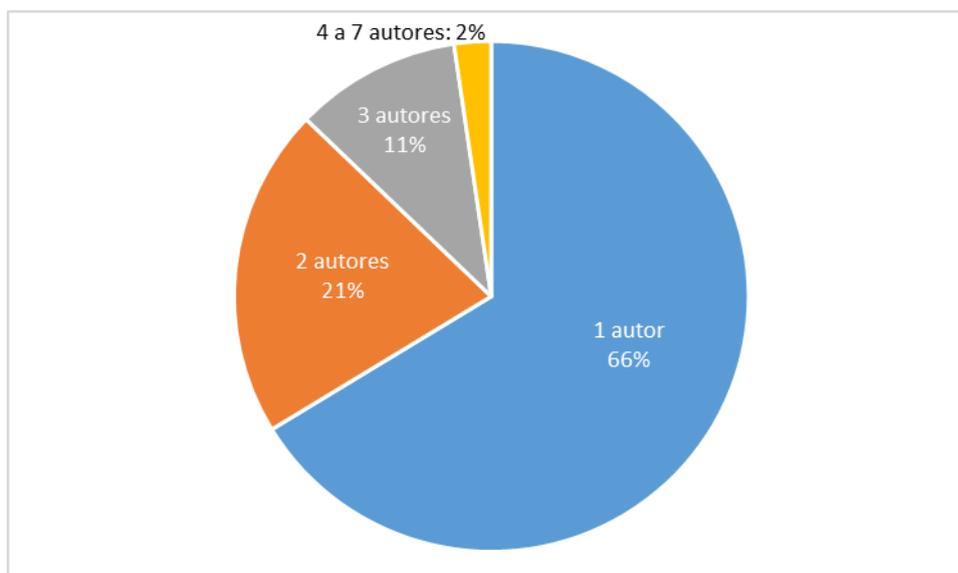
Há dois elementos aqui que se diferenciam das outras revistas, já no número inaugural da Reciis: a inclusão de fotografia e de *e-mail* do editor. Entendo a utilização da imagem, a foto do editor, e a inclusão de uma forma de contato como dois recursos interpessoais da linguagem. Eles favorecem a aproximação com o leitor, criam envolvimento, sugerem a alternância de turnos, como indicado no subsistema de negociação, a possibilidade de um diálogo, mesmo que assíncrono. O uso de imagens nos editoriais da esfera jornalística é comentado por Souza (2006), Vieira (2009) e Aquino (2010), em especial nas revistas jornalísticas e temáticas. A Reciis é a revista mais jovem das selecionadas para o *corpus*, nascida exclusivamente em meio eletrônico, em um instituto de comunicação e informação, o que pode ter favorecido mais ousadia e dinamicidade, mais exploração de recursos das publicações de comunicação. Segundo já foi comentado, há na Reciis, nos primeiros anos, uma seção sobre o editor, comum também em publicações da esfera jornalística (como minibiografia ou pé biográfico), o que ajuda a criar envolvimento com o leitor.

Além do *e-mail*, presente desde o primeiro número da revista, a Reciis usualmente indica a afiliação institucional do autor do editorial, seu vínculo com a equipe da revista (por exemplo, editor, editor científico, editor convidado), pelo menos desde 2015. Gradativamente, a partir dessa data, passa a incluir outros dados, por exemplo, a especificação da unidade federativa. Antes constavam apenas cidade e país. Em 2018, a revista passa a informar também a titulação do autor. A adaptação para os critérios SciELO, empreendida gradativamente, se faz notar especialmente na inclusão do Orcid nos editoriais a partir de 2018, e na forma de identificar a afiliação institucional, por meio de nota de autor (¹), como foi ilustrado no exemplo 61: “Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.”. Tais dados e a sua forma de apresentação padronizada são relevantes para análise de endogenia, diversidade institucional e geográfica, por parte de bases indexadoras.

Nos periódicos do *corpus*, ao longo do período observado (anos 1980-2010), há uma tendência a indicar a assinatura logo no início do texto, em posição de destaque na primeira página, o que relaciono à aproximação dos editoriais aos artigos científicos, distanciando-se da sua gênese epistolar. A exigência, a partir de 2017, para os periódicos integrantes ou aspirantes à Coleção SciELO indicarem autor e afiliação institucional, entre outros dados, reforça esse vínculo com os artigos, o gênero mais valorizado dentro da hierarquia de gêneros do periodismo científico (seção 1.2). O uso de publicações para pontuação na carreira dos pesquisadores também pode ser um fator que leva a destacar a autoria em primeiro plano. Assim, a autoria nos editoriais ganha posição de destaque, ainda que este não seja um gênero tão valorizado em um ambiente de produtivismo acadêmico. Todas essas mudanças indicam que os gêneros são entidades dinâmicas (MARCUSCHI, 2008; BAZERMAN, 2011), que evoluem, como afirma Miller (2015), de forma a atender às demandas comunicacionais da comunidade que os produz e consome. Nesse seu percurso de mudança, estão sujeitos a influência de atores que ocupam posições hegemônicas em determinadas épocas, conforme nos lembra Fairclough (2001). No caso do periodismo científico, órgãos de avaliação, de financiamento e de divulgação da produção científica e a própria comunidade científica participam desse jogo de poder. No caso do gênero aqui analisado, de forma muito palpável, percebe-se a influência da SciELO.

Em relação a “número de autores”, a microcategoria 7c, os editoriais são textos escritos em geral por um único autor, o editor, conforme a distribuição percentual no Gráfico 14.

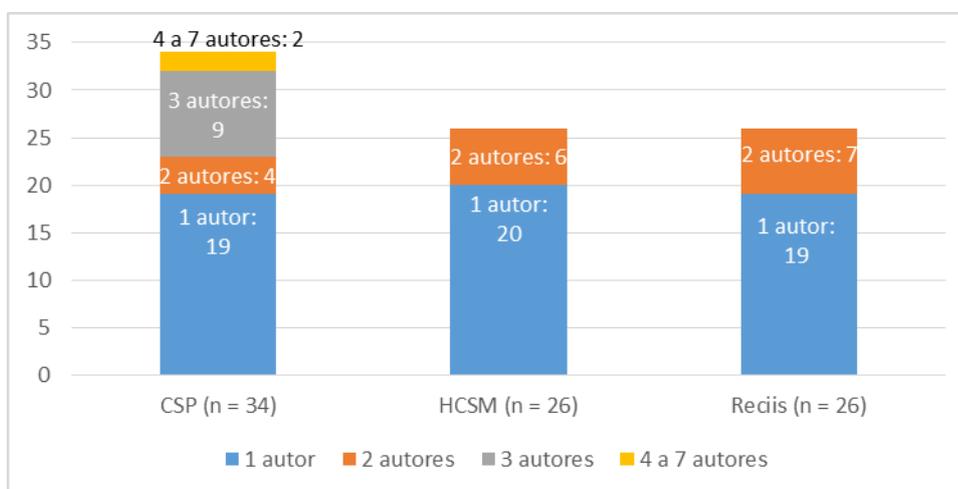
Gráfico 14 - Número de autores por editorial



Fonte: A autora, 2021.

66% dos editoriais (78 exemplares dos 87 assinados) são de autoria única; 21% (18 editoriais) são assinados por dois autores, em geral, uma parceria na editoria científica do periódico ou uma dupla de editores convidados; e 11% (9 editoriais), por três autores. São raros os editoriais com mais de três autores (2%). A parceria na editoria científica nas revistas CSP (um trio no triênio 2017-2019) e HCSM (uma dupla no triênio 2017-2019) tem se refletido na coautoria dos editoriais desses periódicos, segundo observamos nos dados distribuídos por revista (Gráfico 15), em número absoluto de exemplares. Na Recis, a coautoria é mais comum entre editores convidados.

Gráfico 15 - Número de autores por editorial em cada revista



Fonte: A autora, 2021.

Os casos com mais de três autores são registrados em CSP, em situações específicas: cinco doutorandos estagiários de editoria científica (CSPv33n12_2, 2017) e sete periódicos da Fiocruz em crítica às mudanças pouco transparentes do Qualis Periódicos (CSPv35n10, 2019).

Dos 87 editoriais assinados, 74 (90%) apresentam autoria vinculada ao corpo editorial da revista. É o caso de editores científicos, editores executivos e editores de seção. Os outros 10% dos editoriais assinados por pessoas externas ao corpo editorial são de responsabilidade de editores convidados e de autores com outros vínculos. Entre eles, por exemplo, professor emérito de instituição diferente da entidade publicadora e autoridades institucionais, tais como diretor de unidade da Fiocruz, presidente da Fiocruz e ministro da Saúde, o que reforça tratar-se de um gênero prestigiado dentro da comunidade científica, visto que, para ter acesso à palavra nessa modalidade, é preciso ocupar uma posição diferenciada entre o grupo.

Sendo assim, a tendência é que os editoriais em periódicos científicos sejam assinados por um único autor, editor da publicação.

4.1.2 Análise do conteúdo temático

Esta parte da análise refere-se às categorias “relação com a edição”, “linearidade temática”, “identificação do tema” e “propósito comunicativo”, as de número 8 a 11, conforme o Quadro 7 (p. 97). Elas são pertinentes à macrocategoria do conteúdo temático e foram sistematicamente registradas na planilha de coleta de dados nos 89 textos integrantes do *corpus*. Ao longo deste item, trago exemplos de oito editoriais, na íntegra ou em excertos, a fim de demonstrar a análise e subsidiar as reflexões feitas. Esses exemplos foram escolhidos por cobrirem os propósitos comunicativos mais frequentes no *corpus* e são tomados metonimicamente como representantes das tendências dos editoriais em periódicos científicos.

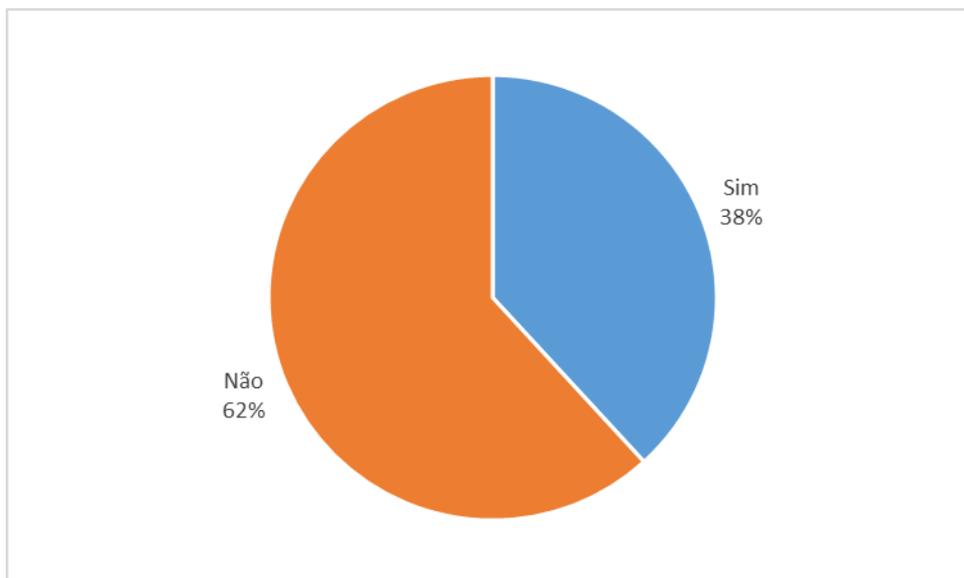
Cabe destacar que não há relação unívoca nas categorias de conteúdo temático. Isso quer dizer que o fato de o editorial ter relação com a edição não significa que o seu propósito comunicativo seja necessariamente de apresentação. Pode ser um editorial opinativo sobre um tema contemplado na edição da revista (Reciisv12n1); ou um editorial que anuncie uma nova seção na revista e a exemplifique no texto (HCSMv3n2). Logo, é possível que o mesmo exemplar cumpra mais de uma função: preste contas de avanços da revista e apresente a

edição ou convide para um evento da comunidade. A tentativa aqui foi de identificar o propósito comunicativo predominante. É possível ainda que o editor recupere e comente textos publicados não na edição em que aquele exemplar está inserido, mas em outras edições do acervo da revista. Essa estratégia ocorreu em alguns editoriais opinativos. A menção a textos publicados em outras edições serviu para reforçar o ponto de vista do editor. Isso acontece, por exemplo, no editorial em que se discute a disputa de sentidos na recepção midiática sobre a política brasileira de prevenção ao HIV, com a profilaxia pré-exposição, a PrEP, (HCSMv25n2), e no que defende a necessidade de se conhecer o passado para tomar decisões frente à epidemia de gripe suína (HCSMv16n2). Tal habilidade do editor evidencia o quanto ele conhece e está comprometido com a revista que conduz frente à comunidade de leitores.

Lembrando Alves Filho (2010), existem simultaneamente forças centrífugas e centrípetas atuando na realização dos gêneros. As situações concretas de uso da linguagem certamente apresentam desafios, quando comparados à descrição e aos modelos teóricos. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que as conclusões de Alves Filho (2010) e de Sabaj e González (2013) sobre a possibilidade de um editorial apresentar propósitos variados, ser multifuncional, também deve ser considerada aqui. Procurei identificar o propósito comunicativo principal para tentar traçar uma tendência dos editoriais.

A fim de observar se há semelhanças de comportamento entre os editoriais em periódicos científicos e os da esfera jornalística, o primeiro ponto analisado foi a relação com o conteúdo específico da edição em que o editorial foi publicado, a categoria 8. Do universo de 89 exemplares coletados, 34 apresentam relação com o conteúdo da edição específica (38%), e 55, não (62%), segundo consulta realizada ao sumário da edição. Isso equivale à distribuição percentual apresentada no Gráfico 16.

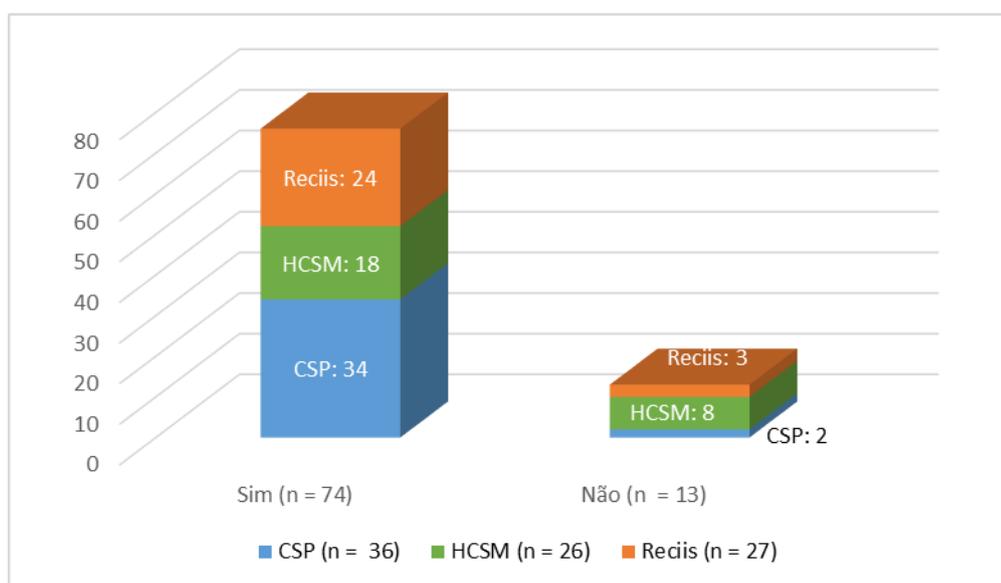
Gráfico 16 - Relação do editorial com a edição específica



Fonte: A autora, 2021.

Logo, não podemos afirmar que o editorial em periódico científico é um texto no qual o editor apresenta a edição ao leitor, uma vez que em mais de 60% do *corpus* coletado isso não acontece. Nesse quesito, distancia-se dos editoriais de revistas temáticas. Esse item de análise está intrinsecamente relacionado ao propósito comunicativo dos exemplares examinados, grande interesse desta investigação.

Quanto à linearidade temática, categoria 9, os exemplares do *corpus* estão distribuídos segundo o Gráfico 17.

Gráfico 17 - Linearidade temática no *corpus* e por revista

Fonte: A autora, 2021.

A maior parte dos exemplares do *corpus* apresenta linearidade temática: 74 de 89 exemplares, conforme indicado pela primeira coluna do Gráfico 17. Em termos percentuais, esse valor equivale a 85% com linearidade temática. A linearidade temática, portanto, é uma tendência nos editoriais em periódico científico. Segundo Vieira (2009), editoriais de jornais, opinativos, tendem a apresentar linearidade temática; editoriais de revista tendem a apresentar diversos assuntos num mesmo texto. Considero que a prevalência encontrada no *corpus* reforça a aproximação com os editoriais jornalísticos, opinativos, em geral; e com os de revista temática, quando se referem a apresentar a publicação. Quando considero que o propósito comunicativo do editorial é apresentar os textos da edição, mesmo que eles tenham assuntos diversos, há linearidade temática no editorial, entendida relativamente aos textos publicados naquele número.

O Gráfico 17 também exhibe a distribuição por revista em números absolutos. Cada nível empilhado da coluna apresenta o número de exemplares da revista. Assim, de acordo com os dados da legenda e com a primeira coluna do gráfico, vemos que 34 dos 36 exemplares de CSP apresentam linearidade temática; isso também ocorre em 18 dos 26 de HCSM e em 24 dos 27 da Reciiis. Quase todos os exemplares de CSP e da Reciiis contemplam essa característica. Como fica visível na segunda coluna do gráfico com 13 editoriais no total, o segundo nível concentra a maior parte daqueles sem linearidade temática: 8 referentes à HCSM. Dos 26 textos analisados desse periódico, 8 não apresentam linearidade temática, o que corresponde a 31% do seu universo, em contraste com CSP, com 6% (2 de 36), e Reciiis, com 11% (3 de 27). Talvez associações com o propósito comunicativo, com a frequência de publicação ou com o modo como o editor vê e nomeia o texto que produz sejam explicações possíveis para a diferença entre os valores percentuais extremos das revistas CSP (6%) e HCSM (31%). Segundo a análise da categoria “propósito comunicativo”, a maior parte dos editoriais de CSP são de opinião (64%); a partir de 2006, a revista torna-se mensal, o que se supõe favorecer que o editor trate de um assunto de cada vez, visto que se dirige à comunidade todo mês. As outras revistas, HCSM e Reciiis, são trimestrais. Além disso, em HCSM, o propósito comunicativo prevalente é o de funcionamento da revista (46%), em textos publicados na seção autodesignada “Carta do Editor”.

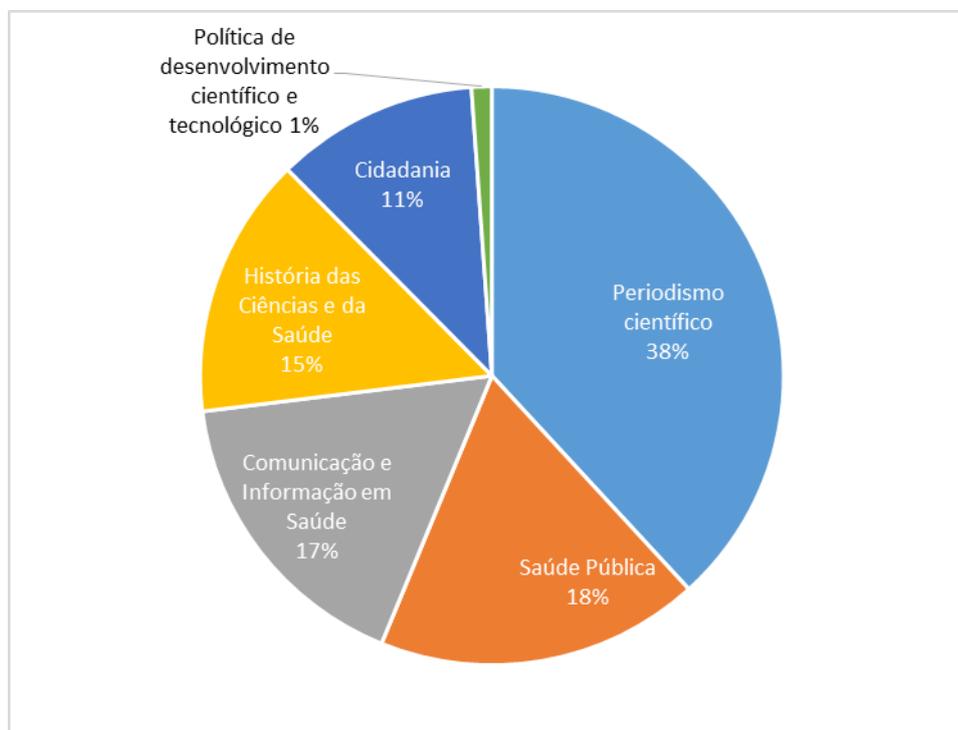
Em aproximação com o gênero epistolar, vejo que o editor de HCSM aproveita esse contato para manter o interlocutor atualizado sobre os últimos acontecimentos a respeito do funcionamento da revista, como será visto ao longo da análise. Essa é uma das funções da

carta, como destaca Bazerman (2011): manter laços entre uma comunidade, mesmo que distante fisicamente.

Em relação à categoria 10, “tema”, a planilha de coleta de dados foi preenchida em duas colunas, como foi explicado na metodologia. Uma foi para identificação do assunto principal e registro de algum fato relevante contemporâneo à publicação da revista; outra serviu para identificação de uma grande área temática. A atribuição de apenas uma grande área temática foi para facilitar a comparação com editoriais na esfera jornalística e a elaboração do Gráfico 18 a seguir, visto que grande parte dos editoriais do *corpus* não é monotemática, como já foi mencionado. Segundo os estudos consultados, os editoriais de jornais e revistas informativas tratam de política, economia e administração.

O Gráfico 18 apresenta a distribuição percentual dos editoriais, conforme as seis áreas temáticas escolhidas: saúde pública, história das ciências e da saúde, comunicação e informação em saúde, periodismo científico, política de desenvolvimento científico e tecnológico e cidadania.

Gráfico 18 - Grandes áreas temáticas



Fonte: A autora, 2021.

Quase metade dos editoriais trata dos temas específicos do campo disciplinar que as revistas representam. Os valores de saúde pública (18%), comunicação e informação em

saúde (17%) e história das ciências e da saúde (15%) totalizam 49,4%; em valores absolutos, eles correspondem a 44 de 89 exemplares. A dinâmica do próprio periodismo científico ocupa grande parte da outra metade: 38%, ou, em valores absolutos, 34 editoriais. Sendo assim, podemos dizer que editoriais publicam temas específicos à área do periódico e ao periodismo científico, compreendido na produção, comunicação, circulação e avaliação da ciência e suas repercussões no próprio periódico. Esses dois pilares – a área da revista e a comunicação científica – respondem por 87,4% do *corpus* estudado. Isso corrobora o que demonstram Stigger, Fraga e Molina Neto (2014): que, por meio dos editoriais, é possível acompanhar a constituição de um campo disciplinar e a história da comunicação científica. São questões presentes nos editoriais no *corpus*, por exemplo:

- inovações/transformações na comunicação científica: surgimento dos periódicos eletrônicos: CSPv11n4 (1995); plataformas eletrônicas de editoração, como o Open Journal System (OJS): ReciiSV2n2 (2008); *ahead of print*: HCSMv15n1 (2008); *preprint*: HCSMv16n2 (2009); publicação contínua: HCSMv26n1 (2019); presença em mídias sociais e *blogs*: HCSMv16n4 (2009), HCSMv25n1 (2018); revisão aberta: HCSMv26n1 (2019); compartilhamento de dados: HCSMv26n4 (2019);
- integridade na produção e publicação da pesquisa: plágio CSPv12n4 (1996); hipercompetitividade: CSPv34n1 (2018); critérios de autoria do ICMJE: CSPv34n11 (2018); revisão por pares: CSP25n10 (2019);
- modelos de avaliação da ciência, de forma muito especial e contundente, Qualis Periódicos: CSPv24n11 (2008), CSPv35n10 (2018), HCSMv26n4 (2019);
- conquista das revistas, por exemplo, afiliação ao COPE: CSPv34n1 (2017); chancela do CNPq: HCSMv2n3 (1995-1996); seleção em edital de fomento: HCSMv3n1 (1996); indexações internacionais: HCSMv3n1 (1996); promoção no Qualis Periódicos: HCSMv14n3 (2007); filiação ao Thomson Reuters: HCSMv16n1 (2009);
- eventos relevantes para a área da revista, por exemplo: 12º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva: CSPv34n9 (2018); 13º Congresso Brasileiro de História da Medicina em 2007: HCSMv14n3 (2007); 25º International Congress of History of Science and Technology em 2017: HCSMv24n3 (2017); I Conferência Nacional de Comunicação em 2009: ReciiSV4n4 (2010)

V Encontro Internacional de Comunicação em Saúde em 2019: Reciiisv13n1 (2019).

Não só questões mais diretamente relacionadas ao periódico e à comunicação da ciência estão presentes nos editoriais. De acordo com o encontrado no *corpus*, é possível ainda entrever a própria história do Brasil, uma vez que diversos eventos da vida nacional e outros fatos relevantes para as comunidades de leitores encontram espaço nesses textos. Pela periodicidade das revistas científicas (semestral, quadrimestral, trimestral ou mensal), não há nelas a dinamicidade dos jornais diários e das revistas de informação semanais da esfera jornalística, mas há comentários e reações a eventos coetâneos à publicação da revista. Por exemplo, nos editoriais do *corpus*, que cobrem o período de 1985 a 2019, temos:

- contexto político da redemocratização no Brasil: CSPv1n3 (1985), CSPv1n4 (1985), CSPv2n1 (1986), e a Reforma Sanitária CSPv3n2 (1987);
- 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986: CSPv2n2 (1986), CSPv2n3 (1986);
- *impeachment* da presidente Dilma Roussef em 2016: Reciiisv11n1_2 (2017);
- mudanças no ministério da Ciência e Tecnologia no governo Michel Temer, em 2017: CSPv33n1 (2017);
- eleições presidenciais de 2018: HCSMv24n4 (2017); Reciiisv12n4 (2018);
- ambiente anticiência, intimidação de cientistas no Brasil e em outros países, diminuição de recursos para ciência e tecnologia nos últimos anos: CSPv33n1 (2017), HCSMv24n4 (2017), HCSMv25n1 (2018), HCSMv25n2 (2018), Reciiisv12n1 (2018);
- ambiente de perda de direitos sociais: Reciiisv12n2 (2018), Reciiisv13n4 (2019);
- crises sanitárias, tais como epidemia de dengue em 1987: CSPv3n3 (1987); gripe suína em 2009: HCSMv16n2 (2009); epidemia de febre amarela em 2017-2018: HCSMv24n2 (2017), Reciiisv12n1 (2018); zika: HCSMv24n4 (2017);
- políticas públicas de saúde, por exemplo, prevenção ao HIV com a adoção da PrEP em 2018: HCSMv25n2 (2018); fim do acordo de cooperação do Programa Mais Médicos em 2019: CSPv35n1 (2019);
- fatos excepcionais do noticiário: assassinato de Marielle Franco em 2018: Reciiisv12n1 (2018); desmoronamento de barragem em Brumadinho em 2019: Reciiisv13n1 (2019); atentado à caravana do ex-presidente Lula em

2018: Reciisv12n1 (2018); violência urbana na Rocinha em 2017: Reciisv11n3_1 (2017); incêndio no Museu Nacional em 2018: Reciisv12n1 (2018);

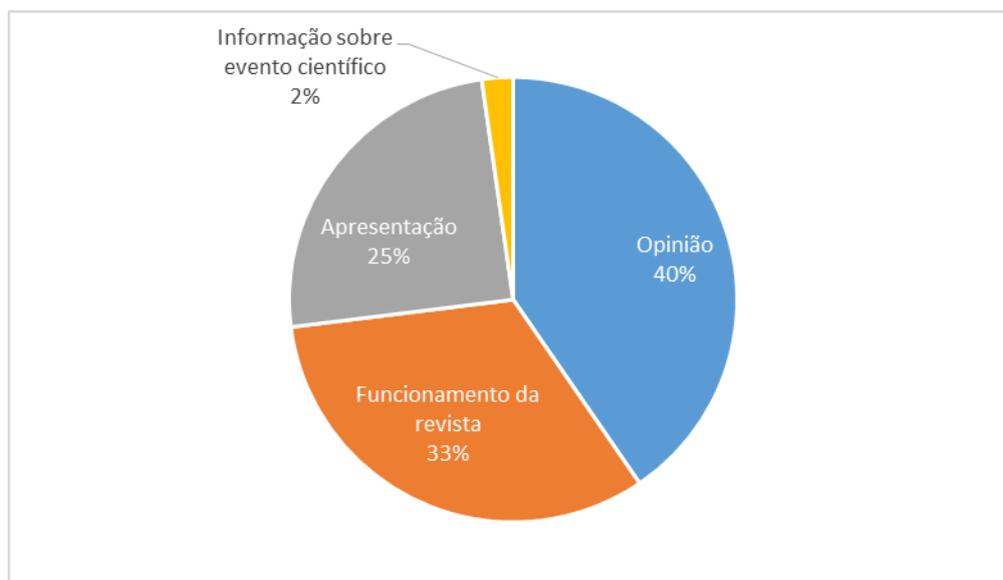
- aniversários do SUS: 25 anos em 2014, HCSMv21n1 (2014); 30 anos em 2018, CSPv34n7_2 (2018), Reciisv12n4 (2018);
- aniversário da Constituição Federal Brasileira em 2018: Reciisv12n4 (2018);
- aniversário de 70 anos da Declaração dos Direitos Humanos em 2018: Reciisv12n2 (2018), Reciisv12n4 (2018).
- 100 anos de Oswaldo Cruz em 2017: HCSMv24n2 (2017).

Tais questões reafirmam a inscrição dos editoriais na esfera científica e reforçam os laços entre prática discursiva e social. Por meio dos editoriais, os editores estão participando do mundo, não apenas representando-o ou comunicando-o. Estão interagindo com seus interlocutores. Vale mencionar aqui dois exemplos nos quais há um entrelaçamento da esfera política pública e particular, inesperado para o que muitos imaginam de um editorial, tomado na esfera jornalística como um texto impessoal. Os editores se posicionam diante de seus interlocutores não só como pesquisadores, mas também, mais explicitamente, como cidadãos, pais, mulheres e mães, em editoriais de opinião. Trata-se dos editoriais CSPv24n3 e HCSMv16n2, cujos excertos serão explorados na análise de estilo (item 4.1.3).

Pelo que é encontrado e analisado do *corpus*, percebo haver uma grande dissonância entre o que um ator hegemônico do campo da comunicação científica, a SciELO, espera que deva ser um editorial e o discurso/relação que os editores efetivamente estão construindo com sua comunidade nos editoriais. As restrições de conteúdo temático por parte da SciELO já vinham sendo apresentadas nos documentos de 2014 e 2017, segundo já foi comentado em 2.3 (“devem veicular conteúdo científico **além da simples** relação dos artigos publicados ou de notícia relacionada com o periódico ou sua área temática” – SCIELO, 2017, p. 7; grifos nossos). Na versão mais recente, já posterior à coleta de dados (SCIELO, 2020, p. 11), as restrições atingem um novo patamar: a “simples relação dos artigos publicados ou de notícia relacionada com o periódico ou sua área temática” não é entendida como conteúdo aceitável para editoriais e deve ser publicada em outro suporte, como *blog*.

Sobre os propósitos comunicativos, categoria 11, encontramos no *corpus* a distribuição percentual apresentada no Gráfico 19.

Gráfico 19 - Propósito comunicativo



Fonte: A autora, 2021.

Seguindo a ordem de frequência encontrada, para a análise do propósito comunicativo, selecionei oito exemplos. A escolha dos editoriais a serem transcritos e comentados aqui também levou em conta a diversidade de sua composição quanto a estrutura e a estilo, para concretizar o mesmo propósito. Com esses exemplos, pretendo representar possibilidades de realização dos editoriais em periódicos científicos e facilitar a correlação com os recursos semânticos interpessoais que serão analisados adiante (item 4.1.3), além de oferecer parâmetros de comparação com os editoriais da esfera jornalística.

A maior parte dos editoriais (40%) é de opinião, isto é, apresenta como propósito comunicativo principal comentar sobre o campo da revista, a prática e a política científica, segundo a categorização adotada aqui, com base em Sabaj e González (2013). Com esse propósito, há exemplares mais próximos do que conhecemos para os editoriais jornalísticos prototípicos (na linearidade temática, estrutura e posicionamento) e outros que se distanciam disso.

A seguir, apresento dois exemplos de editoriais de opinião do *corpus*, inserindo numeração de parágrafos e sublinhando recursos linguísticos relevantes para facilitar o acompanhamento dos comentários. Elementos composicionais que não sejam título, assinatura e corpo do texto foram desconsiderados agora.

Exemplo 62: Opinião 1, CSPv11n4 (1995)

EDITORIAL

[1] Nos dias de hoje é praticamente impossível para um pesquisador acompanhar toda a literatura pertinente a sua especialidade ou uma biblioteca dispor de todos os títulos de periódicos. São mais de sessenta mil revistas científicas no mundo, sendo cerca de duas mil editadas no Brasil. O alto custo das assinaturas[,] a falta de espaço para acomodar as tantas coleções de revistas que não param de crescer têm se tornado um problema limitante de tal monta que não somente está levando muitas bibliotecas a se decidirem por restringir o número de assinaturas de periódicos, mas também de se desfazerem de coleções pouco consultadas.

[2] De certa maneira, o surgimento de revistas eletrônicas contorna alguns dos limites impostos pelas restrições de fundos para aquisição de assinaturas a manutenção de coleções, além de não ocuparem espaço físico. Isto porque suas “páginas” podem ser diretamente acessadas através das redes eletrônicas de transmissão de dados. Contudo, com o rápido aumento dos meios eletrônicos de divulgação do conhecimento científico (atualmente já são mais de 400 títulos eletrônicos!), tornar-se-á impraticável acompanhar tudo o que é colocado em rede. Portanto, alguma forma de sistematização e indexação, o que implicará em *seleção*, deverá surgir visando facilitar o acesso às informações aí “publicadas”.

[3] Independentemente da discussão sobre a eventual substituição da tradicional revista impressa pela revista eletrônica, são muitas as vantagens oferecidas pelas redes para a divulgação de resultados de pesquisas. Estas aplicam-se principalmente às áreas ditas de ponta, onde a velocidade da produção de novos conhecimentos não mais se coaduna com a lentidão do processo editorial clássico que, não raro, requer mais de doze meses para efetivar a publicação de um artigo. Potencialmente, o rompimento com o processo tradicional de publicação permitirá que a comunicação entre pesquisadores se dê, através das redes de computação, não como um relato de feitos realizados ou de resultados obtidos, mas muito mais como um registro vivo de como está se dando a evolução das idéias em um determinado campo do conhecimento (vide G Stix, in “The speed of write”, *Scientific American*, dez. 1994).

[4] Além das revistas em rede, outras novidades também estão acontecendo, visando reduzir custos de produção, economizar espaço [e] maximizar o acesso às informações – é o caso das revistas em disquete e da fusão de várias revistas em uma. Quanto ao primeiro caso, o Brasil saiu na vanguarda como um dos primeiros países a lançar um periódico totalmente em disquete, o *Journal of Venomous Animals and Toxins*, editado pela Universidade Estadual de São Paulo em Botucatu. A economia feita produzindo a revista em disquete permite oferecê-la ao assinante a um preço bastante atraente. Segundo seu editor, o custo de um *megabyte* de informação em disquete representa uma economia de cerca de 60% em relação ao produto impresso.

[5] Finalmente, experiências de fusão de várias revistas em uma estão também se verificando. Um exemplo recente é o de *Tropical Medicine and International Health*, a ser lançada em 1996. Este novo periódico resulta da fusão de cinco tradicionais revistas européias de medicina tropical: *Tropical and Geographical Medicine* e *Acta Leidensia* (Holanda), *Journal of Tropical Medicine and Hygiene* (Inglaterra), *Annales de la Société Belge de Médecine Tropicale* (Bélgica), a *Tropical Medicine and Parasitology* (Alemanha). Com esta iniciativa, os editores esperam aumentar sua audiência, publicar trabalhos ainda mais seletos [e] reduzir substancialmente o valor da assinatura anual.

[6] Os próximos anos deverão ser marcados por número ainda maior de experiências e inovações no campo das publicações científicas. Editoras e bibliotecas não poderão mais ignorar ou subestimar a pressão exercida pelos meios computacionais e deverão desenvolver sistemas adequados para arquivamento deste tipo de material informacional. Afinal, dentre as funções da revista científica está também a de memória da Ciência. Isto significa dizer que não é suficiente disponibilizar a revista em rede para o consumo imediato da informação sem que se disponha de meios para o seu arquivamento e catalogação. Quanto a extinção e/ou fusão de revistas, trata-se de questão complexa, merecedora de análise cuidadosa na qual devem ser ponderadas não somente as questões de ordem estritamente financeira mas também relativas à comunidade científica que a produz e consome, isto é, seus autores a leitores.

Carlos E. A. Coimbra Jr.

Nesse editorial de CSP, publicado em 1995, ao longo de seis parágrafos, encontramos o comentário do editor sobre as mudanças na publicação científica: o crescimento exponencial das revistas científicas e o surgimento dos periódicos eletrônicos. Esse exemplar não apresenta título específico, como os editoriais jornalísticos, porém apresenta assinatura. Não há também uso da primeira pessoa discursiva. Em composição, tema e estilo, aproxima-se dos editoriais da esfera jornalística.

O editor apresenta a questão central no primeiro parágrafo: uma explosão tal da literatura científica que se torna difícil o acompanhamento pelo pesquisador, bem como a aquisição e o armazenamento por parte das bibliotecas (“Nos dias de hoje é praticamente impossível para um pesquisador acompanhar toda a literatura pertinente a sua especialidade ou uma biblioteca dispor de todos os títulos de periódico”).

No segundo parágrafo, ele apresenta o surgimento de revistas eletrônicas como parte da solução e explicita vantagens econômicas: redução de custos e de espaço para armazenamento. No terceiro parágrafo, continua a enumerar vantagens do ponto de vista da comunicação científica: agilidade e maior possibilidade de interação entre os pesquisadores, via rede. Os dois parágrafos seguintes (4º e 5º) trazem exemplos que corroboram a vantagem econômica dos periódicos eletrônicos: a primeira experiência brasileira de revista em disquete; e a fusão de títulos europeus.

No sexto e no último parágrafo, na conclusão, o editor projeta o futuro das publicações científicas e as atitudes de atores envolvidos na comunicação da ciência. Na posição de editor, relembra o papel que as revistas científicas têm e a sua inserção numa comunidade científica. Segundo o editor, as revistas são canal de diálogo entre autores e leitores e meio pelo qual se constrói a memória da ciência.

Ao longo desse texto, ele apresenta a tese, uma possível solução, prós e contras, exemplos e uma conclusão. Trata-se de uma estrutura típica de textos expositivos, guiada pelos operadores lógicos “contudo”, “portanto” (2º parágrafo), “além de” (4º parágrafo), “finalmente” (5º parágrafo), “afinal” (6º parágrafo).

No exemplar seguinte, o 63, identifico o mesmo propósito comunicativo de opinião, porém realizado de outra forma, com teor argumentativo. Há o desejo de influenciar a comunidade científica para a reflexão e ação sobre seu papel na sociedade. A maior diferença é o claro posicionamento da editora no texto e os recursos interpessoais empregados, que serão comentados no item 4.1.3.

Exemplo 63: Opinião 2, Reciisv11n4 (2018)

EDITORIAL

Por uma ciência democrática e cidadã

Kizi Mendonça de Araújo

[1] O ano de 2018 foi emblemático, pois representou um ano de comemoração de várias conquistas importantes na busca de garantia de direitos sociais e humanos.

[2] Na esfera internacional, destaca-se a comemoração dos 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos¹, documento elaborado em 1948, pela Organização das Nações Unidas e seus Estados membros (entre eles, o Brasil), que estabelece os direitos e liberdades básicas capazes de garantir uma vida digna e o pleno exercício de cidadania a todos os seres humanos, independentemente de cor, raça, nacionalidade, orientação política, sexual ou religiosa. Cabe ressaltar também os 40 anos da Declaração de Alma-Ata, elaborada em 1978, como resultado da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, que representa um marco nesse campo, pois traz uma nova e mais abrangente concepção de saúde, que passa a ser entendida como o “completo bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade”². O documento reforça a ideia da saúde como um direito fundamental do ser humano e como uma meta social mundial a ser atingida, ratificando a necessidade da participação social (individual e coletivamente) no planejamento e na execução dos cuidados de saúde para que esta meta seja integralmente atingida. Essa declaração aponta também para o papel central da pesquisa como instrumento para a resolução dos principais problemas de saúde que assolam as populações.

[3] No âmbito nacional, celebramos os 30 anos da Constituição Federal (CF) de 1988³, Carta Magna que marca o processo de redemocratização do Brasil, conhecida como Constituição Cidadã, dada a ampliação dos direitos e garantias individuais e sociais trazidas por ela e seu forte foco no combate às desigualdades sociais do país. Nesse sentido, a Constituição Cidadã estabelece, dentre outros, a garantia ao acesso à saúde e à educação como um direito fundamental do cidadão e um dever do Estado. Esse entendimento está na base da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), que também comemora seu 30º aniversário este ano. Tal sistema, ainda que longe da perfeição, possibilita a assistência à saúde gratuita a toda a população brasileira.

[4] Entretanto, o ano também foi marcado por uma crise política e social sem precedentes na história recente do país, uma crise que tem colocado em xeque a manutenção dos direitos sociais conquistados ao longo de nossa história e que se configurou como elemento/assunto central do debate no nosso último pleito eleitoral.

[5] Em meio a esse cenário, um depoimento chama a atenção: às vésperas das eleições presidenciais o *rapper* Mano Brown fez um discurso crítico e contundente sobre o distanciamento dos políticos no que se refere à população, que, de fato, deveria ser o foco das políticas governamentais, uma vez que somos regidos por um regime democrático, que pressupõe um “sistema político dedicado aos interesses do povo”⁴. Essa fala leva a uma reflexão sobre a atividade científica contemporânea e o distanciamento dos pesquisadores em relação à sociedade. Distanciamento, não restrito à divulgação dos resultados de pesquisa para o público não especialista, mas principalmente concernente à falta de interlocução, de troca, de imersão no território, fato que nos afasta das reais necessidades e prioridades de pesquisa da população. Produzimos conhecimento de forma hierarquizada, muitas vezes, sem entender se e como aquele conhecimento será incorporado às práticas sociais e à resolução de problemas.

[6] Vivemos encastelados em nossos laboratórios, cada vez mais preocupados com a produção de *papers*, *rankings*, números e indicadores que norteiam a avaliação da ciência e do cientista; avaliação esta que nos confere reconhecimento e prestígio acadêmico. Preocupamo-nos, cada vez menos, com as aplicações dos resultados da pesquisa e com as consequências reais/sociais geradas por essa produção, em outras palavras, deixando à margem o compromisso social da ciência.

[7] A incessante busca de adequação às normas da avaliação vigente, pautada no produtivismo ou taylorismo acadêmico, como alguns autores preferem denominá-la^{5,6}, na internacionalização e no

impacto das publicações vem modulando a atividade científica, causando impactos negativos, principalmente no tocante à responsabilidade social do cientista, gerando, segundo Gingras⁷, consequências mais severas nos países periféricos que tendem a nortear a atividade científica para atender aos critérios estabelecidos pelos países centrais, escolhendo temas de pesquisa de interesse internacional em detrimento aos temas/problemas locais, que não têm repercussão internacional. Esse mesmo direcionamento afeta diretamente a escolha do periódico para a publicação, que tem sido pautada pelo Fator de Impacto do periódico ou pelo estrato Qualis, ambos fortemente associados aos padrões internacionais de pesquisa, e não pelo público com quem deveria dialogar ou ao qual deveria se dirigir.

[8] Nesse sentido, Oliveira aponta que o sistema de avaliação atual, no qual prevalece a lógica mercantilista do “publicar ou perecer”⁶, inviabiliza o exercício da responsabilidade social do cientista, exercício que, segundo o autor, exige uma reflexão sobre as práticas científicas, seu significado e suas consequências sociais.

[9] Precisamos refletir, enquanto comunidade acadêmica, que ciência estamos fazendo. Para que e para quem estamos produzindo conhecimento?

[10] Retoma-se aqui a fala do Mano Brown: “O Partido do povo tem que entender o que o povo quer”, “se não sabe, volta pra base e vai procurar saber”. Uma ciência voltada para promoção da cidadania e resolução de problemas sociais tem de buscar entender as reais necessidades da população; este é o compromisso social da ciência! Para tal, é imperativa uma aproximação, a criação de pontes entre a academia e a sociedade (ponte no sentido de troca – via de mão dupla), com vistas a fomentar a participação social no processo de construção de conhecimento e possibilitar de fato a construção de uma ciência cidadã.

[11] Aqui ficam o questionamento e o convite à reflexão: que ciência queremos fazer?

[12] Em nome da equipe editorial, desejo a todos uma ótima leitura e que, em 2019, possamos caminhar rumo à construção de uma ciência de fato democrática e cidadã, capaz de contribuir efetivamente para a conquista das garantias fundamentais traçadas em nossa constituição.

Referências [...]

Conforme detalharei, esse editorial opinativo segue a estrutura de contextualização (1º a 3º parágrafo), problema (4º parágrafo), comprovações do problema (5º a 8º parágrafos), encaminhamento de solução (a partir do 9º parágrafo), com diversos recursos da função interpessoal da linguagem, diferentemente do encontrado no exemplo 62 anterior, também categorizado como editorial de opinião. Já no título deste editorial publicado em dezembro de 2018 pela Reciiis, “Por uma ciência democrática e cidadã”, podemos perceber a sua intenção comunicativa: a defesa do compromisso social da ciência e dos cientistas.

Nos primeiros três parágrafos do texto, a editora contextualiza datas comemorativas importantes do ano de 2018 que relembram conquistas sociais, no âmbito nacional e internacional, e se relacionam ao direito à saúde, por exemplo, a “Constituição Cidadã”, a “Declaração dos Direitos Humanos”, o “SUS”, a “Declaração de Alma-Ata”. No quarto parágrafo, iniciado pela conjunção adversativa “Entretanto”, ela contrasta essas conquistas com a crise política vivida no Brasil, em meio a debates para as eleições presidenciais de 2018.

No quinto parágrafo, insere como mote para sua discussão a fala de uma figura não acadêmica: o *rapper* Mano Brown (“Essa fala leva a uma reflexão sobre a atividade científica contemporânea e o distanciamento dos pesquisadores sem relação à sociedade”). A menção a esse discurso sobre a atuação dos políticos passa a corroborar o argumento da editora de que é preciso colocar as pessoas como reais beneficiárias das ações de todos, no caso dos cientistas, da produção de conhecimento e dos benefícios que ele pode trazer para as populações. A partir desse ponto, em que a autora traz para seu texto outro discurso ao qual mostrar aderir, há maior uso de 1ª pessoa do plural no texto e maior emprego de recursos semânticos de interpessoalidade.

Nos três parágrafos seguintes (6º, 7º e 8º), a editora aponta as razões (“produtivismo”) e as consequências (“impactos negativos”) do distanciamento entre ciência e sociedade, numa organização típica de textos opinativos, de base argumentativa, e se prepara para a conclusão. Na parte final do texto (parágrafos 9 a 12), a fim de atingir seu leitor, a editora investe no diálogo com ele, utilizando diversos recursos interpessoais da linguagem, como veremos na análise dos recursos de avaliatividade e negociação, categoria 14, item 4.1.3.

A citação de Mano Brown funciona no editorial como mote para reflexão que a editora quer provocar nos leitores, e também como argumento do seu ponto, uma demonstração prática do que ela defende: a aproximação com a sociedade. A editora estabelece uma ponte entre discursos que não são entrelaçados rotineiramente: o do *rapper* e o do pesquisador.

Nos exemplos apresentados até agora de editoriais de opinião nenhum menciona o conteúdo específico da edição que abre. Essa é a tendência geral. Dos 36 editoriais de opinião, a maior parte, isto é, 75% não tem relação com a edição. Com relação ao cruzamento entre propósito comunicativo opinião e tema, cabe destacar que, entre os temas encontrados nos editoriais de opinião, estão papel do Estado no fomento ao desenvolvimento científico; políticas públicas de saúde; compromisso da ciência em promover saúde e contribuir para superar desigualdades sociais; defesa dos profissionais de saúde e de modelos de assistência à saúde; combate às epidemias; disputa sobre a construção de verdades sobre saúde; avaliação da ciência (crítica a modelos da Capes); modos de produzir e comunicar ciência (quantidade *versus* qualidade; ética na pesquisa e na sua publicação; avaliação por pares, boas práticas editoriais; equidade de gênero na ciência; acesso aberto). Tais editoriais no *corpus* tendem a apresentar linearidade temática e, muitas vezes, têm relação com algum fato próximo à data de publicação da revista, à semelhança dos editoriais na esfera jornalística.

O segundo propósito comunicativo mais frequente no *corpus* (33%) é o de tratar do funcionamento da revista, como no exemplo 64 a seguir. Nessa categoria, com base em Sabaj

e González (2013), incluí editoriais com os seguintes tópicos: anúncio de mudanças no corpo editorial, anúncio de mudanças na estrutura da revista, justificativas de mudanças, prestação de contas, balanço, comemoração de conquistas.

Exemplo 64: Funcionamento da revista 1 - HCSMv15n1 (2008)

CARTA DO EDITOR

Caro leitor,

[1] Em julho próximo, completaremos 15 anos de circulação ininterrupta. Pois bem, no projeto gráfico da revista que acaba de abrir você vai encontrar uma série de traços novos. Os mais importantes dizem respeito à diagramação, às tipologias e à disposição dos elementos visuais nas páginas. A mancha gráfica ocupa agora área maior com texto, o que representa uma economia de cerca de 20% em número de páginas. Sacrificamos parte daquela margem generosa, destinada originalmente às anotações que os leitores quisessem fazer e à inserção das notas de rodapé ao lado do texto a que se referiam. As notas agora figurarão sempre no final dos artigos. A mudança visou neutralizar, em parte, os efeitos do número crescente de contribuições aprovadas para publicação *em História, Ciências, Saúde – Manguinhos*: aumento no volume de páginas, elevação dos custos de gráfica, correio etc.

[2] Passamos a utilizar novas famílias tipográficas, como *Stone Serif* (corpo de texto) e *Myriad Pro* (cabecos, subtítulos e títulos das seções). Para reduzir o custo de impressão, a revista voltou a utilizar papel *off-set* 90 gramas.

[3] Modificamos o desenho das páginas de abertura da seção Análise, de modo a liberar mais espaço aos resumos, dar mais destaque à autoria e trazer primeiro a informação concernente ao intervalo entre as datas de submissão e aprovação dos artigos. Modificadas também foram as páginas de abertura das demais seções, por razões sobretudo estéticas.

[4] O novo projeto mantém o uso de imagens de fundo e vinhetas derivadas da ornamentação e de elementos arquitetônicos do Castelo Mourisco, o símbolo maior da Fundação Oswaldo Cruz.

[5] Chamamos a atenção para o fato de que *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* continua a investir em sua identidade bilíngüe: a cada número, quatro a cinco artigos, em média, têm sido vertidos para o inglês e divulgados, na versão eletrônica da revista (www.scielo.br/hcsm), nesse idioma e naqueles em que os artigos foram veiculados na edição em papel.

[6] Outras mudanças estão sendo cogitadas. A seção Teses desaparecerá ou será completamente transformada. Hoje se encontram muitas teses de doutorado e dissertações de mestrado integralmente disponíveis na Internet, o que tornam pífios os poucos resumos que afluem espontaneamente à revista. Seguindo o exemplo de alguns periódicos de ponta da área biomédica, que adotam o chamado *ahead of print*, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* talvez passe a divulgar antecipadamente artigos aprovados.

[7] O plano é apresentar apenas títulos, resumos e palavras-chaves de artigos que aguardam publicação em papel e na revista eletrônica vinculada ao *site* da Casa de Oswaldo Cruz. No portal SciELO saíam algumas poucas versões integrais de artigos 'no prelo'. A motivação principal das revistas biomédicas que adotaram essa inovação é prover-se de mais uma arma na competição por citações e pela prioridade na divulgação de resultados de pesquisas científicas. Não é esse o espírito que nos anima: queremos principalmente abreviar o sofrimento dos colaboradores que aguardam ainda vários meses até verem seus trabalhos em letra de forma.

[8] Outra novidade digna de nota é a substituição de editor responsável pela seção Livros & Redes. André Vieira Campos prestou excelente serviço mas, infelizmente, compromissos profissionais o impedem de continuar. Seu nome figurará no expediente da revista enquanto publicarmos resenhas por ele capturadas, mas desde já saudamos o novo editor, historiador como André, Carlos Henrique Assunção Paiva.

Jaime Benchimol

Nesse editorial, publicado em 2008, o editor apresenta mudanças de natureza variadas na revista. Ele presta conta das mudanças: “você vai encontrar uma série de traços novos. Os mais importantes dizem respeito” (1º parágrafo) e compartilha planos “outras mudanças estão sendo cogitadas” (6º parágrafo), “o plano é” (7º parágrafo).

Do primeiro ao quarto parágrafo, ele anuncia e justifica alterações no projeto gráfico da revista, quase sempre por razões orçamentárias (“para reduzir o custo de impressão”), e destaca o que se mantém: o projeto gráfico com presença de detalhes arquitetônicos do Castelo Mourisco, uma singularidade da revista. A inclusão de data de submissão e data de aprovação dos artigos é uma exigência de bases indexadoras, como a SciELO, embora o editor não explicita o motivo para tal alteração (3º parágrafo: “trazer primeiro a informação concernente ao intervalo entre as datas de submissão e aprovação dos artigos”). Da segunda metade do editorial em diante, isto é, a partir do 5º parágrafo, as alterações já implementadas ou propostas para os números seguintes referem-se a estrutura da revista (6º parágrafo: “a seção Teses desaparecerá”), modo de publicação (“talvez passe a ser adotado” o *ahead of print*, no 6º. parágrafo) e corpo editorial (8º parágrafo: “substituição do editor responsável”).

O editor destaca a manutenção dos esforços para traduzir textos para o inglês, publicados somente na versão eletrônica. Dessa forma, presta contas para o público leitor das mudanças adotadas para sustentabilidade financeira da revista, diminuição do tempo de fluxo editorial e adaptações para acompanhar o estado da arte da comunicação científica. Tais adaptações também trazem respostas para quem mantém financeiramente a revista e para a SciELO.

Devo ressaltar que, muito frequentemente, o anúncio de mudanças de uma revista não ocorre em editoriais com linearidade temática, como o exemplificado anteriormente. Isso costuma ser incluído como um parágrafo ou uma pequena parte em editorial com outro propósito comunicativo principal, confirmando que os editoriais são multifuncionais.

Os editoriais de funcionamento da revista tendem a ser comuns em datas comemorativas, como os aniversários dos periódicos. No *corpus*, vemos a comemoração de CSP: 10 (CSPv10n4) e 25 anos (CSPv25n1); de HCSM: 15 (HCSMv15n1, exemplo 64) e 25 anos (HCSMv25n1), bem como da Reciiis: 10 anos (Reciisv11n2_2 e Reciisv11n3_2). Tais ocasiões são oportunidades de reforçar laços na comunidade científica, tanto entre os seus atores, como relativamente aos valores defendidos por aquele grupo e aos compromissos assumidos na atividade científica. Entre tais valores estão, por exemplo, saúde como elemento constituinte da democracia, saúde como dever do Estado e direito das pessoas, ciência como

promotora de saúde e acesso aberto ao conhecimento científico. Fora de datas comemorativas, editoriais de funcionamento da revista tendem a ser comuns no primeiro ou no último número do ano, apresentando uma espécie de balanço dos periódicos.

Ao longo do tempo, com a crescente complexidade da comunicação científica e da própria avaliação da produção científica, as conquistas anunciadas pelos editores passaram a abarcar outras questões além de suporte para publicação, como foi visto anteriormente, no exemplo 64, e começaram a dar conta sobre exogenia, internacionalização, indexação, fator de impacto, financiamento, gerenciamento eletrônico de manuscritos, critérios de autoria, avaliação no Qualis Periódicos e presença em mídias sociais, por exemplo. A inclusão desses assuntos nos editoriais pode ser entendida como uma resposta às novas cobranças de atores envolvidos na comunicação científica como, por exemplo, Capes, SciELO e a própria instituição mantenedora.

O terceiro propósito comunicativo mais ocorrente no *corpus* (33%) é o de apresentação, segundo Sabaj e González (2013), no qual os artigos publicados no número são anunciados pelo editor aos leitores, com caráter descritivo e matizes avaliativos, relacionados nesta tese com o sistema semântico interpessoal de avaliatividade, proposto por Martin e Rose (2007).

Exemplifico isso com dois editoriais, para indicar a tendência de esses textos dialogarem mais proximamente com os gêneros introdutórios em publicações acadêmicas, tal como é estudado por Bezerra (2017) e já está abordado em 1.2. O caráter de introdução também é destacado por Pelizari, Barros e Mafra (2019), ao se referirem a editorial e a carta do editor como textos introdutórios de jornais e revistas, escritos pelo editor.

Exemplo 65: Apresentação 1 – Reciiisv4n4 (2010) – transcrição do exemplo 35

Editorial

Políticas de comunicação, democracia e cidadania

Rodrigo Murtinho

[1] Os artigos que compõem este suplemento abordam temas relacionados às políticas de comunicação, compreendidas, por diferentes ângulos e perspectivas, como ações formuladas no âmbito do Estado – com participação, ou não, da sociedade civil – que determinam ou orientam a criação, a produção, a difusão e o consumo de produtos culturais e comunicativos (Bustamante, 2005). Os temas em questão estiveram no centro do debate da I Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), realizada em 2009. Seus autores são pesquisadores dos campos da comunicação e da saúde coletiva, e representantes de entidades da sociedade civil, com amplo conhecimento e envolvimento neste debate.

[2] A proposta de editar este suplemento surgiu durante o processo preparatório da I Confecom, como consequência de dois eventos. Ambos com o propósito de integrar o campo da saúde coletiva à discussão: o seminário “Conferência Nacional de Comunicação. O que a saúde tem a ver com isso?” – realizado pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fiocruz (Icict/Fiocruz), em agosto de 2009; e o “Fórum Políticas Públicas de Comunicação e Saúde: desafios e agenda da Conferência Nacional de Comunicação 2009”, promovido no IX Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, em Recife, pelo GT de Comunicação e Saúde da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), em novembro do mesmo ano.

[3] Essas iniciativas e atividades estão ancoradas no trabalho desenvolvido no Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fiocruz (Laces/Icict/Fiocruz). Esse trabalho envolve a pesquisa, através do monitoramento e análise das políticas públicas de comunicação e suas interações com a saúde.

[4] Nosso objetivo com esta edição é, por um lado, contribuir para a reflexão na esfera acadêmica e para a integração entre as diversas disciplinas envolvidas. Por outro, sistematizar informações, ideias e experiências que possam auxiliar a formulação de políticas públicas e subsidiar o Sistema Único de Saúde (SUS), orientando ações e políticas de comunicação de instituições públicas de saúde.

“Saúde é democracia, democracia é saúde”

[5] Democracia e cidadania são elementos estruturais do “conceito ampliado de saúde”, formulado pelo movimento da Reforma Sanitária, expressos nas resoluções da 8ª Conferência Nacional de Saúde. Sob o lema “saúde é democracia, democracia é saúde”, o movimento sanitário conquistou, no processo Constituinte, o reconhecimento do direito à saúde como direito fundamental e sua relação estreita com as demais questões sociais.

[6] Assim como a saúde não consiste em um direito isolado das outras questões sociais, o direito à comunicação e o direito à informação extrapolam seus referenciais específicos, constituindo com os demais direitos humanos a base da democracia política e social.

[7] Os textos aqui editados, embora abordem problemas distintos analisados de forma singular por seus autores, apresentam um elemento comum: a necessidade de superar a lógica que predomina e orienta as políticas nacionais de comunicação, considerada um entrave ao avanço da democracia e ao exercício pleno da cidadania. Consideram, portanto, a comunicação como peça constituinte e estratégica de projetos que buscam radicalizar a democracia.

[8] César Bolaño apresenta, em “O modelo brasileiro de regulação do audiovisual em perspectiva histórica”, um panorama da evolução da política audiovisual brasileira. Esse artigo destaca importantes elementos dessa política ao longo da história: Código Brasileiro de Telecomunicações, Constituição de 1988, Lei da TV a Cabo, privatização das telecomunicações, Lei Geral de Telecomunicações, participação de capital estrangeiro, leis de incentivo à cultura e à produção audiovisual e as políticas culturais do governo Lula. Evidencia a influência do setor empresarial sobre essa esfera como traço marcante da lógica das políticas de comunicação formuladas no país.

[9] No artigo “Para regulamentar as Comunicações em regime público – Discutindo o novo cenário normativo em regime de convergência”, Marcos Dantas analisa aspectos econômicos e culturais que influenciam a mudança de paradigma nas comunicações, com o advento da convergência tecnológica. O autor apresenta propostas de “eixos político-regulatórios”, baseadas em resoluções da I Confecom, para construção de um marco legal condizente com as mudanças tecnológicas que defina as comunicações como serviços prestados em regime público, afinado com a ideia de democratização do setor.

[10] A participação da sociedade civil na construção de políticas democráticas de comunicação é analisada por Bia Barbosa e João Brant, no artigo “As iniciativas da sociedade civil para dar rumo democrático às políticas de comunicação no Brasil”. Os autores, membros do Coletivo Intervezes, concentram suas considerações em três iniciativas: a Conferência Nacional de Comunicação; a construção de indicadores do desenvolvimento da mídia e do direito à comunicação; e a definição do direito à comunicação como marco referencial para as políticas públicas do setor.

[11] Com objetivo semelhante, o texto “Tomando posição: uma análise política da Confecom”, de Valério Brittos, Bruno Rocha e Paola Nazário, como revela o título, propõe uma análise da I Conferência Nacional de Comunicação, considerando o processo de digitalização da televisão brasileira e a estruturação da televisão pública como elementos relevantes do cenário atual.

[12] Dois artigos ultrapassam as fronteiras nacionais e analisam as políticas de comunicação no continente latino-americano. Murilo César Ramos destaca, em sua análise, a construção de uma nova agenda latino-americana para as comunicações, a partir de experiências recentes em países como Argentina, Bolívia, Equador e Venezuela, transformando o continente “em um grande laboratório de ideias, princípios e diretrizes de política pública” para o setor. Resgata como referência desta agenda os debates em torno da Unesco entre as décadas de 1960 e 1980, consolidados no emblemático Relatório McBride.

[13] O ensaio de Santiago Marino, Guillermo Mastrini e Martín Becerra, “O processo de regulação democrática da comunicação na Argentina”, analisa o processo de aprovação e as mudanças provocadas pela nova Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual na Argentina. Segundo os pesquisadores argentinos, a nova legislação altera profundamente a estrutura do setor naquele país, tornando o Estado responsável pela garantia do direito social à comunicação. Seguindo esta lógica, a lei modifica os critérios de distribuição das concessões de rádio e televisão, destinando 33% dos canais às instituições sem fins-lucrativos. A aprovação da nova legislação foi objeto de intensa disputa política, e contou com ampla mobilização social. As mudanças provocadas a partir dela e o processo de mobilização social tornaram a nova legislação argentina referência no continente.

Comunicação e informação como determinantes sociais de saúde

[14] Outro elemento que reforça a relação entre a saúde coletiva e as políticas públicas de comunicação e informação é o debate em torno dos determinantes sociais da saúde. O relatório “As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil” foi produzido pela Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), instituída pelo Ministério da Saúde em 2006. Esse relatório reconhece a comunicação e a informação como elementos fundamentais para prevenir o avanço dos agravos à saúde da população. Segundo ele,

O acesso a fontes e fluxos de informação em saúde aumenta o conhecimento e a capacidade de ação, permitindo a adoção de comportamentos saudáveis e a mobilização social para a melhoria das condições de vida. Por outro lado, a falta de acesso de grandes setores da população ao conhecimento e à informação diminui significativamente sua capacidade de decidir e atuar em favor de sua saúde e da coletividade (CNDSS, 2008: 75).

[15] O relatório destaca o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), em especial o da internet, como estratégias eficazes para o acesso a informação em saúde. Porém, apresenta preocupações diante das iniquidades de acesso a essas tecnologias no país.

[16] Outro ponto importante por ele apontado é a necessidade de institucionalização de “políticas que favoreçam mudanças de comportamento para a redução de riscos e aumento da qualidade de vida, mediante programas educativos, comunicação social, acesso facilitado a alimentos saudáveis, criação de espaços públicos para a prática de esportes e exercícios físicos, bem como proibição à propaganda do tabaco e do álcool em todas as suas formas” (CNDSS, 2008: 141).

[17] Os textos apresentados neste bloco têm conexão direta com as preocupações reunidas no relatório da CNDSS. Abordam temas que estão relacionados a políticas que possibilitam, em diferentes graus, intervenções sobre os determinantes sociais da saúde.

[18] No artigo “Comunicação no Brasil: o que temos e o que queremos”, Wilma Madeira aborda o tema das políticas públicas de comunicação e sua interface com a saúde coletiva, concentrando sua análise nos “fatores de risco à saúde coletiva” produzidos pela mídia, e na “comunicação como oportunidade” para redução da assimetria informacional e melhoria da qualidade de vida. A autora apresenta seus argumentos com base em estudos e debates realizados no âmbito do Grupo Técnico de Trabalho sobre Comunicação em Saúde (GTCom) da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco).

[19] Em “Conectividade plena para todos: um desafio mundial”, Carlos Afonso faz uma análise do Plano Nacional de Banda Larga (PNBL) como política pública de universalização do acesso à internet no país. Confronta a proposta do plano com o quadro atual do serviço de telecomunicações no

país, controlado por empresas de caráter monopolista, que adotam critérios próprios para expansão do serviço no país. Segundo o autor, esta lógica pode condenar a maioria dos domicílios brasileiros à “desconexão eterna”, se uma política pública não inverter esse processo.

[20] Ampliando esse debate, Sérgio Amadeu, autor de “Liberdade, diversidade e controle na internet”, analisa a importância da lógica da cultura da liberdade para garantir a predominância da criatividade e da diversidade cultural na internet. Apresenta possibilidades e virtudes do uso da rede a partir desta lógica, e alerta para as tentativas de introdução de políticas de controle de fluxos de informação, vigilância e criminalização de práticas na rede.

[21] Em “Controle Social e Regulação da Publicidade Infantil: o caso da comunicação mercadológica de alimentos voltada às crianças brasileiras”, Isabella Vieira Henriques, do Instituto Alana, aborda o tema da regulação da publicidade de alimentos considerados “não-saudáveis” direcionada para o público infantil. A autora defende a necessidade de se estabelecer limites à propaganda desses produtos, como forma de conter o avanço da obesidade infantil, que atinge cada vez mais as crianças no país. Medidas semelhantes foram recomendadas recentemente pela organização Mundial de Saúde (OMS), com o objetivo de reverter o quadro epidêmico de obesidade em crianças e adolescentes.

[22] Álvaro Nascimento e Fernanda Affonso discutem, em seu artigo “Controle social e regulação da propaganda de medicamentos”, os mecanismos de Consulta Pública da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) utilizados no processo de elaboração da nova política regulatória para a propaganda de medicamentos. Apontam a incapacidade, por parte da agência, de incorporar proposições de órgãos de consumidores, entidades científicas, profissionais de saúde e especialistas em uso correto do medicamento, mantendo as principais fragilidades do modelo anterior.

[23] Em outro artigo dedicado ao debate do controle social, “Observatórios de mídia como instrumentos para (da) democracia”, Edgard Rebouças e Patrícia Cunha fazem uma análise de 77 observatórios de mídia em 23 países, destacando como aspecto central a relação que esses observatórios mantêm com o conceito e a instituição da democracia. Os autores buscam enquadrá-los em três categorias: reformistas, revolucionários e/ou “conservadores”, observando algumas de suas práticas, estruturas, objetivos e justificativas. Na análise, é predominante a caracterização dos observatórios de mídia como alternativa de controle social.

[24] Por fim, apresentamos três resenhas de livro e documentários que certamente nos ajudarão aprofundar as questões abordadas nesta edição: “Por uma outra midiaticização”, elaborada por Igor Sacramento, sobre o livro “Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede” organizado por Dênis de Moraes; “Uma outra globalização”, de Christovam Barcellos e Mauricio Monken, comenta o documentário “Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá”, dirigido por Silvio Tendler; e “O balanço de um século da saúde pública no Brasil”, de Aurea Maria da Rocha Pitta, sobre o documentário “Políticas de saúde no Brasil: um século de luta pelo direito à saúde”, dirigido por Renato Tapajós.

Referências [...]

O propósito comunicativo desse editorial é apresentar a edição, o que se realiza, inclusive, com linearidade temática, visto que todo o conteúdo gira em torno disso. Assim, como outros do *corpus*, este exemplar aproxima-se bastante dos gêneros introdutórios em livros acadêmicos, como os estudados por Bezerra (2017). Por isso, usarei os movimentos retóricos, tal qual foram apresentados no Quadro 1 (p. 32), para evidenciar o propósito comunicativo desse texto. “Justificar a obra”, “resumir conteúdo” e “concluir o gênero” são os propósitos secundários que se operacionalizam em diversos movimentos retóricos encontrados aqui.

O primeiro movimento, “justificar a obra”, ocorre por exemplo, nos parágrafos iniciais do texto,

- definir o tópico central: “políticas de comunicação” (1º parágrafo: “os artigos que compõem este suplemento abordam temas relacionados às políticas de comunicação, compreendidas...”);
- informar a origem da publicação: (2º parágrafo: “A proposta de editar este suplemento surgiu durante o processo preparatório da I Confecom, como consequência de dois eventos.”);
- informar sobre autor: (1º parágrafo: “Seus autores são pesquisadores dos campos da comunicação e da saúde coletiva, e representantes de entidades da sociedade civil, com amplo conhecimento e envolvimento neste debate.”);
- indicar os objetivos da publicação (4º parágrafo: “Nosso objetivo com esta edição...”);
- estabelecer o campo de estudo (5º e 6º parágrafos: comunicação como peça fundamental para garantir direito à saúde, à democracia e à cidadania).

O segundo grande movimento, “apresentar e discutir o conteúdo”, ocorre do 7º parágrafo até o fim do editorial, no 24º parágrafo. Nessa parte, o editor comenta os textos, identificando autoria e título e resume seu conteúdo. Os comentários avaliativos, típicos de editoriais de apresentação, segundo Sabaj e González (2013), serão considerados na análise da categoria 14, item 4.1.3, adiante. O agrupamento temático em blocos que o editor propõe é refletido na construção composicional desse editorial: há dois entretítulos que auxiliam na leitura (“Saúde é democracia, democracia é saúde” e “Comunicação e informação como determinantes sociais de saúde”). Os entretítulos organizam a informação para o leitor nesse editorial que é extenso: apresenta cerca de 2.000 palavras, está acima da média do número de palavras do *corpus*, segundo já foi especificado no item 4.1.1.

No modelo proposto por Bezerra (2017), no movimento de “concluir o gênero”, estão as ações mais voltadas para o interlocutor, as quais relaciono ao sistema semântico interpessoal de negociação, objeto de análise do item C. As ações do movimento “concluir o gênero” são: fazer avaliação/recomendação final; expressar desejo/votos de sucesso; convidar à leitura; fazer agradecimentos. Tais operações não estão presentes no exemplo 68, mas ocorrem em outros editoriais, como é verificado, por exemplo, em saudações finais. Ainda assim, há, no último parágrafo desse editorial, recursos explícitos do subsistema de

negociação. Ao longo de todo o texto, é a voz firme do editor que guia o leitor por toda a edição, comentando e estabelecendo conexões entre textos, dentro e fora da revista.

Conforme alerta Bezerra (2017), tais movimentos retóricos são, na verdade, um repertório de estratégias ao qual os usuários podem recorrer em diferentes medidas. Eles não precisam ocorrer simultaneamente. É preciso lembrarmos da relativa estabilidade do gênero, indicada pelos estudos bakhtinianos. Citando Bezerra (2017, p. 67), em alguns casos, esses movimentos retóricos “se apresentam de formas muito diferentes e variáveis denotando o emprego de estratégias retóricas diversificadas, que buscam atender a diferentes demandas relacionadas com as práticas sociais implicadas pela produção, uso e recepção do gênero”.

A título de exemplo, os movimentos de “concluir o gênero” estão mais claramente indicados nos parágrafos finais do exemplo 66 e do exemplo 67, transcritos a seguir.

Exemplo 66: Apresentação 2 - RECIISv3n1 (2009)

Editorial

Ontologias, web semântica e Saúde

Frederico Freitas e Stefan Schulz

[...]

[13] Como últimas palavras, gostaríamos de agradecer aos revisores, Guilherme Ataíde, Werner Ceusters, Ronald Cornet, Marcos Galindo, Rosario Girardi, Giancarlo Guizzardi, Robert Hoehndorf e César Tacla, por realizarem um trabalho sério e de boa qualidade, sem o qual a produção deste número temático provavelmente não seria possível. Os editores convidados dedicam ainda um agradecimento aos editores científicos da RECIIS, Carlos Saldanha Machado e Josué Laguardia, por nos guiarem durante todo o processo de produção da edição, com várias dicas úteis, sendo muito atenciosos e respondendo quase imediatamente a uma longa lista de dúvidas nossas surgidas ao longo do trabalho, além de brindar-nos com a oportunidade de publicá-lo.

Exemplo 67: Apresentação 3 - HCSMv3n2 (1995)

CARTA DO EDITOR

[...]

[8] Agora, é conferir: à revista.

Paulo Gadelha

No exemplo 66, os agradecimentos são dirigidos a atores que viabilizaram a publicação da edição da revista, do ponto de avaliação do mérito científico dos textos selecionados: os pareceristas/revisores e os editores. No exemplo 67, a interlocução é dirigida

aos leitores, no movimento de “convite à leitura”, que é, em última análise, o interesse dos editores nos editoriais de apresentação: convencer o leitor à leitura da revista.

Vale registrar algumas observações quanto a características gerais do editorial de apresentação, cujo foco é apresentar com matizes avaliativos o conteúdo publicado. Nos editoriais de apresentação, são igualmente evidentes os recursos da metafunção textual da linguagem para organizar o fluxo da informação, por exemplo, “no primeiro artigo”, “no texto seguinte”; uso de dêiticos: “aqui”, “agora”; “este número traz”; “esta edição conta”. Também é costume identificar textos e/ou autores, inclusive com a tipologia documental publicada (“o artigo”, “a resenha”, “a entrevista”) e apresentar o conteúdo dos textos (com verbos que indicam a ação dos autores, por exemplo, analisar, propor, debater, criticar, apresentar, demonstrar, defender, alertar) e o comentário do editor. Os próprios verbos que descrevem a ação dos autores em seus textos podem ser considerados comentários avaliativos do editor, por exemplo, “brindar”. Pode haver menção a todos os textos da edição, ou uma seleção de destaques, por ordem linear ou por assunto. Esses editoriais tendem a ser comuns em edições temáticas ou com dossiês temáticos, escritos tanto pelos editores da revista quanto por editores convidados. A apresentação em alguns casos também é uma oportunidade de o editor discorrer sobre determinado assunto, trazendo para os leitores conceitos e personagens necessários para acompanhar a discussão, o que se configura como mais do que uma “simples relação” dos artigos ali publicados.

Esse é o caso do exemplo 68, em ReciiSV13n1, cujo excerto apresento a seguir. Ao longo dos vinte parágrafos do editorial, o editor dedica, pelo menos, nove deles a inserir, resumir e discutir outras fontes que não estão publicadas na revista, mas que se relacionam com os textos ali publicados. Ele vai entremeando alguns textos da edição com diversos outros, livros e artigos, clássicos e contemporâneos, que dialogam com o dossiê temático ‘Comunicação e riscos em saúde’. Constrói, a partir do seu conhecimento de pesquisador, uma rede entre essas fontes, ampliando o debate que a revista procura ensejar a partir da seleção publicada e indicando aos leitores outras 18 fontes, listadas em Referências. Os recursos linguísticos que evidenciam engajamento são abundantes nesse editorial, segundo análise da categoria 14, que será apresentada em 4.1.3.

Exemplo 68: Apresentação 4 - ReciiSV13n1 (2019), excerto

EDITORIAL

A saúde como normatividade social

Igor Sacramento

[...]

[2] O primeiro dossiê temático é intitulado ‘Comunicação e riscos em saúde’. Em parte, sua origem está associada ao V Encontro Internacional de Comunicação em Saúde, cujo tema foi comunicação de risco. [...] O primeiro artigo trata da gestão do risco em saúde num contexto de intenso compartilhamento e circulação de informações, boatos e rumores pela internet. [...]

[...]

[5] Como será possível perceber, os textos aqui publicados ultrapassam o modelo linear de comunicação que não considera os contextos. Exploram dinâmicas mais complexas das relações entre comunicação e riscos em saúde. Como explicam Jeffrey T. Gabrill e Michelle Simmons³, tradicionalmente, a reivindicação da construção social do risco tem implicações significativas tanto para a comunicação de risco quanto para os papéis dos comunicadores técnicos nas situações de risco: (1) estimula a separação da avaliação da comunicação de risco; (2) enfatiza o poder da comunicação como forma de garantir ou não o envolvimento da população; e (3) defende a eficácia da comunicação a partir do uso de técnicas necessárias ao comunicador técnico considerado como aquele que possui as habilidades de pesquisa e escrita imprescindíveis para os complexos processos de construção e comunicação de risco.

[6] Como Johnson-Eilola afirma, “por causa dos aspectos políticos, econômicos e sociais de todas as tecnologias, a comunicação técnica não deve se limitar ao funcionalismo simples, mas também deve incluir preocupações mais amplas e mais complexas”⁴ Em geral, a literatura sobre comunicação de risco é repleta de histórias de abuso corporativo ou governamental, resistência cidadã e ‘falha’ geral no processo de comunicação como se fosse uma mera transmissão de informações. Neste dossiê, os artigos têm como ponto em comum abordar como as práticas de comunicação de risco invariavelmente produzem subjetividades e, conseqüentemente, cidadãos: aqueles que produzem, fazem circular e se apropriam de produtos dessa comunicação. Essa vertente avança em relação aos pressupostos de uma perspectiva tradicional de comunicação de risco e concebe os cidadãos como eles próprios produtores de conhecimento, de valores, de sentidos, de comunidades, de relações e vínculos.

[...]

[7] Este número abre com uma nota de conjuntura de Mary Jane Spink. Buscando contribuir com uma análise da psicologia discursiva, a professora da PUC-SP entende que risco não é um conceito, mas uma linguagem – a ‘linguagem dos riscos’. Ela argumenta que percepção de risco é uma construção sociocultural que envolve produções de subjetividade e relações de poder. Os discursos sobre o risco definem territórios linguísticos e, conseqüentemente, fronteiras, pertencimentos e exclusões. Demarcam um conjunto de significados e usos da linguagem a partir dos quais se desenvolvem modos específicos de ação e controle.

[...]

[10] O aspecto da disseminação do risco como forma de controle social também está bastante presente na entrevista com o professor Paulo Vaz, um dos maiores especialistas no Brasil sobre o assunto, que trata das formas de gerenciamento da vida, da subjetividade e da política pela lógica do risco. Como ele argumenta, a noção de risco orienta a concepção contemporânea de moralidade, fazendo com que haja, por um lado, a substituição da norma pelo risco como forma de regulação social e, por outro, as transformações do capitalismo a partir do desenvolvimento tecnocientífico e particularmente biotecnológico, promovendo novas configurações da biopolítica. Vaz busca exemplos na política, na segurança pública, na ecologia, mas é na saúde que, segundo ele, experimentamos esse aspecto de um modo radical: há um processo acelerado de cronificação do cuidado, que engendra um cuidado crônico com a saúde, que, embora, com intensidade variável, vem sendo pautado pela sensação cada vez mais presente de um estado contínuo de ‘quase doença’.

Já no segundo parágrafo do texto, o editor especifica o tema do dossiê publicado na edição e o contextualiza: “o primeiro dossiê temático é intitulado...”; “sua origem está associada ao V Encontro...”. As informações estão organizadas em movimentos retóricos

típicos de gêneros introdutórios, como já foi explorado no exemplo 65). Neste mesmo parágrafo, o editor começa a apresentar e comentar o conteúdo específico de um dos textos da edição: “o primeiro artigo trata...”.

No quinto e sexto parágrafo, há um exemplo do que quero evidenciar aqui: o diálogo estabelecido pelo editor entre os textos publicados na revista e outros textos fora dela, como uma forma de conectar autores, textos e perspectivas teóricas para os leitores, ampliando a cadeia comunicativa da qual editoriais fazem parte, e o público leitor da revista participa. Trata-se de uma forma de inserir novos pesquisadores no debate de modo que possam acompanhar e participar da discussão. No quinto parágrafo, o editor parte dos textos publicados na revista para outras fontes: de “os textos aqui publicados” para “Gabrill e Simmons”, artigo publicado em outra revista científica, indicada em Referências. No 6º parágrafo, a partir da citação direta de artigo publicado em outro periódico (o de “Jonhson-Eilola”), traz a discussão para a edição que o editorial apresenta: “neste dossiê, os artigos têm como ponto em comum abordar”. Essa mesma conduta de recuperar informações, contextualizar discussões, conceitos e personagens para os leitores a fim de que acompanhem os textos da revista é encontrada em outros editoriais do *corpus* (HCSMv16n4).

Pela análise do *corpus* e pelos exemplos apresentados até agora, vimos que o editorial de apresentação pode se tornar uma oportunidade de o editor inserir novos pesquisadores no debate e/ou os pesquisadores em novos debates, além de se posicionar em relação a temas e conceitos presentes na publicação.

Seguindo a ordem decrescente encontrada no *corpus*, o editorial menos frequente é o de informação sobre evento da comunidade, que se caracteriza por ser uma convocação para um evento ou uma resenha de evento já realizado, segundo Sabaj e González (2013). Foram duas ocorrências no *corpus*, ambas em HCSM. Com foco na análise do propósito, trago aqui o exemplar HCSMv24n3.

Exemplo 69: Informação sobre evento científico 1 - HCSMv24n3 (2017)

CARTA DOS EDITORES

Nosso periódico no 25º International Congress of History of Science and Technology

[1] Entre 23 e 29 de julho, o Rio de Janeiro sediou o 25º Congresso Internacional de História da Ciência e da Tecnologia. Essa foi a maior reunião da Division of History of Science and Technology da International Union of History and Philosophy of Science and Technology (conhecidas pelas siglas em inglês DHST e IUHPST, respectivamente). Apesar de essas instituições só terem recebido um nome após a Segunda Guerra Mundial, suas origens podem ser atribuídas ao primeiro Congresso

Internacional de História da Ciência, que se realizou em Paris, em 1929. Após a guerra, as reuniões passaram a ser organizadas a cada quatro anos (a penúltima edição aconteceu em Manchester, em 2013). Apenas em 2001 ocorreu na América Latina; foi o 21º Congresso Internacional de História da Ciência e da Tecnologia, na Cidade do México, sob o título de “Ciência e diversidade cultural”. Quatro anos depois, o congresso chegou a Pequim, com o nome de “Globalização e diversidade: a difusão da ciência ao longo da história”. Esses dois eventos foram um claro indicativo do crescimento do campo nos países em desenvolvimento. Este ano, centenas de pesquisadores de diversos países vieram ao Brasil para discutir as diferentes dimensões do tema “Ciência, tecnologia e medicina entre o global e o local”. Dedicamos a carta a esse tema geral, mencionando um simpósio que foi de interesse da revista, e também realizamos um importante anúncio sobre *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*.

[2] Nos últimos anos, uma virada global, ou uma ênfase na circulação transnacional de conhecimento, pessoas e bens materiais, teve forte impacto na história da ciência. Novos códigos, como “história global”, “circulação transnacional” e “provincialização da Europa”, estão substituindo termos usados anteriormente, como “centro” e “periferia”, e alguns argumentam que o “Estado-nação” passará a não ser mais a estrutura de análise. A maioria dos historiadores abraçou com entusiasmo a virada global, com a promessa de demonstrar como o conhecimento é formado e reconfigurado em um movimento global (em oposição a locais específicos), alguns não acreditam que uma história verdadeiramente supranacional possa ser estudada, e muitos utilizam os termos de forma ambivalente. Gostaríamos de fazer uma pequena contribuição à discussão sobre a virada global, propondo algumas perguntas provocativas: a história global da ciência seria o mesmo que a história da circulação transnacional do conhecimento? A história transnacional seria uma metodologia ou um jargão da moda? A história global seria uma ideia antiga com nova roupagem? A história da ciência global, ou a história da ciência transnacional, seria um estudo dos encontros e confrontos de elites ao redor do mundo? As perguntas especialmente importantes para a América Latina são: devemos descartar os estudos regionais (América Latina sendo uma dessas regiões) como uma invenção da Guerra Fria e das universidades norte-americanas? E considerando a forte tradição de se trabalhar apenas com arquivos nacionais e a crise econômica generalizada da atualidade, seria possível viajar para diferentes arquivos pelo mundo?

[3] Além dessas questões, os estudos sobre América Latina sugerem que é importante considerar o papel da assimetria, da invisibilidade e do domínio de línguas. Em termos de assimetrias, a iniquidade foi e continua sendo uma característica intrínseca das sociedades do mundo todo. A distribuição desigual de recursos científicos, poder e prestígio, foram especialmente críticas nas Américas desde o século XVI. Essas iniquidades afetaram o escopo, o ritmo e a variedade dos tipos de circulação e foram cruciais para justificar lideranças científicas. Por esse motivo, mesmo fora dos limites da circulação da ciência, parece pertinente falarmos sobre a circulação assimétrica do conhecimento.

[4] Os estudos sobre circulação também precisam levar em conta a persistente tendência de ignorar por completo as contribuições feitas por curandeiros, sábios, acadêmicos e a população leiga dos países em desenvolvimento. O conhecimento era com frequência disseminado do local para o global, contrariando a expectativa da supremacia da ciência das metrópoles. Ao mesmo tempo, houve um notável esforço em creditar tais contribuições aos cientistas das metrópoles, retratando a ciência como atividade desempenhada apenas por um pequeno grupo de nações e pessoas, desconsiderando a racionalidade dos atores externos à metrópole. A tendência de tornar os “perdedores” invisíveis na história da ciência sugere que a circulação nunca foi fluida, tranquila, estável ou contínua, e que diversos processos de circulação da ciência e de resistência a tal circulação coexistiram.

[5] Um obstáculo para o maior envolvimento da América Latina com a virada global é a questão do idioma. Ao mesmo tempo que a maior parte da literatura sobre história global é escrita em inglês, francês e alemão, na América Latina se publica principalmente em espanhol e português. Muitos historiadores latino-americanos são capazes de ler em outros idiomas, mas poucos conseguem escrever bem em inglês ou ter acesso a excelentes tradutores, e um número menor ainda envia seus artigos a revistas acadêmicas do *mainstream*, nas quais predomina a língua franca da ciência moderna, o inglês. Como resultado, latino-americanos citam trabalhos em inglês, francês ou alemão, mas seus artigos são raramente citados na Europa ou nos EUA (excetuando os historiadores de Portugal e Espanha).

Superar o obstáculo linguístico implica não apenas pedir aos alunos de graduação que leiam em inglês, mas também ensiná-los a expressar suas ideias nesse idioma. Significa estabelecer uma melhor relação de trabalho com tradutores (o que inclui mais recursos financeiros dedicados à tradução), e promover publicações bilíngues e transnacionais cuja autoria seria dividida entre historiadores com o domínio de línguas distintas (uma combinação que também enriqueceria a perspectiva das histórias transnacionais da ciência e facilitaria o acesso a coleções de diversos arquivos). De todo modo, a virada global é uma oportunidade para aperfeiçoar e recriar nosso campo, mas é preciso cuidado; flexibilidade de recursos, metodologias, perspectivas e interpretações seriam essenciais para as futuras histórias da ciência na América Latina.

[6] O congresso deste ano contou com muitos simpósios interessantes. Um deles, que é especialmente do nosso interesse, teve como título “Os desafios do século XXI para revistas de história da ciência e da medicina”. No encontro, foi discutido como, desde os anos 1990, as revistas de história da ciência de diversos países têm enfrentado desafios relativos a sustentabilidade financeira, profissionalização e utilização de mídias sociais. A maior parte dos palestrantes era de editores ou membros de equipe de revistas publicadas em diferentes países. Os trabalhos apresentados foram particularmente importantes para repensarmos nossa própria revista.

[7] Uma das questões levantadas nesse simpósio – e até mesmo antes – é a necessidade de publicar artigos que façam uma ampla revisão dos achados e debates cruciais do campo de estudo e melhorem o diálogo com outros públicos além de historiadores que tenham interesse no conhecimento e na sociedade. Neste número de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, iniciamos o que esperamos que se torne prática regular e uma nova seção da revista: incluiremos artigos de revisão historiográfica, que proporcionarão uma perspectiva profunda e panorâmica do que foi alcançado sobre temas selecionados e do que precisa de mais investigação. Esperamos também que esses artigos se tornem uma ferramenta educacional para estudantes de pós-graduação, intensificando nosso processo de internacionalização e nos ajudando a celebrar 25 anos de existência em 2019. Nesta edição, Nelson Sanjad, historiador experiente do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, foi incumbido de escrever sobre exposições internacionais relacionadas à América Latina. Ele produziu uma análise elegante, singular, rica e perspicaz, que temos o grande prazer de publicar. É preciso mencionar que esse artigo foi possível graças aos recursos que recebemos da Wellcome Trust há cerca de um ano.

[8] Por fim, este número contém não apenas artigos relevantes, mas surge em um momento significativo para a história da ciência. Esperamos que *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* ajude a manter a relevância e a importância do nosso campo em prol de nossos leitores e da comunidade a que servimos. O fato de a revista ter um dos editores científicos como presidente eleito da Division of History of Science and Technology da IUHPST, outro saldo do Congresso Internacional ocorrido no Rio de Janeiro, certamente contribuirá para isso.

Esse editorial, assim como outros do *corpus*, suscita dúvidas quanto a sua categorização, uma vez que apresenta elementos diversos:

- opinião sobre prática científica: a virada global (2º ao 5º parágrafo: “gostaríamos de fazer uma pequena contribuição à discussão sobre a virada global”, 2º parágrafo);
- anúncio de mudanças na revista: inclusão de nova seção (7º parágrafo: “Neste número de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, iniciamos o que esperamos que se torne prática regular e uma nova seção da revista: incluiremos artigos de revisão historiográfica”); e
- informações sobre evento: o 25º International Congress of History of Science and Technology (congresso mencionado no título: “Nosso periódico no

25°...”, no 1º parágrafo: “o Rio de Janeiro sediou...”, “foi a maior reunião...”; no 6º parágrafo: “o congresso deste ano..”; no 7º parágrafo: “uma das questões levantadas no simpósio...” e no 8º parágrafo “outro saldo do Congresso Internacional...”).

O editorial foi categorizado em informação sobre evento, porque considerei que a sua linha de condução é o evento, discussões sobre os temas mais relevantes para a área da revista, repercussões para a área e também para o periódico. Isso se alinha ao objetivo explicitado pelos editores no fim do 1º parágrafo: “Dedicamos a carta a esse tema geral [o 25º Congresso Internacional de História da Ciência e Tecnologia], mencionando um simpósio que foi de interesse da revista, e também realizamos um importante anúncio sobre *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*.”.

Sobre o evento, os editores fornecem as informações básicas logo na abertura do texto, no 1º parágrafo: local, data de realização e instituição organizadora (“entre 23 e 29 de julho, o Rio de Janeiro sediou” a reunião da IUHPST). Mais importante que essa identificação é a recuperação do histórico da instituição organizadora do evento e de suas edições anteriores para apresentar o tema e a relevância da edição atual no Brasil: “Ciência, tecnologia e medicina entre o global e o local”. Assim contextualizam o congresso para os leitores e indicam a real dimensão do evento, em especial por valorizar sua longa tradição (origens na década de 1930), a crescente inserção de países fora do *mainstream* como sede, entre eles, México, China e agora Brasil, e a diversidade de público: “centenas de pesquisadores de diversos países”.

No segundo parágrafo, uma discussão no cerne do evento (a circulação transnacional de conhecimento) é trazida para os leitores de modo que os editores possam se posicionar a respeito dela. Eles explicitam: “Gostaríamos de fazer uma pequena contribuição à discussão sobre a virada global”. Assim, do 2º ao 5º parágrafo, os editores discutem a questão, evidenciando seus argumentos e conclusões. É uma parte argumentativa desse editorial, com inúmeros recursos do sistema interpessoal da linguagem, de negociação (com o emprego da 1ª pessoa do plural e de perguntas), e de avaliatividade (em especial, os de engajamento-modalidade), que não são o foco agora.

No 6º parágrafo, os editores destacam um simpósio em particular do evento. Resumem participantes e temas, e também apresentam quais foram as repercussões para a revista. Editores e membros de equipe de revistas de diferentes países discutiram “sustentabilidade financeira, profissionalização e utilização de mídias sociais”. Como consequência para a

revista, anunciam a criação de uma nova seção e seus objetivos: a publicação de artigos de revisão historiográfica, que sejam ferramenta para estudantes de pós-graduação e que também melhorem o diálogo com um público mais amplo do que os historiadores, apresentando a revisão de achados e debates fundamentais e indicando as lacunas para futuras investigações.

Eventos são oportunidades de discutir o campo científico de modo a avançar o conhecimento em determinada área e de compartilhar experiências. Como vemos nesse editorial, a participação dos editores da revista no congresso faz com que eles sejam pontes entre partes da comunidade científica, uma vez que nem todos os pesquisadores participaram dele. Os editores compartilham com os leitores as principais discussões, posicionam-se a respeito delas, induzem caminhos a partir daí, por exemplo, com a criação da nova seção da revista, e se inserem como participantes ativos no cenário científico da área, o que culmina com a eleição de um dos editores da revista para presidente da Division of History of Science and Technology. O “importante anúncio”, mencionado no 1º parágrafo, é explicitado no último: “O fato de a revista ter um dos editores científicos como presidente eleito da Division of History of Science and Technology da IUHPST, outro saldo do Congresso Internacional ocorrido no Rio de Janeiro, certamente contribuirá para isso”. Dessa forma, os editores cumprem seu papel com a comunidade científica a que pertencem, ou, para identificar o tipo de vínculo que eles mencionam neste editorial, cumprem com seu papel com a comunidade a que servem, conforme o 8º parágrafo: “Esperamos que História, Ciências, Saúde – Manguinhos ajude a manter a relevância e a importância do nosso campo em prol de nossos leitores e da comunidade a que servimos.”

Entre os 89 exemplares do *corpus*, não foram encontrados editoriais cujo propósito principal pudesse ser categorizado como de agradecimento ou de homenagem, tal qual Sabaj e González (2013) encontram no *corpus* por eles estudado. Isso não quer dizer que agradecimentos não sejam feitos. Eles existem incorporados como parte do texto a editoriais com outros propósitos, por exemplo, de abordar funcionamento da revista ou de fazer apresentação, como no exemplo 66, discutido anteriormente (p. 179). Os agradecimentos são, especialmente, comuns para pareceristas e editores e, em menor número, para leitores e integrantes da equipe editorial.

A análise de conteúdo temático leva a perceber que os editoriais, como artefatos culturais que são, estão inseridos na sociedade, participam de uma ampla e complexa rede de atos comunicativos. Ao longo das quatro décadas cobertas pelo *corpus*, vemos que eles são permeados por temas do cenário nacional, tanto diretamente ligados à publicação científica

quanto associados ao desenvolvimento científico e à vida política, e, por vezes, também ao cenário científico internacional.

4.1.3 Análise do estilo

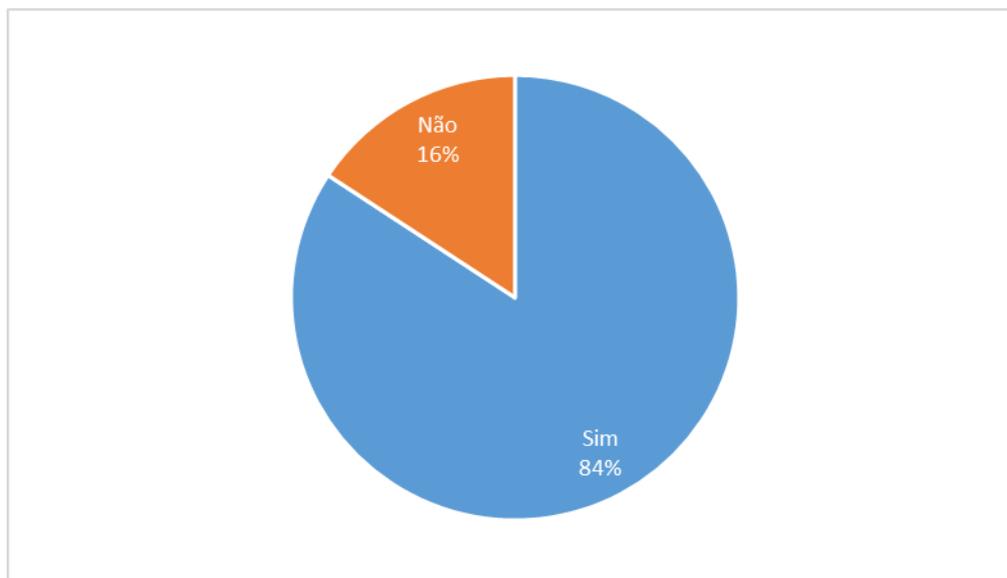
Esta parte da análise refere-se às categorias “pessoa do discurso”, “direcionamento ao leitor” e “traços estilísticos de avaliatividade e de negociação”, de 12 a 14, conforme o Quadro 7 (p. 97). São as microcategorias relacionadas ao terceiro elemento constituinte do gênero, na perspectiva do Círculo de Bakhtin: o estilo. Para sua análise, escolhi enfatizar o aspecto interpessoal da linguagem, em consonância com a fundamentação teórica do capítulo 1. Pelo sistema semântico-discursivo de avaliatividade, há negociação de atitudes no texto e, pelo sistema semântico-discursivo de negociação, há construção de relações, como é esquematizado no Quadro 2.

As duas primeiras categorias – uso de 1ª pessoa e direcionamento ao leitor – são analisadas quantitativamente no *corpus*, como será apresentado a seguir. Elas ganham destaque nesta pesquisa por marcarem linguisticamente a estrutura dialógica da interação autor e leitor, que ocorre no ato comunicativo dos editoriais: de onde a palavra procede em direção a quem. Cabe frisar que as duas possibilidades de recursos interpessoais utilizados nos editoriais, observados aqui segundo o sistema semântico-discursivo da negociação (MARTIN; ROSE, 2007), de forma alguma podem ser tomadas como os únicos recursos interpessoais.

Na categoria 14 da planilha de coleta de dados, foram registrados outros recursos linguístico-discursivos dos subsistemas de avaliatividade e de negociação, conforme foi ilustrado nas Figuras 2 e 3, que se destacaram no texto para análise qualitativa, também apresentada aqui. Comentários a respeito desses recursos semânticos interpessoais serão correlacionados com a análise dos constituintes anteriores, em especial do propósito comunicativo, a fim de cumprir com um dos objetivos específicos da tese.

Quanto à categoria 11, “pessoa do discurso”, na maior parte do *corpus* há o emprego de 1ª pessoa. Ela ocorre em 75 dos 89 textos (84%), o que equivale à distribuição percentual apresentada no Gráfico 20.

Gráfico 20 - Uso de 1ª pessoa



Fonte: A autora, 2021.

A maior tendência é o emprego de 1ª pessoa do plural: ocorre em 61 desses 75 textos (ou 81%), contrastado com o uso de 1ª pessoa do singular, somente em 10 exemplares (ou 13%). Ocorre ainda o emprego de ambas no mesmo texto, o que leva a presença de 1ª pessoa do plural a 87% do *corpus*, confirmando a tendência de seu uso diferentemente do esperado em editoriais na esfera jornalística.

O emprego de primeira pessoa foi evidenciado por pronomes pessoais de caso reto e oblíquo, por pronomes possessivos e pelas desinências verbais indicativas de sujeito, como é exemplificado a seguir:

Exemplo 70: Vivemos um momento histórico de profundas mudanças, contradições e radicalismos¹⁻⁴. [...] Em nossa era do paroxismo das assimetrias, um periódico científico interdisciplinar como a Reciiis precisa participar de coalizões e pactos que vêm sendo construídos para um novo estilo de desenvolvimento [...] (Reciisv1n1_E2, 2017)

Exemplo 71: [...] entendemos que nosso papel na promoção da integridade em pesquisa deva ir além. Assim, pretendemos continuar promovendo debates sobre o tema junto aos pesquisadores, docentes e alunos de pós-graduação e abrindo as páginas de CSP para a discussão sobre modelos alternativos de avaliação da ciência. (CSPv34n1, 2018)

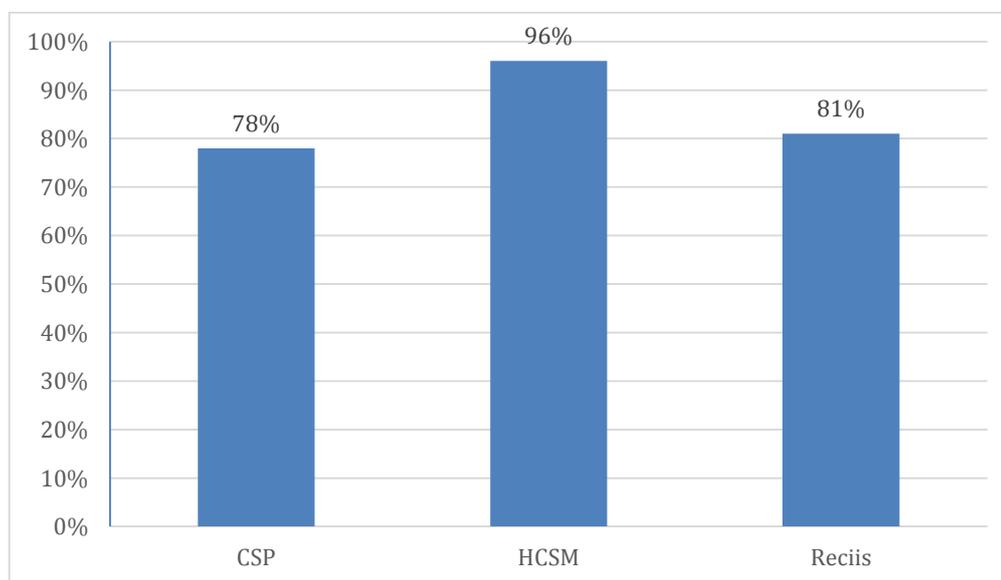
Exemplo 72: É com alegria, satisfação, esperança e otimismo que termino a apresentação deste número inaugural da RECIIS [...] Aguardamos agora as respostas dos ossos leitores e esperamos que se sintam encorajados a submeterem seus trabalhos aos futuros números da RECIIS. (Reciisv1n1, 2007)

Exemplo 73: Não podemos deixar de registrar nestas linhas que já se estendem nossa inquietude com os recentes ataques à liberdade e à autonomia do pensamento acadêmico no Brasil. (HCSMv24n4, 2017)

No exemplo 70, a marca desinencial no verbo “viver” e o pronome possessivo “nossa” marcam o emprego da primeira pessoa do plural, em uma referência genérica a “nós”, grupo de pessoas no qual o editor se insere. Nos exemplos 71 e 73, as marcas linguísticas são as mesmas do texto anterior: desinência verbal de 1ª pessoa do plural em “entendemos” e “pretendemos” e pronome possessivo “nosso” no exemplo 71; “podemos” e “nossa”, no 73. No entanto, a diferença está na referência dessa pessoa discursiva: “nós” se refere a quem assina o editorial – no exemplo 71, as três editoras de CSP e, no 73, os dois editores de HCSM. No exemplo 72, as marcas linguísticas de desinência verbal indicam o uso de 1ª pessoa do singular e do plural no mesmo editorial, expressos nos verbos terminar, aguardar, esperar, em referência ao editor (“termino”, “esperamos”); a 1ª pessoa do plural no pronome possessivo é usada em referência à revista: “nossos leitores”. Os pronomes pessoais e possessivos inscrevem a pessoa no discurso e servem como recursos semânticos interpessoais de negociação.

Todos os periódicos analisados utilizam a 1ª pessoa do discurso em grande parte dos seus exemplares, com porcentagens diferenciadas, acima dos 75%, como se vê no Gráfico 21 a seguir.

Gráfico 21 - Uso de 1ª pessoa em cada revista



Fonte: A autora, 2021.

Sendo assim, pelo que encontramos no *corpus*, os editoriais de periódicos científicos tendem a se aproximar dos leitores e a envolvê-los, não sendo verdadeiro que sejam escritos

em 3ª pessoa do singular, exclusivamente, ou em sua maioria, e que apresentem tom impessoal.

As nominalizações, isto é, o emprego dos nomes dos periódicos também são formas de marcar posicionamento nos editoriais e criar estratégias de interação com o leitor. Segundo Aquino (2010, 2013), são marcas autorais, um recurso disponível na língua tanto quanto a 1ª pessoa do singular ou do plural. As nominalizações ocorrem em exemplares distribuídos por todos os três periódicos, ao longo de todo o período coberto pelo *corpus*, como é exemplificado a seguir.

Exemplo 74: É com grande satisfação que, em seu décimo segundo ano de publicação ininterrupta, *Cadernos de Saúde Pública/Reports in Public Health* oferece aos seus leitores e autores um espaço totalmente renovado. (CSPv12n1, 1997)

Exemplo 75: Também no campo da vigilância epidemiológica pudemos conhecer experiências muito instigantes, fazendo uso de ferramentas inovadoras. CSP tem interesse em receber artigos nessa linha, que possam responder a perguntas como: haveria alguma forma de detectar mais precocemente a epidemia de microcefalia?²; como lidar com o atraso de notificação?; é possível usar as redes sociais para melhorar a predição de surtos³ (CSPv33n10, 2017)

Exemplo 76: Em direção oposta à tendência de superespecialização dos periódicos científicos, *Manguinhos* apresenta um cardápio variado. (HCSMv3n1, 1996)

Exemplo 77: É dessa forma que *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* pode cumprir a função de veículo vivo de conhecimento, em vez de acúmulo de escritos cuja visita valeria apenas por interesses estritos de pesquisa. Por ingênua ou datada que possa soar a crença no poder transformador do conhecimento, vale reafirmar a convicção de que ele representa componente seguro para entrevermos na penumbra. (HCSMv25n2, 2018)

Exemplo 78: Em função das factuais emergências de discussão sobre a estrutura social reguladora da pesquisa com seres humanos no Brasil, a *Reciis traz para esta edição* do mês de março uma entrevista com o médico, atual Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Nacional do Câncer (CEP/Inca) e integrante da Comissão de Integridade Científica do Instituto Oswaldo Cruz (CIC/IOC) [...] (Reciisv11n1_1, 2017)

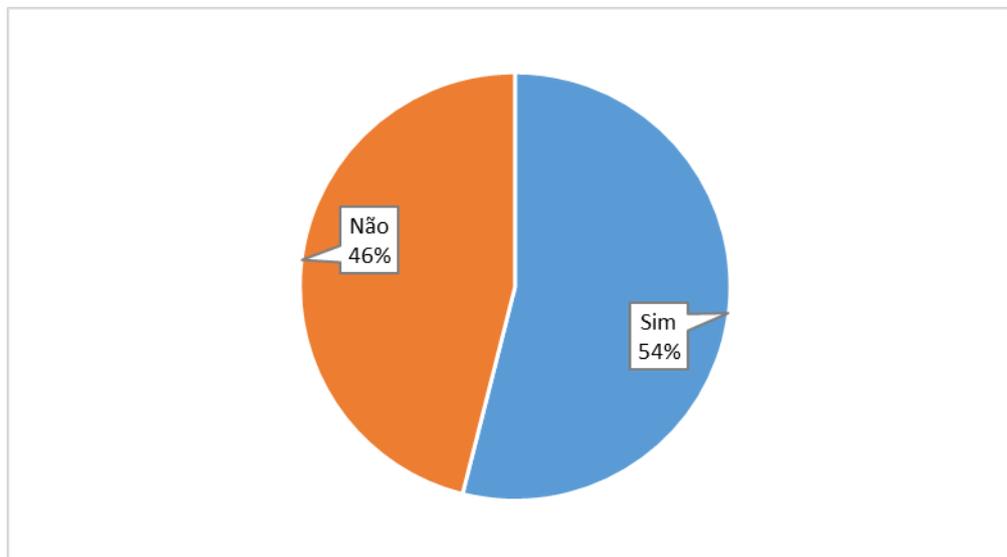
Nos exemplos, há nominalização pelo nome inteiro da revista: exemplo 74, “Cadernos de Saúde Pública”, exemplo 77, “História, Ciências, Saúde – Manguinhos”; também se faz pela sigla, exemplo 75, “CSP”, exemplo 78, “Reciis”; ocorre ainda por apelido, no exemplo 76, “Manguinhos”.

Por vezes no mesmo parágrafo, como nos exemplos mencionados, são encontradas as duas formas de se posicionar e se aproximar dos leitores – 1ª pessoa do plural e nominalização; é o caso do exemplo 75: “pudemos conhecer” e “CSP”, e do exemplo 77: “História, Ciências, Saúde – Manguinhos” e “entrevermos na penumbra”.

Quanto à análise quantitativa da categoria 13, “direcionamento ao leitor”, podemos afirmar que ocorre na maior parte do *corpus*, embora haja certo equilíbrio entre os exemplares

analisados: 54% com e 46% sem direcionamento ao leitor, segundo está ilustrado no Gráfico 22. A distribuição por revista será comentada adiante.

Gráfico 22 - Direcionamento ao leitor



Fonte: A autora, 2021.

O direcionamento ao leitor ocorre no *corpus* com recursos linguísticos variados, tais como os exemplificados a seguir.

Exemplo 79: Prezados leitores,

A última edição do ano de 2017 da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde (Reciis) traz oito artigos originais, uma nota de conjuntura, um relato de experiência e um editorial além deste. (Reciisv11n3, 2017)

Exemplo 80: Caro leitor,

Escrevo essa carta sem saber bem como ela vai encontrá-lo. [...] Pois na iminência de nos vermos agora dentro do quadro, engolfados por acontecimentos que pouco controlamos – e eu me dirijo a você, leitor, átomo como eu –, é essencial conhecer as experiências de quem nos precedeu para agir com razão e discernimento. (HCSMv16n2, 2009)

Exemplo 81: Pelas páginas da revista que o leitor tem em mãos, e por meio de outras instâncias de produção historiográfica, esperamos que encontre no passado não uma narrativa cristalizada de grandes vultos, eventos e “marcos”, mas um repositório de questionamentos, projetos e ideais. (HCSMv24n2, 2017)

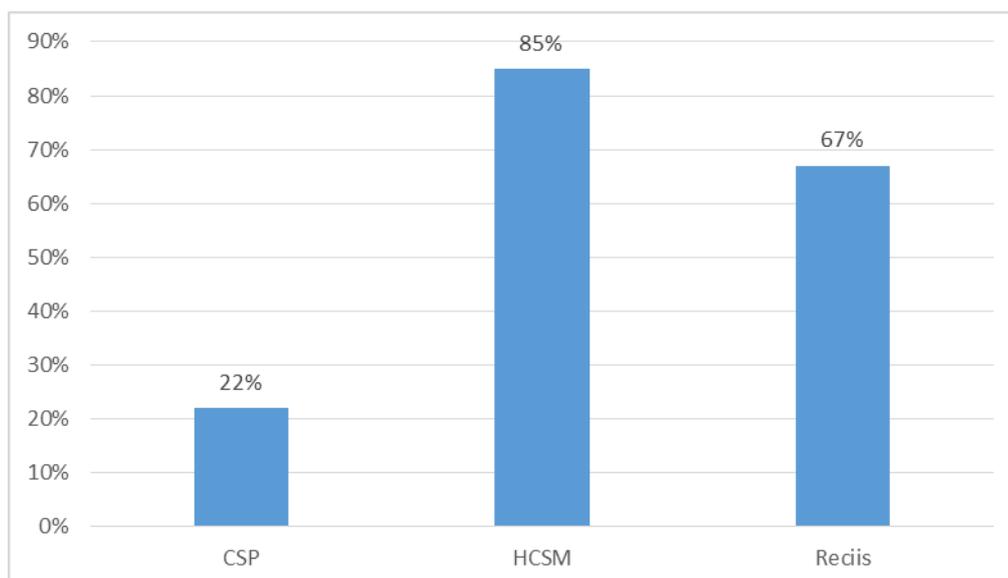
Exemplo 82: O julgamento final deste complexo critério chamado “qualidade” é sempre conferido por vocês, leitores, a quem também expressamos gratidão por terem se mantido fiéis este ano, seja pela leitura de nossas edições impressas e digitais, seja pelo acompanhamento de nossos blogs e mídias sociais. (HCSMv24n4, 2017)

O recurso mais comum de direcionamento explícito ao leitor é o vocativo, encontrado nos exemplos 79 e 80; a expressão “caro leitor” é a mais usada, como uma saudação inicial.

Ela é uma fórmula usual em correspondências e aqui, à luz dos recursos interpessoais da linguagem, sintetiza dois subsistemas semântico-discursivos: avaliatividade e negociação. O adjetivo “caro” remete à região do afeto, um comentário de avaliatividade pelo qual se negocia uma atitude, a de bem-querer; sua função de vocativo, em “caro leitor”, constrói relações no texto. Níveis de proximidade estão sendo construídos no texto, conforme os recursos linguísticos empregados: formas de tratamento “você/vocês” (exemplo 80 e 82), vocativos “prezados leitores” e “caro leitor” (exemplo 79 e 80) e “leitores” (exemplo 82). A referência à segunda pessoa do discurso ocorre também em formas pronominais como em “o” no exemplo 80, em “encontrá-lo” (recuperando o substantivo “leitor” do vocativo na saudação inicial do texto) e também na forma de tratamento equivalente “você”, nos exemplos 80 e 82. No exemplo 81, o próprio substantivo “leitor” funciona como segunda pessoa do discurso a quem a primeira pessoa no sujeito desinencial do verbo “encontrar” se dirige. Há um diálogo entre editor e leitor que pode ser parafraseado assim: nós, editores, esperamos que você, leitor, encontre um “repositório de questionamentos, projetos e ideais” na revista que tem nas mãos.

Observando a distribuição da categoria direcionamento ao leitor por revista (Gráfico 23, a seguir), constatamos maior distinção entre os periódicos do que no que foi percebido quanto à categoria “1ª pessoa”. Em CSP, o direcionamento ao leitor ocorre apenas em 22% nos editoriais do *corpus*; na Recis, se encontra na maioria, 67% dos exemplares; em HCSM, em porcentagem ainda maior: 85%.

Gráfico 23 - Direcionamento ao leitor em cada revista



Fonte: A autora, 2021.

Por meio do direcionamento ao leitor, os editores criam proximidade com o público-alvo da revista, procuram envolvê-lo, para convencê-lo à leitura da revista ou a acolher o ponto defendido pelo editor. São mecanismos de construção de solidariedade entre editor e seu público.

Passo agora a exemplificar e explorar dados anotados referentemente à categoria 14 da análise: “traços estilísticos de avaliatividade e de negociação”. Nesse campo de preenchimento livre da tabela, foram recolhidos exemplos para a análise qualitativa desses recursos, a fim de correlacioná-los com o efeito de sentido que o editor buscou no texto. Começo por alguns recursos relevantes nos exemplares analisados quanto ao propósito comunicativo (item 4.1.2, categoria 11).

No editorial opinativo “Por uma ciência democrática e cidadã”, apresentado na íntegra como exemplo 63 (p. 168), recursos de negociação e de engajamento contribuem para o objetivo geral do texto, de acordo com os destaques a seguir.

Exemplo 83: Reciisv12n4 (2018), excerto do exemplo 66

[6] Vivemos encastelados em nossos laboratórios, cada vez mais preocupados com a produção de *papers*, *rankings*, números e indicadores que norteiam a avaliação da ciência e do cientista; avaliação esta que nos confere reconhecimento e prestígio acadêmico. Preocupamo-nos, cada vez menos, com as aplicações dos resultados da pesquisa e com as consequências reais/sociais geradas por essa produção, em outras palavras, deixando à margem o compromisso social da ciência.

[8] Nesse sentido, Oliveira aponta que o sistema de avaliação atual, no qual prevalece a lógica mercantilista do “publicar ou perecer”⁶, inviabiliza o exercício da responsabilidade social do cientista, exercício que, segundo o autor, exige uma reflexão sobre as práticas científicas, seu significado e suas consequências sociais.

[9] Precisamos refletir, enquanto comunidade acadêmica, que ciência estamos fazendo. Para que e para quem estamos produzindo conhecimento?

[10] Retoma-se aqui a fala do Mano Brown: “O Partido do povo tem que entender o que o povo quer”, “se não sabe, volta pra base e vai procurar saber”. Uma ciência voltada para promoção da cidadania e resolução de problemas sociais tem de buscar entender as reais necessidades da população; este é o compromisso social da ciência! Para tal, é imperativa uma aproximação, a criação de pontes entre a academia e a sociedade (ponte no sentido de troca – via de mão dupla), com vistas a fomentar a participação social no processo de construção de conhecimento e possibilitar de fato a construção de uma ciência cidadã.

[11] Aqui ficam o questionamento e o convite à reflexão: que ciência queremos fazer?

[12] Em nome da equipe editorial, desejo a todos uma ótima leitura e que, em 2019, possamos caminhar rumo à construção de uma ciência de fato democrática e cidadã, capaz de contribuir efetivamente para a conquista das garantias fundamentais traçadas em nossa constituição.

Conforme foi destacado no exemplo 83, a editora expressa seu ponto de vista, claramente posicionando-se no texto e, mais do que isso, incluindo-se no grupo dos cientistas,

o que está evidenciado com o emprego da 1ª pessoa em desinências verbais, pronomes possessivos e pronomes oblíquos: “vivemos encastelados em nossos laboratórios”; “avaliação esta que nos confere”, “preocupamo-nos” (6º parágrafo); “precisamos refletir”, “que ciência estamos fazendo”, “para quem estamos produzindo conhecimento?” (9º parágrafo); “que ciência queremos fazer?” (11º parágrafo); “desejo a todos”, “possamos caminhar”, “nossa constituição (12º parágrafo)”.

As frases não declarativas, um recurso linguístico do sistema semântico interpessoal da negociação; são utilizadas aqui para fomentar a reflexão proposta no texto. As perguntas ocorrem em: “Para que e para quem estamos produzindo conhecimento?” (9º parágrafo); “que ciência queremos fazer?” (11º parágrafo). Este é o ponto central do texto: levar ao questionamento – que ciência?, para quê? e para quem? Uma frase exclamativa ocorre no 10º parágrafo: “este é o compromisso social da ciência!”. Seu papel no texto é enfatizar o ponto defendido pela editora, de que a ciência deve promover a cidadania e envolver o leitor para adesão a essa ideia.

Os recursos interpessoais do sistema de avaliatividade contribuem igualmente para convencer o leitor disso. Destaco aqui alguns recursos do subsistema de engajamento, conforme foi exposto na Figura 2. A editora insere o ponto de vista de outros autores no seu texto, alinhando-se a eles, conforme os recursos linguísticos evidenciados a seguir. No 8º parágrafo, incorpora o ponto de vista de Oliveira, introduzido por um verbo que faz as vezes de verbo *dicendi* em “Oliveira aponta que o sistema de avaliação atual...” e pelo adjunto de conformidade “exercício que, segundo o autor”. No 10º parágrafo, igualmente com recursos linguísticos de engajamento (projeção), o discurso trazido é o do *rapper* Mano Brown, sinalizado com a citação direta indicada pelo substantivo “fala”, o uso de dois-pontos e a transcrição entre aspas. “Retoma-se aqui a fala do Mano Brown: ‘O Partido do povo tem que entender o que o povo quer’, ‘se não sabe, volta pra base e vai procurar saber’”. Tais inclusões fortalecem o ponto defendido pela editora.

Ainda comentando recursos de avaliatividade do subsistema de engajamento no exemplo 83, vale destacar o papel que os recursos linguísticos de modalidade têm na construção do efeito de sentido do texto. São significativos, por exemplo, o verbo modal “precisar” em “Precisamos refletir, enquanto comunidade acadêmica, que ciência estamos fazendo” (9º parágrafo); a expressão modal equivalente “ter de” em “Uma ciência voltada para promoção da cidadania e resolução de problemas sociais tem de buscar entender as reais necessidades da população” (10º parágrafo); e a estrutura modal ser + adjetivo asseverativo em “é imperativa uma aproximação, a criação de pontes entre a academia e a sociedade” (10º

parágrafo). Esses enunciados sintetizam as questões defendidas pela autora no editorial. No fechamento do texto, parágrafo 12, recursos de negociação e de avaliatividade expressam juntos as ações que a editora quer provocar no seu público leitor, isto é, a leitura da revista e a construção de uma prática científica democrática e cidadã. O verbo modal “poder” expressa uma possibilidade, não uma necessidade, como nos exemplos anteriores. Ele está empregado no subjuntivo reforçando a expressão dos votos da editora, marcada no verbo “desejar” no indicativo: “desejo a todos uma ótima leitura e que, em 2019, possamos caminhar rumo à construção de uma ciência [...]” A locução adverbial “de fato” e o advérbio “efetivamente” também são recursos modais que trazem mais envolvimento e ênfase ao que a editora declara.

No exemplo 84 a seguir, destaco os recursos linguísticos de avaliatividade do subsistema de engajamento (modalidade) e do subsistema de atitude (apreciação), em um editorial igualmente opinativo. Trata-se do parágrafo de conclusão do exemplo 62, já explorado na análise de tema (p. 166). Tais recursos marcam o grau de adesão do editor com o que declara, ainda que ele não o faça com os recursos de negociação, exemplificados antes, no excerto 83.

Exemplo 84: CSPv11n4 (1995), excerto do exemplo 62

[6] Os próximos anos deverão ser marcados por número ainda maior de experiências e inovações no campo das publicações científicas. Editoras e bibliotecas não poderão mais ignorar ou subestimar a pressão exercida pelos meios computacionais e deverão desenvolver sistemas adequados para arquivamento deste tipo de material informacional. Afinal, dentre as funções da revista científica está também a de memória da Ciência. Isto significa dizer que não é suficiente disponibilizar a revista em rede para o consumo imediato da informação sem que se disponha de meios para o seu arquivamento e catalogação. Quanto a extinção e/ou fusão de revistas, trata-se de questão complexa, merecedora de análise cuidadosa na qual devem ser ponderadas não somente as questões de ordem estritamente financeira mas também relativas à comunidade científica que a produz e consome, isto é, seus autores e leitores.

Nesse editorial de opinião, em que o editor discorre sobre as mudanças na comunicação científica com a explosão informacional e o advento de recursos eletrônicos, ele se utiliza de comentários avaliativos, por meio dos quais negocia atitudes diante dos fatos. Destaco, por exemplo, o emprego do modal “dever”, que indica probabilidade em “os próximos anos deverão ser marcados por [...]”; e necessidade em “[editoras e bibliotecas] deverão desenvolver sistemas [...]” e em “[questões] devem ser ponderadas”. O uso do modal “poder” é outro indicador das atitudes negociadas no texto em: “Editoras e bibliotecas não poderão mais ignorar ou subestimar [...]”. Os adjetivos “complexa” e “merecedora de análise”, em referência ao substantivo “questão”, são exemplos de comentários avaliativos de

apreciação, assim como “cuidadosa” em referência ao substantivo “análise”. O advérbio “estritamente” em “questões de ordem estritamente financeira” é um recurso modalizador que revela a possibilidade de o assunto ser analisado sob outros pontos de vista, permitindo espaço para negociação de significados, como o próprio editor reforça, ao sugerir que o ponto de vista da comunidade científica também seja ponderado cuidadosamente na análise. Esses recursos interpessoais permitem observar como o editor expressa seus posicionamentos no texto, de modo cauteloso e levando em conta diversos modos de ver a questão. Assim, ele propicia uma atitude de recepção favorável às mudanças e de reflexão sobre elas.

No editorial de apresentação “Políticas de comunicação, democracia e cidadania”, apresentado na íntegra como exemplo 65 (p. 174), recursos de avaliatividade, em especial da região da atitude (apreciação) e da região do engajamento (projeção, modalidade e concessão), contribuem para o objetivo geral do texto, de acordo com os destaques exibidos a seguir como exemplo 85. No editorial de apresentação, conforme Sabaj e González (2013), há comentários sobre o conteúdo, com matizes avaliativos.

Exemplo 85: Reciiisv4n4, 2010, excerto do exemplo 65

[7] Os textos aqui editados, embora abordem problemas distintos analisados de forma singular por seus autores, apresentam um elemento comum: a necessidade de superar a lógica que predomina e orienta as políticas nacionais de comunicação, considerada um entrave ao avanço da democracia e ao exercício pleno da cidadania. Consideram, portanto, a comunicação como peça constituinte e estratégica de projetos que buscam radicalizar a democracia.

[8] [...] Esse artigo destaca importantes elementos dessa política ao longo da história: [...]

[12] [...] Resgata como referência desta agenda os debates em torno da Unesco entre as décadas de 1960 e 1980, consolidados no emblemático Relatório McBride.

[13] [...] Segundo os pesquisadores argentinos, a nova legislação altera profundamente a estrutura do setor naquele país, tornando o Estado responsável pela garantia do direito social à comunicação. [...]

[14] [...] Esse relatório reconhece a comunicação e a informação como elementos fundamentais para prevenir o avanço dos agravos à saúde da população. Segundo ele

O acesso a fontes e fluxos de informação em saúde aumenta o conhecimento e a capacidade de ação, permitindo a adoção de comportamentos saudáveis e a mobilização social para a melhoria das condições de vida. Por outro lado, a falta de acesso de grandes setores da população ao conhecimento e à informação diminui significativamente sua capacidade de decidir e atuar em favor de sua saúde e da coletividade (CNDSS, 2008: 75).

[15] O relatório destaca o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), em especial o da internet, como estratégias eficazes para o acesso a informação em saúde. Porém, apresenta preocupações diante das iniquidades de acesso a essas tecnologias no país.

[16] Outro ponto importante por ele apontado é a necessidade de institucionalização de “políticas [...]

[17] [...] Abordam temas que estão relacionados a políticas que possibilitam, em diferentes graus, intervenções sobre os determinantes sociais da saúde.

[24] Por fim, apresentamos três resenhas de livro e documentários que certamente nos ajudarão aprofundar as questões abordadas nesta edição [...]

Os recursos de avaliatividade empregados nesse editorial são, em especial, do subsistema de atitude, região da apreciação, evidenciados em adjetivos, advérbios e verbos. Entre os adjetivos destacamos: “comum” em “elemento comum” no 7º parágrafo, “importante” em “destaca importantes elementos” e “outro ponto importante” (8º e 16º parágrafo, respectivamente), além de “emblemático” (no 12º parágrafo). “Certamente” e o verbo “ajudar” no 24º parágrafo carregam a carga avaliativa do enunciado: “Por fim, apresentamos três resenhas de livros e documentários que certamente nos ajudarão a aprofundar as questões abordadas nesta edição”. Os comentários são sobre obras/matérias: elemento(s)/ponto(s) importante(s), relatório emblemático, resenhas úteis. São exemplos de apreciação – e não julgamentos, – todos positivos, de modo a convencer o leitor à leitura, ação que se quer do leitor, em última análise.

De acordo com estudo de Balocco (2010), nos editoriais, cartas de leitor e artigos de opinião, julgamentos sobre pessoas são evitados por questão de polidez e por haver o entendimento de que o que deve ser submetido à crítica são as ideias, as obras, não as pessoas. Em críticas de livros, conforme verifica Gisele Carvalho (2010), ainda que julgamentos sejam mais comuns, as apreciações ocorrem em maior número. No exemplo do editorial do *corpus*, o editor também explicita atitudes de apreciação.

Com relação aos recursos de engajamento, há exemplos que evidenciam como o editor abre espaço para a diferença de pontos de vista, permitindo negociação de significados. Há, no 7º parágrafo, uma questão central a esse respeito: o adjetivo modal “considerado” em “a lógica que predomina e orienta as políticas nacionais de comunicação, considerada um entrave ao avanço da democracia”. Conforme já foi comentado na análise temática e também fica evidenciado no parágrafo, editor e autores publicados na edição da revista defendem o direito à comunicação como elemento de cidadania, constituinte da democracia. O adjetivo “considerada” abre espaço para a negociação de significados e o compartilhamento de valores nesse texto. A defesa do direito à comunicação pelos autores é o elemento comum para o qual o editor antecipa uma possível contra-argumentação do leitor, ao inserir a oração concessiva no período: “embora abordem problemas distintos analisados de forma singular por seus autores, apresentam um elemento comum” (7º parágrafo).

Outros recursos de modalidade são empregados ao longo do texto, materializados em orações conformativas: “segundo os pesquisadores argentinos” (13º parágrafo); em expressões balizadoras, como as sublinhadas a seguir: “O relatório destaca o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), em especial o da internet” (15º parágrafo);

“Abordam temas que estão relacionadas a políticas que possibilitam, em diferentes graus, intervenções sobre os determinantes de saúde” (17º parágrafo) e em advérbios modais: “[resenhas] que certamente nos ajudarão” (24º parágrafo). Tais recursos expressam o valor de verdade que o editor atribui ao seu enunciado e os parâmetros dentro dos quais deve ser entendido.

Outro exemplo de destaque quanto ao subsistema de engajamento (projeção) é a citação direta do relatório da Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde, nos parágrafos 14º e 16º. As citações diretas e as paráfrases incorporadas ao editorial, assim como as fontes mencionadas em Referências, também podem ser entendidas como recursos de engajamento. Por meio delas, entendo que o editor contextualiza o debate, fundamenta pontos de vista e amplia o horizonte de discussão dos textos publicados na revista. A função do editorial não é simplesmente apresentar os textos publicados na edição, mas inserir a comunidade de leitores em um debate que tem sido travado ao longo do tempo, com diversos atores sociais.

Quanto a traços estilístico de negociação, no último parágrafo desse editorial, fica evidente o uso de 1ª pessoa do plural, pela desinência verbal e pelo pronome oblíquo em “apresentamos três resenhas de livro e documentários que certamente nos ajudarão”.

No exemplo 86 a seguir, trago um excerto de editorial categorizado como opinativo para enfatizar o papel que os recursos interpessoais de avaliatividade e de negociação têm para articular sentidos no texto, de forma dialógica. Trata-se do editorial “A saúde numa sociedade de verdade, de autoria de Igor Sacramento, publicado em meio à epidemia de febre amarela em 2008 (Reciisv12n1). O editor parte de um texto publicado na própria edição para defender que vivemos numa disputa pelo próprio poder do discurso na saúde e que os processos de comunicação e informação são centrais nessa dinâmica.

Exemplo 86: Reciisv12n1 (2018), excerto

[1] Esta edição da Reciis conta com uma nota de conjuntura sobre *fake news* no contexto da epidemia de febre amarela, escrita por Cláudio Maierovitch Pessanha Henriques (Fiocruz/Brasília). Trata-se de um tema de extrema importância para a saúde pública brasileira num momento em que, embora as mortes em decorrência da doença venham aumentando, a cobertura vacinal está longe do esperado pelo Ministério da Saúde. Uma das principais causas, segundo o pesquisador, é a desinformação.

[2] A edição traz outros artigos: um antepõe a noção de valor-notícia à de valor-saúde, que, diferentemente daquela, constrói a hierarquização para as notícias de saúde a partir da análise de políticas de saúde e de dados de morbimortalidade; um sobre a repercussão do Programa Mais Médicos na cobertura da revista *Isto É* entre maio de 2013 e maio de 2014; um sobre a construção de um imaginário sobre os médicos e a medicina a partir da análise de séries de TV norte-americanas; um

sobre o uso de aplicativos móveis no mapeamento terminológico sobre a radiologia obstétrica. Entre todos esses textos, destaque neste editorial o tema da nota de conjuntura para refletir sobre a centralidade dos processos de comunicação e informação na configuração social contemporânea.

[3] Michel Foucault afirmou que a verdade é deste e não de outro mundo. O que ele destaca com essa afirmação é que a verdade está intrinsecamente relacionada às articulações entre poder e saber numa dada sociedade. Para Foucault¹, “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro”.

[...]

[13] [...] Do ponto de vista da comunicação, as instituições que compõem a saúde pública no Brasil devem estar preparadas para uma atuação cada vez mais próxima nas redes sociais *on-line*, assim como buscar cada vez mais atuações locais para promover informação e educação, estando dispostas ao diálogo e abrindo-se ao contraditório. Isso acaba com os boatos? Não. Mas torna as instituições mais democráticas, e os usuários do Sistema Único de Saúde com outras possibilidades de informação e formação.

[...]

Nos parágrafos introdutórios (1º e 2º), recursos interpessoais de avaliatividade, em especial de engajamento e de apreciação, apresentam o tema e o tom do texto. O fato motivador da discussão no editorial é *fake news* diante de um problema de saúde pública, que é um tema avaliado pelo editor como de “extrema importância”. O sintagma destacado é um comentário avaliativo de apreciação. Dois fatos se contrapõem aqui: o aumento de mortes por febre amarela e a baixa cobertura vacinal. O editor antecipa a contra-argumentação para tanto, como vemos na oração concessiva “embora as mortes em decorrência da doença venham aumentando, a cobertura vacinal está longe do esperado pelo Ministério da Saúde”, e procura discutir as explicações para isso. Nessa busca de entendimento, traz diversos pontos de vista para a discussão, como vemos com os recursos linguísticos típicos do engajamento. O sintagma “segundo o autor”, no primeiro parágrafo, é um deles, além da apreciação com o adjetivo “principal” em “uma das principais causas, segundo o pesquisador, é a desinformação”. Logo, o editor prepara o leitor para a possibilidade de haver outras causas e fatores a serem considerados.

Do terceiro parágrafo em diante (são 17 no texto), entrelaça, em seu discurso, as dez fontes listadas em Referências e defende sua proposição. Logo no 3º parágrafo, o verbo *dicendi* “afirmar” e a inclusão de citação direta são exemplos de recursos de engajamento (projeção): “Michel Foucault afirmou que...”; “Para Foucault, ‘cada sociedade...”. No 13º parágrafo, há a expressão anguladora “do ponto de vista da comunicação”, que mostra, de maneira cuidadosa e favorecedora da heteroglossia, a maneira como o editor dessa revista de comunicação e informação em saúde, engaja-se no debate para afirmar qual deve ser a

atuação das instituições. Nessa afirmativa, emprega a modalidade deôntica (verbo modal dever + estar): “as instituições que compõem a saúde pública no Brasil devem estar preparadas para uma atuação cada vez mais próxima nas redes sociais *online*, assim como buscar cada vez mais atuações locais para promover informação e educação, estando dispostas ao diálogo e abrindo-se ao contraditório”.

Quanto aos recursos interpessoais do sistema de negociação, comentarei dois de grande importância para o texto. Há, logo no 2º parágrafo, o uso de primeira pessoa do singular no verbo “destacar” no período que explicita o propósito comunicativo do editor: “Entre todos esses textos, destaco neste editorial o tema da nota de conjuntura para refletir sobre a centralidade dos processos de comunicação e informação na configuração social contemporânea”. No 13º parágrafo, há inclusão de uma pergunta retórica cuja resposta é explicitada no texto. “Isso acaba com os boatos? Não”. É interessante observar que, mais do que simular uma interação de conversa e construir proximidade com o leitor, essa estrutura busca maior adesão do leitor ao ponto de vista do editor expresso nos períodos que a circundam. Ela lança luz sobre o ponto defendido pelo editor: a ação das instituições públicas deve ser aberta ao diálogo e ao contraditório, de modo a ser mais democrática e a oferecer possibilidades de informação para as pessoas, disputando espaços com a circulação de *fake news*. A resposta direta, em tom categórico e sem contemporizações – “não” – acaba por reforçar que a atuação defendida é necessária, ainda que não seja suficiente.

Para explicitar a correlação entre recursos de avaliatividade e negociação na íntegra de um editorial, analiso a seguir um exemplar de editorial opinativo.

Exemplo 87: CSPv23n6 (2007)

EDITORIAL

Revisão, revisão sistemática e ensaio em saúde pública

[1] *Cadernos de Saúde Pública* incorporaram, recentemente, pela primeira vez na história da revista, a designação específica de um editor-associado para a apreciação e manejo dos artigos de revisão e ensaios.

[2] O embate entre revisões “tradicionais” *versus* revisões sistemáticas ocupa o centro de um instigante debate nos dias que correm. Dois artigos de revisão (de revisões) bastante recentes (*Annu Rev Public Health* 2006; 27:81-102 e *BMC Med Res Methodol* 2006; 6:35) questionam as supostas vantagens inequívocas das revisões sistemáticas sobre as revisões tradicionais, em termos, basicamente, de: não, necessariamente terem as primeiras o rigor que pretendiam ter, quase como um atributo intrínseco ao próprio processo de revisão sistemática; perderem as revisões sistemáticas, em muitas ocasiões, a mirada crítica, e, finalmente, não lidarem adequadamente com o hiato entre evidências e sua tradução em políticas públicas.

[3] As críticas soam pertinentes, mas me parecem, decorrentes de uma convivência incômoda entre revisão, revisão sistemática e ensaio em saúde pública, como se a inegável ascensão da revisão

sistemática, em anos recentes, especialmente, no campo da epidemiologia, tivesse de se fazer, necessariamente, às expensas das revisões tradicionais e dos ensaios.

[4] Tal conflito é, do meu ponto de vista, artificial. Os equívocos partiriam de leituras históricas e visões conceituais simplistas, como na suposta seqüência linear entre a aplicação de métodos estatísticos à saúde pública, a emergência da epidemiologia clínica e da medicina baseada em evidências, e sua tradução em uma, posterior, visão de que as políticas públicas devam, igualmente, se basear, estritamente, em evidências. Como mostra obra recente (*Dicing with Death: Chance, Risk and Health*), a seqüência dos fatos históricos não é bem esta. O estatístico inglês Cochrane (homenageado pela base de revisões sistemáticas homônima) foi convocado, inicialmente, a aplicar métodos de análise estatística à avaliação do sistema de saúde inglês, visando reduzir desperdícios e aumentar a efetividade e resolutividade do mesmo. Portanto, a base homônima nasce, sem dúvida, a partir da sistematização inicial de estudos randomizados, e tem nos estudos observacionais evidências tidas como de segunda ordem, servindo de base empírica à medicina baseada em evidências. No entanto, os métodos e técnicas desenvolvidos por Cochrane e seu grupo originário não são tributários da emergência da epidemiologia clínica, que tem lugar décadas mais tarde, e dialogam de forma muito próxima com a operação cotidiana do sistema de saúde inglês.

[5] O ensaio em saúde pública soa para alguns dos pesquisadores de orientação quantitavista como “o patinho feio” das revisões. Haveria aí, a meu ver, outro equívoco, de natureza conceitual. A epidemiologia tem muito a ganhar com o estímulo às revisões sistemáticas, mas muito que se empobrecer caso abra mão das revisões críticas e ensaios. A título de exemplo, cito o ensaio seminal de Stephen J. Gould, na interface entre saúde pública, estatística e psicologia (*The Mismeasure of Man*). Poucos atentam para o fato de que, em paralelo ao ensaio propriamente dito, Gould publicou um artigo de re-análise de dados empíricos por meio da análise fatorial, na revista *Science* (1978; 200:503-9). Portanto, não há nada de estranho ou ruim na conjunção entre ensaio e aplicação de métodos quantitativos.

[6] Enfim, há lugar ao sol para as diferentes vertentes de revisão de achados e conceitos. Que venham novas revisões, revisões sistemáticas e ensaios, desde que pautadas na qualidade e legibilidade. Serão, os três, muito bem-vindos!

Francisco Bastos

Nesse editorial, o editor se posiciona a respeito do debate corrente na comunidade científica em 2007 sobre a validade de três formatos de comunicação da pesquisa: as revisões, as revisões sistemáticas e os ensaios. O posicionamento do periódico é apresentado por meio da fala do editor recém-designado a avaliá-los, o próprio autor deste editorial.

Em relação ao primeiro subsistema da avaliatividade, a atitude, há nesse texto realizações de afeto, julgamento e apreciação. No fechamento do editorial, o adjetivo “bem-vindo” é um comentário avaliativo sobre a resposta emotiva do enunciador, uma expressão de afeto (satisfação, felicidade): “Serão, os três, muito bem-vindos!”. As escolhas linguísticas que revelam afeto estão a serviço de uma construção de relação mais próxima e de compartilhamento de valores e atitudes diante de fatos.

O recurso da apreciação nesse editorial é dirigido aos tipos de pesquisa discutidos: o debate sobre elas e as obras de fundamentação. Ele está expresso, em geral, por adjetivos, por exemplo, em “instigante debate”, “artigos bastante recentes” (no 1º parágrafo); “críticas pertinentes” e “convivência incômoda”, “inegável ascensão” (no 3º parágrafo); “conflito

artificial”, “obra recente” e “ensaio seminal” (no 4º parágrafo); “nada de ruim ou estranho na conjunção entre ensaio e aplicação de métodos quantitativos”.

Há apenas um exemplo de julgamento, expresso com o adjetivo “homenageado”, na menção à pessoa que nomeia uma base de dados: “o estatístico inglês Cochrane (homenageado pela base de revisões sistemática homônima)” (4º parágrafo). Homenagens são indícios de estima social.

Quanto ao subsistema de engajamento, recursos linguísticos que favorecem tratar assuntos como algo categórico e indiscutível ou como algo aberto à discussão, à ponderação, constroem a dinâmica do texto. Para isso, são especialmente relevantes os recursos de modalidade, por exemplo, nos próprios modos e tempos verbais de frases declarativas, tanto afirmativas quanto negativas. A mudança de procedimento do periódico é apresentada com verbo no pretérito perfeito, é um fato consumado: “*Cadernos de Saúde Pública* incorporaram, recentemente, pela primeira vez na história da revista, a designação específica de um editor-associado...”. É também um fato posto a existência do debate sobre os tipos de revisão, apresentado com verbo no presente do indicativo: “O embate entre revisões “tradicionais” *versus* revisões sistemáticas ocupa o centro de um instigante debate nos dias que correm” (2º parágrafo). Questões para as quais o editor indica seu posicionamento de certeza estão indicadas com verbos no indicativo: “A epidemiologia tem muito a ganhar” (5º parágrafo); “Não há nada de estranho...”; “Há um lugar ao sol para as diferentes vertentes de revisão de achados e conceitos” (6º parágrafo); “Serão, os três, muito bem-vindos” (6º parágrafo). Quanto a esses pontos, não há encorajamento à discussão. Tais ocorrências estão na fase de apresentação e de conclusão do editorial opinativo.

Os diversos recursos linguísticos que acolhem a possibilidade de outros pontos de vista estão concentrados na parte do editorial destinada à discussão, isto é, no 3º e 5º parágrafos. A modalidade, um recurso do subsistema de engajamento, é a base deles. Verbos no futuro do pretérito e no subjuntivo são usados nessa parte: “o rigor que [as revisões sistemáticas] pretenderiam ter” (2º parágrafo); “os equívocos partiriam de leituras históricas” (4º parágrafo); “como se [a inegável ascensão da revisão sistemática] tivesse de se fazer” (3º parágrafo). Os adjetivos também são recursos modais como vemos em: “as supostas vantagens inequívocas das revisões sistemáticas” (2º parágrafo), “como na suposta sequência linear entre aplicação de métodos estatísticos à saúde pública”, “tidas como” (em conjunto com oração conformativa, 4º parágrafo). Comentários balizadores de ponto de vista e de circunstância também revelam a possibilidade de interpretação diversa: “em anos recentes, especialmente, no campo da epidemiologia” (3º parágrafo), “do meu ponto de vista” (4º

parágrafo), “para alguns dos pesquisadores de orientação quantitativista”, “a meu ver”, as revisões sistemáticas perdem “em muitas ocasiões” (2º parágrafo). O ponto que o editor defende é construído cautelosamente, antecipando as críticas dos leitores e sinalizando, com frequência, que se trata de uma perspectiva a ser considerada.

No que concerne ao sistema de negociação, há uso de 1ª pessoa do singular, marcada no pronome pessoal “me” no 2º parágrafo: “As críticas são pertinentes, mas me parecem de uma convivência incômoda entre...”, e nos pronomes possessivos correspondentes no 3º e 5º parágrafos: “Tal conflito é, do meu ponto de vista, artificial”; “Haveria aí, a meu ver, outro equívoco de natureza conceitual”. Logo na primeira frase do editorial, há um exemplo de nominalização: “Cadernos de Saúde Pública incorporaram [...] um editor associado”. Por meio desses recursos, o editor marca linguisticamente sua presença no texto, negociando atitude de receptividade às revisões sistemáticas.

Outros recursos de negociação relevantes para este texto são encontrados no último parágrafo: o mais importante deles é o desejo expresso na frase com o subjuntivo “que venham novas revisões, revisões sistemáticas e ensaios”, como um convite aos autores para submeterem os três tipos de trabalhos à revista *Cadernos de Saúde Pública*, seguido da frase exclamativa “Serão, os três, muito bem-vindos!”, com um comentário da região do afeto, de receptividade às pesquisas.

Nesse exemplar, o editor utiliza os recursos linguísticos para envolver o leitor da maneira que deseja e cumpre seu papel de compartilhar com a comunidade a discussão, posicionar-se a respeito de algo como pesquisador experiente e guiar o público, convidando-o à reflexão e envolvendo-o na revista como leitores e autores. É papel do editor, segundo Trzesniak (2009), atuar como ponte na comunicação científica e indutor de debates entre os pesquisadores, de forma ética e fundamentada. O editor aqui abre espaço para o contraditório e se posiciona indicando em que direção a área deve prosseguir, ou, pelo menos, definindo em qual direção o periódico irá. Os sistemas semântico-discursivos de avaliatividade e de negociação colaboram no texto para a negociação de valores partilhados dentro de uma comunidade e para a construção de relação de solidariedade.

Em alguns editoriais, o emprego de 1ª pessoa do discurso como um recurso linguístico de negociação assume um papel diferenciado na construção de solidariedade, ao trazer elementos da vida privada para o texto. Um desses exemplos é o editorial de CSP, publicado na edição de março de 2018, assinado pelas editoras Marília Sá Carvalho, Cláudia Medina Coeli e Luciana Dias de Lima, com o título “Mulheres no mundo da ciência e da publicação científica”, possivelmente motivado pela Dia Internacional da Mulher em 8/3 (CSPv34n3).

Nele, as editoras defendem mais visibilidade das mulheres no mundo da ciência e da publicação científica, além de mais posições de destaque para as mulheres. Manifestam a intenção de a revista aumentar a participação feminina, visto que reconhecem que a participação de mulheres no corpo editorial de CSP é insuficiente, comparada à realidade da área de Saúde Coletiva. No parágrafo de conclusão, escrevem:

Exemplo 88: Somos três editoras-chefe mulheres, todas tivemos filhos e sabemos perfeitamente o esforço que foi necessário para chegar aqui. (CSPv34n3, 2018)

A vida privada entra no editorial como reforço ao argumento das editoras-chefe desse periódico que, ao longo do texto, já haviam trazido dados de diversas pesquisas sobre desigualdade de gênero na ciência, publicadas em revistas internacionais. Em termos de recursos semânticos interpessoais, engajamento e negociação são bem evidentes aqui. Trata-se de uma declaração afirmativa, com verbos no presente do indicativo (“somos” e “sabemos”) e no pretérito perfeito (“foi”), indicando certeza sobre a declaração. Esse aspecto é ainda reforçado pelo verbo cognitivo “saber” e pelo advérbio modalizador “perfeitamente”. Com base nos dados citados e a partir da experiência das editoras, evidenciada pelo uso de primeira pessoa do plural como sujeito dos verbos (ser, ter, saber), não há dúvida sobre o esforço que mulheres precisam empreender para ocupar as posições de destaque que ocupam, enunciado ao qual as editoras-chefe aderem integralmente, num editorial de revista voltada para um público igualmente de pesquisadoras, majoritariamente feminino, segundo está indicado no texto. O uso de 1ª pessoa é central para as relações de solidariedade que estão sendo construídas no texto e lhe acrescentam grande força argumentativa.

Outro exemplo é um editorial de HCSM, datado de 2009, em meio à ameaça da gripe suína, escrito por Jaime Benchimol (HCSMv16n2). Nele o editor defende que é preciso conhecer o passado para tomar decisões bem fundamentadas no presente. Ao longo do editorial, escrito em primeira pessoa do singular e no qual há inclusão de uma narrativa pessoal, o editor vai assumindo diversas posições – de pesquisador, cidadão, pai, historiador e editor – e, como editor, faz recomendações de leitura na segunda parte do texto. O uso de 1ª pessoa está evidenciado nas desinências verbais e nos pronomes pessoais e possessivos em “compreendo”, “respeito”, “admiro”, “vivemos”, “nos vemos”, “minha filha”, entre outros exemplos, como está sublinhado no excerto apresentado a seguir (exemplo 89). Isso se revela uma estratégia hábil de construir solidariedade com o leitor e também de convencê-lo a conhecer experiências anteriores, publicadas em outras edições do periódico científico, de modo a agir de forma fundamentada no presente.

Exemplo 89: HCSMv16n2 (2018), excerto

[...] Compreendo, por dever de ofício, e respeito, como cidadão, a decisão do Estado, em nome do bem coletivo: evitar que o uso indiscriminado do remédio, num país onde a automedicação é a regra, precipite mutações no vírus, que, de resto, são inevitáveis, fazem parte da natureza desses seres quase no limiar da vida, tão hábeis em mudar para adaptar-se a novos hospedeiros. Mas na iminência do sufoco, sou governado (também) por outra lógica, tão legítima quanto esta: a sobrevivência dos que me são caros. Levanto da mesa, numa instituição pública diretamente engajada no esforço de preparação para a 'guerra' que se avizinha, uma instituição que admiro do fundo do coração, levanto da mesa onde leio, com a maior objetividade possível, análises históricas sobre aquele outro evento cuja repetição os especialistas há tanto tempo vaticinam, pego no telefone e ligo para a médica de minha filha: “Doutora, o que devo fazer para estar preparado, o que devo ter em casa?” E ela, que trabalha em hospital público, me diz: “Não sei, não sabemos ainda; vai haver uma reunião assim, e outra assado, e quando souber te aviso...”.

[...] De qualquer forma, falo sobre essas impressões porque vivemos uma conjuntura que nos obriga a passar de espectadores a atores. As ações coletivas e individuais, em tempos passados de crise, ganham sentido em ‘molduras’ que os historiadores decifram retrospectivamente. Pois na iminência de nos vermos agora dentro do quadro, engolfados por acontecimentos que pouco controlamos – e eu me dirijo a você, leitor, átomo como eu –, é essencial conhecer as experiências de quem nos precedeu para agir com razão e discernimento.

[...] Considero útil relembrar e recomendo a leitura do *que História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, já publicado a respeito, a exemplo do dossiê sobre a gripe espanhola publicado no número 1 do volume 12 (jan./abr.2005)

[...]

É preciso ressaltar aqui o ponto máximo de construção dessa solidariedade no texto: “– e eu me dirijo a você, leitor, átomo como eu –”, em que a igualdade dos interlocutores é colocada no nível mais básico de condição da própria existência. Os recursos linguísticos do sistema de negociação desempenham papel fundamental e marcam uma virada discursiva no texto, a partir da qual o editor cumpre certas expectativas dos leitores sobre esse gênero apresentação/recomendação de textos publicados pela revista.

O sistema de negociação, de acordo com Martin e Rose (2007), oferece recursos para alternância de turnos, perguntas, saudações, chamamentos, ofertas, comandos. Mesmo numa interação via escrita, a presença e a participação do interlocutor ficam sugeridas, como procurei evidenciar por meio das microcategorias 12 e 13 tratadas quantitativamente: 1ª pessoa do discurso e direcionamento ao leitor. Com o propósito de evidenciar outros recursos de negociação, coletados na categoria 14, vale comentar ainda alguns exemplos de frases não declarativas, bem como os comandos nos editoriais.

As perguntas envolvem o leitor, procurando simular uma situação interativa face a face. Elas ajudam a despertar o interesse dos leitores, como vemos nos exemplos a seguir 90, 91, 92, e a reforçar/explicitar o ponto do editor, como nos exemplos 93 e 94. Sua presença é mais comum em editoriais opinativos e de funcionamento da revista.

Exemplo 90: Mas quão frequente é o plágio? Para melhor dimensionar a extensão do problema em seu país, pesquisadores noruegueses realizaram um inquérito sobre má-conduta em pesquisa biomédica. [...] O plágio está assumindo níveis tão alarmantes que [...]. (CSPv12n4, 1996, opinião)

Exemplo 91: E por que caem as coberturas vacinais, estratégia tão bem-sucedida no controle de inúmeras doenças? Vítimas do próprio sucesso?⁹. (CSPv35n8, 2019, opinião)

Exemplo 92: O que dizer então de um periódico interdisciplinar? [...] Como decidir sobre os textos que devem ser aceitos, quando se é disciplinar e se conhece a fundo somente uma das áreas de especialidade da revista? Como estabelecer limites? Como orientar o conteúdo que virá a ser reconhecido como interdisciplinar? A quem designar o papel de parecerista, que muitas vezes também é disciplinar? Estas são algumas das questões vivenciadas neste lugar de editor. Além disso, como profissional da informação, especializado em comunicação na ciência, nosso principal objeto de pesquisa é exatamente o periódico científico. Que nova feição um periódico científico deve tomar em um campo emergente, à luz das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs? (Reciisv11n3_2, 2017, funcionamento da revista)

Exemplo 93: E, daqui de Manguinhos, dialogar com pesquisadores do Brasil e de todas as partes, em torno de questões que, ao longo do tempo, são relevantes para a compreensão da realidade atual – afinal, que outra importância pode ter a história? (HCSMv1n1_2, 1994, funcionamento da revista)

Exemplo 94: Para que serve uma revista científica? Pode parecer óbvio, mas a resposta do “para que” depende do “para quem”. [...] Como editoras, é nossa responsabilidade apresentar de forma transparente a política editorial a todos os atores envolvidos na construção e uso da revista como fonte de conhecimento. (CSPv33n8, 2017, funcionamento da revista)

As perguntas também aproximam editor e leitor, estreitando laços, como no exemplo 95, a seguir. Com essa função, são mais comuns em editoriais de funcionamento da revista.

Exemplo 95: Alcançamos agora o iSI Web of Knowledge e com isso passamos a fazer parte da *crème de la crème*. Bonito, não é? O mérito é sobretudo dos autores que vêm publicando em *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, assim como dos membros do Conselho Editorial e consultores *ad hoc*, que cedem seu precioso tempo para elaboração de pareceres editoriais. Também não teríamos chegado onde chegamos sem o importantíssimo respaldo da SciELO e sem a sua fidelidade, caríssimo leitor. (HCSMv16n1, 2009, funcionamento da revista)

Além das perguntas, outro tipo de frase não declarativa encontrado no *corpus* são as frases exortativas. Um exemplo bastante comum é o convite/desejo de boa leitura, como uma saudação encerrando o texto. A fórmula “Boa leitura!” é uma frase exclamativa comum nos exemplares e, como saudação final, é a mais comum delas. A expressão sintetiza o aspecto interpessoal do texto e a base argumentativa, de convencimento à leitura, nos exemplares examinados.

Exemplo 96: Boa leitura! (Reciisv1n2, 2007; Reciisv2n2, 2007; Reciis v3n2, 2009)

Exemplo 97: Em nome da equipe editorial, desejo a todos uma boa leitura! (Reciisv11n3_1, 2017)

Exemplo 98: Desejamos uma boa leitura! (Reciisv12n3, 2018)

Exemplo 99: Bom proveito! (HCSMv21n1, 2014)

Exemplo 100: A todos uma boa leitura e um 2018 mais auspicioso! (HCSMv24n4, 2017)

Há frases exclamativas em outras partes dos editoriais além do fechamento; há esse uso até no título, como no exemplo 101. Elas acrescentam ênfase ao enunciado e criam uma sensação de mais proximidade entre autor e leitor, simulando uma conversa com mais sincronicidade e possibilidade de resposta.

Exemplo 101: [título] Avaliação da pós-graduação no Brasil e seu impacto sobre as revistas científicas nacionais: um alerta!
[...] No caso da Saúde Coletiva, a esperança é que os responsáveis pela condução da avaliação da pós-graduação melhor ponderem sobre os impactos adversos dos novos procedimentos, quiçá revertendo-os. Subsídios para tal não faltam! (CSPv24n11, 2008, opinião)

Exemplo 102: Quanta ironia! Estamos saindo de uma 8ª Conferência Nacional de Saúde e nos confrontamos com o espectro inexorável das velhas doenças que voltam a assolar as nossas cidades. Diga-se de passagem, as nossas cidades grandes e do Centro-Sul, mesmo porque de algumas delas não se livraram nunca as regiões mais miseráveis e remotas do país. Mero acaso? Absolutamente! (CSPv2n2, 1986, opinião)

Exemplo 103: A promoção de que damos notícia nesta edição da revista é um atestado de mérito e maturidade de uma área do conhecimento que ajudamos a alavancar. Bons ventos a levem a alturas ainda maiores! – é o voto que fazemos neste ano de 2009 que começa sob auspícios tão favoráveis. (HCSMv16n2, 2009, opinião)

Exemplo 104: Aos editores, autores, pareceristas, leitores e equipe técnica da Reciis, parabéns! Que venham outras décadas e novos desafios! (Reciisv11n3_2, 2017, funcionamento da revista)

Para concluir o destaque a recursos interpessoais da linguagem, vale mencionar o comando, o modo como o editor explicita que espera alguma ação do leitor. Na esfera jornalística, editoriais opinativos de jornais e revistas de informação querem a adesão do leitor para o ponto de vista expresso no texto; nos editoriais de apresentação de revistas temáticas, o que se busca é a adesão ao consumo da revista, à sua leitura, como destaca Souza (2006). Esses dois propósitos são buscados também nos editoriais de revistas científicas. Vejamos alguns exemplos em que o editor solicita a ação dos leitores e os recursos linguísticos com que o faz.

Exemplo 105: Agora, à revista: conferir! (HCSMv3n2, 1996)

Exemplo 106: Finalizo esta carta convidando o leitor a procurar, proximamente, em www.scielo.br/hcsm, nosso endereço virtual, o debate sobre as epidemias de gripe – a de 1918-1919 e a atual –, [...] (HCSMv16n3, 2009)

Exemplo 107: Recomendo também que acessem a página e o *blog* sobre a gripe (<http://...>), editados pela Bireme/Opas/OMS. (HCSMv16n4, 2009)

Nos exemplos 105 e 106, as ações são voltadas para o consumo/leitura da própria revista e de materiais produzidos por ela, como se faz nos editoriais de revistas temáticas e em gêneros introdutórios de livros acadêmicos. No exemplo 107, o editor amplia a indicação de leitura para um material que não foi produzido pelo periódico, mas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), instituição autorizada a se pronunciar sobre questões sanitárias globais. Os comandos aos leitores estão indicados com verbos no infinitivo: conferir (exemplo 105) e procurar (exemplo 106). No exemplo 107, no subjuntivo, com o verbo acessar. O editor é o pesquisador que faz o convite, a recomendação aos leitores. Nos exemplos seguintes, a atitude requerida não é de adesão a um ato de leitura, mas à própria situação comunicativa do editorial, indicada com verbos no imperativo.

Exemplo 108: O último termo, irrecorrivelmente vernáculo, evoca um dos poucos lugares onde, no Brasil, se fez esta história das ciências da saúde, querendo chamar a atenção para o caráter verde-amarelo (deixem passar) que a revista pretende ter. (HCSMv1n1_2, 1995, funcionamento da revista)

Exemplo 109: Saudemos a nova editora executiva da revista Roberta Cardoso Cerqueira, prata muito querida da casa, [...] (HCSMv16n3, 2009, funcionamento da revista)

No exemplo 108, o comentário parentético “deixem passar” é uma espécie de licença que o editor pede aos leitores, em referência à expressão “caráter verde-amarelo”. O editorial foi publicado em 1995; as cores-símbolos que pertencem à nação brasileira, ainda estavam muito fortemente marcadas em sua apropriação por um Estado autoritário durante a ditadura militar. No exemplo 109, o editor inclui os leitores na atitude de boas-vindas a novo membro da equipe editorial, o que reforça os elos entre a comunidade. O verbo saudar está usado na 1ª pessoa do plural, no imperativo.

Nos exemplos seguintes, a ação solicitada pelos editores envolve atitude ou defesa de uma ideia para além da situação comunicativa do editorial.

Exemplo 110: [título] “Sejamos abertos sempre!” (Reciisv11n4_2, 2017, opinião)

Exemplo 111: Ao pretendermos aumentar a participação feminina na ciência, precisamos dar visibilidade e posição destacada às mulheres. Essa é uma das melhores formas de atrair jovens para a carreira científica, contribuindo para um mundo mais justo, inclusivo e igualitário. Abracemos a diversidade de gênero!” (CSPv34n3, 2018, opinião)

Exemplo 112: “Pedimos aos nossos leitores e colaboradores que fiquem atentos, que defendam a identidade e os fóruns diversificados da nossa revista, e nos ajudem a resistir a essas más intenções.” (HCSMv26n4, 2019, opinião)

Exemplo 113: O fascismo, de definição ampla e heterogênea, mas de percepção bastante clara quando diante de nossas faces, avança a passos largos. Mantenhamo-nos atentos, na

esperança de que, no próximo ano, a sociedade brasileira possa manifestar nas urnas suas aspirações em eleições plenamente democráticas. (HCSMv24n4, 2017, funcionamento da revista)

Nos exemplos 110 e 111, os editores estão defendendo, respectivamente, o acesso aberto e a igualdade de gênero na ciência. Usam formas verbais no imperativo, o que poderia indicar um tom autoritário, porém incluem-se no grupo ao utilizar a 1ª pessoa do plural. Isso torna a ação solicitada mais um convite a aderir à ideia do que uma exigência. No exemplo 112, há um pedido aos leitores, expresso com o verbo pedir no indicativo (1ª pessoa do plural) + verbos ficar e ajudar no subjuntivo (3ª pessoa do plural): “que fiquem atentos” e “nos ajudem”, em um editorial de opinião, no qual se criticam o modo pelo qual um novo modelo de Qualis Periódicos foi concebido e anunciado pela Capes, em 2019, e suas consequências para as revistas brasileiras. No exemplo 113, igualmente, os editores estão incluídos na ação solicitada de vigilância (verbo manter, na 1ª pessoa do plural, usado no imperativo). Formam, assim, um grupo com os leitores.

4.2 Tendências nos editoriais em periódicos científicos do *corpus* e comparação com editoriais na esfera jornalística

Tendo observado sistematicamente as categorias selecionadas no *corpus*, e com base nos estudos de gênero apresentados aqui, organizo no Quadro 11 as características evidenciadas.

Quadro 11 - Características dos editoriais constatadas no *corpus*

CARACTERÍSTICA GERAL	MICROCATEGORIA A QUE SE RELACIONA	CONSTATAÇÃO (continua)
1 Título da seção	1b Autodesignação	70% editorial 28% carta do editor
2 Título do texto	2b Título específico do texto	69% sim; com tendência de crescimento
3 Aspectos gráficos	3a Média de palavras	1.100 palavras
	3b Média de páginas	2 a 3 páginas do projeto editorial
	3c Quantidade de colunas	1
	3d Uso de cores	75% não
	3e Uso de imagens	69% não
4 Subseção	4b Entretítulo	Raro
	4c Referências	88% sim; com tendência de aumento na frequência
	4d Notas	62% sim Atualmente, todos
5 Citação direta	5a Citações diretas	65% não <i>versus</i> 35% sim; com tendência de crescimento para sim
6 Saudação	6a Saudações	74% não <i>versus</i> 26% sim
	6b Local	Fecho
7 Assinatura	7a Assinatura	98% sim
	7b Local	52% no fim <i>versus</i> 48% no início
	7c Número de autores	66% com autoria única
	7e Membro do corpo editorial	90% sim
8 Relação com a edição	Relação com a edição	62% não
9 Linearidade temática	Linearidade temática	85% sim
10 Tema	10b Grandes áreas temáticas	1º lugar: periodismo científico; 2º lugar: áreas específicas das revistas
11 Propósito comunicativo	Opinião	40%
	Funcionamento da revista	33%
	Apresentação	25%
	Informação sobre evento	2%
12 Uso de 1ª pessoa do discurso	Uso de 1ª. pessoa do discurso	84% sim
13 Direcionamento ao leitor	Direcionamento ao leitor	54% sim
14 Traços estilísticos	Tom da linguagem	Variável Recursos de atitude: apreciação > julgamento Recursos de engajamento: diversos, heteroglóssicos Recursos de negociação: diversos, uso de 1ª pessoa

Fonte: A autora, 2021.

Estas são as características gerais constatadas no *corpus* das três revistas examinadas – CSP, HCSM e Reciiis, nos períodos selecionados, que cobrem de 1985 a 2019. Os textos de abertura são nomeados, em dois periódicos, como editoriais e, em um deles, como carta do editor. Há no *corpus*, nos últimos anos, a adoção de título do texto diferente do título da seção.

Quanto aos aspectos gráficos, os editoriais são textos curtos, em média, com duas a três páginas do projeto editorial do periódico. Há neutralidade gráfica: não é comum o uso de cores ou de imagens. Sobre a existência de subseções, é raro haver entretítulos e há, nos últimos anos, a inclusão de uma seção de referências e uma de notas para apresentar o vínculo institucional dos autores, em consonância com os padrões indicados pela SciELO para a comunicação científica.

Há também citações diretas, recurso com tendência a crescimento nos últimos anos, o que acaba por favorecer a inclusão de referências de forma organizada em uma subseção específica. Não é usual que haja uma saudação ao leitor e, quando isso ocorre, é mais comum que seja no final.

Os editoriais são praticamente todos assinados (98%) por uma pessoa física; 90% das vezes, quem assina é um pesquisador que integra o corpo editorial da revista e, geralmente, a autoria é única. No *corpus* analisado, a assinatura se apresenta de forma equilibrada entre início e final do texto. No entanto, ao longo do tempo, passa a haver tendência para destaque da autoria no início.

A relação do editorial com a edição da revista não é uma característica predominante; já a linearidade temática, sim. Entre os temas mais frequentes estão o periodismo científico e as questões específicas das áreas das revistas. Os propósitos comunicativos mais ocorrentes são opinião, funcionamento da revista, apresentação e informação sobre evento.

O uso de 1ª pessoa é prevalente, como forma de se colocar em diálogo com o outro. Quanto aos recursos de avaliatividade, no subsistema de atitude, a apreciação é mais comum do que o julgamento, visto que os comentários avaliativos tendem a ser sobre ideias e obras, e não sobre pessoas. Os recursos do subsistema de engajamento abrem espaço para negociação de significado; não vedam a possibilidade de haver outros pontos de vista. Atitudes e alinhamentos são negociados, trazendo diversas vozes para o texto, em tom respeitoso e fundamentado de debate de ideias e de construção de consensos. Recursos linguísticos de direcionamento ao leitor ocorrem em 54% dos textos.

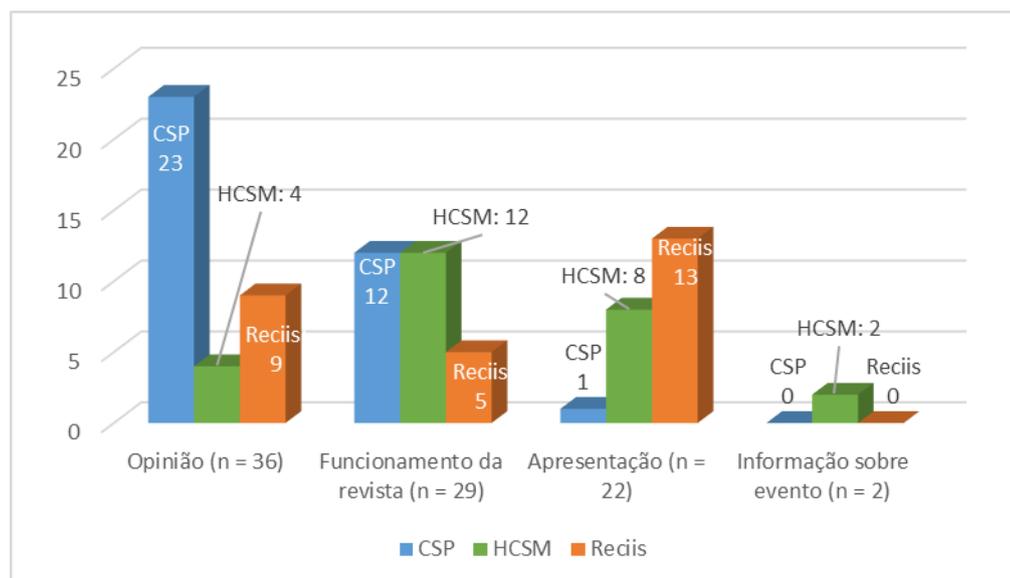
Conforme a concepção teórica adotada aqui, as dimensões de prática social, de prática discursiva e de texto são entrelaçadas e são dinâmicas. Mudanças na prática discursiva levam

a mudanças na dimensão textual, da mesma forma que são geradas por mudanças nas práticas sociais. Há uma via de mão dupla entre essas três dimensões do discurso: texto, prática discursiva e prática social. O gênero editorial é permeável a todas essas mudanças. De acordo com o que defende Miller (2015, p. 55), gêneros são

Formas particularmente úteis de se pensar sobre a mudança cultural através do tempo: porque são veículos de reprodução cultural, eles nos fazem olhar para a produção e a recepção, para propósitos particulares (e como esses se tornam reconhecíveis para outros dentro de um sistema de limitações múltiplas) e funções sistêmicas.

Ainda que não seja o objetivo da tese comparar as três revistas, vale estabelecer algumas dessas relações, pelo fato de evidenciarem a inscrição dos editoriais na prática social e também pelo fato de as revistas serem tomadas como representantes de um todo. Isso permite revelar um *continuum* de como podem ser os editoriais na esfera científica em relação aos editoriais na esfera jornalística. O propósito comunicativo é o ponto de partida dessa comparação para visualizarmos algumas tendências. Em cada uma das revistas, há um propósito comunicativo dominante, que está relacionado aos recursos linguísticos escolhidos pelo editor para realizá-lo, no nível do estilo, e às escolhas temáticas inscritas nas práticas sociais, conforme será apresentado no Gráfico 24, em números absolutos.

Gráfico 24 - Propósito comunicativo por periódico

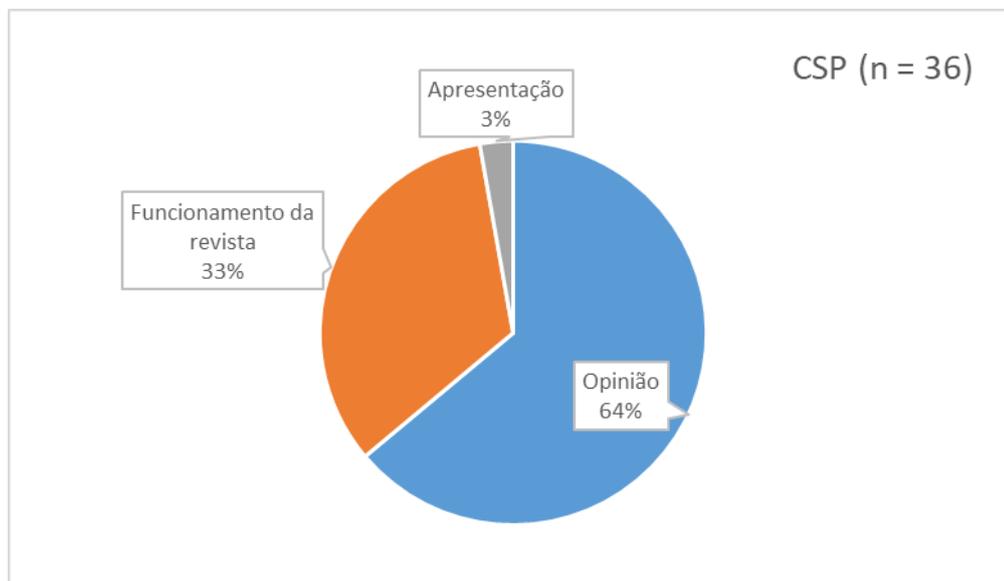


Fonte: A autora, 2021.

O Gráfico 24 traz o número de ocorrências de propósito comunicativo em cada revista, segundo o maior número encontrado no geral do *corpus*: opinião (36 exemplares),

funcionamento da revista (29), apresentação (22) e informação sobre evento (2). Esse último ocorre apenas em HCSM. Os três gráficos seguintes são por distribuição percentual, no universo de cada revista.

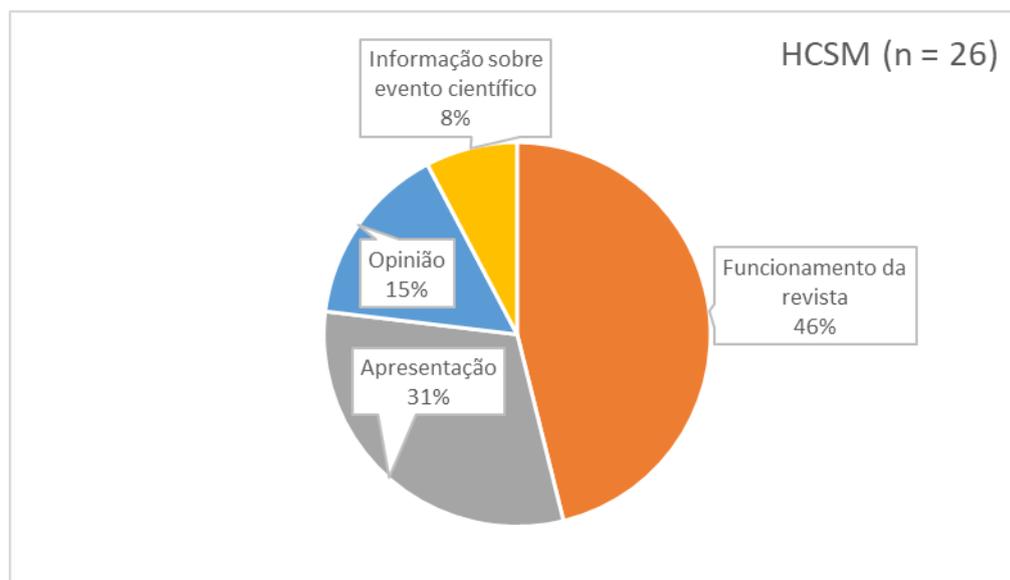
Gráfico 25 - Propósitos comunicativos em CSP



Fonte: A autora, 2021.

De acordo com o que é representado no Gráfico 25, a maior parte dos 36 editoriais de CSP é de opinião, com 64%, seguida por funcionamento da revista, com 33%, e apresentação, com 3%. A predominância dos editoriais opinativos em CSP corrobora os dados encontrados por Sabaj e González (2013) nas revistas da área de ciências da saúde e os aproxima dos editoriais de jornal, inclusive em outras características, tais como mais linearidade temática (categoria 11, analisada em 4.1.2), mais neutralidade gráfica (categoria 3, analisada em 4.1.1) e menos uso de 1ª pessoa do discurso (categoria 12, analisada em 4.1.3).

Gráfico 26 - Propósitos comunicativos em HCSM



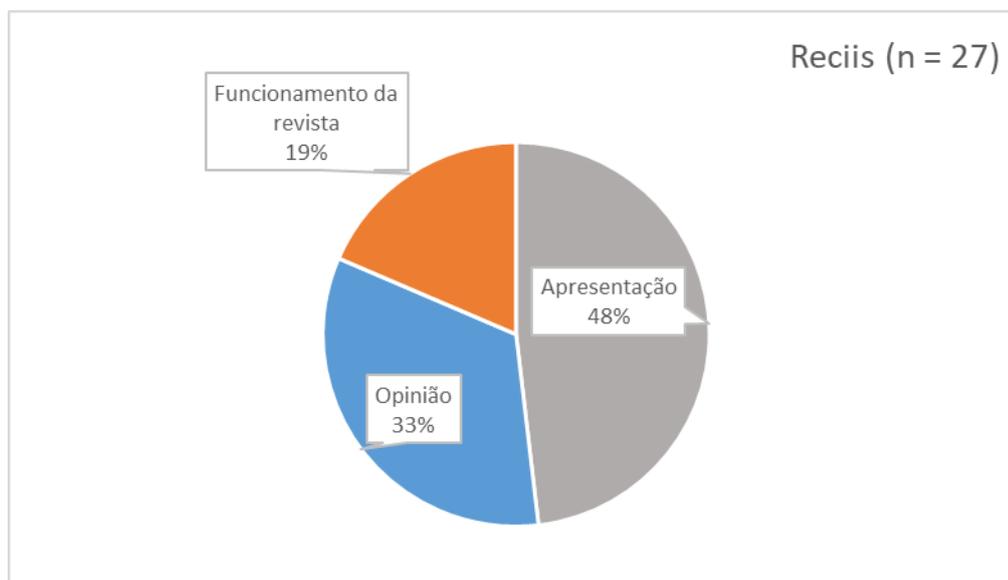
Fonte: A autora, 2021.

Já em HCSM, quase metade dos 26 editoriais é de funcionamento da revista: 46%, como representado no Gráfico 26. Nesse periódico, foi encontrada a maior variedade de propósitos comunicativos – são quatro: funcionamento da revista (46%), apresentação (31%), opinião (15%) e informação sobre evento científico (8%). Nas revistas de humanidades analisadas por Sabaj e González (2013), a primeira e a quarta posição se alternam: informação sobre evento foi o mais encontrado e funcionamento da revista, o menos encontrado; houve coincidência apenas quanto a apresentação ser mais ocorrente que opinião. No *corpus* desta tese, a predominância dos editoriais de funcionamento da revista, os que regulam a interação do periódico com seus usuários, dialoga com outras características dos editoriais de HCSM, a começar pela autonegação, categoria 1 (4.1.1): não podemos nos esquecer de que, nesse periódico, o editorial é autodesignado: carta do editor. Há também menos linearidade temática, como foi analisado na categoria 11 (4.1.2), e há grande utilização de recursos interpessoais de negociação, como vimos nas categorias 12 a 14 (4.1.3). Esses editoriais mantêm muito da tradição epistolar, se aproximam das revistas temáticas e se inserem nas revistas científicas de humanidades.

A título de exemplo, seleciono aqui como uma questão foi tratada no contato com os leitores ao longo de três edições de HCSM. No início de 2008, o editor anuncia suas intenções a respeito de uma inovação na comunicação científica, o *ahead of print*. “Seguindo o exemplo de alguns periódicos de ponta da área biomédica, que adotam o chamado *ahead of print*, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, talvez passe a divulgar antecipadamente artigos

aprovados” (HCSMv15n1, 2008). No ano seguinte, ele compartilha com o leitor os avanços desse plano:⁶³ “Finalizo esta carta convidando o leitor a procurar, proximamente, em www.scielo.br/hcsm nosso endereço virtual, o debate... [...] O debate será publicado na próxima edição da revista (HCSMv16n3, 2009), mas estará ‘no ar’ mais cedo, na página da Scielo – nossa primeira experiência com o chamado *preprint*”. Na edição seguinte, fim do mesmo ano, comenta: “O debate foi nossa primeira experiência de *preprint* no portal SciELO, e sai agora na revista em papel, com versão em inglês na edição eletrônica” (HCSMv16n4, 2009). Por meio dos editoriais, o editor de HCSM se relaciona com o público-alvo da revista, mantendo os leitores atualizados sobre planos e conquistas do periódico e isso é claramente explicitado, como no exemplo a seguir: “A principal notícia que este editor tem a comunicar a leitores e colaboradores é a promoção de *História, Ciências, Saúde — Manguinhos* de A Nacional para A Internacional na área de História, no âmbito do Qualis” (HCSMv14n3, 2007).

Gráfico 27 - Propósitos comunicativos na Reciiis



Fonte: A autora, 2021.

Quanto à Reciiis, quase metade dos 27 editoriais do *corpus* é de apresentação: 48%, como é ilustrado no Gráfico 27. Os editoriais opinativos ocupam a segunda posição com 33% e os de funcionamento da revista, a terceira com 19%. Comparados com os resultados da área

⁶³ À época, havia ainda certa instabilidade terminológica: no volume 16, a designação foi *ahead of print* (texto já aprovado com avaliação de pareceristas e editores, cuja publicação é antecipada) em vez de *preprint* (texto disponibilizado para leitura antes de avaliação por pares).

de ciências sociais de Sabaj e González (2013), a ordem de frequência é a mesma. Os editoriais desse periódico são também os mais longos e os mais variados em termos de elementos composicionais, como vimos na categoria 3 (4.1.1). Muitos deles têm proximidade com os de revistas temáticas, por exemplo, quanto ao uso de fotografia, de seção sobre o editor e de cores. Por essas características, os editoriais da Reciiis compartilham diversos aspectos com os editoriais da esfera jornalística e com os gêneros introdutórios de publicações acadêmicas, como os apresentados por Bezerra (2017). Em comparação com o estudo de Sabaj e González (2013), os editoriais da Reciiis se comportam como os dos periódicos de ciências sociais.

Além da associação de cunho mais geral com as grandes áreas (ciências da saúde, humanidades e ciências sociais) estudadas por Sabaj e González (2013), é preciso destacar a vinculação das três revistas do *corpus* às unidades em que foram criadas, ao momento de constituição de seus institutos e à sua inserção numa instituição pública de saúde. Conforme foi brevemente caracterizado no item 3.1, CSP é uma revista de saúde coletiva, nascida em 1985, em pleno ambiente de redemocratização do Brasil, quando o presidente da Fundação Oswaldo Cruz era Sergio Arouca, médico sanitário, profundo defensor, em todos os âmbitos de sua atuação (na carreira acadêmica, na gestão, na atuação política, no legislativo e no executivo), da democratização da sociedade brasileira e do acesso à saúde, entendido de maneira ampla como melhoria das condições de vida da população. O vínculo com as associações e com os movimentos populares e a necessidade de se posicionar politicamente é uma marca desse momento que pode se ver traduzida na predominância de editoriais opinativos em CSP (64%, conforme está ilustrado no Gráfico 25). Nesse mesmo contexto e na gestão de Arouca, nasceram, no ano de 1986, a Casa de Oswaldo Cruz (COC) e o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), que serão anos mais tarde responsáveis pela publicação de HCSM e da Reciiis. Tais unidades procuram concretizar o conceito ampliado de saúde no qual informação, comunicação, memória e história estão integrados, pela sua estreita relação com direitos sociais (GOMES, 2016). A expressão das diversas e coexistentes facetas da atuação em saúde da Fiocruz encontra espaço de reflexão acadêmica nos periódicos editados por suas unidades.

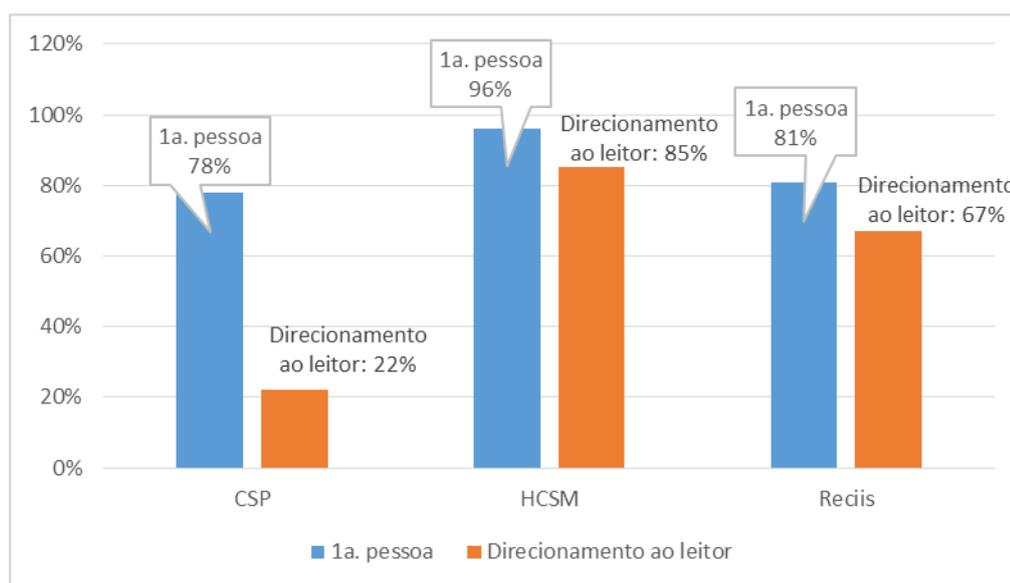
Assim, HCSM, nascida em 1995, numa instituição de saúde, começa a trilhar rumo singular na constituição de um campo: o da história das ciências da saúde. O maior número de editoriais de funcionamento da revista (46%, conforme está representado no Gráfico 26) pode estar associado à construção de uma comunidade, às ações de cativar autores e de estimulá-los a produzir artigos, num universo em que os livros eram a forma de compartilhamento mais

comum e valorizada. Não são os pesquisadores (autores, leitores, membros do corpo editorial) os únicos interlocutores dessa comunicação. Ao marcar avanços e mudanças do periódico, os editores também estão prestando contas para a instituição mantenedora, de que o investimento tem sido profícuo; também estão dialogando com os programas de pós-graduação, com as sociedades científicas, os indexadores, as agências de fomento, as agências de avaliação, atores tanto nacionais quanto internacionais, mostrando o esforço contínuo de acompanhamento do estado da arte da comunicação científica. Não à toa, classificação Qualis, desempenho de editores, fator de impacto, internacionalização, experiências bem-sucedidas na gestão do fluxo editorial e de uso de mídias sociais são temas tratados nos editoriais, como já foi analisado (4.1.2).

Na Recis, periódico em que o papel do editor tem sido mais dividido com diversos membros por períodos mais curtos, em comparação com os outros dois periódicos – conforme é listado em 3.1 –, essa rotatividade pode influenciar as características dos editoriais e as relações do editor com a comunidade científica. No *corpus*, predominam os editoriais de apresentação (48%, conforme o Gráfico 27).

Quanto às tendências relacionadas ao estilo, ao observar quantitativamente as duas categorias referentes ao subsistema de negociação nos três periódicos, visualizamos o que é apresentado no Gráfico 28.

Gráfico 28 - Categorias de negociação por revista



Fonte: A autora, 2021.

Há dois aspectos que chamam a atenção no Gráfico 28. O primeiro é o alto percentual das duas categorias do subsistema de negociação, 1ª pessoa e direcionamento ao leitor, no segundo periódico, HCSM, e o equilíbrio entre elas: 96% e 85%. Essa revista utiliza, portanto, mais recursos linguísticos do sistema interpessoal da linguagem; tende a construir uma relação mais próxima do leitor, em tom dialogal, mais próximo das cartas, tanto na sua organização composicional quanto no conteúdo temático, segundo já vimos.

O segundo ponto é a grande diferença entre essas duas categorias no primeiro periódico, CSP: 78% e 22%. O emprego de 1ª pessoa predomina, como nas demais revistas, porém há menos recursos linguísticos de direcionamento ao leitor no *corpus* analisado. Os editoriais de CSP se aproximam mais dos editoriais jornalísticos de opinião, como já foi mencionado, o que – considero – os leva a absorver algumas restrições daquele tipo de editorial. Isso quer dizer que há menos permeabilidade a recursos explícitos de diálogo direto com o leitor: 22%. No entanto, o uso de 1ª pessoa é alto, pois a assinatura do editor e o seu posicionamento explícito são elementos fundamentais para a diferenciação dos editoriais em periódicos científicos dos editoriais na esfera jornalística. Nas outras duas revistas, o uso de 1ª pessoa e o direcionamento ao leitor apresentam níveis mais próximos; são características que trabalham juntas no texto construindo uma relação mais próxima dos leitores, de mais envolvimento, simulando uma alternância de turno.

Como já foi mencionado, os traços estilísticos se associam aos propósitos comunicativos predominantes em cada periódico. Em parte da história dessas revistas, pelos menos na parte aqui analisada – e sem perder de vista que as próprias revistas, assim como os editoriais, são dinâmicas –, os editoriais de CSP se pareceram com editoriais de jornais, os da *Reciis* e os de HCSM com os de revista temática. Além disso, HCSM ainda tem forte associação com a tradição epistolar. Os três periódicos compartilham características com os editoriais das áreas da ciência a que estão vinculados.

Sendo assim, conforme proposto, sistematizo no Quadro 12, a seguir, as observações sobre semelhanças e diferenças dos editoriais em revista científica em relação aos da esfera jornalística, examinadas ao longo desta tese.

Quadro 12 - Generalizações a respeito de editoriais em suportes diversos na esfera jornalística e científica

	Editoriais de jornais	Editoriais de revistas jornalísticas/de informação	Editoriais de revistas temáticas	Editoriais de periódicos científicos (continua)
Esfera da atividade humana	jornalística	jornalística	jornalística	científica
Suporte	jornal	revista	revista	periódico científico
Localização	início	início	início	início
Autodenominação	editorial	em geral, editorial. Com variações: carta do editor, carta ao leitor	tende a ser variada: editorial, carta do editor, da redação	tende a ser editorial; também carta do editor
Título específico	sempre	sempre	quase sempre	tende a haver
Assinatura	sem assinatura	sem assinatura	com assinatura, com frequência. Identificada como equipe editorial ou cargo na equipe, às vezes nominalmente	com assinatura. identificada pelo nome do editor
Autoria	editorialista	editorialista	editorialista/equipe	editor
Público	público genérico	público genérico	público específico por área de interesse ou idade	público específico de uma área acadêmica
Natureza	em geral, argumentativa	em geral, argumentativa	variada	variada
Tema	em geral, política, economia, administração. Do momento	em geral, política, economia, administração. Do momento	de interesse do público específico	em geral, temas da área da revista e do periodismo científico
Propósito comunicativo	expressar uma opinião	expressar uma opinião	em geral, apresentar a edição de modo a convencer o leitor a consumir a revista	variados: expressar uma opinião, explicitar funcionamento da revista, apresentar a edição
	Editoriais de jornais	Editoriais de revistas jornalísticas/de informação	Editoriais de revistas temáticas	Editoriais de periódicos científicos (conclusão)
Frequência de publicação	sempre	sempre	sempre	sempre
Emprego de 1ª pessoa do discurso	não. Tende ao apagamento	não. Tende ao apagamento	comum	comum. Tende a ser usada
Traços estilísticos	em geral, impessoal. Tende a se relacionar com leitor de modo distanciado	em geral, impessoal. Tende a se relacionar com leitor de modo distanciado	tende a buscar envolvimento com o leitor	variados. Tende a buscar envolvimento com o leitor
Recursos gráficos	tendência a neutralidade	tendência a uso de cores e imagens	variado, conforme o público	variado, conforme a área

Fonte: A autora, 2021, com base no *corpus* e nos estudos mencionados na fundamentação teórica.

A partir da literatura apresentada e do estudo aqui realizado, entendo o editorial como uma família de gêneros que ocorre, principalmente, na esfera jornalística, e também na científica, em suportes tais como jornais, revistas e periódicos científicos, cujos exemplares são escritos por um autor em posição de destaque, com propósitos comunicativos diversificados, destinados a um leitor que faz parte daquela comunidade discursiva.

Os editoriais de periódicos científicos compartilham diversas características com os publicados em jornais, revistas de informação e revistas temáticas, em especial o fato de se comportarem como um gênero introdutório, abrindo a publicação, e o fato de serem de responsabilidade de uma figura diferenciada nesse meio. Diferem em outras características, uma delas quanto ao meio de produção, circulação e consumo: a esfera da atividade humana, o que, inevitavelmente, leva à distinção de outros aspectos.

Ainda que não se trate da pergunta de pesquisa que norteou esta tese, tal comparação acaba por suscitar a questão de se editoriais de revista científica seriam um subgênero dos editoriais da esfera jornalística ou até mesmo um outro gênero. Segundo a abordagem teórica aqui adotada, o gênero comporta variações. Há relativa estabilidade no gênero, conforme a própria definição do círculo de Bakhtin. Alves Filho (2010) menciona forças centrífugas e forças centrípetas na sua caracterização. Para alguns autores, a autodenominação seria um indicativo de que, por exemplo, “carta do leitor” e “editorial” são gêneros diferentes na esfera jornalística (PELIZARI; BARROS; MAFRA, 2019). Para outros, como Vieira (2009), o suporte, o propósito comunicativo e os recursos multimodais diferenciados podem levar à caracterização de um novo gênero.

Por entender aqui que há versatilidade nos gêneros e que eles são, por natureza, entidades dinâmicas, considero que o editorial de periódico científico integra uma família de gêneros editoriais, constituída por editoriais de jornais, editoriais de revistas de informação, editoriais de revistas temáticas e editoriais de periódicos científicos. Todos podem apresentar singularidades, mas ainda assim são reconhecidos como editoriais.

Em relação à autodenominação, há menos variação na esfera científica do que na esfera jornalística, com o suporte revista. Nos periódicos, os editoriais tendem a ser chamados de “editorial” ou “carta do editor”. A diferença mais significativa, no entanto, é quanto à assinatura. Nos periódicos científicos, é esperado que editoriais sejam assinados. A autoria é fundamental para o papel que esse gênero desempenha na dinâmica da comunicação científica.

Estudiosos do gênero consideram que outros elementos além de tema, organização e estilo devem ser levados em conta na definição de um gênero. Propósito comunicativo,

autoria, e leitor presumido são características defendidas por Alves Filho (2010). Souza (2006) também inclui o propósito comunicativo, assim como Vieira (2009), que ainda aborda a multimodalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um gênero é um enunciado relativamente estável do ponto de vista da sua composição, tema e estilo, segundo a clássica definição na perspectiva bakhtiniana. Busquei nesta tese encontrar as estabilidades quanto a esses aspectos no gênero editorial em periódico científico a partir da análise de 89 textos de três periódicos de áreas diferentes da Fundação Oswaldo Cruz: *Cadernos de Saúde Pública; História, Ciências, Saúde – Manguinhos; Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde* (Reciis), publicados entre 1985 e 2019. Os estudos do gênero editorial na esfera jornalística foram um ponto de partida. A partir do levantamento bibliográfico sobre estudos de gênero e de editoriais nas esferas jornalística e científica, construí 14 microcategorias de análise, para tratamento qualiquantitativo, como está detalhado no capítulo 3. As respostas encontradas na análise e sistematizadas em 4.2 levam a quatro pontos que devem ser tratados nesta conclusão: (i) como são os editoriais do *corpus*; (ii) como eles se relacionam com editoriais da esfera jornalística; (iii) quais elementos são importantes para a caracterização de gênero; (iv) que tendência de evolução os editoriais em periódicos científicos apresentam. Os Quadros 11 e 12 da análise de dados sintetizam de forma visual os achados do *corpus* e a comparação com os editoriais da esfera jornalística, segundo os objetivos gerais e específicos da tese.

Retomo aqui as principais características estáveis quanto a construção composicional, tema e estilo. Os editoriais do *corpus* são publicados numa seção na abertura da revista intitulada “editorial” (70%) ou “carta do editor” (28%). Nos últimos anos, apresentam também um título específico, além da designação da seção, em consonância com as recomendações de um modelo para a comunicação científica de um ator fundamental para disseminação da produção científica no Brasil: o programa SciELO. Os editoriais ocorrem em todas as edições do *corpus* e, em situações especiais, como datas comemorativas, pode haver mais de um editorial.

São textos curtos, em média com duas ou três páginas do projeto editorial da revista, que apresentam neutralidade gráfica. Não é comum uso de cores ou de imagens, tal como nos editoriais de jornais. Notas para identificação de autor, referências e citações passam a ser mais usadas nos últimos anos, o que também relaciono à influência da SciELO sobre tipologia documental indexável na coleção e ao modo como o discurso acadêmico é construído.

A assinatura de uma pessoa nos editoriais de periódico científico é um elemento diferenciador central para os editoriais na esfera jornalística, quer de jornais, quer de revistas

informativas ou de revistas temáticas. Nos editoriais em periódico científico, a assinatura é uma regra: 98% dos editoriais são assinados, 90% deles por pesquisadores que pertencem ao corpo editorial da revista. Em que pese a gênese epistolar dos editoriais, ao longo dos anos, a inserção da assinatura se consolidou no início do texto, aproximando editoriais de artigos científicos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, que designa seu texto de abertura por carta do editor, é o único dos três periódicos a manter a assinatura ao final.

A característica de construção composicional mais relevante no editorial em periódico científico, a assinatura, associa-se a uma categoria de estilo. O uso de 1ª pessoa ocorre em 84% dos editoriais, o que é bastante diverso do esperado ou preconizado para os editoriais na esfera jornalística. Essa inserção explícita do autor no texto dialoga com o papel que um pesquisador na função de editor, que é diferente do editorialista, ocupa na dinâmica da produção e da comunicação da ciência. O posicionamento do editor no texto, com recursos explícitos dos sistemas semântico-discursivos de negociação e de avaliatividade, é relevante para a função que desempenha. 54% do *corpus* contêm formas de direcionamento ao leitor. No emprego de recursos interpessoais, os editoriais em periódico científico se aproximam dos editoriais de revistas temáticas.

Quanto ao conteúdo temático, os temas mais comuns nos editoriais são o próprio periodismo científico e as áreas específicas das revistas: saúde coletiva, história das ciências e da saúde, comunicação e informação em saúde. Os propósitos comunicativos mais frequentes são opinião (40%), funcionamento da revista (33%), apresentação (25%) e informação sobre evento da comunidade (2%). Embora editoriais sejam um gênero introdutório, localizado no início da publicação, não é o traço mais frequente que sejam de apresentação dos textos ali publicados. 62% deles sequer mencionam os textos da edição. Também não são, por natureza, opinativos, como se constata na realização convencional do gênero em jornais. Os editoriais nas revistas científicas ora se aproximam, ora se distanciam daqueles existentes na esfera jornalística.

Por meio dos editoriais, o editor constrói e dialoga com uma comunidade científica. Os recursos interpessoais da linguagem estabelecem relações de solidariedade; por meio de tais recursos, atitudes são negociadas quanto aos temas tratados nesses textos. De acordo com as leituras feitas e a análise dos exemplares do *corpus*, um editorial é muito mais que um texto de abertura em uma revista, tido por alguns como secundário. Ele é um elemento de comunicação com os pesquisadores e também com outros membros da comunidade, entre eles, por exemplo, a entidade publicadora e mantenedora, as agências de fomento e de avaliação, as bases indexadoras. No discurso do editor, expresso no gênero editorial, relações

complexas estão sendo construídas sobre o campo, sobre a prática científica, sobre a forma de interagir entre diversos atores, sobre a forma de se portar na carreira de pesquisador e de se colocar a serviço da ciência e da sociedade. Valores e conhecimentos estão sendo negociados e compartilhados. Os recursos interpessoais de engajamento que mostram o grau de adesão do editor ao conteúdo declarado, que trazem outras fontes para o debate, que abrem espaço para pontos de vista diversos, favorecem a natureza heteroglósica do discurso. Os comentários avaliativos, predominantemente de apreciação, inscrevem o debate no campo das ideias e guiam o leitor nessa comunidade pelos olhos do editor. As expressões de afeto, o direcionamento ao leitor e as saudações encontradas tornam a relação autor-leitor mais próxima, evidenciando a natureza dialógica do discurso.

Segundo Bazerman (2011), gêneros são parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais. A atividade científica é uma delas. A inserção de alunos e de pesquisadores em um ambiente acadêmico compreende a familiarização com as práticas sociais e discursivas desse meio, com os modos de fazer ciência e com os valores defendidos no campo. Isso faz refletir sobre o papel do editor e do discurso que ele produz, publicado no suporte periódico científico – os editoriais – como uma forma de inserir/familiarizar os neófitos em um determinado campo de atuação. O conhecimento científico é construído e compartilhado por meio do discurso e, conforme ressaltam Helena Selbach, Désirée Motta-Roth e Ana Paula Schmidt (2018, p. 711, tradução nossa), “os discursos escritos não são constitutivos apenas da nossa experiência, mas também oferecem uma dimensão axiológica sobre essa experiência, pois são construídos em relação a modelos culturais que projetam e reforçam valores específicos legitimados por grupos sociais”.

A partir da pesquisa aqui apresentada, entendo o editorial como uma família de gêneros que ocorre, principalmente, na esfera jornalística, mas também na científica, em suportes tais como jornais, revistas e periódicos científicos, cujos exemplares são escritos por um autor em posição de destaque, com propósitos comunicativos diversificados, destinados a um leitor que faz parte daquela comunidade discursiva.

O exame dos editoriais acaba por levantar a questão de quais elementos são constitutivos de um gênero, além de tema, composição e estilo. Alves Filho (2010) defende que propósito comunicativo, autoria e leitor presumido devem ser considerados. Especificamente para o editorial em periódico científico, entendo que esfera da atividade humana, suporte e localização são também essenciais para descrevê-lo. Assim, de acordo com o examinado no *corpus*, considero que são estes os elementos constitutivos e estáveis do gênero editorial: (i) esfera da atividade humana: científica; (ii) suporte: periódico científico;

(iii) autoria: editor; (iv) assinatura explicitada; (v) localização: abertura da publicação; (vi) público-alvo: uma comunidade científica e (vii) propósito comunicativo: expressar uma opinião, fazer referência ao funcionamento da revista, apresentar e avaliar os textos publicados, convocar para ou resenhar evento científico da área.

Sobre o suporte, em exemplar do próprio *corpus*, escreve o editor: “dentre as funções da revista científica está também a de memória da Ciência.” (COIMBRA, 1995, p. 533). Sobre, especificamente, o editorial e seu propósito, as editoras de *Cadernos de Saúde Pública*, em artigo publicado sobre o periódico, comentam: “É também por meio de nossos editoriais que nos aproximamos dos nossos leitores e autores, debatendo aspectos de nossa política editorial, da publicação científica e avaliação da ciência.” (CARVALHO; COELI; TRAVASSOS, 2015, p. 2008).

Tratando-se de um produto da cultura humana, o gênero editorial é um objeto discursivo situado sócio-historicamente, inscrito em determinada esfera da atividade humana: a científica. Assim, ele está sujeito às dinâmicas de funcionamento desse âmbito. O suporte no qual é publicado, o periódico científico, tem conexão direta com a institucionalização da ciência, com a disseminação do conhecimento científico, com a própria produção e comunicação da ciência e também com a avaliação e fomento à ciência, como foi visto no capítulo 2. Os gêneros publicados nesse suporte, e inclusive o próprio, não ficam imunes aos valores legitimados pelos grupos sociais que participam dessa dinâmica.

Os editoriais, que estiveram no centro desta tese, não são o nível mais alto da hierarquia de gêneros, entre os gêneros da comunicação científica. Ultimamente, pelas mudanças no suporte (revista impressa e/ou eletrônica) e nos modos de publicação (publicação fasciculada ou contínua), pela relevância atribuída por certos atores e pelo ambiente geral de produtivismo acadêmico, considero que eles têm sido desvalorizados e questões tratadas neles, como notícia sobre a área ou sobre o próprio periódico, têm sido conduzidos para fora do suporte periódico científico, como sugere o último documento de critérios de admissibilidade e permanência na coleção SciELO (SCIELO, 2020). Fato é que vivemos um momento de reconfiguração das formas de compartilhamento de informação e da comunicação do conhecimento científico, no qual os papéis dos periódicos científicos e dos editores estão em transformação. Isso corrobora que prática social, prática discursiva e texto são dimensões indissociáveis de um evento do discurso, como está concebido no modelo tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 2001).

Nas palavras de Miller, os gêneros evoluem e, segundo a autora,

Devemos estudar a variedade de influências na mudança histórica e, portanto, os múltiplos fatores que uma teoria evolucionista deve reconhecer. Quando os esforços de intenções de agentes individuais fazem a diferença? Quanto instituições, forças econômicas e de mercado, sistemas e estruturas, o peso da tradição surtem efeito? Que tipo de influências possui a tecnologia? (MILLER, 2015, p. 56)

Nessa perspectiva, esta tese é uma janela com vista para o *corpus* selecionado, datado no tempo, para a análise do gênero editorial, que está em mudança, e seus recursos de interpessoalidade. Espero que ela possa contribuir para o estudo de gêneros, a partir da comparação entre os editoriais nas esferas jornalística e científica; para o crescimento dos estudos linguísticos sobre gêneros da esfera científica; para o estudo dos recursos de avaliatividade e negociação em língua portuguesa; e, acima de tudo, espero que tenha chamado atenção para a natureza dialógica do editorial em periódico científico e para sua relevância dentro de uma comunidade discursiva.

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Francisco. A autoria institucional nos editoriais de jornais. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 77-89, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1396/1096>. Acesso em: 15 ago. 2020.
- ALVES FILHO, Francisco. Forças centrípetas e forças centrífugas em editoriais. *Revista Signos*, Valparaíso, v. 43, n. esp. 1, p. 13-26, 2010. DOI 10.4067/S0718-09342010000300002. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-09342010000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2020.
- AQUINO, Lucélio Dantas de. Interação, autoria e envolvimento no gênero editorial: uma análise sistêmico-funcional. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 64-81, ago./dez. 2013.
- AQUINO, Lucélio Dantas de. Mecanismos de construção de sentidos no gênero editorial: aspectos verbais e visuais. 217 f. Orientadora: Maria Medianeira de Souza. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2010.
- ARAÚJO, Cíntia Regina de. A en(cena)ção enunciativa no editorial. *Graphos*, João Pessoa, v. 8, n. 2, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9505/5158>. Acesso em: 14 fev. 2020.
- ARAÚJO, Cíntia Regina de. Editorial: um gênero textual? In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4., 2007, Tubarão. *Anais...* Tubarão: UNISUL, 2007. p. 812-824.
- ARAÚJO, Júlio César. Um percurso teórico-metodológico para o estudo de constelações de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 12, n. 1, p. 187-212, jan./abr. 2012.
- AVELAR, António; AZUAGA, Luísa. A teoria da avaliatividade: breve apresentação. In: AZUAGA, Luísa (org.). *Relatos de viagens: representações e codificações linguísticas de Portugal no século XIX*. v. 2. Lisboa: Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, 2003. p. 21-54. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6796/1/RelatosViagem-2-r.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2019.
- AZEREDO, José Carlos dos Santos. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BALOCCO, Anna Elizabeth. O sistema de engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia escrita. In: VIAN JR. Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola A.S.D.P. (org.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 41-55.

BASTOS, Mariana Ximenes. O gênero artigo de divulgação científica: um estudo comparativo na perspectiva da interação-autor-leitor. 106f. Orientadora: Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. Organização: Angela Paiva Dionisio e Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2011.

BAZERMAN, Charles. *Retórica da ação letrada*. Tradução de Adail Sobral, Angela Paiva Dionisio, Judith Chambliss Hoffnagel e Pietra A. Cunha. São Paulo: Parábola, 2015.

BENCHIMOL, Jaime L.; CERQUEIRA, Roberta Cardoso; PAPI, Camilo. Desafios aos editores da área de humanidades no periodismo científico e nas redes sociais: reflexões e experiências. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 347-364, jun. 2014. DOI 10.1590/S1517-97022014061668. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022014000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2021.

BENCHIMOL, Jaime L.; CERQUEIRA, Roberta Cardoso; MARTINS, Ruth B.; MENDONÇA, Amanda. História, Ciências, Saúde – Manguinhos: um balanço de 12 anos de circulação ininterrupta. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 221-257, mar. 2007. DOI 10.1590/S0104-59702007000100011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702007000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2021.

BERLINCK, Manoel Tosa. Editor de revistas científicas: relato de um interminável aprendizado. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 423-435, 2011.

BEZERRA, Benedito Gomes. *Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais*. São Paulo: Parábola, 2017.

BHATIA, Vijay. Análise de gêneros hoje. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 1, n. 23, p. 102-114, jan./dez. 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2204/1674>. Acesso em: 12 jun. 2020.

BHATIA, Vijay. Critical reflections on genre analysis. *Ibérica*. v. 24, p. 17-28. Fall 2012. Disponível em: http://www.aelfe.org/documents/03_24_Bhatia.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.

BIREME, s.d. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/bireme>. Acesso em: 14 nov. 2021.

BOCHNER, Rosany; MURTINHO, Rodrigo; BARCELLOS, Christovam; REIS, Juliana Gonçalves; RITA, Ticiania Santa. Métricas contam a história e a trajetória da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde – Reciis. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 7, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/322>. Acesso em: 13 fev. 2021.

BOCHNER, Rosany; ARAUJO, Kizi Mendonça de; SILVEIRA, Maria Elisa Luiz da; AZEVEDO, Frederico Tomás; PENEDO, Erick. Análise métrica para gestão estratégica de periódicos científicos: o caso da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde (Reciis). *In: ENCONTRO BRASILEIRO DE BIBLIOMETRIA E CIENTOMETRIA*, 6., 2018, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. p. 537-542.

BORILE JÚNIOR, Eduardo; BOCCHESI, Marcell. Impeachment e ética jornalística nos editoriais de Carta Capital e VEJA. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL*, 18., 2017, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0100-1.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BRAIT, Beth. A atualidade de Bakhtin: um pensador sobre a humanidade em transformação. *In: ABRALIN ao vivo: linguists on line*. [S.l.]: Associação Brasileira de Linguística, 2020. 1 vídeo (106 min.). Mediação: Sheila Grillo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dNgUwup9Xww>. Acesso em: 1 jul. 2020.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. *In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014a. p. 9-31.

BRAIT, Beth. Estilo. *In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: conceitos-chave*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2014b. p. 79-102.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012. DOI 10.1590/S1981-57942012000200002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n2/02.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2020.

CAMPOS, Adriana Cristina da Silva Valencio. *Análise de estratégias argumentativas no gênero editorial*. Orientadora: Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

CARVALHO, Gisele de. Críticas de livros: um breve estudo da linguagem da avaliação. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 6, n. 2, p. 179-198, 29 set. 2010. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/331. Acesso em: 2 jul. 2020.

CARVALHO, Marília Sá; COELI, Cláudia Medina; TRAVASSOS, Cláudia. Uma breve história de Cadernos de Saúde Pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 7, p. 2007-2012, jul. 2015. DOI 10.1590/1413-81232015207.05882015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000702007. Acesso em: 14 nov. 2020.

CHAGAS, Mariana Rosa Medeiros. Marcas de autoria em editoriais. Orientadora: Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu. 153 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CIAPUSCIO, Guiomar Elena. Família de gêneros e novas formas comunicativas para a ciência. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 7, n. 3, p. 243-252, set/dez. 2009. DOI

10.4013/cld.2009.73.08. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/4878/2133>. Acesso em 20 dez. 2021.

COELHO, Flávio Codeço; BRANDÃO, Adeilton. Decentralising scientific publishing: can the blockchain improve science communication? *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, v. 114, e190257, 2019. DOI 10.1590/0074-02760190257. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0074-02762019000100851&tlng=en. Acesso em: 29 jan. 2021.

COIMBRA JR., Carlos E. A. Editorial. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 533-534, out./dez. 1995. DOI 10.1590/S0102-311X1995000400001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/z7MXnbK7H786LZpt8wW8Kmr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 fev. 2018.

COSTA, Sely Maria de Souza. Mudanças no processo de comunicação científica: o impacto do uso de novas tecnologias. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice. (org.). *Comunicação científica*. Brasília: Departamento de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, 2000. p. 95-105. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/33529660>

DIAS, Lygia Paim Müller; MONTICELLI, Marisa; NAZÁRIO, Nazaré Otília. Editoriais dourados da REBEn. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 51, n. 4, p. 547-560, out/dez. 1998.

DIRETRIZES do CSE para promover integridade em publicações de periódicos científicos. Tradução de Ana Maria Tomasevicius. CSE's White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal Publications, atualização de 2012. São Paulo: ABEC Brasil, 2017.

DUBIED, Annik; LITS, Marc. L'editorial: genre journalistique ou opposition discursive? *Pratiques*, Metz, v. 94, p. 49-61, Juin 1997. DOI 10.3406/prati.1997.1803. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/prati_0338-2389_1997_num_94_1_1803. Acesso em: 4 maio 2020.

EDITORIAL POLICY COMMITTEE, Council of Science Editors. CSE's White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal Publications. New York, NY: [s.n.], 2021. Disponível em: http://www.councilscienceeditors.org/wp-content/uploads/CSE-White-Paper_Sept2021.pdf. Acesso em: 22 out. 2021.

ESCOBAR, Herton. Fábricas de conhecimento: o que são, como funcionam e para que servem as universidades públicas de pesquisa. *Jornal USP*. 5 abr. 2019. Disponível: <https://jornal.usp.br/ciencias/fabricas-de-conhecimento/> Acesso: 30 out. 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. 2001. Coord. de tradução, revisão técnica e prefácio: Izabel Magalhães. Tradução de Discourse and social change. 1992. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FIALHO, Lia. Qual é o papel do fórum de editores científicos? In: NOVOS RUMOS PARA O QUALIS? [S.l.]: Rede Tulipa, 2020. 1 vídeo (97 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8XON3HPZZMg&t=3s>. Acesso em: 3 set. 2020.

FIORAVANTI, Carlos. Os primeiros journals. *Revista Fapesp*, São Paulo, n. 227, jan. 2015. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/os-primeiros-journals/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

FREITAS, Maria Helena de Almeida. *Origens do periodismo científico no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GOLLOGLY, Laragh; MOMEN, Hooman. Ethical dilemmas in scientific publication: pitfalls and solutions for editors. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v 40, n. esp., p. 24-29, 2006. DOI 10.1590/S0034-89102006000400004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/vwbzdX9JDbBSsZvYdWzcNjj/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

GOMES, Haendel. *Fiocruz comemora 30 anos de unidades dedicadas à história e à informação*. 21 mar. 2016. Disponível em: <https://www.icict.fiocruz.br/content/fiocruz-comemora-30-anos-de-unidades-dedicadas-%C3%A0-hist%C3%B3ria-e-%C3%A0-informa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 20 jan. 2022.

GOMES, Valdir Pereira. O editor de revista científica: desafios da prática e da formação. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 147-172, jun./jul. 2010.

GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto. O papel da avaliatividade na construção da polêmica: uma abordagem semântico-discursiva das cartas do leitor acerca do falecimento de Hugo Chávez. *Revista Metalinguagens*, São Paulo, n. 1, p. 9-28. 2014.

GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan./jun. 2009.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 133-160.

HALLIDAY, Michael; MATHIESSEN, Christian. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.

HAYASHIDA, Sandra Raquel de Almeida Cabral. *Periódicos científicos a produção e a circulação da ciência da linguagem no Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

IKEDA, Sumiko Nishitani. O julgamento na argumentação de um editorial. In: VIAN JR. Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola A.S.D.P. (org.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 41-55.

KNIGHT, Alan. Minhas experiências como editor e autor de revistas de história (com referência particular a Past & Present). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2016. DOI 10.1590/s0104-59702016000400010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v23n4/0104-5970-hcsm-23-4-1229.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2020.

LÓPEZ-LÓPEZ, Wilson. What is an editor of a scientific journal in Latin America? *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 18, n. 3, p. 1-4, 2019. DOI 10.11144/Javeriana.upsy18-3.qerc. Disponível em:

<https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/27590>. Acesso em: 19 fev. 2020.

MACHADO, Irene. *Gêneros discursivos*. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 151-166.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Apresentação. In: BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2011. p. 9-14.

MARTIN, James Robert; WHITE, Peter. *The language of evaluation: Appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTIN, James R.; ROSE, David. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. Bloomsbury, 2007.

MARTIN, James Robert. Beyond exchange: appraisal systems in English. In: HUNSTON, Susan; THOMPSON, Geoff. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 144-175.

MEADOWS, Arthur J. *A comunicação científica*. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom - RBCC*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039>. Acesso em: 4 dez. 2020.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MEURER, José Luiz. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 81-106.

MILLER, Carolynn. Gêneros evoluem? Deveríamos dizer que sim. In: DIONISIO, Angela Paiva; CAVALCANTI, Larissa de Pinho (org.). *Gêneros na linguística e na literatura: Charles Bazerman, 10 anos de incentivo à pesquisa no Brasil*. Tradução de Larissa Pinho. Recife: Ed. Universitária da UFPE, Pipa Comunicação, 2015. p. 23-61.

MONT'ALVERNE, Camila. A quem se dirigem os editoriais? Um estudo acerca de personagens e instituições mencionadas pelos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 23, p. 7-34, maio/ ago. 2017. DOI 10.1590/0103-335220172301. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522017000200007&lng=pt&tlng=pt. Acesso: 8 jan. 2020.

MOTTA-ROTH, Désirée. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *DELTA*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008. DOI 10.1590/S0102-44502008000200007. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502008000200007&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 12 jul. 2020.

MUELLER, Suzana P. M. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006. DOI 10.1590/S0100-19652006000200004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ci/a/nGD3MkKfNxtjnnWshf3YVjP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2017.

MUELLER; Suzana P. M.; PASSOS, Edilenice J. L. As questões da comunicação científica e a ciência da informação. In: MUELLER, Suzana P. M.; PASSOS, Edilenice J. L. (org.). *Comunicação científica*. Brasília: Ciência da Informação, 2000. p. 13-22.

NEVES, Maria Helena de Moura de. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura de. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2016.

NININ, Maria Otília Guimarães; BARBARA, Leila. Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 52, n. 1, p. 127–146, jun. 2013. DOI 10.1590/S0103-18132013000100008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-18132013000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 2 jul. 2020.

PACKER, Abel L. *et al.* (org.). *SciELO – 15 Anos de acesso aberto: um estudo analítico sobre Acesso Aberto e comunicação científica*. Paris: UNESCO, 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.7476/9789237012376>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PACKER, Abel; MONTANARI, Fabiana. SciELO Brasil revisa os critérios de indexação [online]. *SciELO em Perspectiva*, 9 maio 2014. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2014/05/09/scielo-brasil-revisa-os-criterios-de-indexacao/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PEH, W.C.G.; NG, K. H. Effective Medical Writing. Pointers to getting your article published. Writing an editorial. *Singapore Medical Journal*, Singapore, v. 51, n. 8, p. 612-614, 2010. Disponível em: https://healthsci.mcmaster.ca/docs/librariesprovider8/research/methodology/writing-tips-and-important-guidelines/title-and-title-page.pdf?sfvrsn=c14cda61_4. Acesso em: 28 out. 2016.

PELIZARI, Camila da Silva; BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; MAFRA, Gabriela Martins. Editorial ou carta ao leitor/do editor? estamos falando do mesmo gênero textual? *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 41, n. 2, 2019. DOI 10.4025/actascilangcult.v41i2.47584. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307>. Acesso: 21 jan. 2021.

PESSANHA, Charles. 50 Anos de DADOS – Revista de Ciências Sociais: uma introdução à coleção. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 3, p. 605-622, 2017. DOI 10.1590/001152582017130. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/hzXdNqmYSqjcRrk3Bd8pdr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2021.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Constituição epistemológica e social da comunicação científica no Brasil. In: PINHEIRO; Lena Vânia Ribeiro; OLIVEIRA, Eloísa da Conceição Príncipe de (org.). *Múltiplas facetas da comunicação e divulgação científicas: transformações em cinco séculos*. Brasília: IBICT, 2012. p. 115-150.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RAMACCIOTI, Karina. La ciencia argentina recortada. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 7-8, 2017. DOI 10.1590/S0104-59702017000100001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/v4pwqS6HjLXHqHBVQVWypFx/?lang=pt#>. Acesso em: 26 jul. 2021.

RIBEIRO, Tatiane Silva. *Operadores argumentativos como construtores de sentido em editoriais do jornal O Globo*. 2013. 141 f. Orientador: Claudio Cezar Henriques. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, Daniela Leite. *A interpessoalidade nos discursos de posse presidencial do Brasil (1985-2011)*. 2017. Orientadora: Sara Regina Scotta Cabral. Coorientador: José Iran Ribeiro. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.

RODRIGUES, Fabiana de Cássia. A Revista Educação & Sociedade: uma leitura dos editoriais de 1978 a 1996. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 39, n. 142, p. 237-254, jan./mar. 2018.

SABAJ, Omar; GONZÁLEZ, Cristian. Seis propósitos comunicativos del discurso del editor de las revistas científicas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 59-78, 2013. DOI 10.1590/S0102-44502013000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/XBH6r45JRTpsVGBSvW8Drhr/?lang=es>. Acesso em: 17 jun. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SELBACH, Helena Vitalina; MOTTA-ROTH, Désirée; SCHMIDT, Ana Paula Carvalho. Academic Literacies: Appraisal and social sanction about authorship and scientific integrity. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 18, n. 4, p. 703-736, 2018. DOI 10.1590/1984-6398201812991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/qWsqw9dTjvGg83hgf7c4pQH/?lang=en>. Acesso em: 12 out. 2020.

SCHLEE, Magda Bahia. O finito e a modalidade em editoriais de jornal. In: INTERNATIONAL SYSTEMIC FUNCTIONAL CONGRESS, 33., 2006. São Paulo. *Proceedings...* São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. p. 1007-1020. Disponível em: https://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/50n_schlee_1007a1020.pdf. Acesso em: 27 jul. 2020.

SCHLEE, Magda Bahia. *A modalidade em português: uma abordagem sistêmico-funcional das orações principais*. 2008. 139 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ON LINE. *Critérios SciELO Brasil: critérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil*. São Paulo: [SciELO], 2004. 6 p. Disponível em: https://www.scielo.br/criteria/scielo_brasil_pt.html. Acesso em: 29 jan. 2021.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ON LINE. *Critérios SciELO Brasil: critérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil*. São Paulo: [SciELO], 2010. 12 p. Disponível em: https://www.scielo.br/avaliacao/criterio/scielo_brasil_pt.htm. Acesso em: 13 ago. 2020.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ON LINE. *Critérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil*. São Paulo: [SciELO], set. 2014. 30 p. Disponível em: <https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/20140900-Criterios-SciELO-Brasil.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ON LINE. *Critérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil*. São Paulo: [SciELO], out. 2017. 30 p. Disponível em: <https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/20171000-Criterios-SciELO-Brasil.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ON LINE. *Critérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos na Coleção SciELO Brasil*. São Paulo: [SciELO], maio 2020. 42 p. Disponível em: <https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/20200500-Criterios-SciELO-Brasil.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ON LINE. Glossário. 201-. Disponível em: http://docs.scielo.org/projects/scielo-publishing-schema/pt_BR/latest/glossary.html; Acesso em: 10 mar. 2018.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ON LINE. *Linhas prioritárias de ação 2019-2023*. 2021. Disponível em: https://www.scielo20.org/redesciolo/wp-content/uploads/sites/2/2018/09/L%C3%ADneas-prioritarias-de-acci%C3%B3n-2019-2023_pt.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

SILVA, André Felipe Cândido da. *A história e as mudanças na publicação científica: resistência ou adaptação? História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, p. 723-726, jul./set. 2019. DOI 10.1590/S0104-59702019000300001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-597020190003000723&tlng=pt. Acesso em: 12 dez. 2020.

SILVA, Cícera Henrique da. *O desafio de ser um editor disciplinar num periódico interdisciplinar*. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 1-2, jul./set. 2017. DOI 10.29397/reciis.v11i3.1424. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1424/2121>. Acesso em: 12 dez. 2020.

SILVA, Edna Cristina Muniz da; SARTIN, Fabíola; SANTOS, Hudson Nogueira. Gênero ofício: uma análise sistêmico-funcional. *Revista Ecos*, ano 14, v. 23, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/2684>. Acesso em: 9 jun. 2021.

SILVA, Suelen Sales. O percurso sócio-histórico de uma tradição discursiva: da carta ao editorial. Orientadora: Dinah Callou. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVEIRA, Maria Elisa Luiz da. *A (re)construção da identidade social de gênero no texto lexicográfico*. Orientador: Luiz Paulo da Moita Lopes. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SINGH, Ajai; SINGH, Shakuntala. What Is A Good Editorial? *Mens Sana Monographs*, v. 4, n. 1, p. 14-17, jan./dez. 2006. DOI 10.4103/0973-1229.27600. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3190447/pdf/MSM-04-14.pdf>. Acesso em: 4 out. 2016.

SOBRAL, Adail. Estética da criação verbal. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 167-187.

SOBRE NÓS. [S.l.] História, Ciências, Saúde – Manguinhos, 20---. Disponível em: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/sobre-nos/>. Acesso: 4 abr. 2019.

SOUZA, Ladjane Maria Farias de Souza. A interação de recursos de comprometimento em um texto opinativo. In: VIAN JR. Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola A.S.D.P. (org.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 57-78.

SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e construção de sentido no gênero editorial*. Orientadora: Ângela P. Dionísio. 2006. 288 p. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7609/1/arquivo7805_1.pdf. Acesso em: 20 maio 2018.

STIGGER, Marco Paulo; FRAGA, Alex Branco; MOLINA NETO, Vicente. Os editoriais contam histórias: experiências do ofício de editor na Revista Movimento. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 36, n. 4, 2014. DOI 10.1016/j.rbce.2014.11.013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/m73FtsrpkRFyddjJ5v7yhJM/?lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2018.

SWALES, John. The Concept of Discourse Community: Some Recent Personal History. *Composition Forum*, v. 37, Fall 2017. Disponível em: <https://compositionforum.com/issue/37/swales-retrospective.php#:~:text=A%20discourse%20community%20is%20a>. Acesso em: 10 jan. 2022.

TEDESCO, Maria Teresa. Educação a distância: o processo de interação e autoria em EAD na perspectiva da linguagem. In: SIMÕES, Darcilia (org.). *Semiótica, linguística e tecnologias de linguagem: homenagem a Umberto Eco*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013. p. 477-495.

TRZESNIAK, Piotr. A estrutura editorial de um periódico científico. *In:* SABADINI, Aparecida A. Z. P.; SAMPAIO, Maria Imaculada C.; KOLLER, Silvia Helena (org.). *Publicar em psicologia: um enfoque para a revista científica*. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009. p. 87-102. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233401784_A_estrutura_editorial_de_um_periodico_cientifico. Acesso: 14 dez. 2016.

VAN DIJK, Teun A. Discourse as interaction in society. *In:* VAN DIJK, Teun A. (org.) *Discourse as social interaction*. London: Sage, 1997. p. 1-37.

VIAN JR., Orlando. O sistema de avaliabilidade e a linguagem da avaliação. *In:* VIAN JR. Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola A.S.D.P. (org.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliabilidade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 19-28.

VIAN JR., Orlando. Avaliabilidade, engajamento e valoração. *DELTA*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 105-128, 2012. DOI 10.1590/S0102-44502012000100006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v28n1/v28n1a06.pdf>. Acesso: 9 dez. 2019.

VIEIRA, Maria Helena Gomes Naves. *O gênero editorial: uma proposta de caracterização*. 2009. 158 f. Orientadora: Alice Cunha de Freitas. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

VINICIUS, Marcus. Fiocruz é uma das principais instituições em ranking de produção científica no Brasil. [Rio de Janeiro]: Observatório da Fiocruz em Ciência, Tecnologia e Saúde, 16 maio 2019. Disponível em: http://observatorio.fiocruz.br/noticias/fiocruz-e-uma-das-principais-instituicoes-em-ranking-de-producao-cientifica-no-brasil?fbclid=IwAR3M6QeNcq7HGT0eOG9jg1S5jBr4mmixB_88WcjppyT11c-VntwHPgMY8YM. Acesso em: 4 jul. 2019.

WHITE, Peter. Valoração – a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 178-205, 2004. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/295/314. Acesso em: 22 dez. 2019.

YAGUELLO, Marina. Introdução. *In:* BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 11-19.

YANKELEVICH, Pablo; SILVA, André Felipe Cândido da; IEGELSKI, Francine; PINTO, Julio Pimentel. *Políticas editoriais e modelos de publicação na história*. Mesa redonda, mediação Claudia Salomon Tarquini. Presente e futuro das publicações de história. Debates por ocasião dos 25 anos de História, Ciências-Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 27 jun. 2019.

APÊNDICE A – Lista dos editoriais do *corpus*

Cadernos de Saúde Pública (CSP)

ANDRADE, Zilton. A Crise na Universidade. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 277-281, jul./set.1985. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1985000300001>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/nmXn7gdVBcrXJQZgBpV6XFF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2016.

ARRUDA, Bertoldo Kruse Grande de. Saúde e Nutrição – os grandes desafios. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 9-12, jan./mar. 1986. DOI

<https://doi.org/10.1590/S0102-311X1986000100001>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/YtZYBjZmQ5vRCFDVVSHN9wz/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 16 set. 2016.

BARATA, Paulo. Profissional em saúde, amador em educação. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-8, jan./fev. 1987. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1987000100001>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/vd6gysjTStx5hG9BLCb77yD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

BARBOSA, Frederico Simões. A epidemiologia como instrumento de transformação.

Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 137-139, abr./jun. 1985. DOI

<https://doi.org/10.1590/S0102-311X1985000200001>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/HL9dQSN8YBr4TPk75RJKkz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2016.

BASTOS, Francisco I. Revisão, revisão sistemática e ensaio em saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1252, jun. 2007. DOI

<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000600001>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/sDfw5nbM6whxrsC9yDZNW8v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2016.

BUSS, Paulo Marchiori. A missão da ENSP frente à Reforma Sanitária. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 357-359, out./dez. 1987. DOI

<https://doi.org/10.1590/S0102-311X1987000400001>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/5PHtT6P3CPTX4Pt5kcNJMwk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

BUSS, Paulo Marchiori. Por uma renovação na saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 121-123, abr./jun. 1986. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1986000200001>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/sGt9zFLsWWqg7yMzTLxqLSt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA; HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE – MANGUINHOS; MEMÓRIAS DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ; REVISTA ELETRÔNICA DE

COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E INOVAÇÃO EM SAÚDE *et al.* Contribuições ao debate sobre avaliação da produção científica no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 10, e00173219, out. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00173219>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/rkcGqNnT4N4FMQzpgKqtfzK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

CARVALHO, Marília Sá. Desafios da ciência frente à complexidade dos problemas de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 8, e00237418, ago. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00139319>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/yjWd4hTSbtL4YTJGdrZY9sC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

CARVALHO, Marília Sá; COELI, Cláudia Medina; LIMA, Luciana Dias de. Dias melhores virão! *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, e00212016, jan. 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00212016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/YrXfRzkPDGWJkFmQxbwjLjh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

CARVALHO, Marília Sá; COELI, Cláudia Medina; LIMA, Luciana Dias de. CSP: bem comum da Saúde Coletiva. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 8, e00133517, ago. 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00133517>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/3H6S4rkbPC8VzFNtvvR5ngQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

CARVALHO, Marília Sá; COELI, Cláudia Medina; LIMA, Luciana Dias de. Atividades de formação em CSP: a rica experiência do estágio em editoria científica em 2017. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 12, e00200417, dez. 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00200417>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/qmJY5DFZQSnBWMsfG6BFGq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

CARVALHO, Marília Sá; COELI, Cláudia Medina; LIMA, Luciana Dias de. Mulheres no mundo da ciência e da publicação científica. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00025018, mar. 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00025018>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/BZYVDw3prtNWQnnrw8n4jVf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2016. . Acesso em: 14 dez. 2019.

CARVALHO, Marília Sá; LIMA, Luciana Dias de; COELI, Cláudia Medina. O grande desafio para a publicação científica. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 9, e001618182018, set. 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00161818>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/gpDg8V9Xng3JVkxmfPjZgkp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

CARVALHO, Marília Sá; PINA, Maria de Fátima. GeoMed 2017: visão mais profunda a partir de *big data* e pequenas áreas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 10, e00172017, out. 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00172017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/jGXpm84CmqCjw5B7KqLpYzQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

CASTIEL, Luis David. Guerra é doença: a questão da paz e os profissionais da saúde coletiva no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 397-399, out./dez. 1985. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1985000400001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/9BCwhc6QfvcP7SDsz6kfv3q/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

CODEÇO, Claudia Torres; DIAS, Claudia Mazza. Mulheres na ciência. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 10, e00173718, out. 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00173718>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/C6Dph7c9GQkP8ZWrJsX4JRN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

COELI, Cláudia Medina; LIMA, Luciana Dias de; CARVALHO; Marília Sá; Hipercompetitividade e integridade em pesquisa. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, e00000718, fev. 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00000718>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/vkMw9YL64t9vBPMVhpdYSjS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

COIMBRA JR., Carlos E. A. Dez anos dos Cadernos de Saúde Pública!. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 423-424, out./dez. 1994. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1994000400001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/r6KMfzK9dmpShRCyqb4qnYD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2018.

COIMBRA JR., Carlos E. A. Editorial. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 533-534, out./dez. 1995. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1995000400001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/z7MXnbK7H786LZpt8wW8Kmr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

COIMBRA JR., Carlos E. A. Editorial. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 4-5, jan./mar. 1996. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1996000100001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/v5Jy6SMpgb6XnRZyV646HRD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2016.

COIMBRA JR., Carlos E. A. Efeitos colaterais do produtivismo acadêmico na pós-graduação. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 10, p. 2092, out. 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009001000001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/zxVMCswf57CXwrczfPVbKmq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2016.

COIMBRA JR., Carlos E. A. Plágio em Ciência. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 440-441, out./dez. 1996. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1996000400001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/r6YXLFpP54kpg5ygyj6WcXGn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2016.

COIMBRA JR., Carlos E. A.; VETTORE, Mario Vianna. 25 anos de Cadernos de Saúde Pública. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 4, jan. 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000100001>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/8YhV7JyVyh8TNlybCL5QgRw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2016.

KALACHE, Alexandre. Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 217-220, jul./set. 1987. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1987000300001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/JzrMDrhkDVvPnrW7CVWRzrB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2016.

LEAL, Maria do Carmo; COIMBRA JR., Carlos E. A. Avaliação da pós-graduação no Brasil e seu impacto sobre as revistas científicas nacionais: um alerta! *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, p. 2460, nov. 2008. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008001100001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/gcbjzJMjv8LTfDkgD3LHcYz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2016.

LIMA, Luciana Dias de; CARVALHO, Marília Sá; COELI, Cláudia Medina. Sistema Único de Saúde: 30 anos de avanços e desafios. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 7, e00117118, ago. 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00117118>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/8vzRfCDsP6rP6NNDfxxHpht/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2018.

LIMA, Luciana Dias de; CARVALHO, Marília Sá; COELI, Cláudia Medina. Médicos, política e sistemas de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, e00237418, jan. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00237418>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/MdjXgd7dJdKkqx Cz3YXkJ9y/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 set. 2019.

MARZOCHI, Keyla Belízia Feldman. Dengue -- a mais nova endemia “de estimação”? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 137-141, abr./jun. 1987. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1987000200001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/vd6gysjTStx5hG9BLCb77yD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 fev. 2018.

NUNES, Tania Celeste Matos. Editorial. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 407-408, nov./dez. 1986. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1986000400001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/MgsCgcybmFQvfCVtv4V9qMn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2018.

OS EDITORES. [Registro/Aos nossos leitores e colaboradores]. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 107-108, jan./mar. 1986. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1986000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/NgXJSpZTPpyMSrmHDpYtYDb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2018.

PIETRUKOWICZ, Marcia Cristina Leal Cypriano; CARVALHO, Leandro; RIBEIRO, Carolina Krause. A autoria científica em CSP. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 11, e00174218, nov. 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00174218>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/rmL3fL7wnZgN4sgfL9hDVgt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

SANTOS, Roberto Figueira. A regionalização assistencial no aperfeiçoamento das ações integradas de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 275-278, jul./set. 1986. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1986000300001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/ySY8qskwVh9DrcPZpLFQsqw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 fev. 2018.

SILVA; Mario Jorge Sobreira da; MATOS, Giselle Goulart de Oliveira; LUCENA, J. Rodolfo M. et al. Aprendendo a arte da editoria científica. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 12, e00200817, dez. 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00200817>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/XqGtPnNnbbsXVYP3npvRjGb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2018.

SOUSA, Arlindo Fábio Gómez de. Editorial. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan./mar. 1985. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1985000100001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/vgrsSzhNRDHHqQjtpXcWTmJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2018.

VETTORE, Mario Vianna. O processo editorial de avaliação por pares na área de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 11, p. 2306, nov. 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009001100001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/5XhDttjyWvFPwwdBChhT8MB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2018.

História, Ciências, Saúde – Manguinhos (HCSM)

BENCHIMOL, Jaime L. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 389, nov. 1996. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59701996000300001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/JmpSC8nmFJFYmymQ6ZMvYxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

BENCHIMOL, Jaime L. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 671-672, set. 2007. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000300001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/gvGkGjTxDWbrbPFP4GpmHBG/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

BENCHIMOL, Jaime L. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1107-1108, dez. 2007. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000400001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/KM9PBVWLdvcZJXJVmWPWtc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

BENCHIMOL, Jaime L. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 7-9, jan./mar. 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702014000100001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LZNzRVfC5L6y4Z9j3sX5vMm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

BENCHIMOL, Jaime. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 7-8, jan./mar. 2008. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000100001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/YPsQY9yWXs8xtkDJbtrx3xK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

BENCHIMOL, Jaime. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 255-256, abr./jun. 2008. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000200001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/3ZzGwjxsf6j9D8Pxx3784Nr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

BENCHIMOL, Jaime. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 299-300, abr./jun. 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000200001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/FYc8s36ybGJr8KM6pjBZcfq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

BENCHIMOL, Jaime. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 599-600, jul./set. 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000300001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/CntQCw4m5dRY5kKVXYNyhhF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

BENCHIMOL, Jaime. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 847-849, out./dez. 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000400001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/HMthnVSX33V9y3hG6GdbFzj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

BENCHIMOL, Jaime; MARTINS, Ruth B. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 7-8, jan./mar. 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000100001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/XG8NmWPTfqgtWSWq9QPDJvn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

CUETO, Marcos. A história das ciências e o Qualis Periódicos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 1083-1084, out./dez. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000400001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/XVRCvqpmb7HkxGT38RSJRpQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

CUETO, Marcos; SILVA, André Felipe Cândido da. Nosso periódico no 25º International Congress of History of Science and Technology. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 559-561, jul./set. 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702017000300001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/DZyJGk8G3VvNgdTD9SBgCPt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2018.

GADELHA, Paulo. Apresentação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 3, jul./out. 1994. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59701994000100001>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/kfhJGfdFW6CLTmKPbRxKdvF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

GADELHA, Paulo. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 6-7, out. 1995. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59701995000300001>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/BxfMG9PnsDGDHdfwLxjc7k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

GADELHA, Paulo. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 4, nov. 1995-fev. 1996. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59701996000400001>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/TBFgkdwkfrbHQNWXmsx9Kgz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

GADELHA, Paulo. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 5, jun. 1996. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59701996000100001>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/qFhg8Z85xmzZPnJzxhXpq9w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

GADELHA, Paulo. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 215, out. 1996. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59701996000200001>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/s59MCKMBZ79XyNHTcyKwxmt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

PAULA, Sergio Goes de. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5, jul./out. 1994. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59701994000100002>. Disponível em:

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/CtbQzBPk7RVspKnGGXWRgXq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

PAULA, Sergio Goes de. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 5, nov. 1994/fev. 1995. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59701995000100001>. Disponível em:

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/JNcvwcChJpVfs4Nr4ZB45bb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

PAULA, Sergio Goes de. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 7, jun. 1995. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59701995000200001>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/SnHKQBtNXjMLRZrzGPtvhvp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2016.

SILVA, André Felipe Cândido da; CUETO, Marcos. 2019: um ano de debates, projetos e agradecimentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 9-10, jan./mar. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000100001>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Phkq8mqDyTgczqcvXFvXYZD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2019.

SILVA, André Felipe Cândido da; CUETO, Marcos. Carta dos editores. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 287-289, abr./jun. 2017. DOI

<https://doi.org/10.1590/S0104-59702017000200001>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/XpCgyTfyTFnfQ3VcHtVgVVF/?format=pdf&lang=pt>.
 Acesso em: 20 fev. 2018.

SILVA, André Felipe Cândido da; CUETO, Marcos. HIV-Aids, os estigmas e a história. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 311-314, abr./jun. 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000200001>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/MVjwV7MHM4VSmBBgvfTT3fS/?format=pdf&lang=pt>.
 Acesso em: 14 dez. 2019.

SILVA, André Felipe Cândido da; CUETO, Marcos. Rumo a 2019: 25 anos de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 7-8, jan./mar. 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000100001>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/nHf79s5rynnsVL7WdkZyPxp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2018.

SILVA, André Felipe Cândido da; CUETO, Marcos. Saúde, zika e política. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 871-872, out./dez. 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702017000500001>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/yyz9YpQGsXMw55GhZ9v7h5d/?format=pdf&lang=pt>.
 Acesso em: 14 dez. 2019.

SILVA, André Felipe Cândido. A história e as mudanças na publicação científica: resistência ou adaptação? *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 723-726, jul./set. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000300001>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/tvVFVzY4NJbF3w3TMq7yPLn/?format=pdf&lang=pt>.
 Acesso em: 12 dez. 2019.

Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde (Reciis)

ARAÚJO, Kizi Mendonça de. Por uma ciência democrática e cidadã. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 354-356, out./dez. 2018. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i4.1662>. Disponível em:
<https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1662/2241>. Acesso em: 23 dez. 2018.

BARCELLOS, Christovam. Uso de imagens nos artigos científicos: visualizar, reter, divulgar, aprender. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-3, jan./mar. 2015. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v9i1.924>. Disponível em: <https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/924/1569>. Acesso em: 27 nov. 2018.

BOCHNER, Rosany. Memória fraca e patrimônio queimado. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 244-248, jul./set. 2018. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i3.1611>. Disponível em:
<https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1611/2220>. Acesso em: 27 nov. 2018.

CARVALHO, Lidiane dos Santos. Saúde, ética e integridade da pesquisa no Brasil. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-3, 2017. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v11i1.1289>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1289/2099>. Acesso em: 27 nov. 2018.

FERREIRA, Vinicius; SACRAMENTO, Igor. Movimento LGBT no Brasil: violências, memórias e lutas. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 234-239, abr./jun. 2019. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i2.1826>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1826/2267>. Acesso em: 27 nov. 2018.

FREITAS, Frederico; SCHULZ, Stefan. Ontologias, Web semântica e saúde. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 4-7, mar. 2009. DOI <https://doi.org/10.3395/reciis.v3i1.238pt>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/815/1457>. Acesso em: 27 nov. 2018.

GUIMARÃES, Maria Cristina Soares. Vida longa e próspera. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1-2, abr./jun. 2017. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v11i2.1341>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1341/2105>. Acesso em: 27 nov. 2018.

GUIMARÃES, Maria Cristina Soares; LAGUARDIA, Josué. Editorial. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 5-6, jun. 2009. DOI <https://doi.org/10.3395/reciis.v3i2.267pt>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/799/1441>. Acesso em: 27 nov. 2018.

GUIMARÃES, Maria Cristina Soares; LAGUARDIA, Josué. Editorial. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 143-144, dez. 2009. DOI <https://doi.org/10.3395/reciis.v3i4.329pt>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/731/1374>. Acesso em: 27 nov. 2018.

LAGUARDIA, Josué. Sejamos abertos, sempre! *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 1-2, out./dez. 2017. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v11i4.1472>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1472/pdf1472>. Acesso em: 27 nov. 2018.

LISBOA, Marcia Rodrigues. Do silêncio à implicação. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 249-251, jul./set. 2018. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i3.1610>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1610/2221>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MACHADO, Carlos José Saldanha. A arena da saúde na dinâmica do tempo presente. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-7, jan./jun. 2007. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v1i1.874>. Disponível em:

<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/874/1516>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MACHADO, Carlos José Saldanha. A saúde entre limites e desafios social e geograficamente situados. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 182-183, jul./dez. 2007. DOI <https://doi.org/10.3395/reciis.v1i2.81pt>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/900/1543>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MACHADO, Carlos José Saldanha. Acesso livre ao conhecimento científico avaliado pelos pares por qualquer pessoa, em qualquer lugar e a qualquer momento. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 5-6, jan./jun. 2008. DOI <https://doi.org/10.3395/reciis.v2i1.169pt>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/824/1466>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MACHADO, Carlos José Saldanha. De uma sociedade desumanizada que temos para uma sociedade justa e solidária, com saúde ambiental, que precisamos. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-6, jan./mar. 2017. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v11i1.1285>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1285/2092>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MACHADO, Carlos José Saldanha; LAGUARDIA, Josué. A singularidade de um projeto editorial numa realidade em plena transformação. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-7, jul./dez. 2008. DOI <https://doi.org/10.3395/reciis.v2i2.228pt>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/843/1485>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MARTELETO, Regina Maria; Couzinet, Viviane. Informação, conhecimentos e saberes: acesso e usos. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 5-9, set. 2009. DOI <https://doi.org/10.3395/reciis.v3i3.273pt>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/749/1716>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MARTINS, Rosane Aparecida de Sousa. Saúde e direitos sociais. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 115-118, abr./jun. 2018. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i2.1548>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1548/2214>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MURTINHO, Rodrigo. Políticas de comunicação, democracia e cidadania. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 1-4, nov. 2010. DOI <https://doi.org/10.3395/reciis.v4i4.404pt>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/641/1289>. Acesso em: 27 nov. 2018.

OLIVEIRA-COSTA, Mariella Silva de. Editorial. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 1-2, out./dez. 2017. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v11i4.1470>. Disponível em:

<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1470/pdf1470>. Acesso em: 27 nov. 2018.

PAVÃO, Ana Luiza Braz. Editorial. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 1-2, jul./set. 2017. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v11i3.1429>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1429/2135>. Acesso em: 27 nov. 2018.

PONTES, Ana Lúcia de Moura; De LAVOR, Adriano. Diversidades, resistências e justiça social. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 696-701, out./dez. 2019. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i4.1952>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1952/2329>. Acesso em: 23 dez. 2019.

SACRAMENTO, Igor. A saúde como normatividade social: comunicação, risco e estilos de vida. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-6, jan./mar. 2019. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i1.1777>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1777/2247>. Acesso em: 27 nov. 2018.

SACRAMENTO, Igor. A saúde numa sociedade de verdades. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 4-8, jan./mar. 2018. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i1.1514>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1514/2201>. Acesso em: 23 dez. 2019.

SACRAMENTO, Igor. Editorial. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1-2, abr./jun. 2017. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v11i2.1340>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1340/2104>. Acesso em: 27 nov. 2018.

SACRAMENTO, Igor; FERREIRA, Vinicius. As identidades LGBT no Brasil: entre in/visibilidades e in/tolerâncias. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 444-449, jul./set. 2019. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i3.1924>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1924/2285>. Acesso em: 23 dez. 2019.

SILVA, Cícera Henrique da. O desafio de ser um editor disciplinar num periódico interdisciplinar. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 1-2, jul./set. 2017. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v11i3.1424>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1424/2121>. Acesso em: 27 nov. 2018.